



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Samuel da Silva Lima

Xarpsicotrópicos: uma descolonização antirracista da rua na escola?

Duque de Caxias
2018

Samuel da Silva Lima

Xarpsicotrópicos: uma descolonização antirracista da rua na escola?

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre, ao programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Movimentos Sociais e Diferenças.

Orientador: Prof. Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira

Duque de Caxias
2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CEHC

L732 Lima, Samuel da Silva
Tese Xarpsicotrópicos: uma descolonização antirracista da rua na escola? /
Samuel da Silva Lima – 2018.
321 f.

Orientador: Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada
Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Racismo - Teses. 2. Grafite – Teses. 3. Arte urbana – Teses. I.
Oliveira, Gustavo Rebelo Coelho de. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 323.12:7.067

Bibliotecária: Lucia Andrade CRB7 / 5272

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Samuel da Silva Lima

Xarpsicotrópicos: uma descolonização antirracista da rua na escola?

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre, ao programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Movimentos Sociais e Diferenças.

Aprovado em: 07 de fevereiro de 2018

Banca examinadora:

Prof. Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira (Orientador)
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

Prof^a Dra Ana Paula Alves Ribeiro
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

Prof Dr. Renato Nogueira dos Santos Junior
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Duque de Caxias

2018

DEDICATÓRIA

Para todos os corpos dispostos a negação da ausência de fruição.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro o lugar do tudo e do nada. De todos e de ninguém. Do amor e do desamor. Da vida e da morte. A rua. Laroye! E por isso, olorum modupé para: minha mãe Joana Felipe da Silva e meu pai Renalvo Marques de Lima, que com todos os seus esforços, criaram 4 (quatro) crianças ao meio do paraíso/ inferno de uma favela; meu amigo e orientador Gustavo Coelho, que desde 2013, sentados em um bar, selamos um pacto de fluxos seguidos até hoje; meus parceiros do Xarpi **Tora, Pifil, Art, Domos, Ana, Pato, Akco, Saga, Ajax, Not, Sano, Cúka, Sagaz, Vídeo, Fino, Neves, Foco, Placa, Bica, Mib, Soco, Deza, Jack, Skank, Nuno, Fita, Hiibi, Fixo**, que me informaram os caminhos interessantes a serem abordados; a mulher que aqui declaro amor, Mayara de Assis, chegada na turbulência dissertativa, diante da condição confusa/ devir de um homem negro; meus apoiadores no ingresso desse mestrado Diana Anastácia e Leo Antunes, que me fortaleceram, inicialmente, nessa trajetória epistêmica; meu pai Marclei, pessoa que essa pesquisa me ofereceu, através de um acolhimento espiritual; minha turma de bate-bola/ tropa, a Legalize; meu parceiro Leonardo da Silva Barbosa, o melhor secretário de mestrado do mundo; a minha banca dos sonhos, através da amiga Ana Paula Alves Ribeiro, e dos amigos Renato Nogueira e Luiz Rufino; a todos/as os/ as colegas de mestrado da FEBF da turma de 2016, que acreditaram em meu potencial; a Ciro e Leandro “Campinho”, dois homens negros diferentes de mim, e que tanto me fazem pensar na importância dessa divergência e encontros.

Obrigado!

“Pela janela da classe eu olhava lá fora

A rua me atraía mais do que a escola.”

(Mano Brown, na música “Tô ouvindo alguém me chamar”)

RESUMO

LIMA, Samuel da Silva. “*Xarpsicotrópicos: uma descolonização antirracista da rua na escola?*”. 2018. 344 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2018.

Neste texto é oferecido uma relação entre a piXação e o racismo anti-negro, na intenção de influenciar uma discussão desses fenômenos no campo escolar, lugar onde provoço a presença do crime (também) como compadecer no sentido de ser do alunato. Com um amplo e complexo debate, o texto pensa as ações envolvidas nas práticas de vida, do antes, agora e depois, sem persistir em uma escrita com respostas fixas, concomitante com a insistência da aceitação do campo enigmático presente no cotidiano, especialmente quando os encadeamentos dessas correspondências são enquadrados como atividades irracionais, em um mundo onde ser exige a racionalização. O que não tem razão, não teria a possibilidade de vida humana, logo, o que nunca teve razão, como o piXador, que realiza suas iniciativas marcadoras de equívocos imprevisíveis, ou o negro, que insiste em querer ser no mundo racista anti-negro, acabariam fadados aos caprichos interpretativos dos processos daquela colonização homicida, que se alimenta historicamente da justiça única, a ocidental/ racional. Tal característica celerada é preterida sobre a alimentação de um genocídio racial, corpóreo e epistemológico, para aqueles que se admitem por ações (ir)racionais, devido a admissão desses debilitarem a falta de fluxo do domínio colonizador exacerbado. Interessado no Xarpi, nomenclatura do chamamento do piXador carioca, as leituras expostas se deram na preocupação com o jovem negro, que se envolve na vida urbana do estado do Rio de Janeiro, durante os sentidos de ser de uma cidade que, francamente, mata uma pessoa por riscar um muro, assim como também mata um negro por ser negro na hora errada, naquele momento em que este negro se pareceu com (por exemplo) um Xarpi (ou algum outro bandido). Provocadores de vertigens, o respectivo escrito pleiteia o piXador/ Xarpi e/ ou o negro, como corpos que manifestam a insistência com a descolonização, o limite do sonho do colonizado e a formação do pesadelo de qualquer colonizador.

Palavras-Chaves: PiXação/ Xarpi; Enigma; Racismo; Descolonização.

ABSTRACT

LIMA, Samuel da Silva. “*Xarpsicotrópicos: an anti-racist decolonization of the street in school?*”. 2018. 344 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2018.

In this text a relation between *piXação* anti-black racism and anti-racism is offered, in order to influence a discussion of these phenomena in the school field, where I provoke the presence of crime (also) as compassion in the sense of being *alunato*. With a wide and complex debate, the text thinks about the actions involved in life practices, before, now and after, without persisting in a written response with fixed answers, concomitant with the insistence of accepting the enigmatic field present in daily life, especially when chains of these correspondences are framed as irrational activities, in a world where being requires rationalization. What is not right, would not have the possibility of human life, therefore, what was never right, as the *piXador* who performs his initiatives to mark unforeseeable misconceptions, or the Negro, who insists on wanting to be in the racist anti-black world, would end up fated to the interpretive caprices of the processes of that homicidal colonization, that feeds historically of the only justice, the western / rational one. Such a charred characteristic is overlooked over the feeding of a racial, corporeal and epistemological genocide, to those who are admitted by rational (*ir*) actions, due to the admission of these weaken the lack of flow of the exacerbated colonizing domain. Interested in *Xarpi*, nomenclature of the *piXador* of Rio de Janeiro, the readings have been given in concern for the young Negro, who is involved in the urban life of the state of Rio de Janeiro, during the senses of being of a city that, frankly, kills one person for scratching a wall, just as he also kills a Negro for being black at the wrong time, at that moment when this negro looked like (for example) a *Xarpi* (or some other bad guy). Provokers of vertigo, the respective writ pleads the *piXador* / *Xarpi* and / or the black, as bodies that manifest the insistence with the decolonization, the limit of the dream of the colonized and the formation of the nightmare of any colonized

Keywords: *PiXação*/ *Xarpi*; Puzzle; Racism; Descoloniz

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Bonecão da ZZ e Galera do Faz Quem Quer.....	29
Figura 2: camiseta Xarpipa.	30
Figura 3: balão com Xarpi.	30
Figura 4: Placa e Pifil no Centro.	34 e 35
Figura 5: piXação em uma esquina de Ver-O-Peso.	35
Figura 6: piXação em Santa Cruz Cabrália (Bahia).....	36
Figura 7: pousada abandonada em Santa Cruz Cabrália (Bahia).	37
Figura 8: ponto de ônibus em Santa Cruz Cabrália (Bahia).	37
Figura 9: muro de um resort na praia de Trancoso (Bahia).	38
Figura 10: Fita, com CPG.	39
Figura 11: Centro de Porto Seguro (Bahia).	39
Figura 12: Praça dos Estudantes, em Campo Grande (Zona Oeste, Rio de Janeiro – RJ)	41
Figura 13: Igreja de São Francisco de Assis piXada por Maru.....	46
Figura 14: Mariana (Minas Gerais).....	47
Figura 15: Xarpi na Tijuca.	51
Figura 16: Cuka na cabeça de Zumbi.	53
Figura 17: printscreen dos grafiteiros espancados no Centro da cidade do Rio de Janeiro	57
Figura 18: imagem de jovem agredido, com a cara pintada.....	59
Figura 19: imagem do jovem amarrado pelo pescoço.....	61
Figura 20: imagem de um Xarpi em Engenho da Rainha.	79
Figura 21: tatuagem “removida” e “desbotada”.	80
Figura 22: tatuagem “Amor de Paula”.	80
Figura 23: Xarpi de Vinga no Relógio da Central do Brasil.....	81
Figura 24: Xarpi de Kadu no Relógio da Central do Brasil.	81

Figura 25: Xarpi apagado de Sorin na Avenida primeiro de março.....	82
Figura 26: muro apagado em Laranjeiras.....	85
Figura 27: grafite em homenagem a Cassia Eller.	86
Figura 28: “Muro branco, povo mudo” na FEBF.	86
Figura 29: imagem do Cristo Redentor piXado.....	89
Figura 30: imagem do Cristo Redentor limpo, mas ainda com marcas.....	90
Figura 31: capa do álbum “Esú”.....	151
Figura 32: Tora e seu rancó.....	165
Figura 33: Tora e os fogos.	166
Figura 34: fogos e a O Troço.....	166
Figura 35: Tora organizando as bandeiras.	167
Figura 36: concentração antes da saída.....	168
Figura 37: eu e Sagaz.....	169
Figura 38: saída e fogo dos fogos.	170
Figura 39: saída e fumaça.	170
Figura 40: saída da Legalize – eu e o fogo.	171
Figura 41: Legalize no Arpoador.....	175
Figura 42: Tora posando ao lado da estátua do Carlos Drummond.....	178
Figura 43: Turma Legalize de Bate-Bola.	178
Figura 44: cicatrizes Akco.	191
Figura 45: Print da pasta de Hiibi.....	202
Figura 46: uma pasta de Hiibi.....	203
Figura 47: Kaneda – “Bom pra saúde; Ruim pra educação	229
Figura 48: Kaneda – Gangue Cápsula.....	230
Figura 49: anúncio da data das Olimpíadas de 2020 no Akira.....	231
Figura 50: início do filme Akira.....	232
Figura 51: Kaneda e Tetsuo no orfanato.	234

Figura 52: a transformação de Tetsuo.....	235
Figura 53: print sobre a expressão brabo 1.....	238
Figura 54: print sobre a expressão brabo 2 (em homenagem a Vuca).....	239
Figura 55: Rei do Fumo.	246
Figura 56: print sobre Vinga.....	250
Figura 57: pasta viva – “Akira Eterno”, Xarpi que faleceu.	261
Figura 58: foto da imagem da Kel na Rede Record, e no meio, o nome do Pato.....	266
Figura 59: Pato e Akco em Madureira.	268
Figura 60: Xarpi “P/ Kel”.	279
Figura 61: print da discussão sobre os falecidos no Facebook 1.....	279
Figura 62: print da discussão sobre os falecidos no Facebook 2.....	280
Figura 63: print da discussão sobre os falecidos no Facebook 3.....	280
Figura 64: print da discussão sobre os falecidos no Facebook 4.....	281
Figura 65: Quadra da Lafayette nos anos de 1990 – Xarpi.....	282
Figura 66: Quadra da Lafayette mais atual (foto de 2016).....	283
Figura 67: minha piXação, sugerida por Bomba, escrita da mesma maneira da época citada	286
Figura 68: lugar da Av. Brasil onde piXeí, hoje, coberta por propagandas e outras grafias ..	288
Figura 69: abertura “Um Maluco no Pedaco”.....	298
Figura 70: “Um Maluco no Pedaco” – Will e o professor.....	300
Figura 71: “Um Maluco no Pedaco” - Lieberbaum Kellogg afroujando a gravata.....	301
Figura 72: “Um Maluco no Pedaco” – Will sendo convidado para uma festa.....	301
Figura 73: “Um Maluco no Pedaco” – Will encenando um chute em um busto.....	302
Figura 74: “Um Maluco no Pedaco” – Will marcando a mesa.....	302
Figura 75: “Um Maluco no Pedaco” – Will explicando que queria deixar sua marca.....	303
Figura 76: “Um Maluco no Pedaco” – Will se imaginando no quadro de ex alunos.....	303
Figura 77: Tora e seu jovem sorriso 1.....	305
Figura 78: Tora e seu jovem sorriso 2.	305

Figura 79: Tora, G80.	306
Figura 80: Pato, a Peste Negra.	316
Figura 81: cartaz R3.	325
Figura 82: desenho feito por cima do cartaz.....	325
Figura 83: imagem da oficina sobre insegurança urbana e cultura de rua.....	326
Figura 84: oficina sobre racismo 1.	327
Figura 85: oficina sobre racismo 2.	327
Figura 86: resultado escrito de uma oficina sobre racismo.	328
Figura 87: oficina sobre racismo 3.....	328

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - UM MOSAÍCO INTELECTUAL/ DISSERTAR PIXADO..	14
1 O PRETO FOSCO E O CORPO PAISAGEM	20
1.1 Pichação, piXação, Xarpi	22
1.2 A troca para (mais) uma reflexão sobre piXação/ Xarpi/ enigma.....	25
1.3 A cidade Xarpi do colonizado.....	33
1.4 A paisagem como o corpo da cidade	65
2 UMA GUISA SOBRE O RACISMO: XARPI, DESCOLONIZAÇÃO E A BRABEZA	84
2.1 Aceitação e/ou negação enigmática do racismo	84
2.1.1 Psicotrópicos e a convulsão racial.	99
2.1.2 Racismo, raça e a vergonha: uma conversa sobre neurose	109
2.2 A vida Xarpi, a guerra e a mortalidade do racismo	130
2.2.1 Entre bate-bolas e Exu: a relação do Xarpi com a guerra/ racismo.....	148
2.2.2 “1, 2, 3, solta os bicho de uma vez!”: o recolhimento e a reza das bandeiras de uma turma de bate-bola	158
2.3 PiXação/ Xarpi como iniciativas afrodiaspóricas?	179
2.3.1 O limite que permite ser e o devir-negro do mundo ser	186
2.3.2 Reu: o lugar do Xarpi/ do ser	192
2.4 Xarpsicotrópicos antirracistas: sobre Xarpi, ser negro e ser brabo, no mundo colonizador	225
2.5 A etnografia da madrugada - um ensaio metodológico adquirido com o Xarpi	254
3 XARPI COMO UMA PRÁTICA ESCOLAR: BRABEZA X ALUNATO	266
3.1 9 Verdades e 1 Mentira, ou (mais de) 9 amigos de infância mortos e 1 advertência na caderneta escolar: Samuel Lima, Samuca e a piXação/ Xarpi	267
3.1.1 A Quadra da Lafayette.	268
3.1.2 “PiXação, o prazer é todo meu”.....	275
3.1.3 O testemunho da primeira presença do preto fosco em muro	277
3.1.4 PiXando antes de conhecer o Xarpi	278
3.1.5 Sendo apresentado ao Xarpi	280

3.2	Uma rápida troca sobre a infância e sua relação escolar no alunado piXador	293
3.3	A ordem sem ordem piXadora/ Xarpi e o corpo negro: uma breve leitura sobre brabeza, dislexia e escola	310
	CONSIDERAÇÕES PIXADAS	331
	REFERÊNCIAS	338

INTRODUÇÃO - UM MOSAÍCO INTELECTUAL/ DISSERTAR PIXADO.

“O que nos salvou, do que a gente viveu nas ruas, e você sabe do que estou falando, foi a nossa completa ignorância e falta de habilidade em se adequar ao que tá posto.”

Rapper paulistano Criolo, em entrevista para Lázaro Ramos, na 7ª temporada do programa Espelho (Canal Brasil, 2014).

Escrito para falar da renegação disseminada na vida de um “cidadão de bem”, alguém que não mostra qualquer interesse ao dito/ apontado “marginal”, meu dissertar dispõe de um mosaico intelectual, que pouco se fixa em abordagens epistemológicas e metodológicas, e muito persiste em pensamentos defensores dos que tem coragem de priorizar o corpo. Os presentes nas ruas, são os principais agentes direcionadores dessa discussão, feita em primeira pessoa do singular, pois prioriza-se como a realização de um texto intimista com os sentidos apontados como pouco civilizados, reveladores da falta de habilidade na liberdade dita, mas não sentida. Saberes inexplicáveis, desviantes, mas rotineiros, como o de andar com uma guia de conta (cordão, colar) no pescoço, mesmo entendendo que pode ser mortal, pois tal objeto referência a religiosidade afro-brasileira, está de espaços do candomblé e/ ou da umbanda, constantemente ameaçados, devido as violências realizadas por aqueles que enxergam tais atividades de maneira asquerosa, ao ponto de agredir a qualquer custo.

Relacionando-se com a vida de quem vos escreve, pois envolve minhas vivências cariocas como *cria*¹ de favela, lugar onde conheci as “secretas” aprendizagens, não aceitas como declaradas, diante do que esteve ou está posto, “***XarpsicotrópicosAntiRacistas: uma descolonização da rua na escola?***” se dá pelo conhecimento de uma pergunta, desenvolvida através de saberes fora do hegemônico, as maneiras de agir, as ações corporais e da linguagem diversificada pelas gerações de forma latente, exibidas por propriedades que não foram, não são e (talvez) nunca sejam aceitas. Práticas não autorizadas, sobretudo para certos corpos, diante de nossa realidade propagadora de racismo, fenômeno que é o objeto desta escrita,

¹ Cria é uma gíria juvenil da rua, dita para referenciar o âmbito periférico como um lugar criador de pessoas especiais, de devir condicional que não é realizado e/ ou apreciado por qualquer pessoa, no caso, por quem não é cria.

pois, para além de um favelado carioca, antes, sou um homem negro. Esse movimentar, agir, falar sobre periferias e marginalização, retorna-me a outro fenômeno de experiências desse vivido condenável, que exponho nesse percurso dissertativo como sujeitos de minha pesquisa, o ser piXador.

Não me abstenho da discussão dessa prática como acontecimento da cultura criminosa urbana brasileira, inclusive na invocação da mesma ter sido escrita com um erro gramatical, já que pichador, na norma oficial, se escreve com “ch” e não com a letra “X” (maiúscula). O que trago, não na mesma ordem, é como e para que trocar sobre esse fenômeno. Percorri bases conceituais no campo das ciências, junto a autores e autoras da filosofia, linguística, psicanálise, antropologia, sociologia, dentre outros campos, na intenção de produzir um texto da vida piXadora. Apesar de já ter piXado, nunca fui piXador. Afirmo tal situação pessoal, explanada melhor durante o texto, para lembrar da importância das camaradagens e amizades piXadoras da minha infância e juventude. As pessoas marcadas nas lembranças, estas que tem o grande ponto de partida do que quero dizer, pois é nesse profundo momento que os amigos mortos são lembrados, os causadores de nostalgias, e que fazem presença, durante uma autoria acadêmica expositora da memória de um tempo sem começo, ou melhor, pedindo licença para a expressão conhecida entre os/ as budistas, *kuon ganjo*, o remoto passado que está no presente, pois se relaciona no infinito futuro, se mantendo no agora, seguindo na existência, no longínquo. Sendo mais prático, aquele momento em que o finado se forma em vida reminescente, no instante de fala entre os vivos. Por aqui, mesmo que o recordado seja falecido em corpo físico, o pensamento funda sua presença. E quando a relação entre mortos e vivos é percebida por essa permanência nascida de certo modo na irrequieta memória, empiricamente, entendo que tal ação é causadora de incomodo, pois, falar de gente conhecida e finada é comumente visto como antipático. Acredito que quando esse “falar de gente morta” se torna agradável, mesmo sabendo de sua deselegância e repugnância, pode trazer uma leitura diferente para reflexões em situações sociais agravantes, como à principal preocupação dessa pesquisa: o debate sobre genocídio dos jovens negros brasileiros.

De maneira sucinta, digo que a piXação é um fenômeno brasileiro gráfico e proibido, frequentemente exposto nas superfícies das cidades, se posicionando por diversos signos, e com ressignificações próprias, independente do espaço, e que ainda assim cria uma especificidade de ser de um lugar. Por exemplo, no estado do Rio de Janeiro, tal fenômeno é conhecido como Xarpi (lê-se “Xarpi”), expressão voltará a ser explicada no decorrer do texto. Também é importante frisar que a piXação e/ ou o Xarpi é um acontecimento realizado por um público diversificado, independentemente de classe, credo, etnia, gênero ou qualquer

outro esforço segregatício. Sendo assim, como encaixar a questão racial brasileira, dentro de um universo tão sem enquadramentos como a piXação? Abrindo (mais) interrogações: Porque, em certos lugares e/ ou momentos, nos sentimos livres para rir, gargalhar, chorar, e em outros não? Por que, no momento do gol, até o torcedor mais calmo fica imerso, e “esquece” a sua “educação” para soltar berros ofensivos contra a outra torcida e/ ou time de futebol? Por que não conseguimos entender de maneira concisa e segura, os motivos dos gritos no momento do gol (a favor ou contra) nosso time de futebol? Tais “porquês” mostram uma presença sensitiva, algo que demanda prioritariamente o corpo, quando grande parte dos motivos sobre “o que fazemos” não está na “boa” justificativa racional. Com isso, empiricamente, posso dizer que respostas como “*pra você entender, tem que sentir*”, confirma uma provocação: a aproximação sobre culturas que priorizam o corpo, devem ser feitas para além dos “*projetos conscientes*” presentes nas bases conceituais modernas. Aqui, estereótipo, aquilo que enxerga, por exemplo, piXadores apenas como destruidores, será constantemente quebrado. Pelo caminho “mais difícil”, ou melhor, mais produtivo, pensei na e com a realidade problemática, de considerações perseguidoras de feitos provocados por outras lógicas, conflituosas na dimensão da dominação.

Essas aberturas de questões fazem parte de uma aglomerada epistemologia produtora com o corpo masculino carioca, que é morador de favela, subúrbio, loteamento, ou alguma outra ocupação popular, periférica, aqueles lugares afamados como inclementes; sujeitos vinculados nas manifestações coletivas, admiradores e/ ou realizadores de ações como o funk, o hip-hop, o grafite, o “trabalho informal”, dentre outras disposições que levam a espaços para manifestações corpóreas independentes. Falo em companhia de transeuntes do popular juvenil marginalizado, enquadrado na cultura dos “não populares”, dos “mal/ mau vistos”, já que, para além de quaisquer feitura rotineira dessas pessoas, eles também são Xarpi. Na minha vida, o primeiro lugar proporcionador dessa relação foi a Cidade Alta, um território sem uma característica física total para ser constituída enquanto favela, mas que sofreu ações estabelecidas de tal estigma, por parte de seus moradores e pelas ações pouco efetivas do Estado. (BRUM, 2012). Foi nesse dito conjunto habitacional, misturado com moradias precárias, que passei a pensar esse projeto, sobretudo, por suas amarras históricas, adjetivadas pelas variadas regras impostas na convivência entre os moradores, diante de conflitos envolvendo armas de fogo, sejam nas ações por parte da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ), sejam pelos confrontos de disputas de pontos de venda de drogas ilícitas entre as divergentes facções armadas, conhecidas também como *boca de fumo*, ou por sua redução, *boca*. Cresci. Mas passei minha infância, adolescência e parte da juventude na

Cidade Alta. Foi a ligação com piXadores da Cidade Alta que me fizeram acompanhar os piXadores de outros lugares, inclusive de outros distritos.

Na metodologia, com a intenção de acompanhar o fenômeno da piXação como algo que passa pelos enquadramentos advindos de processos socioculturais dominantes e institucionais, irei problematizar as iniciativas que perseguem, batem, e até assassinam um corpo Xarpi. Desta maneira, provoço as reações realizadas sobre a vida cultural urbana, de propósito prioritariamente econômico, estas que parecem fomentar um discurso contraditório e complexo da “promoção da paz”, com base no julgo das práticas marginalizadas. Para tanto, utilizei técnicas que aposto para o amadurecimento de minha prática etnográfica, através de investigações que vão de textos acadêmicos, músicas e até breves análises e resenhas filmicas, sejam elas dramatizadas, documentarizadas ou animadas. Aliás, foi com um dos filmes citados que consegui fundamentar o título do texto. Também participei de eventos “livres”, através de diálogos contidos nas redes da cidade que pesquisei, de outros lugares que visitei em razão da pesquisa, e na rotineira busca online. Outra ação importante feita para relatar é que as principais atividades da pesquisa em campo foram nas *reús*, nome dado aos encontros dos piXadores do estado do Rio de Janeiro, e a principal fonte dessa pesquisa, ocorrida através de uma aproximação relacional. Na proposta pretendida, a de conversar com os piXadores, com os Xarpi, para falar sobre racismo, será conduzida; na intenção de fomentar o reconhecimento dessa prática para além de situações casuais, através de uma descrição de forma inteligível, densa. Uma pesquisa dentro de características etnográficas, interpretativa para uma reflexão possível, pesquisável, de ampliação e confrontação, alcançando conjunturas mais obscuras, em assuntos que nos leva a abordagem semiótica da cultura, resumidamente, “quanto mais longe vai o desenvolvimento teórico, mais profunda se torna a tensão.” (GEERTZ, 1978, p. 17).

A premissa de que o enxergar das “ideias digressivas” por um único valor, seja reconhecendo elas como alguma coisa “boa” ou “ruim”, principalmente quando essas são analisadas apenas como ações realizadas por “desviados”; não pretendo “paladinar”² infrações, tão pouco encobrir os delitos vistos nos aparatos legalistas. PiXação é um crime, e dentro das lógicas de suas dissoluções, irei trazer tal ato delituoso como ínfimo, diante de seu tratamento, já que ser piXador, ou seja, marcar a parede (ou alguma outra superfície) com tinta, pode ser mortal, visto o histórico de supressão envolvido nessa prática. Em síntese, o importante aqui é formar questões sobre quem e como é condenado na vida piXadora.

² Tornar alguém herói, paladino. Irá parecer que faço isso. Mas no fim, voltaremos a trocar sobre minhas pretensões pesquisadoras.

Problematizei a piXação como um fenômeno adjetivado por diversos signos linguísticos e de sociabilidade, relação desenvolvida nesta pesquisa em sua ressignificação sucedida no estado do Rio de Janeiro, ou seja, no fenômeno Xarpi, que foi provocado na base de uma hipótese: seu público é majoritariamente de jovens negros e residentes de áreas populares (favelas, subúrbios e ocupações diversas). Antes de perceber a piXação como um crime, uma cultura ou alguma outra coisa, o texto se dá na análise do respectivo fenômeno de significados não capturáveis, em uma percepção nada pacifista, manifestadora de momentos representativos do que chamamos de descolonização, um tipo de “medicamento”, um “psicotrópico” que acalma o sistema nervoso de vidas abaladas pelos atos coloniais. No fim, trago um momento da piXação no âmbito escolar, trabalhando nas reflexões que enxergue o fenômeno (também) sem um entendimento de domínio absoluto.

Dividido em 3 (três) capítulos, a pesquisa se deu no desbravar multidisciplinar, desdobrada com as palavras-chaves PIXAÇÃO/ XARPI, ENIGMA, RACISMO E DESCOLONIZAÇÃO, junto a uma bibliografia variada, entre autores clássicos como Frantz Fanon e Sigmund Freud, e contemporâneos como Michel Maffesoli, Neusa Santos Souza, Luiz Rufino, Achille Mbembe, Abdias do Nascimento, Gustavo Coelho, dentre outros(as). O intuito da pesquisa é contribuir para uma agenda propositiva de superação das desigualdades e diferenças sociais nos direitos, na tentativa de romper com olhares que apenas criminalizam os corpos que agem fora do comum. Para tal feito, insisti na problematização da piXação como uma ação cotidiana que mantém energias descolonizantes, diante da interrupção do ímpeto imponderável de sujeitos, que acabam por revelar conflitos dados nas diferenças ocultadas, essas analisadas aqui de maneira abstrata no espaço urbano da dita “cidade maravilhosa”, a partir de questões sociais, culturais, econômicas, especialmente em seu histórico colonizador racista. Por isso, inspirado (também) em Fanon: *“Dediquei-me neste estudo a apalpar a miséria do negro. Táctil e afetivamente. Não quis ser objetivo. Aliás, não é bem isso: melhor seria dizer que não me foi possível ser objetivo.”* (FANON, 2008, p. 86).

Infelizmente não existem muitos trabalhos etnográficos sobre o fenômeno da piXação, que contemple a prática para além de uma ação criminosa ou algo a ser civilizado, através projetos sociais que também acabam reduzindo-a, quase sempre explicando que a liberdade do repertório estético piXador, não oferece nada. Portanto, divergente a isso, sigo nas linhas de provocações sobre as complexas tramas cotidianas dos discursos realizados pelas populações em dispersão, através da aproximação com os fios narrativos visíveis e invisíveis na vida Xarpi, estes que são entendidos/ vividos nas trajetórias protagonizadas por sujeitos

(as) que operam pela “*inteligibilidade de suas práticas, suas redes de saberes, suas capacidades inventivas e suas formas de organização social*” (RUFINO, 2014, p. 67).

1 O PRETO FOSCO E O CORPO PAISAGEM.

“*Preto fosco*” é a tinta mais usada por um piXador. É o “clássico preto”, chamado assim porque é a expressão escrita na lata de tinta de *jet spray*³, principal material usado na piXação. O capítulo irá desdobrar-se na delimitação da pesquisa, inspirado no “preto fosco”, a cor que não pode faltar na piXação, logo, os assuntos aqui, seriam aqueles que não podem faltar na troca sobre piXação e racismo. Fiz um esforço para conseguir expor o básico na aproximação com o tema (a piXação) e o sujeito (o Xarpi), em seguida, se inicia a exposição da troca sobre algo essencial na execução piXadora: o risco de vida. Em um olhar crítico sobre sujeitos que realizam esses vaporosos crimes, a escrita também abordará a ação de tratamento da piXação, sobretudo no conjunto do julgo onde, de algum modo, os praticantes desse fenômeno sofrem a pena capital existente nas lógicas de “ser” da cidade. Tal provocação foi feita para problematizar o cotidiano (também) racista, onde uma parede (ou qualquer outra superfície) parece valer mais que uma vida, afirmação que realizei, consequentemente, em certa metáfora com o fenômeno em foco: o piXador como o tatuador da cidade, logo, a paisagem como corpo da cidade.

1.1 - Pichação, piXação, Xarpi.

As inscrições gráficas encontradas na Pompéia, através de estudos arqueológicos. As escritas que apareceram com os movimentos estudantis na Europa e nos protestos contra a Ditadura Militar na América Latina, nos anos de 1960. As *tags* iniciadas pelas *Gangues de Nova York* em 1930, e que se estilizam com maior proporção na cultura *Hip-Hop* dos anos de 1970/80. Qualquer um desses ou outros grifos, independentemente da localidade e da área (muro, parede, prédio, casa, transporte público, viaduto, ponte, passarela, etc.), sejam elas privadas, públicas (que também se posicionam nas concepções privadas) ou naturais (por exemplo, rochas), feitos com pincéis, tintas, algum objeto pontudo, ou qualquer outro material que marque, parece exibir determinada característica presente especialmente nas

³“Borrifo” (esborrifar) em inglês, o termo refere-se ao mecanismo que permite fazer pressão vaporizadora suspensa, numa forma de aerossol, na lata de tinta.

grandes cidades: a necessidade longínqua do ser humano “rabiscar” os lugares, pelo meio de antigas e/ ou novas formatações linguísticas e de letramento.

O “garatujar” de letramento autêntico piXador, anulador de uma sociedade grafocêntrica, não será discutido como “certo” ou errado. O texto não irá reclamar os “porquês” da ideia de palavra que é capaz de colocar a parte arredondada do lado direito da letra “p” para o lado esquerdo, tão pouco irá tentar entender que a “!”, na veracidade piXadora, pode ser (também) a letra “i” de cabeça para abaixo. Fenômeno presente nas cidades brasileiras há um pouco mais de 4 (quatro) décadas, a partir de diversos signos expositores de originalidades, sociabilidades, dentre outros movimentos que dão fundamentos para ressignificações próprias em cada território, seja ele um estado, um município, uma região, um bairro, uma rua ou qualquer outro recinto, a piXação se dá em uma estética própria, um individual que fica entendido no cósmico coletivo de quem se sujeita ou se interessa por ela. Advindas de novas ou experientes gerações, com um público que independe de classe, credo, etnia ou gênero, a piXação se manifesta em variadas superfícies, envolvendo o juvenil e o popular, por corpos atravessados pela ausência de definição – por exemplo, pessoas que, apesar de terem passado da idade oficializada como “jovem”, mostram seguir uma forte relação púbere em suas vidas, através de fenômenos como a piXação, e até outros, que falarei mais a frente, durante o texto como um todo.

A relação púbere piXadora é fecunda, e se dá a todo momento, inclusive na escrita do nome do fenômeno. Como o leitor já deve ter percebido, “pichação” é escrita nesse texto com um erro gramatical proposital. Oficialmente, a palavra é registrada com “ch” e não com a letra “X” (maiúscula). Essa forma de escrever manifesta, primeiramente, minha preocupação enquanto pesquisador, pois a respectiva produção dissertativa é, antes de tudo, com piXadores e, subsequentemente, também será sobre eles. Com isso, nada mais justo do que dizer como a maioria dos piXadores parecem escrever e/ ou dizer. Sim, existem piXadores que escrevem a palavra “pichação” com “ch”. Entretanto, pedindo licença para os/as piXadores/pichadores/piXadoras/pichadoras, percebo no meu ato de lê-los, e me arrisco a dizer, que a maioria dos praticantes desse fenômeno escrevem a palavra com a letra “x”. Minha invocação também se dá no maiusculizar, no caso, a letra “X”, no propósito de oferecer minha empatia com o livro de meu parceiro epistêmico mundano Gustavo Coelho, quando, em seu esforço intelectual com o fenômeno da piXação, sobretudo na sua obra “Deixa os Garotos Brincar” (2016), registro de seu doutoramento em Educação, submete-se a respectiva ortografia inspirada no antropólogo italiano Massimo Canevacci, no livro

“Culturas eXtremas” (2005). Sendo assim, todas as palavras que envolvem piXação e seus derivados - piXador, piXar, etc. - serão escritas, neste trabalho, com a letra “X”.

Verbalização da forma de escrita feita. Mas, com qual objetivo? Meu trabalho acadêmico afina-se no cerne da conjuntura Xarpi, nomenclatura como o fenômeno em foco é fundamentado no estado do Rio de Janeiro, a partir de sua capital. Palavra piXar ao contrário, Xarpi é a língua usada entre os piXadores para identificar suas práticas e seus praticantes, ou seja, Xarpi é a piXação, e ser Xarpi é ser piXador, sempre no singular.

Assim como outras práticas piXadoras Brasil a fora, o Xarpi exhibe “pseudônimos”, apelidos, ou coisa do tipo. Proibida por lei⁴, a prática piXadora é enquadrada como depredação do patrimônio público, particular ou crime ambiental. A pena vai de multa a 3 (três) meses a 1 (um) ano de detenção, caso o ato seja realizado em algum monumento tombado com valor artístico, arqueológico ou histórico, visando uma “conscientização” dos cidadãos, sobre os “*malefícios que a prática da pichação traz à coletividade*” (Art. 3º da Lei Estadual 12.408, de 25 de maio de 2011). Essa reputação da delinquência piXadora é, ao que tudo indica, uma “pena leve”, entre aspas mesmo, pois se tal penalização surge da cidade, ou melhor, do ser da cidade, propagador das lógicas genocidas de uma pena capital, o tratamento repugnante e aceito socialmente no cotidiano civil, é disseminado em marcações intensivamente violentas, uma variável factual que me fez realizar o interesse dessa conversa.

Afinal, conto nos dedos, sem mexer todos, quem abriga declarações que defendem corpos que, por rabiscar muros, sofrem desnudes, e têm suas partes traseiras pintadas, tudo isso em covardias realizadas por aqueles que se garantem pelo ataque sobre alguém que “está de costas”, rendido, quando pego de “surpresa”, e vira “exemplo” em vídeos como estes da nota de roda pé⁵, evidenciando certa brutalidade divulgada em redes sociais, no online e na vida off-line.

⁴“Lei Nacional Anti Pichação”. – Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm>. Acesso em: 13 de mar.2017. “Política Estadual de Antipichação” do estado do Rio de Janeiro, em articulação com seus municípios, decretada em 2014. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/CONTLEI.NSF/c8aa0900025feef6032564ec0060dfff/0f2335f8b010f23d83257c6000645557?OpenDocument#_Section1>. Acesso em: 01 de ago.2016.

⁵ Segue link o vídeo no canal Youtube, intitulado “Pichadores se deram mal”. São imagens fortes, assim como outras que serão expostas no texto. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=28DDj5m-fN0>>. Acesso em: 01 de out.2017.

1.2 - A troca para (mais) uma reflexão sobre piXação/ Xarpi/ enigma.

“I don’t have to think
 I only have to do it
 The results are always perfect
 And that’s old news
 (...)

I can’t see the end of me
 My whole expanse
 I cannot see
 I formulate infinity
 And store it deep inside of me”

[Eu não tenho que pensar
 Eu apenas tenho que fazer
 Os resultados são sempre perfeitos
 E isso nem é novidade
 (...)

Eu não consigo enxergar o fim do meu eu
 Minha total extensão
 Eu não consigo enxergar
 Eu formulo o infinito
 Guardado profundamente em meu íntimo]

“Oh, me”, música de Curt Kirkwood, lançada pela banda Meat Puppets no disco Meat Puppets II (1984).

Abro essa parte textual com trechos de uma composição musical que tanto escutei em minha adolescência, através da interpretação acústica visceral de Kurt Cobain, vocalista da

banda Nirvana, que se suicidou em abril de 1994, aos 27 (vinte e sete) anos de idade, mas, assim como outros e outras, se eterniza na ideia poética do ímpeto juvenil. Lembrei-me de tais versos porque eles trazem características impulsivas, o que me remeteu à piXação, fenômeno exposto com uma aparência de algo não mais guardado, através do profundo íntimo, o extenso sem o fardo de ser uma realização perfeita, assim como mostra o sentimento palavreado citado na música. A piXação parece mostrar que é livre para uma plenitude autoral comumente enquadrada em pseudônimos, o que não é tão importante como o privilégio de trocar o medo pela “cegueira” instantânea, esta que a cada passo com o *bastão de Hoover*⁶, corrompe-se a um todo que proporciona o perigo, comprometedor da segurança presente na vida de quem piXa, o que, [Porque não?)] pode ser condicionador do infinito.

Afirmo essa constatação de possibilidades vacilantes porque penso a piXação pelo segredo que, na intenção de se revelar, se transforma em enigma (COELHO, 2016). Sigo nessa complexa forma de pensar, a fim de provocar questões poéticas de trajetórias na vida de quem é apontado como marginal. Melhor dizendo, seguirei em relatos sobre as íntimas relações que tenho com a rua, lugar de segredos que não são alojados no que está entendido na vida de um “cidadão de bem”, de um “civil comum”. Saberes inexplicáveis, desviantes, necessários, para quem os habilitam. Condutas aceitas apenas por aqueles(as) que vivem, ou tem que viver certos modos. Por exemplo, não são todos(as) os(as) cariocas na condição automobilística que sabem apagar os faróis e ligar a luz interna do carro, quando entram em uma favela no horário da noite. Desses incapturáveis e complexos ímpetos trazidos em nosso cotidiano, o objetivo aqui será o de refletir sobre a piXação sem a pretensão de criar um discurso que leve a respostas e questionamentos do tipo “O que é a piXação?”, mesmo que um momento, ou outro, eu diga. O que irei oferecer é um cruzo para exposições de possíveis trocas, inclusive a partir de quem realiza essas grafias enigmáticas.

Baseado no interesse de ações, práticas e saberes que, supostamente, nunca terão autorização - a não ser por aqueles que realizam a piXação, ou para aqueles que apreciam certo movimentar, agir, falar periférico e/ ou marginalizado, presentes na conexão da cultura da cidade -, o texto seguirá na interpretação de alguns autores, onde detalhes serão expostos, apostando no olhar da diversidade de enredo para propor algumas considerações, sem almejar a disputa de discussões sobre o assunto, tão pouco oferecer a resposta de alguma solução das demandas que serão levantadas aqui. Como o Xarpi e rapper **Nuno DV** disse em seu livro “*Rio de Riscos*”, não espere “*que eu tente explicar ou definir o que é o Xarpi... apesar de todo*

⁶ Objeto comumente usados entre os portadores de cegueira; um tipo de bengala.

o preconceito, é algo que não tem tamanho, ou explicação, é algo que se sente, se vive ou se morre por isso.” (DV, 2013, p. 13).

Tendo em vista que as práticas piXadoras fazem parte de um envolvimento popular juvenil, através de nomes criados ou aceitos, provocarei aqui esse universo sobre as complexidades do racismo. Quando, hipoteticamente, o Xarpi é retratado no ajustamento cultural, a partir da cidade do Rio de Janeiro, percebo que a maior parte de seus praticantes é de jovens negros e não brancos do sexo masculino, moradores de espaços populares, pobres financeiramente, aqueles que são moradores das favelas, subúrbios, loteamentos e outras ocupações habitacionais que sofrem estereótipos e enquadramentos subalternizadores. É com essa conjuntura que invoco os sujeitos de minha pesquisa: o corpo jovem, masculino, negro, pobre e piXador/ Xarpi, ou seja, corpos que encabeçam as taxas de homicídios no Brasil⁷.

Em uma leitura filosófica, linguística, antropológica, dentre outras ciências, junto ao campo onde conversei durante entrevistas abertas com alguns desses vexadores de paredes, trago a crença que essa realização de marcar em muros, promove interpretações vividas no contexto urbano. Essa ideia será vista durante o texto, na percepção de corpos marginalizados por negar a viver a vida sem fruição, no intuito de retratar como esses manifestadores de energias ambiciosas por desfrutes, quando, por intermédio de adjetivos intensos, quebram o ordenamento, o controle do corpo, e outros movimentos anulados. Deste modo, percebo o que não é novidade para alguns, mas, talvez, seja para muitos: o Xarpi se consolida em um manancial de saberes, vivencias e artes do fazer, que se posiciona assim como e com outras práticas. Mas quais seriam essas outras práticas?

As diversas relações com o corpo e a rua visto na vida piXadora/ Xarpi, se encontra com outras iniciativas, de âmbito popular e contexto tradicional, não na mesma ordem, ou até sem uma separação completa. Por intermédio de um árduo, complexo e gratificante ofício etnográfico, partirei mais à frente no texto com duas delas: a disposição carnavalesca carioca da vida de bate-bola e a concepção presente na devoção de entidades de rua nas figuras de Exú. Mas saber que a piXação movimenta gerações, por dentro de um repertório com outras redes da rua, não é novidade dentro desse ofício. Não posso deixar de lembrar-se da já citada

⁷ Segundo dados divulgados em maio de 2015, o maior índice de homicídios no Brasil acontece com o público jovem (de 12 a 29 anos), pobre, do sexo masculino e da cor negra (perfil da maioria dos praticantes do *Xarpi*). Os dados foram divulgados pela Secretaria Nacional de Juventude da Presidência da República, e contém informações que argumentam sobre uma vulnerabilidade racial, já que o jovem negro teria 2,5 vezes mais chances de ser morto. Link sobre a divulgação da pesquisa, “Jovem negro tem 2,5 vezes mais chances de ser morto, diz relatório” - Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/05/jovem-negro-tem-25-vezes-mais-chance-de-ser-morto-diz-relatorio.html>>. Acesso em: 6 out. 2016.

tese de Gustavo Coelho, publicada em livro, batizado de “Deixa os Garotos Brincar” (2016); obra que citarei bastante no decorrer dessa escrita, na intenção de pensar sobre as divergentes ligações culturais da cidade do Rio de Janeiro, como Coelho invoca a piXação, as memórias e relações dos Bailes Funks de Galera⁸, as movimentações das Torcidas Organizadas e das saídas das Turmas de Bate-Bola. Assim como Gustavo Coelho, pensarei (mais a frente), mas de maneira breve, o bate-bola, Exu e suas relações com a piXação, nas atividades vistas por seus repertórios estéticos, onde são em si mesmos catalisadores de conhecimentos determinantes na experiência de estar na cidade, inclusive em iniciativas pouco vistas nos campos científicos, como a prática de soltar balões e soltar pipa, que, dependendo das circunstâncias, pode ser crime em legislação⁹.

Figura 1: Bonecão da ZZ e Galera do Faz Quem Quer.



Fonte: O autor, 2017.

⁸ Populares na década de 1990, os bailes de corredor (ou de galera, também conhecidos como Lado A x Lado B) eram festas onde a briga entre turmas de diferentes bairros era a atração principal. O termo "corredor" é uma referência ao espaço que se formava durante o baile entre os dois grupos que estavam em conflito.

⁹ Soltar, vender ou portar balões que pode incendiar, segundo o Projeto de Lei nº 753-A, de 2011, com pena de reclusão de dois a quatro anos, ou multa. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/863470.pdf>>. Acesso em 9 de jan. de 2017. Já a pipa está criminalizada na fabricação, comercialização e utilização de cerol, segundo o projeto de Lei nº 7598, de 2017, com pena de reclusão de dois a cinco anos, ou multa. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=ECEC7A0FEB3713A6BE6DF8C7EE4374EC.proposicoesWebExterno1?codteor=1563344&filename=A vulso+-PL+7598/2017>. Acesso em 9 de jan. de 2017.

Figura 2: camiseta Xarpi.



Fonte: enviada pelo Whatsapp em um grupo de Xarpi.

Figura 3: balão com Xarpi.



Fonte: enviada pelo Whatsapp em um grupo de Xarpi.

A piXação, para Coelho, é uma “presença” fenomenal inexorável e inegável:

(...) tão ou mais importante que aquilo que se fala dele, tanto o é que, como pudemos ver, quando indagados sobre as razões de suas práticas, esses meninos e meninas praticantes lançam mão frequentemente de metáforas sensoriais, afim de produzir um efeito dessa “presença” em que os ouve, servindo-se, para isso, mais do enigma da poesia que da explicação clarificante. Nesse caso, o próprio discurso pretende funcionar como “presença”, impedindo que a experiência seja ameaçada

por um único sentido, e dando, para isso, lugar devido à fisicalidade como fator determinante para uma compreensão composta da cultura. Trata-se, portanto, menos de saber o que pensam e mais de sentir o que sentem, recolocando em cena assim a corporeidade, dimensão negada para a invenção do homem incorpóreo moderno. (COELHO, 2016, p. 154).

Provoco essas “metáforas sensoriais” vistas na citada tese de Gustavo Coelho – por exemplo, o cheiro e o barulho da tinta que sai da *tala*¹⁰-, como algo que intimida a ideia de que tudo deve ser justificado, pois as tentativas de questionar, possivelmente, podem nos revelar respostas “sem respostas”, momento de colocar em cena o homem corpóreo, quem se dispõe no lançamento de uma presença que troca o discurso pela variedade de sentidos. Como bem disse **Nuno DV**, sobre a definição não definida da piXação: “*Pichação é uma pergunta sem resposta.*”. (DV, 2013, p. 13).

Não nego essa manifestação piXadora como crime. Mas para além de ser um fenômeno visto nas repetitivas justificativas criminais, em legislação que enquadra a prática legalmente, a piXação/ Xarpi também provoca certo choque epistêmico, estabelecido pela subjetividade da sua escrita, esta que se torna enigma, a partir do drama da mentalidade moderna, onde tudo precisa ter a certeza e a convicção do que é. Isto posto, empiricamente, trago o Xarpi como uma prática popular juvenil carioca que habita obras inconclusas, através de uma cultura coletiva que opera por práticas estéticas iniciadas, em feitos que são alimentados cotidianamente, o que mantém a veracidade do fenômeno como um “*lugar de ensaios, em boa medida, inconscientes, de resistência aos paradigmas desencantados da modernidade.*”. (COELHO, 2016, p. 141).

Nesse mundo de esclarecimento, a piXação/ Xarpi, por ter letramento, grafia própria, é reconhecida na posição de não compreensão. Arrisco dizer que o “primeiro”, o “último” ou qualquer piXador não conheceu/ conhece todas as piXações. É impossível que todos/as os/as piXadores/as conheçam todas as piXações. Porque mesmo que alguém tenha a capacidade de ler o Xarpi, mesmo que uma pessoa saiba identificar os nomes, não significa que ela saiba ler o Xarpi, ou seja, a “razão”, a “natureza” do fenômeno permanece incompreensível.

Prosseguindo com Gustavo Coelho (2016), é importante falar das ações que são pouco explicáveis - aquelas que remetem a sentimentos, suponho, do tipo “Não sei como comecei, mas eu faço” -, é algo pressuposto na relação entre a pessoa e a cultura que ela pratica, estas vistas nas questões racionais, mas emergidas pelo sensorial, o emocional, o sentir sem querer

¹⁰ Palavra lata ao contrário, é o dialeto usado entre os piXadores para identificar seu principal instrumento: a tinta *spray*.

sentir, ou melhor, quando não se domina absolutamente o que se sente. Tal conduta *anti-domesticadora* nos dá pistas através do agir como forma indeterminada do ser, que se mostra mais permeável, chegando a reconhecer na alteridade algo ativo na sua própria construção, em energias dadas na circunstância de atividades com fortes características místicas, estéticas, de contextualizações performáticas outras. Expressivas, sonoras, palavradas, figuradas, como as potências culturais que nascem da trincheira popular, formada de maneira inexorável na condição humana, ameaçando e também criando possíveis dissoluções.

O priorizar da experiência vivida, como dito no início deste subcapítulo sobre o *bastão de Hoover*, apanágio descartável para quem prefere ser cego, correndo o risco de perder tudo para tentar ganhar o nada, a insegurança que pode colocar fim a uma vida. A troca da segurança pela possibilidade de criar o infinito. Uma complexa trajetória ontológica do enigma, que age prioritariamente como o mistério da existência, e opera como aquilo que impede a harmonização do conhecimento total das coisas no mundo. Manter as certezas atemorizadas é a principal necessidade para a continuidade da existência das forças enigmáticas. Essa execução é regada e florescida dia a dia, logo, dá continuidade poética para a cultura, em um vão entre os fenômenos versus as certezas sobre esses fenômenos, que permite o viver, o falar, o sentir de algo não revelado, visto como subversor, diante das convicções ameaçadas.

Está aí o “lugar” de minha trajetória pesquisadora para este texto dissertativo: o Xarpi pensado no seu vasto repertório de indícios, provocado nos seus encontros advindos da subjetividade popular, lugar dos protagonistas desse e de outros fenômenos pertencentes à “cosmologia ‘rueira’”, na proposta de reconhecer os dramas e as tramas das vidas aventuradas a essa veraz prática, produtora de aparições e significações estéticas, desarranjadoras do regime colonizador mental, logo, ação que não se enquadra nas lógicas empreendidas por tentativas explicativas de aprisionamento, proporcionado por lógicas policiais do Estado e do senso de justiça, consolidadas em vieses colonizadores.

Por agora, o que posso mencionar é que o enigma é o mistério do mistério, nossa parte “in-conhecível”, como um outro em nós mesmos, através de um princípio ativo de afetos em potencial, que não se encaixam na racionalidade esclarecedora, condenadora das ações que priorizam o corpo e sonegam as violações violentas (e possivelmente racistas), como as que acontecem no tratamento de crimes irrisórios de vexar uma parede ou alguma coisa sem humanidade¹¹, através da tinta.

¹¹No sentido de ter existência de vida.

É complexo, pois uma escola, hospital, ou qualquer outra instituição física e fixa, deixa de funcionar/ atender, entra em colapso, devido à falta de recursos, materiais específicos e básicos, pagamentos atrasados ou reduzidos, dentre outras relações que envolvem uma boa gestão de secretarias que lidam com as políticas públicas. Mas nenhuma dessas instituições param de funcionar, ou melhor, não deveriam parar de funcionar por causa de uma marca na parede por tinta. Se um posto de saúde tiver um bom atendimento através de seus funcionários, que estão recebendo em dia, e também se encontra em um espaço, digamos, tranquilo para trabalhar; e se a fachada desse mesmo posto de saúde for toda piXada, ele não precisa parar de funcionar. Mas tal “insignificância” X “significância” se potencializa, quando certa problemática expõe uma banalização, onde um muro parece ser mais valorizado que uma vida, afirmação que me provoca, e será repetida o quanto for possível nessa dissertação.

1.3 – A cidade Xarpi do colonizado.

Como já tenho comentado, a piXação/ Xarpi é um desses fenômenos do popular, que se movimenta pelo escape das necessidades de dominar o corpo. Sua existência não acontece apenas no risco/ traçado/ desenho em um muro, parede ou alguma outra superfície, mas sim na obra completa, de relação constantemente incompleta dos sujeitos envolvidos com a cidade: o universo piXador não traz o movimento apenas em episódios esporádicos na vida da pessoa que piXa; o universo piXador se posiciona como uma disposição da própria vida da pessoa que piXa.

Ligado à cultura de rua, posso dizer que quando me aproximei do Xarpi, a piXação carioca, na intenção de realizar essa pesquisa, percebi o que os praticantes desse fenômeno têm em comum, mesmo que sejam de lugares diferentes. Eles são autores expressivos da cidade que eles pertencem. Suas grafias, a maneira de escrever, é um dos exemplos dessa afirmação, pois os traços e escritos nos levam justamente às variadas piXações e maneiras de piXar, entre as cidades, estados e/ ou lugares. Vejam o que quero dizer, a seguir, nas imagens de piXações de cinco cidades diferentes.

A primeira, para abrir minha cisma, são de Xarpi na Avenida Rio Branco, no Centro do Rio de Janeiro: **Pifil** (o de cima) e **Placa** (o de baixo). Não sei onde começa a letra “p”, nem de um, nem do outro. Apenas conheço as grafias por ser amigo de longa data dos dois. Trarei alguns relatos deles mais à frente. Mas, por agora, é importante verificar que, no Rio de

Janeiro, as letras são entortadas de forma arredondada, como se fosse algum objeto plástico, após ter pegado fogo. Ainda na imagem, percebemos o número “14” (quatorze), representando o ano do ato; e embaixo do nome do **Pifil**, pode ser enxergado (apesar da distorção da foto, que foi tirada de meu celular), a sigla *CM*, que significa “Cachaça e Maconha”. Também iremos falar um pouco mais a frente (nos próximos capítulos) sobre as siglas.

Figura 4: Placa e Pifil no Centro.



(a)



(b)

Fonte: O autor, 2017.

A segunda imagem é da cidade de Belém, do estado do Pará, na Região Norte do Brasil. Não sei o que está escrito, mas encontrei várias grafias desse tipo pelo Centro, na região do Ver-O-Peso, parte importante e bem transeunte, cheia de gente, sejam visitantes ou locais. Essa foto foi tirada em uma esquina, uma encruzilhada, próximo à Avenida Castilhos França com a Travessa Frutuoso Guimarães, que fica em frente ao Mercado Ver-O-Peso. A piXação

estava localizada na lateral das costas da Igreja de Nossa Senhora das Mercês. Não sei o que está escrito. O que percebo, assim como outras piXações que avistei em Belém, é que, muitas delas, são feitas com duas cores, nessa imagem, presenciamos a azul e a preta, e também, para além de embolada, exibe um tamanho grande, o que dificultaria realiza-la em um lugar alto, mesmo que não muito alto, como na imagem anterior, do Centro do Rio de Janeiro.

Figura 5: piXação em uma esquina de Ver-O-Peso.



Fonte: O autor, 2016.

A terceira em diante será de imagens da Bahia (estado localizado na Região Nordeste do Brasil), presenciadas em duas cidades litorâneas: Santa Cruz Cabrália e Porto Seguro. Em uma rua de Santa Cruz Cabrália, vi essas siglas visadas na imagem e, dentre elas, como se pode ver, uma expressão conhecida no Rio de Janeiro pelo Terceiro Comando Puro (TCP), uma das facções armadas de venda de drogas ilícitas. “TD3”, no Rio de Janeiro, significa “Tudo 3”, o que explica o “*Está tudo certo.*”, do citado grupo criminoso. Mas, o “CV”, que também está escrito nessa piXação de Santa Cruz Cabrália, na mesma cidade, ou seja, no Rio de Janeiro, significa Comando Vermelho, outra facção armada de venda de drogas ilícitas; grupo que repudia a expressão “TD3”, ou qualquer outra relação com o TCP, pois os dois grupos são rivais, a partir das disputas dos pontos de vendas de drogas ilícitas, que ficam

dentro das favelas da cidade do Rio de Janeiro¹². Não sei o que significa essa piXação baiana. O que sei é a existência de outra significância, pois, como um prático morador a cidade do Rio de Janeiro com 30 (trinta) anos de idade no ano de 2017, sei que seria impossível encontrar um “TD3” e um “CV” próximos assim, um do outro, em espaços cariocas.

Figura 6: piXação em Santa Cruz Cabrália (Bahia).



Fonte: O autor, 2017.

Eu disse baiana? Não sei se essa piXação em Santa Cruz Cabrália é baiana. O que fiz foi encontrar ela por lá, assim como encontrei outras, que se mostraram serem de fora. Encontrei o piXo de São Paulo, em uma pousada “abandonada”. Verifiquem a sigla “SP”,

¹² Mais informações em publicações como a de Luke Dowdney em “Crianças do tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro” (2003), e a de Carlos Amorim em “Comando Vermelho – a história secreta do crime organizado” (1993).

que significa São Paulo, e também a grafia, no estilo logo de “banda de rock” dos anos de 1970/80, como narra o documentário “Pixo”¹³ (entre 9 min. 34 seg. e 9 min. 56 seg.).

Figura 7: pousada abandonada em Santa Cruz Cabrália (Bahia).



Fonte: O autor, 2017.

Também presenciei Brasília, na mesma Santa Cruz Cabrália, em um ponto de ônibus.

Figura 8: ponto de ônibus em Santa Cruz Cabrália (Bahia).



Fonte: O autor, 2017.

A próxima foi tirada na praia de Trancoso, distrito de Porto Seguro, lugar onde passou um piXador de Minas Gerais que, um pouco depois, por alguns contatos, fiquei sabendo que este piXador é de Belo Horizonte (e não é por menos a sigla “BH”), terra natal do **Goma**,

¹³ Documentário de 2009, dirigido por João Wainer e Roberto T. Oliveira. O filme chegou a ser exibido na exposição “Né dans la Rue” (Nascido da Rua), na Fondation Cartier pour l’Art Contemporain em Paris.

piXador sobre qual irei falar mais à frente, ainda neste texto. Mas sobre os contatos entre Xarpi e piXadores de outros estados, **Fita**, um Xarpi de Nova-Iguaçu (cidade do Rio de Janeiro), ficou sabendo de minha pesquisa, e entrou em contato falando sobre os *Cruéis Piratas do Gueto*, ou melhor, a *CPG*, uma sigla piXadora que é de Minas Gerais, criada por um piXador mineiro chamado **Leo**, que acabou conhecendo outro Xarpi do Rio, o **Zuly**, da sigla *Epidemia Urbana*. Segundo **Fita**, em trocas que tive com ele pelo Facebook, **Leo** (de Minas Gerais) e **Zuly** (do Rio de Janeiro), são piXadores que participaram de uma coligação entre dois estados, fazendo suas siglas adquirirem uma notoriedade nacional, inclusive com pessoas de outros estados, escrevendo que são da CPG, ou da Epidemia Urbana.

- A relação Epidemia Urbana e CPG acabou tornando-se essas siglas de espaço nacional. Ela tem em Fortaleza, na Bahia... tem gente assinando aqui no Rio. Somos conhecidos lá, em Minas e aqui. Todos se conhecem... e o Xarpi acabou formando uma união dos piXadores, de modo geral, no Brasil. Principalmente com a internet, quando começamos a ver melhor as ações na rua, acompanhando e se comunicando online. Daí, acabamos vendo as revoltas Brasil a fora. Porque essa prática de escrita é pra protestar mesmo, pra sujar tudo que é deles. Vemos as fotos uns dos outros. E sempre tem um “Fora”: Fora Cabral; Fora Temer; Fora eles tudo! (Xarpi **Fita**, através de informações trocadas por mensagens no Facebook, em janeiro de 2018).

Figura 9: muro de um resort na praia de Trancoso (Bahia).



Fonte: foto registrada pelo próprio autor, 2017.

Figura 10: Fita, com CPG.



Fonte: foto enviada pelo Whatsapp do Xarpi.

A última piXação é a de uma foto tirada em Porto Seguro, na região próximo ao cais das balsas, no centro dessa cidade. Conhecida por ser a “costa do descobrimento”, Porto Seguro traz poucas piXações, e se mostra como um lugar que, para além de um coração rasurado pela letra “A”, que parece cruzar como símbolo da cultura anárquica, acabou manifestando uma afirmação também em meu “coração” de pesquisador: mesmo que em alguma cidade brasileira não exista piXadores, existirá piXações.

Figura 11: Centro de Porto Seguro (Bahia).



Fonte: foto registrada pelo próprio autor, 2017.

Assim como essas imagens, pode-se dizer que não precisa ter uma identidade piXadora como a do Xarpi *do Rio*¹⁴ ou o piXo *de Sampa*¹⁵, para o fenômeno da piXação brotar nos muros da cidade. Ouso dizer que qualquer grafia exposta em alguma superfície urbana, marcada de forma sem forma - embolada, esbodegada, de caligrafia “feia”, siglas que não sabemos bem se são siglas (...), enfim, aquilo que olho e, mesmo que eu possa ler, não consigo compreender e, por isso, primeiramente, se torna um enigma, pois acaba que, quando tento revelar, aparece como um segredo relevado para ser outra coisa, o “aquilo” apenas entendido na existência da disposição de não querer entender em uma única definição -, provavelmente, é uma piXação.

Tal afirmação me remete a Frantz Fanon (1968), filósofo e psiquiatra que citarei bastante durante todo o texto, sobretudo quando seus pensamentos levam a comentários como, por exemplo, o “*sangue no ar*” (FANON, 1968, p. 52) causado pelas realizações coloniais, pois quando ele traz os momentos de colapsos sociais no livro “Os Condenados da Terra”, realiza uma importante troca envolta da admissão da capacidade revolucionária do povo, está presente na vida coletiva. Os versos nas composições musicais do Funk Carioca, tal como o refrão “*Mais não me bate doutor/ Porque eu sou de batalha/ Eu acho que o senhor tá cometendo uma falha/ Se dançamos funk é porque somos funkeiros/ Da favela carioca flamenguistas brasileiros*”, da dupla Cidinho e Doca, cantada de forma fidalga (como sempre) por Cidinho General¹⁶, retratam esse povo, dando como exemplo o morador de favela no Rio de Janeiro: o trabalhador que é tratado como bandido, apenas por apreciar a cultura funk. Mais à frente, falarei dessa ideia do bandido, através de Fanon. Por agora, o foco estará no “apreciar” de algo que torna o sujeito bandido. Meu trabalho afina-se na conjuntura de quem realiza o Xarpi, algo que, apenas na apreciação, torna o sujeito bandido, pois piXação é crime, e apreciar piXação seria “apologia” a algo fora da lei. Mas, como estou provocando, piXação também é enigma presente a partir do drama da mentalidade moderna, está divulgadora da ideia onde tudo precisa ter a certeza e a convicção do que é, e por isso, penso que a exaltação do indecifrável evidencia características presentes na admissão revolucionária e conflituosa da vida coletiva, vide Fanon.

Quase como se fosse uma regra, quem não está próximo desse universo de vida coletiva, cria um “vão” entre os fenômenos admitidos nessa relação, versus as certezas sobre

¹⁴ Expressão ditas em ideias de gíria, para localizar algo ou alguém da cidade do Rio de Janeiro.

¹⁵ Expressão ditas em ideias de gíria, para localizar algo ou alguém da cidade de São Paulo.

¹⁶ “Não me bate doutor”, do álbum “Rap das Armas”, de Cidinho e Doca (2008).

eles; situação que coloca o corpo disposto nessa posição coletiva como uma espécie de “ímã enigmático da violência”, instante que, segundo Gustavo Coelho, desarmadura e fica “*forte porque frágil e por isso*” se torna “*bom condutor de sensações.*”. (COELHO, 2016, p. 103). O dito “vão” se dá entre “aquilo”/ “algo”, e a razão que se pretende ter desse “aquilo”/ “algo”.

O bom. O ruim. O bonito. O feio. O apreciado. O depreciado. O certo. O errado. Uma razão julgadora e problemática que pode também ser pensada em Fanon, quando ele problematiza a “verdade”.

O problema da verdade deve também reter a nossa atenção. No seio do povo a verdade sempre pertence aos nacionais. Nenhuma verdade absoluta, nenhum discurso sobre a transparência da alma pode esboroar esta posição. A mentira da situação colonial o colonizado responde com uma mentira igual. (FANON, 1968, p. 37-38).

É verdade que, em apenas um muro na cidade do Rio de Janeiro, existem várias grafias que não deveriam estar ali. Mas é verdade também que não soubemos (até agora), de ninguém que apanhou por ter colocado “Só Jesus expulsa os demônios das pessoas”, ou algo do tipo. (COELHO, 2016). O único que é penalizado, dentro da oficialidade de lei ou não, por marcar/ sujar muros alheios, é o piXador, já que, quando isso aconteceu com grafiteiros, eles teriam sido confundidos com piXadores (mais a frente, falarei um pouco mais do caso). O que quero dizer neste instante é que em apenas um muro, como na imagem a seguir, presenciamos grafites, propagandas, dentre outras ações gráficas que podem ser lidas e/ou apreciadas. Mas o único que recebe o julgamento, em uma lei imposta, é a piXação, possivelmente por não ter uma definição prevista no aceito, no comum.

Figura 12: Praça dos Estudantes, em Campo Grande (Zona Oeste, Rio de Janeiro – RJ)



Fonte: O autor, 2017.

Tal olhar sobre a verdade em Fanon me remete ao contexto do filme “*The Truman Show*” (1998), distribuído no Brasil como “*O Show de Truman: O Show da Vida*”. Estrelado pelo ator Jim Carrey, que faz o papel de Truman Burbank o personagem principal da trama fictícia que retrata a vida do próprio Truman, um homem de menos de 40 (quarenta) anos de idade, que vive na ilha de Seaheaven, um lugar de realidade simulada, projetada em um programa de televisão transmitido mundialmente 24 horas, todos os dias. Dias perfeitos de uma vida perfeita, Truman é a única pessoa que não sabe dessa realidade simulada, ou seja, toda sua vida é baseada na verdade criada pelo diretor e criador do projeto, chamado Christof, interpretado pelo ator Ed Harris.

Toda a verdade do enredo do filme é baseado no personagem Christof. Todos da cidade são atores comandados por ele, durante toda a vida de Truman. Nessa relação entre pessoas de Seaheaven e Truman, algumas pessoas e acontecimentos são primordiais para a continuidade dessa verdade. Primeiro, a família, através de sua mãe e seu pai, pessoa que esteve em um acidente de barco com Truman, quando ele era criança, e acabou desaparecendo, o que criou no principal sujeito de Seaheaven uma *talassofobia*, uma psicose pavorosa com o mar. Por que? Como já disse, Seaheaven é uma ilha, logo, se Truman tentasse sair dessa ilha, seria impedido por fobia roteirizada. Outras duas pessoas são importantes no enredo de Truman. Seu amigo de infância Marlon, que na verdade fora de Seaheaven é o ator Louis Coltrane (Noah Emmerich) e Meryl, a mulher com quem Truman casou-se, que (também) fora da verdade de Seaheaven, é a atriz Hannah Gill (Laura Linney). Esses dois personagens seguem o sentido de “para sempre” ao lado de Truman.

Marlon age como uma espécie de filtro, que acolhe Truman, para separar o que deve ser feito do que não se deve ser feito, mas não para o Truman, e sim para Christof, o diretor colonizador. Marlon é o conselheiro de Truman, pois acolhe suas angustias e, depois de ouvi-las, redireciona as mesmas, transformando-as em consentimentos: “*Eu sou seu melhor amigo desde que tínhamos 7 anos Truman. Só passamos pela escola ajudando uma ao outro nas provas. A cada resposta, estávamos certos juntos, ou errados juntos. Você se recusa a acreditar. Você procura respostas em outro lugar. Mas, o caso, é que eu pararia o trânsito por você Truman, e a última coisa que eu faria, seria mentir pra você. Pense nisso. Se os outros fazem parte disso, eu teria que fazer também.*”, disse Marlon, em uma das cenas de diálogo com esse filtro.

Já Meryl age como uma espécie de gravidade, pois, quando Truman voa em seus sonhos, de sair de qualquer lugar comum, para chegar ao incomum, o imprevisível explanado

anteriormente, ela o puxa para o chão. *“Olha Truman, o dia mais felizes de nossas vidas.”*, disse Meryl para Truman, apontando para uma foto do casamento deles, depois do momento de aflição entre “o casal”, que fez ela dizer *“Você fala como um adolescente.”*. Mesmo assim, Truman a responde: *“Mas eu me sinto um adolescente.”*.

Logo no início do filme, Truman já é revelado como o principal sujeito de Seaheaven, através dos depoimentos de Meryl, Marlon e (claro), do dono da verdade, Christof. *“Minha vida é o Show de Truman. É um estilo de vida. É uma vida nobre. É uma vida abençoada.”*, depõe Hannah Gill, exibindo satisfação total com a ideia de seu chefe Christof. *“Tudo é real. Nada que você vê nesse show é falso. Só é controlado.”*, diz o ator Louis Coltrane, defendendo a lógica desse tipo de show de televisão, conhecido como “reality show”, visto que ele explica o aporte para a tal “realidade”: o controle. O dominador desse controle, Christof, explica o universo do Show de Truman: *“Embora o mundo que ele habita seja em alguns aspectos artificiais, não tem nada de artificial com o Truman. Sem textos. Sem colas. Não é um Shakespeare, mas é original. É uma vida.”*.

O Show de Truman gira em torno da perfeição de seu criador, que se preocupa com uma verdade entre os homens, a partir de um mundo mentiroso criado por ele mesmo. O perfeito desse mundo acontece em variadas formas. As propagandas de produtos que fazem esse mundo girar pode ser um exemplo da resiliência perfeita. Utensílios para o lar ou as drogas usadas por essa população como cerveja, se fixam nas mudanças das relações sociais e movimentos de Truman. Mas Truman, que, sem saber, faz o papel dele mesmo, e não mostra interesse com a verdade resiliente do seu criador; o que ele parece mostrar, durante todo o enredo do filme, é um forte desejo pela imprevisibilidade. Ele mostra isso logo em suas primeiras frases: *“Você vai até o topo da montanha, mesmo com a perna quebrada. [...] Se eu morrer antes de chegar no topo, você vai me usar como uma fonte alternativa de comida. [...] Gosta de uma carninha? Gosta de uma carninha... é, das macias.”*. Falando sozinho, ou melhor, de frente para uma câmera que ele não faz ideia de que está ali, Truman chega ao ponto de colocar em cheque a sua sanidade, onde prefere ser devorado, ao que me parece, para ser sentido, logo sentir a sensação de ser. Enquanto fala sozinho, Truman é interrompido por sua esposa, que o chama, dizendo: *“Truman, você vai se atrasar!”*. O tardar está para o ponto de vista da ordem de Christof, o “manda chuva” de todos em Seaheaven que, diferente desses, o criador desse perfeito lugar não tem sobrenome, em outras palavras, ele não parece ter nem passado e nem futuro, pois é o direcionador, o Deus, o dono da grande novela colonial.

Vida perfeita, no território perfeito, com as pessoas perfeitas, de felicidade e tragédias perfeitas, até Truman conhecer alguém imperfeito: a atriz Lauren Garland, que na verdade é a personagem Sylvia (Natascha McElhone). A mulher que fez Truman sonhar com Fiji, e mesmo sem saber que fica “do outro lado do mundo” (na Oceania), acaba gerando um amadurecimento de sua angustia que preza, não se sabe como, tão pouco o porquê, a liberdade de sair do mundo perfeito. Momento do filme que entra outros personagens envolvidos com a colonização de Truman, os *telespectadores do Show de Truman*, ou melhor, do “Show do Mundo de Christof”, que tem como personagem principal, Truman. “*Por que não seguiu ela até Fiji? Por que teve que se casar com Meryl?*”, indaga uma telespectadora/ uma colonizada. “*Nós aceitamos a realidade do mundo que nos é dado.*”, disse Christof. Mas será isso mesmo? Para manter Truman como Truman, ou seja, para dar continuidade a seu show, é preciso que Christof deixe Truman confuso, e aliená-lo na direção do mundo do seu mundo. E o que acontece com os conflitos causados por esta confusão? O que acontece com, por exemplo, momentos angustiantes, desnorteadores das bússolas colonizadoras? O que acontece com Truman, quando enfrenta as causas de seu medo, de seus traumas, como a *talassofobia*?

O colonizador diz: “*Eu dei a Truman a chance de uma vida normal. [...] Seaheaven é como mundo deveria ser.*”. Mas no mesmo momento ele também diz: “*Ele pode sair quando quiser. Se tivesse mais que uma mera ambição, e tivesse realmente determinado em descobrir a verdade, não teríamos como impedi-lo.*”. No fim do filme, Truman enfrenta seus temores coloniais, fazendo com que o colonizador perca sua realidade verdadeiramente perfeita, mostrando que toda vontade do colonizado que possa incomodar o colono, poderá trazer grandes ambições, sobretudo, rompedora das colônias. “*Você tem medo, e por isso, não pode sair. Tudo bem Truman, eu entendo. Eu presenciei você a vida toda. Não pode sair Truman. Seu lugar é aqui, comigo.*”, insiste Christof nas lógicas de seu show colonial como uma “*Experiência positiva para Truman e os telespectadores*”. Entretanto, o diretor, criador, Deus, acabou sendo provocado, pois Truman enfrenta a tempestade no mar, ou seja, rompe com a *talassofobia*, e faz o céu se abrir, provocando a luz do colono, que surge com uma voz, que diz, como se fosse Deus: “*Sou criador do show de televisão que dá esperança, alegria e inspiração a milhões.*”. E Truman pergunta para o “criador”: “*Então, quem sou eu?*”. E o criador responde: “*Você é a estrela.*”. Sim, Truman é. Aliás, é a única no universo de Seaheaven. Truman é o sol de Seanheaven, lugar sem sol e sem lua. Truman é o sol do mundo de seu criador, Christof. E sem o sol, a terra não vive. E sem o sol de Seaheaven, única coisa real deste mundo, ela desaparece, pois seu criador não se ilumina mais. Ainda na sua razão, a luz colonial diz: “*Não existe mais verdade lá fora, do que no mundo que eu criei pra você.*”

Mentiras. Decepção. No meu mundo, você nada tem a temer. Eu te conheço melhor do que você mesmo.”. Mas Truman responde: “*Não puseram uma câmera dentro da minha cabeça!*”. Truman continua, e diz: “*Caso não veja vocês, boa tarde, boa noite e durmam bem.*”. Depois disso, Truman faz uma reverência em frente às câmeras que nunca enxergou, para agradecer ao público, ou seja, aos outros colonizados, e sai do mundo de seu maior colonizador: seu criador. E todos que apoiaram esse mundo perfeito, do colono, os já ditos colonizados, ou melhor, os telespectadores, vibram com a decisão de Truman.

Realizo toda essa leitura com o simpático e abalador filme, na intenção de provocar uma verdade vista no universo piXador, que nos deixa como os espectadores do universo do mesmo, ignorando, ou simplesmente sendo coniventes com os colonizadores dos muitos “Show de Truman nosso de cada dia”. É verdade que a piXação é mais criminosa do que o maior desastre ambiental do Brasil, que destruiu a bacia do Rio Doce¹⁷, deixando mortos, devido a um acidente com a barragem de uma mineradora, a Samarco, em novembro de 2015¹⁸. É verdade que nenhuma pessoa da Samarco foi presa, e piXadores como **Goma**, **GG**, **Maru** e **Freak**, da mesma Minas Gerais, foram presos¹⁹ acusados de crime ambiental, dentre outras penitências, por, supostamente, terem piXado espaços públicos. **Goma** foi o mais prejudicado, ficou mais de 6 (seis) meses na prisão, situação histórica na piXação, pois, poucas vezes, alguém tinha ficado tanto tempo preso, por ter piXado²⁰. Os governantes das cidades envolvidas por estas prisões dos piXadores mineiros se livraram de seus crimes, junto

¹⁷ Matéria com o nome “Rio Doce continua imerso na lama um ano após desastre da Samarco”. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ciencia-e-meio-ambiente/blog-do-planeta/noticia/2016/11/rio-doce-continua-imerso-na-lama-um-ano-apos-desastre-da-samarco.html>>. Acesso em: 30 de jul. 2017.

¹⁸ Mais informações disponíveis na matéria “Maior desastre ambiental do Brasil: Tragédia de Mariana deixou 19 mortos”, através do link <<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/major-desastre-ambiental-do-brasil-tragedia-de-mariana-deixou-19-mortos-20208009>>. Acesso em: 30 de jul. 2017.

¹⁹ Informações disponíveis na matéria “Polícia prende preventivamente mais um pichador com atuação na Grande BH”, através do link <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/05/03/interna_gerais,758748/policia-prende-preventivamente-mais-um-pichador-com-atuacao-na-grande.shtml>. Acessado em: 30 de jul. 2017.

²⁰ Entrevista de Goma, após a prisão. Disponível no link <https://www.vice.com/pt_br/article/d77gix/goma-entrevista-2017>. Acessado em: 30 de jul. 2017.

com a empresa causadora do nítido desastre ambiental, pois ninguém foi responsabilizado, tão pouco penalizados, pela tragédia de Mariana²¹.

Figura 13: Igreja de São Francisco de Assis piXada por Maru.



Fonte: *printscreen* Youtube – “Restauradores iniciam limpeza de pichação na Igrejinha da Pampulha” (2016).

Figura 14: Mariana (Minas Gerais).



Fonte: GOVERNO, 2017. Foto retirada do Correio Brasiliense (2017)²².

²¹ Mais informações na matéria “Justiça suspende obrigação de Samarco, Vale e BHP depositarem R\$ 1,2 bi”. Disponível no link <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2017/01/28/justica-suspende-obrigacao-de-samarco-vale-e-bhp-depositarem-r-12-bi/>>. Acessado em: 30 de julho 2017.

²² Matéria completa disponível no link: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2017/02/28/interna-brasil,577073/governo-omite-desastre-ambiental-em-mariana-em-informe-para-onu.shtml>. Acessado em 1 dez. 2017.

Essa é a verdade do colono, a que busca exterminar e/ ou até alucinar em uma “cortina de fumaça”²³ de danos maiores do que a de um spray de pimenta, onde realizações complexas como a piXação, fenômeno que se alimenta do conflito fantasiador de seu desaparecimento, pois, quanto mais ela aparecer, mais almejos para seu desaparecimento surgirá; momento de aparecimento de quem faz ela aparecer. O invocar desse assunto, o do momento piXador, me obriga a trazer uma “mordida” do que aprendi no campo, através da fala de **Pato**, um Xarpi que acompanhei durante a jornada desta pesquisa. Expresso como “pedaço” porque mais a frente, **Pato**, e qualquer outro Xarpi que citarei durante esse primeiro momento e em todo o restante do texto, irão aparecer de forma mais profunda, através de um estudo de caso, não apenas de piXadores no mundo, mas para qualquer pessoa que almeja a possibilidade de ser.

Voltando ao **Pato**, Xarpi que comentou sobre o momento de seu aparecimento piXador, ao tentar explicar sua presença Xarpi, nas lembranças da construção de sua piXação, acaba conversando sobre os pontos enigmáticos de tal presença, explicando que não sabe muito bem como a realização da prática piXadora surgiu em sua vida, e ainda diz que qualquer piXador não sabe como a prática surge em sua vida. Ele ainda explica que essa força enigmática que toma o corpo piXador é fomentada pelo risco de vida, já que quem se sujeita a realizar uma piXação, pode acabar morrendo:

- Minha primeira piXação foi em 2007, com 14 anos. Eu escrevi meu nome mesmo. Achei uma sensação do caralho. Eu não sabia o que muito bem, mas tinha gostado. Mesmo assim, fiz de brincadeira, só naquele momento. Fiz outras vezes com meu nome mesmo. Em 2012, nasceu a dupla “Psico” e “Pata”. Era amigo de turma do Xarpi **Psico**, na escola. Daí, inventamos o “**Pata**” pra ser meu nome na piXação. Formou a dupla: “**PsicoPata**”! **Pato** surgiu em 2015, com o fim dessa união, porque esse meu amigo parou de piXar, e nessa, coloquei o “o” no final, no lugar do “a”, porque achava **Pata** estranho. Mas mano, *papo reto*²⁴, mesmo com isso tudo. Mesmo que eu tenha jogado minha primeira tinta em um muro em 2007. Mesmo que eu tenha piXado em 2012, como dupla (**Psico** e **Pata**). Mesmo com minhas piXações solo entre 2013 e 2014, com o nome **Pata**. Mesmo que tenha mudado para **Pato** em 2015.

(...)

A piXação é um universo desconhecido até mesmo para nós, piXadores. Não tem padrão e é infinita. Não tem como ela acabar, assim como outras coisas. A piXação também não é arte, porque sabemos que é crime, e gostamos que ela seja crime. Gostamos porque se você der um *rolé*²⁵, aliás, se você der seu primeiro *rolé* como piXador, pode acabar morrendo. Mas se você sobreviver, vai ter histórias pra contar. PiXação é coisa séria! Cultura junto do risco de vida. Todo mundo que se arrisca na

²³ Gíria que quer dizer despistar, confundir, mas ainda deixando um sentimento de desconfiança.

²⁴ Gíria para conversa sincera, sem mentiras e omissões.

²⁵ Andar pelos lugares com conforto, sem compromisso de responsabilidades que levam a questões alheias.

*pista*²⁶ em troca de um nome na parede, de uma história pra contar, independente do horário, pode correr risco de morrer, seja caindo de um prédio, de uma passarela, ou algo do tipo acidental, e até com um tiro, que sai de uma arma, já que, vagabundo na pista, mata mesmo. (Xarpi **Pato**, em entrevista em Madureira, na madrugada da cidade do Rio de Janeiro, em abril de 2017).

A posição de **Pato** sobre a ideia de ser Xarpi me remete, novamente, a verdade em Fanon, quando ele provoca o mundo sistemático racional colonial, dizendo que:

O comportamento é franco com os nacionais, crispado e ilegível com os colonos. Autêntico é tudo aquilo que precipita o desmoronamento do regime colonial, que favorece a emergência da nação. Autêntico é o que protege os indígenas e arruína os estrangeiros. No contexto colonial não há conduta de verdade. E o bem é simplesmente o que prejudica o colono. (FANON, 1968, p. 37-38).

O ser **Pato**, ou “o ser” qualquer piXação/ Xarpi, fenômeno formado no “garatujar” de letramento autêntico que, quanto maior a execução, mais risco de vida acontece, concomitante com a elevação dessa autenticidade, anula a ideia associativa grafocêntrica, afim de se tornar algo: uma língua crispada e ilegível para os colonos e para os colaboradores de suas lógicas. E se ser piXador/ Xarpi é ter a inconstância da presença do risco de morte, proporcionado pela imersão no pronunciado “vão”, que desconsidera a harmonia da certeza, em troca do favorecimento para uma espécie de outro homem, aquele que usa seu próprio letramento para mostrar quem é, onde a linguagem torna-se seu próprio corpo, logo, cada piXação/ Xarpi seria a apresentação de um corpo, disposto a trazer a desqualificação da linguagem que os anulam, atraindo outras formas de letramento, que não cabem em sentidos fixos, rompendo com os sentidos grafocêntricos, autorizados pela gama colonial.

Como irei tentar esboçar durante todo o texto, o piXador/ Xarpi, carrega o peso de ser uma “mira natural” do ato julgador, já que, para acontecer, atrelado a prática, surge o desejo de sua morte, pois sua vida é capaz de desmistificar a verdade colonial. Práticas como a piXação, estas que, como, talvez, poderia dizer Frantz Fanon, se formam na relação do Estado e seu convite para o povo sentir o desejo de aniquilação, sentimento que contrapõe a ilegitimidade existente nas perpetuações do ato de colonizar, que faz o que quiser com o colonizado, ao cria formas “*psicológicas que podem alienar seus semelhantes*”. (FANON, 2008, p. 81). Essa intenção de acabar com o “tudo”, em troca de receber o “nada”, é chamado por Fanon (1968) de descolonização:

A descolonização, que se propõe mudar a ordem do mundo é, como se vê, um programa de desordem absoluta. Mas não pode ser o resultado de uma operação mágica, de uma agitação natural ou de um entendimento amigável. A descolonização, como se sabe, é um processo histórico, isto é, não pode ser

²⁶ A rua, o lugar livre para ser pego, mas também para escapar.

compreendida e não encontra a sua inteligibilidade, não se torna transparente para si mesma senão na exata medida em que se faz discernível o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo. (FANON, 1968, p. 26).

Através de “um ritmo próprio”, provocador de uma “nova linguagem”, que não recebe legitimidade de ninguém, nem mesmo de quem se dispõe a esta nova linguagem, a descolonização seria aquela disposição de uma ação preparada para violentar e receber violência. Uma ação desenfreada, pois, de alguma maneira, enfrenta a posição do “intermediário”, aquele que “*leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado*”, quando “*não mitiga a opressão*”, através da “*boa consciência das forças da ordem*”. (FANON, 1968, p. 28).

Voltando ao Show de Truman, a descolonização do personagem principal se deu em alguns momentos, principalmente quando ele entra na passagem de saída de Seaheaven. Para Truman, isso não foi nada fácil. Todo o mundo de Seaheaven e fora dele, o mundo dos telespectadores, em muitos momentos, eram contra a possibilidade de saída de Truman da visão do colonizador. Logo na primeira explanação dos personagens telespectadores, vista no filme, por exemplo, mostra a insatisfação de querer ver cada vez mais o ritmo colonial sofrido por Truman, o que aumenta a razão da existência de criar uma verdade a capricho alheio. Isso fica nítido na cena de sexo sem o sexo, quando os telespectadores dizem algo do tipo: “*Eles nunca mostram nada. E não dá pra ver nada.*”. Eles têm a visão da prisão colonial da vida de Truman. O acompanham 24 horas, dia após dia, mas, mesmo assim, eles querem que o diretor mostre mais. Mas, os mesmos telespectadores, assim como Truman, também provocam: “*Tiraram ela, mas não apagaram a memória.*”, quando se lembrava de Lauren/ Sylvia, ou, quem sabe, a descolonização.

O “erro” do colonizador está no domínio de sua razão como absoluta, pois, quando esta é vista em falhas, e o colonizado percebe as imperfeições que giram em seu redor, e o que ele pode adquirir com isso, através de uma realização intrínseca, admitida em alguma ação externa, o céu pode se abrir, e a zombaria referenciada pode acontecer. E quanto maior for o erro do colonizado, maiores serão as possibilidades do reverenciar debochado sobre o colono. “- *Oi*”, e Truman se apaixona, fora do roteiro do colonizador, por Lauren, que é Sylvia, que o deixa com esperanças. Eles se encontram. Ela é proibida pra ele. Mas Truman insiste em falar com ela, sem contrariá-la, pois ela o leva para um lugar, almejando um momento de “ser” fora das câmeras (pelo menos um pouco). Mas esse pouco é muito na vida de quem não teve nada para realmente almejar, e o primeiro beijo de verdade, na vida de Truman, acontece. Um beijo, o primeiro ato de descolonização de Truman, que o faz querer

mais: “*Você já sentiu Marlon, que sua vida esta sendo controlada?*”. A resposta de Marlon: “*Olha o por do sol Truman, é perfeito.*”. Truman ironiza, por não querer desconversar, dizendo: “*É, obra do criador.*”. E Marlon diz: “*E ele sabe pintar.*”. “*Vou sair por um tempo.*”. Finaliza Truman.

Para tentar se relacionar com tal questão, sigo nas leituras de Fanon e seu conceito de descolonização. Mas antes de trazer novamente essa complexidade, quero conversar sobre tal temática, a partir de um Xarpi que avistei na Tijuca (bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro), em um prédio que fica em frente ao Colégio Militar do Rio de Janeiro, instituição que apresenta uma rotina de guarnição armada do Exército 24 horas, todos os dias, que naquele momento, poderia ligar para as autoridades cabíveis, e denunciar o crime piXador, já que o ato pareceu ter ficado bem em vista para as possíveis guardas dessa instituição²⁷. Não sei quem é esse Xarpi. Mas o que mais me chamou atenção não foi esse enigma, mas sim a pergunta, seguida da escrita: “*Rodei?*”. Como toda “boa piXação”, ela foi feita entre o momento do “O que será que irão pensar de mim?”, para o “Vou fazer porque quero.”. Mas, além da troca do cuidado, de respostas cuidadosas, para a priorização de sobressaltos, a desordem na presença do conforto, o Xarpi, localizado no prédio da Avenida Paula Sousa, parece mostrar que, todo e qualquer Xarpi, parece apresentar o dito escárnio apontado em Fanon, pois o perigo de “rodar”, gíria que significa ser pego em um ato que deve ser mantido oculto, talvez, tenha sido expresso pelo Xarpi, porque sua presença seria impossível naquele lugar. A altura e a falta de suporte para subir na marquise. O arame farpado. A localização em frente a uma instituição do Exército. A polícia passar. Enfim, são muitas as possibilidades que poderiam causar dúvidas na execução piXadora ocorrida.

²⁷ Mesmo lembrando que, pelo regimento, o guarda do Exército não pode agir em hipótese alguma, salvo se o território militar fosse alvejado, invadido, vilipendiado. Podem matar na esquina ou em frente ao quartel que eles não têm autorização para intervir. Entretanto, alguém de lá poderia telefonar pra polícia. Enfim, a região ali continha elementos de riscos diferenciados e complexos.

Figura 15: Xarpi na Tijuca.



Fonte: O autor, 2017.

O escárnio dito por Fanon (1968) parece se mostrar naquele momento que deveria ser de dúvida, mas, antes de ser dúvida, acontece, ou melhor, se deseja e faz:

No período de descolonização, apela-se para a razão dos colonizados. Propõem-se-lhes valores seguros, explica-se-lhes abundantemente que a descolonização não deve significar regressão, que deve apoiar-se em valores experimentados, sólidos, bem considerados. Mas sucede que quando um colonizado ouve um discurso sobre a cultura ocidental, puxa pelo seu sabre ou pelo menos assegura-se de que ele está ao alcance da sua mão. A violência com que se afirmou a supremacia dos valores brancos, a agressividade que impregnou o confronto vitorioso desses valores com os modos de vida ou de pensamento dos colonizados, fazem com que, por uma justa inversão das coisas, o colonizado os escarneça quando se evocam na sua presença esses valores. No contexto colonial, o colono não se detém no seu trabalho de desancar com violência o colonizado, mesmo quando este último reconheceu em voz alta e inteligível a supremacia dos valores brancos. No período de descolonização, a massa colonizada escarnece desses mesmos valores, insulta-os, vomita-os com todas as suas forças. (FANON, 1968, p. 32).

Esta apelação “*para a razão dos colonizados*”, os que fazem “*uma justa inversão das coisas*”, através do escárnio, “*quando se evocam na sua presença esses valores*”, ou seja, mesmo sabendo que o piXador pode ser morto, ele piXa, logo, o momento da prática piXadora, porque não, é a realização de uma atitude descolonizada, pois, ao piXar, “*insultaos, vomita-os com todas as suas forças.*”. O agir com escárnio parece ser uma característica do Xarpi, este que, mesmo sendo admirador de uma pessoa que recebeu homenagem em forma de estátua, marca a mesma.

Agora, provoco esse momento com mais uma narrativa do campo, quando o Xarpi **Cuka** conta sobre um de seus piXos mais provocadores, sobretudo, a meu ver, por trazer a conflitante e dual opositora zona, criada perante a “*iluminada*”, “*asfaltada*”, “*sólida*”, “*toda de pedra e ferro*”, “*farta*”, “*cheia de coisas boas*”, “*de brancos e estrangeiros*”, “*cidade do colono*” (FANON, 1968, p. 28–29). Cidade com ausência de sujeira, mantedora de suas estátuas limpas, em troca da anulação das atitudes que bebem da fonte descolonização. A polêmica piXação de **Cuka** causou constrangimento (sentimento que voltarei a analisar), sobretudo, para a população negra, pois o alvo do Xarpi foi o *Monumento Zumbi dos Palmares*, em novembro de 2013²⁸. Sim, em novembro, mês do feriado de Zumbi dos Palmares, herói brasileiro que foi tratado, mesmo depois de morto, como bandido. Mas por que piXar a cabeça de um herói? O que será que se passa nessa vontade de piXar o rosto estatuado de Zumbi dos Palmares?

- Sei quem foi sim. Zumbi foi um cara revolucionário, da época da escravização. E o que acontece, eu fico até assim né, tipo, “PiXe o Zumbi, um cara responsa né?!”. Mas minha intenção foi apenas a de piXar, não rodar, e sair nos jornais. E tive êxito, porque saí na televisão. Se piXar em outra época do ano, não saí. *Daí*, dia 19, cheguei lá pra piXar, com a finalidade de sair na mídia e não rodar. Porque lá sempre tem festa, no dia 20 de novembro.

Mas não tenho nada contra Zumbi. Admiro ele. Minha finalidade era sair na mídia. Assim como o camarada da suástica, que, *pra* variar, é negro. (Xarpi **Cuka**, em entrevista em Olaria, na madrugada da cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017).

²⁸ Matéria sobre tal ato criminoso, em texto de título “Monumento de Zumbi dos Palmares é pichado no Rio”. Disponível em: <<http://www.etc.com.br/noticias/brasil/galeria/videos/2013/11/monumento-a-zumbi-dos-palmares-e-pichado-no-rio>>. Acesso em 12 de out. 2017.

Figura 16: Cuka na cabeça de Zumbi.



Fonte: site da Empresa Brasil de Comunicação (EBC).

É violento pensar em qualquer marca - principalmente alguma que represente tanto o racismo, como uma suástica - em qualquer representação de Zumbi, ou de qualquer outra representação que favoreça a nós, mulheres e homens negros/as. Mas essa violência, causadora de constrangimento, também expõe a angústia criada por fenômenos coloniais, como a base racista de viver em uma cidade francamente genocida, que, também mostra, nesse tipo escárnio, o atropelo de qualquer desdém colonial. Em outras palavras, a cidade do colono tem a cara de Zumbi limpa, perfeita e harmônica. Já a cabeça piXada, seria a cidade do colonizado, aquela, como disse Aimé Césaire no “Caderno de retorno para o país”, citado por Fanon, em “Pele Negra, Máscaras Brancas”:

(...) cidade achatada, espaiada, trôpega pela falta de bom senso, inerte, sufocada sob o fardo geométrico de cruzeiros eternamente presentes, desassossegada diante do destino, muda, contrariada de todas as maneiras possíveis, incapaz de prosperar com

o sumo da terra, perplexa, podada, reduzida, carente de fauna e de flora. (CESAIRE apud FANON, 2008, p. 31).

Fanon realiza uma reflexão sobre essa lógica da metrópole, o lugar do colono, o lugar que, quando o antilhano passa por lá e retorna para sua “terra natal”, volta europeu: “*Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva.*” (FANON, 2008, p. 34). A tal selva seria o lugar do colonizado, o considerado como selvagem, o “indígena”, o “negro”, o de lugar de “má fama”, a “cidade do colonizado”, onde se nasce e morre em qualquer lugar, e mostra a fome por pão, carne, sapato, carvão, luz e o que mais existir, ou for capaz de formar qualquer proporção do sentido de existência. (FANON, 1968, p. 29).

No Rio de Janeiro, o ser carioca, que é o ser brasileiro, é fundado nesse sentido de “ser da cidade”. Segundo Abdias Nascimento, um desses fundamentos está contido nas ideias do termo “Democracia Racial”, que seria, para ele:

(...) determinada relação concreta na dinâmica da sociedade brasileira: que pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas. (NASCIMENTO, 1978, p. 41).

Segundo Abdias, a “*democracia racial*” é uma das “*ilusões colonialistas*”, que é vista apenas no Brasil (NASCIMENTO, 1978, p. 43). Em outras palavras, a “*democracia racial*” é característica originária da cidade do colono brasileiro, oferecida para o colonizado brasileiro, situação fomentadora do “*mito do ‘africano livre’*”, aqueles que fizeram (e ainda fazem, porque não), a guerra em favor dos brancos, estes que prometiam a tal liberdade, se sobrevivessem a tal guerra. (NASCIMENTO, 1978, p. 65–66). A ideia de “africano livre” de Abdias, acredito, poderia ser vista como aquele que seria um dos primeiros habitantes da cidade do colonizado brasileiro, este protagonista da “*mancha negra*” que precisava ser embranquecida, para realizar a formação de uma civilização “limpa”, contempladora da racionalização do ser branco, este que cria os “*produtos de sangue misto*” - o mulato, o pardo, o moreno, etc. (NASCIMENTO, 1978, p. 69). Esse desdém instaurado na institucionalidade brasileira se dá, segundo Abdias, através de uma ferramenta genocida, de apoio (aparentemente) de todos, inclusive da Igreja Católica, que considerava o negro como “*um sangue infectado*”. (NASCIMENTO, 1978, p. 70). Esse embranquecimento brasileiro genocida racial de cor se perdura, pois, todo seu processo acontece, sobretudo, no âmbito cultural, capaz de “perdoar” o estupro de mulheres indígenas e africanas, uma das maneiras estratégicas que foi romantizada pelas lógicas enaltecidas das “virtudes” dessa

miscigenação. Para Abdias, a "*democracia racial*" concede aos negros apenas um "*privilégio*": "*aquele de se tornarem brancos, por dentro e por fora*". (NASCIMENTO, 1978, p. 93–94).

É importante dizer que esta pesquisa encerra a crítica desse feito de embranquecer do "jeitinho brasileiro" por aqui. Outros e outras fizeram; outros e outras farão críticas maiores a esse esquema racista da democracia racial. Aqui, o que me interessa é pensar a existência da piXação pela eclosão do jovem periférico, estes habitantes de áreas populares (favelas, subúrbios e outras ocupações e loteamentos), ou melhor, o povo, o da vida coletiva, aqueles que sofrem cotidianas violências. É nesse sentido que passo a pensar o Xarpi em uma hipótese: **a maioria de seus praticantes é de jovens negros e/ ou não brancos, do sexo masculino, estes corpos presentes no topo das estatísticas de violência mortal**, como o dado de homicídios que já citei, em nota de rodapé, ao falar do genocídio brasileiro. Crio essa hipótese para formular uma questão: **será que a prática racista anti negros, e a violência que troca jovens espancados e/ ou mortos por muros limpos, se posicionam, em algum momento, no mesmo lugar?**

O movimento sócio-político-cultural de branqueidade, aquela atitude exigida na relação do sentido de ser, dentro das aceitações, negações e de conflitos preparados para a formação do racismo anti negros, fenômeno que traumatiza, mas ainda tem sua existência tratada de forma duvidosa. Esse dubitável sentimento passa a se tornar determinação, quando uma presença intelectual que não enxergar o ocidental como epicentro, passa a expor as vacilantes ideias que anulam o racismo, através de denúncias sobre as lógicas hegemônicas euro-americanas, estas de trajetórias burguesas, cheias de luzes, esclarecedoras constantes das realizações coloniais, em virtudes dos poucos pontos colonizadores, para outros muitos corpos colonizados, especialmente na mira de certos corpos, que sofrem mais com esses mecanismos da colônia. Como disse o politólogo camaronês Achille Mbembe, de maneira contraditória, o ocidental se serve "*do ser e da sua manifestação no seu ser primeiro ou, ainda, no seu próprio espelho*". (MBEMBE, 2014, p. 9). E quem seria esse "ser primeiro" e/ ou o reflexo de "espelho"? O homem branco.

O reflexo do primeiro, mesmo que este seja negro, será branco, pois o mundo dirá que, para ser, o outro deve sempre se parecer com o branco. Segundo Mbembe, a consolidação do "ser primeiro" acontece durante três ápices históricos:

- No roubo de corpos de homens e mulheres originários de África pelo tráfico atlântico, principalmente no período entre o século XV e XIX;
- Com o acesso à escrita, no final do século XVIII;

- Na égide do liberalismo e do crescimento da economia financeira, proporcionadores do complexo militar pós-imperial e das tecnologias eletrônicas e digitais, advindas do processo de globalização do mercado e da privatização do século XX.

Esse “*vertiginoso conjunto*” surge na ideia de “*devir-negro do mundo*”: fenômeno que consolida a necessidade de repensar sempre a colonização na contemporaneidade. (MBEMBE, 2014, p. 12–18). Segundo Mbembe, o homem e a mulher de epiderme escura carregaria o sentimento do “*ninguém*”, porque “*nem aqueles que o inventaram nem os que foram englobados nesse nome – desejaria ser (...) ou, na prática, ser tratado como tal.*”; o “*que vemos quando nada se vê (...) sobretudo quando nada queremos compreender*”, pois é realizador da “*exuberância irracional que tem abalado o próprio sistema racional.*” (MBEMBE, 2014, p. 11). Mbembe explica que os corpos negros são os que sofrem os traumas por terem suas existências tratadas em dúvidas criadoras de suas subalternizações.

No livro “*Pode o Subalterno Falar?*” (2010), na sua parte IV, a indiana Gayatri Chakravorty Spivak realiza uma questão: “*O que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno?*”. (SPIVAK, 2010, p. 110). Essa pergunta é uma das provocações necessárias para pensar o constrangimento colonial do racismo anti-negro, porque, para existir a necessidade de homens e mulheres, da pele não branca, serem parecidos/ as e/ ou agradáveis aos caprichos da branqueidade, no intuito de sobreviverem ao mundo, é algo emergencial à ser refletido. Pensar essa pergunta de Spivak, a meu ver, é pensar no genocídio, especialmente o racista, este presente na premissa de extermínio vista em casos como o que ocorreu no ano de 2016, na implicação entre o universo Xarpi, e a violência sobre corpos de jovens negros, quando 3 (três) grafiteiros foram torturados por apoios, aqueles seguranças particulares vistos frequentemente nas ruas dos centros, nas residências de logradouros centrais, e não centrais, dentre outras zonas comerciais (ou não) dos bairros e das cidades brasileiras. As vítimas são negras (ou pelo menos não parecem brancas²⁹), e foram “confundidas” com piXadores, no Centro da cidade do Rio de Janeiro³⁰.

²⁹ Situação ocorrida em janeiro de 2016. Matéria com o título “*Vídeo mostra agressão a jovens no Centro do Rio*”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/01/video-mostra-agressao-jovens-no-centro-do-rio.html>>. Acesso em: 21 set. 2016.

³⁰ Matéria sobre o caso no Repórter Brasil (TV Brasil), de título: “*Jovens confundidos com pichadores são espancados por seguranças no centro*”. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterio/episodio/jovens-confundidos-com-pichadores-sao-espancados-por-seguranças-no-centro>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

Figura 17: printscreen dos grafiteiros espancados no Centro da cidade do Rio de Janeiro.



Fonte: TV UOL.

Percebo que nesse caso dos grafiteiros confundidos com Xarpi, aconteceu uma ação que operou prioritariamente pelo julgo, onde os jovens foram enquadrados na ação, digamos, homicida, através do padrão moralista do “justiceiro”, que frequentemente é visto nas cidades, sobretudo nos casos da circulação de certa exposição dessa “justiça”. A seguir, pensarei sobre essa “justiça”, já abrindo um leque de possibilidades sobre a violência racial, já iniciada de maneira breve, como o leitor já deve ter percebido.

Tendo como translado do que quero dizer, lembro-me de setembro de 2014, quando os meios de comunicação empresariados, as redes sociais, dentre outros canais informativos, noticiaram o ataque sofrido por um jovem negro, que foi espancado, amarrado em um poste, posto nu, no bairro do Flamengo (Rio de Janeiro, capital), depois de se tornar suspeito de um roubo de celular³¹. A ação que feriu, humilhou, evidenciou as múltiplas facetas do extermínio sobre o corpo desse jovem negro, que poderia até ter sido um ladrão, mas não mereceria ser

³¹ Matéria sobre o caso no jornal Extra, com o título “Adolescente atacado por grupo de ‘justiceiros’ é preso a um poste por uma trava de bicicleta, no Flamengo”. Disponível em <<https://extra.globo.com/noticias/rio/adolescente-atacado-por-grupo-de-justiceiros-presos-um-poste-por-uma-trava-de-bicicleta-no-flamengo-11485258.html>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

tratado como se o objeto celular fosse mais precioso do que a sua vida. Essa instância genocida faz presença também no contexto de piXadores de todo o país, o julgo, aparentemente, ocorre após a racionalização do sentido, algo que pode justificar o tratar com o sentimento de extermínio a transgressão, racionalidades outras, em síntese, as atividades não padronizadas.

Assim que assisti esse vídeo dos grafiteiros confundidos com piXadores, acabei achando alguns outros, dentro desse teor do espírito justiceiro. “**Foram pichar a casa dos outros... O dono pegou**” é um desses vídeos, de atrocidade humilhante, desconsideradora de um sobre o outro, ou seja, do dono da propriedade sobre o piXador. Os supostos donos da propriedade fizeram com que os piXadores pintassem um ao outro, na parte da cabeça (crânio e rosto) e nas nádegas, antes de os ameaçarem de morte, caso encontrassem esses sujeitos piXando novamente³². Outro vídeo, o “**Eu não devo pichar a casa dos outros**”, mostra uma situação que me causa muita curiosidade, diante do interesse deste trabalho pesquisador. Em um momento do vídeo³³, quando os agressores pintam os rostos dos 3 piXadores, com as próprias tintas dos piXadores, e um desses “justiceiros” diz: “*Gostou de ficar assim? Fala assim 'Fiquei negão.'*”. A tinta era preta, e esse material é exibido amplamente pela internet, junto a divulgação da estagnação do tratamento da cidade sobre práticas enigmáticas, como a piXação, na referência da capital do Rio de Janeiro, logo, o Xarpi, fenômeno visto como uma espécie de “coisa nenhuma”, ou até mesmo, na verdade colonial, como algo perigosamente mortal.

Figura 18: imagem de jovem agredido, com a cara pintada.



Fonte: printscreen do Youtube – “Eu não devo pichar a casa dos outros” (2015).

³² Parte da violência de pintar as nádegas esta entre 1 min. e 20 segs. e 1 min. e 45 segs. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P_64s-RQhTI>. Acessado em: 29 de jul. 2017.

³³ A partir de 20segs. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CwZywQG0tJo>>. Acessado em: 29 de jul. 2017.

A ideia do “justiceiro”, dominador dessa violência contra os piXadores, é a mesma transmitida em um documentário chamado “*Conexão Repórter: Os Justiceiro*”, apresentado pelo jornalista Roberto Cabrini, em um canal de televisão aberta, no dia 5 de julho de 2015³⁴. Por 4 meses, Cabrini acompanhou um grupo “patrulhador” da madrugada, “justiceiros” que, cotidianamente, durante a noite, procuram pessoas que julgam ser perigosas por algum motivo, iniciativa de pretexto para vingar e combater uma lógica de insegurança e impunidade social. Impositores e formadores de seus próprios códigos moralistas, através de iniciativas vistas como algo à margem da lei, já que sair por aí agredindo fisicamente as pessoas “suspeitas”, é um crime supostamente aceito pela sociedade, “(...) *um fenômeno em crescimento, que ameaça o mundo dos homens civilizados.*” (Cabrini, em 6’13” - 6’18”).

O grupo foi apresentado por 4 jovens homens, com nomes fictícios. Balboa, 30 anos; Doca, 29 anos; Ticano, 27 anos; Bradock, 25 anos. Vendedores e comerciantes que, na noite, saem pelos bairros cariocas de Botafogo e do Flamengo, para fiscalizar pessoas, buscando armas intocadas, ou algum outro tipo de ameaça, onde a iluminação estiver ruim. A iniciativa desse grupo acontece há dois anos, até, respectivamente, o ano de 2017, sempre fermentada por uma “ideologia” transmissora de repugnância para certos comportamento e corpos. Isso é visto em um momento do vídeo, quando divulgam cartazes racistas, generalizando filhos de gente preta como assassinos, pois o desenho mostra uma mulher negra tentando defender o filho, apontando para um policial, que a acusa de “defender” um “assassino”. O divulgador desse cartaz, defensor da redução da maior idade penal, ainda diz algo com referência ao jovem negro espancado, amarrado e posto nu: “*Eu ando aqui deixando uma mensagem um pouco mais clara, justamente para evitar que os menos infratores parem no poste. É melhor que estejam em uma instituição.*” (entre 10’49” – 11’08”).

Esse grupo assume a autoria do crime racista, e ainda considera a atitude válida, em um argumento ainda de base racista, criminalizando a favela como um lugar de assassinos. “*O que a gente fez de tão monstruoso? A gente não matou o moleque! (...) As pessoas tem que entender isso. (...) Se a gente pensar muito na opinião dos outros, não vamos fazer nada.*” (entre 11’20” – 12’42”).

³⁴ Documentário completo em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9GM8m-EGQ74>>. Acessado em: 30 de jul. 2017.

Figura 19: imagem do jovem amarrado pelo pescoço.



Fonte: imagem retirada do site Correio 24 horas (2014)³⁵.

Mas o “*Tá ligada que a gente nunca esculacha*³⁶ (...)” dito para uma moradora de rua no vídeo (14’07”) é contraditório, quando gargalos são quebrados, momento da iniciativa julgadora dos “justiceiros”, mais do que evidenciarem seus propósitos colonizadores, ao realizar suas ações violentas sobre corpos que apenas são. Após estacionar o carro na Lapa, Centro da capital, próximo do bairro do Flamengo, o músico e compositor Pipa Vieira foi abordado por 5 (cinco) homens, que chegaram espancando-o, e proferindo-o dizeres racistas. O caso aconteceu no dia 11 de julho de 2017, e a justificativa entendida por Pipa foi a de que ele estaria portando um cigarro de maconha, e que ali era um lugar de família³⁷.

Independente do lugar piXador, o que parece ser comum nessas situações, é o tratamento violento sobre as energias que escapam da dimensão voluntária e cognitiva das consciências conservadoras, logo, cria também uma conjuntura de vitrine, realizada por indivíduos que apenas criticam as atuações não capturáveis como algo mínimo; insuficiência sensível aparentemente vista também entre o meio científico/ acadêmico, produtor de desinteresse pelo entendimento da existência das posições atuantes de forma impermeável aos sistemas racionais modernos. Homi Bhabha (2010) explica que quem opera dessa maneira reducionista, estereotipada, carrega um método do “caminho da cura”, através do aperfeiçoamento eliminador da ambivalência presente nas práticas cotidianas, estas de

³⁵ Segue o link do site: < <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/policia-identifica-quatro-suspeitos-de-amarrarem-garoto-de-15-anos-em-poste-no-rio/>>. Acessado em: 30 de jul. 2017.

³⁶ Esculhambar, desmoralizar.

³⁷ Informações divulgadas no Instagram do músico. Seque as informações e o link disponível em: <http://www.thepicta.com/media/1561198470155795895_1821364447>. Acessado em: 30 de jul. 2017.

“reação teórica e política que desafia os modos deterministas ou funcionalistas de conceber a relação entre o discurso e a política”. (BHABHA, 2010, p. 106).

O Estado, dentro de seu aparato, inclusive técnico/ científico/ acadêmico, trata como positivas algumas práticas que marcam os muros da cidade, concomitante com o combate sobre outras, de significância desajustada, na presença do que é “bem apreciado” habitualmente. Na cidade de São Paulo, em janeiro de 2017, o prefeito João Doria criou um projeto para "embelezar" o distrito, fechando um acordo com o Sindicato dos Taxistas de São Paulo, na intenção dos mesmos acionarem a Guarda Civil Metropolitana, quando presenciarem algum piXador atuando. Não se mostra de forma objetiva o que existiu de troca entre a prefeitura e esse sindicato. Mas o que se pode perceber é que junto a esse projeto, foi criada uma multa de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) para quem for detido piXando³⁸.

O Rio de Janeiro e sua capital também trazem projetos fomentadores de uma aparência deslumbrante. O *Instituto Eixo Rio*³⁹, junto a prefeitura, no ano de 2013, realizou iniciativas de publicidade por uma “cidade maravilhosa”, com uma curadoria de atividades artísticas e/ ou de conservação, através de ações criadoras de uma espécie de distanciamento entre o grafite (como ordem) e a piXação (como desordem). Sim, o Xarpi/ piXação é diferente do grafite. O primeiro é atrativo apenas para o/ a piXador (a), ou então para quem se interessa por este universo. O segundo, aparentemente, no Rio de Janeiro, é uma forma mais aceita, não para respostas possíveis, mas, talvez, por seu “design”, suas cores e formatos, que trazem possibilidades de tolerância e certa admissão com a arte e o mercado cultural. Explano essa tentativa de distanciamento, na intenção de problematizar projetos expositores de ideias “matizadoras” dos lugares públicos considerados como “cinzas”, sobretudo, para revitalizar o turismo das cidades, e inventar na máquina estatal um discurso expositor do privilégio de um “excursionismo colorido” da “diversidade aceitável”. O “paraíso do grafite”/ “*Graffiti*

³⁸ Matéria completa, com o título "Doria propõe multa de R\$ 5 mil a pichadores e põe taxista para denunciar". Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,doria-poe-taxista-para-denunciar-pichadores,70001644904>>. Acessado em: 29 de jul. 2017.

³⁹ O Instituto Eixo Rio é um grupo que teve a pretensão de ser a principal plataforma de projetos culturais, e também ser o principal lugar de desenvolvimento comportamental de jovens talentos na cidade do Rio de Janeiro. Ainda sobre o discurso do Instituto Eixo Rio, eles acreditam serem “vozes das ruas”, tendo o foco em duas plataformas: a *GaleRio* – grafítis espalhados pelos muros da linha 2 do metrô; e a *Referência de Sucesso* – programa de *mentoring* (tutoria, mentor, “apadrinhamento”) financiado pelo “poder público”, com o intuito de desenvolver jovens que estão cursando a graduação ou algum curso técnico, “preferencialmente oriundos das camadas populares...”. O grupo ainda contribuiu com a construção da “primeira” galeria municipal de arte urbana do Rio. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/primeira-galeria-municipal-de-arte-urbana-do-rio-abre-as-portas-16459172>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

Paradise”⁴⁰, que se omite sobre as violências presentes na realidade da vida de quem se dispõe a marcar alguma superfície (muro, parede, etc.), em feitiços ditos como “incolor”, pois não teria certa significância cativante.

Isso pode ser visto na legislação formada nessa relação entre Instituto Eixo Rio e prefeitura, com o decreto *GrafiteRio*, de 2014, que dá critérios e diretrizes normativos para as intervenções de grafiteiros (as), liberando postes, colunas, muros, pistas de skate e tapumes de obras para a tal realização, visto que, ao mesmo tempo, proíbe a “grafitagem” em muros que são considerados patrimônios históricos, viadutos, fachadas de imóveis públicos e tombados. No decreto também é percebido uma espécie de “curadoria da rua”, julgando sobre que tipo de forma, quê traço/ risco/ desenho deve ser feito, uma espécie de provedor do “quem está fazendo”, em síntese, um “tampar o sol com a peneira”, prontamente visto no *Parágrafo único do Artigo 1º* do decreto *GrafiteRio*.

Parágrafo único. O “**PROJETO GRAFITE**” estimulado pelo Poder Público, implementará políticas educacionais e culturais com a finalidade de inibir a prática de pichações que criam no ambiente urbano a poluição visual, transformando os espaços pichados em locais para a prática do grafite como arte urbana, possibilitando a identidade artística e cultural aos seus praticantes.

Ao dizer que tem como alvo apenas a inibição da piXação, sem lembrar do comportamento francamente genocida da cidade com relação aos piXadores, o decreto *GrafiteRio* mostra que não legisla apenas “qual superfície”, mas também mostra ausência na sua pauta legislativa, em relação a assuntos que priorizam a vida. Em nenhum momento o documento mostra como alguém, pego piXando, é tratado. Mesmo com a lei sendo nova, ela não se importa com as brutais lógicas reforçadas pela ideia de que a atitude piXadora pode ser merecedora de linchamento público, ou até mesmo morte, como no caso da ocorrência a seguir, nada agradável para o universo Xarpi. Quando **Nito**, **Sase** e **Caixa** estavam piXando em uma madrugada no Bairro das Neves, na cidade de São Gonçalo, e uns tipos milicianos⁴¹ apareceram, achando que os jovens piXadores estivessem assaltando, aconteceu uma tragédia indiscutível e irremediável. Apesar de terem pego os jovens, os supostos milicianos os liberaram, pois entenderam que estavam apenas piXando. Depois de saírem de lá, outro carro

⁴⁰ Discurso criado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, junto ao Instituto Eixo Rio. Informações na matéria “Decreto do prefeito Eduardo Paes cria normas para grafite na cidade”. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/decreto-do-prefeito-eduardo-paes-cria-normas-para-grafite-na-cidade-1164531>>. Acesso em: 07 out. 2016.

⁴¹ Nesse caso, digo miliciano ser aquele que é apoio (já citado), e se simpatiza com grupos paramilitares, estes que se organizam criminosamente, dominando as favelas (seus comércios, associações deliberativas), com grande agressividade discursiva e instrumental, com armas de fogo e acordo/ parcerias parlamentares.

aparece para os jovens com a intenção de rendê-los novamente. Armados e autoritários, quando viram o veículo e a maneira como era conduzido, o trio de Xarpi fugiu. Disparos de armas de fogo aconteceram. Cada um foi para um lado. Na perseguição, a fuga não foi satisfatória para, **Caixa**, que foi baleado e não resistiu. **Caixa** foi assassinado no dia 16 de fevereiro de 2006⁴². O que o decreto GrafiteRio faria nesse tipo de caso? O que podemos dizer é o que vemos: logo em seu “*Parágrafo único do Artigo 1º*”, a iniciativa explana um olhar formador de distinção, no intuito a-histórico, imagético, moralista e civilizatório entre graffiti e piXação/ Xarpi.

“Hoje”, em 2017, essa discrepância permanece, quando mentem ao dizer que irão “cuidar das pessoas”. A Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro continua promovendo a sua relação com as grafias urbanas, através do *Rio Big Walls*, iniciativa que tem apoio de empresas privadas, com o objetivo de realizar um projeto que grafitará 20 (vinte) escolas municipais, no objetivo de tornar a escola mais “viva” e “alegre”⁴³, através da transformação da fachada desses equipamentos em grandes painéis artísticos visuais. Pelo menos foi assim a explicação na inauguração do primeiro painel/ grafite feito. Batizado de “Contos”, a ação foi feita por uma jovem que poderá (ou não) bater o recorde do Guinness Book, como o maior grafite feito por uma mulher⁴⁴. Colorismo e glamour de subjetividades artísticas patrocinadas pelo Estado e suas relações com o setor privado a parte, a prefeitura do Rio de Janeiro segue construindo uma agenda propositivas sobre os grafismos urbanos, ainda sem se importar com o que acontece na vida de sujeitos que se arriscam com uma tinta nas mãos. Ainda problematizando um pouco mais o Rio Big Walls, já que ele traz um envolvimento da escola pública, não podemos esquecer que todo esse colorido é a última camada da parede onde, antes, vem um sentido com argamassa, concreto e blindagem, já que, na cidade do Rio de Janeiro, a resposta do prefeito para uma jovem assassinada com um tiro dentro da escola,

⁴² Informações contidas em “CAIXA por trás da fama”. Informações contidas em um antigo blog de Nuno DV, no link <<http://nunodv.blogspot.com.br/2007/12/caixa-por-trs-da-fama.html>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

⁴³ Fala feita pelo Secretário de Educação, Cesar Benjamin, na matéria “Rio Big Walls inaugura primeiro mural grafitado”, disponível no site <<http://www.rjdiario.com.br/rio-big-walls-inaugura-primeiro-mural-grafitado-em-escolas-do-rio/>>. Acessado em: 29 de jul. 2017.

⁴⁴ Mais informações sobre o Rio Big Wall disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,escola-carioca-ganha-primeiro-grafite-gigante-do-projeto-rio-big-walls,70001848959>>. Acessado em: 29 de jul. 2017.

onde a principal suspeita é o Estado, através da força policial⁴⁵, é que as escolas “em linhas de tiro” serão blindadas.

As lógicas que operam pelo extermínio daquilo que não se enquadra nas morais estabelecidas, eliminam certos sentidos, em favor de um enquadramento benevolente, reproduzido e exibido nas ideias e atividades de muitos projetos sociais. O que está fora desse regime de compreensão projetada, poderá justificar o aniquilamento, o assassinato, a morte de quem não se enquadra. Dar tiro, porrada, barradas de ferro nas pernas para “aprender”. A lógica do “*Trabalhando o dia todo, seu arrombado! Tu acha que a gente é o quê, comédia?*”, gritada por um dos agressores dos três jovens (negros), os “supostos” piXadores que estavam fazendo um grafite no Centro do Rio, em 2016.

O negro é corpo essencial para a engrenagem moderna, o livre de sobressaltos, pois “*abraça a sua condição de sujeito solúvel e descartável para responder à injunção que lhe é constantemente feita – torna-se o outro.*”. (MBEMBE, 2014, p. 15). Interessado pelo o que acontece no constrangimento realizado pela construção do “outro”, este que não mostra a linguagem adequada para as gamas coloniais, tenho debruçado meu pensamento sobre o racismo com os piXadores.

Não quero aqui colocar a piXação como um “não crime”, mas sim provocar a falta de uma discussão sobre esse fenômeno diferenciada dentro da máquina da prefeitura. Se preocupar com a relação estética gráfica das paredes urbanas, é preciso. Mas amadurecer a empatia sobre os praticantes dessas grafias, sobretudo, os que correm risco de vida, por estarem com uma lata de *jet spray* em mão, acredito eu, é emergente. Seja no período Instituto Eixo Rio, com o novo Rio Big Walls, ou qualquer outra iniciativa das grafias urbanas, a agenda para problematizar a questão corpórea e genocida que acontece na realidade de quem pratica a criminosa ação piXadora, ainda é muito rasa. Infelizmente, ele, o Estado, não o faz, e em substituição “amenizadora”, onde se diz “fazer o que pode”, realizando atos civilizatórios, em outras palavras, troca o caos pelo sentido do “paraíso”, de significação artística, empresarial e/ ou lucrativa de “Cidade Maravilhosa”/ “*Paradise City*”/ “Big Walls”. Comumente, ousa dizer que a piXação/ Xarpi é tratado como “caso de polícia”, em fundamentos que nos levam a posicionamentos da existente (mesmo sem oficialidade) “pena capital”, realizada em nosso cotidiano, também fomentada pelo Estado, este que é reivindicador e monopolizador do uso da força física (WEBER, 1967). O resultado? A

⁴⁵ Notícia sobre o caso de uma menina baleada, dentro de uma escola municipal. Disponível em <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2017/06/26/internas_polbraeco.605104/policial-e-indiciado-pela-morte-de-estudante-dentro-de-escola-no-rio.shtml>. Acessado em: 29 de jul. 2017.

omissão da prefeitura sobre as juventudes atravessadas por estas práticas marginalizadas, seja a piXação, ou algo que possa ser confundido com piXação, mostra que quem faz parte desse universo que se alimenta da transgressão, corre o risco de engordar, ainda mais, o índice de homicídios (já citado no subcapítulo 1.2).

A cidade piXada do colonizado, de prefeitura estagnada, em favor dos interesses já existente, sobre como o Estado (e o povo) deve enxergar os piXadores, sujeitos criadores de “poluição visual”, pois não oferecem “*identidade artística e cultura*”, realizam decretos que deixam passar questionamentos sobre o que seria arte e o que seria cultura. Também se ausenta de debates que mostram uma escuta com a rua, lugar dos piXadores. Não mostram uma tentativa de escuta realizadora para alguma leitura empática pois, os governantes, aliados dos empresários, não medem esforços para transmitirem ideias afinadas ao capital turístico, reforçador de certos paisagismos da cidade, e diminuidor, ou até anulador, de outros lugares, através de uma dualidade entre belo, colorido, de “gente do bem”, diferente do feio, sujo, sem informação/ compreensão para os estrangeiros de outros países e da própria cidade. Enfim, lógicas que não enxergam a dualidade, e acabam prejudicando a reflexão sobre a cidade, que é vista, por esse ponto, apenas por um mapa.

1.4 A paisagem como o corpo da cidade.

Nos “cartões postais”, a cidade do Rio de Janeiro é apresentada através da paisagem diversificada, com belezas naturais, favelas, sabedoria carioca e malandragem das ruas. Uma “utopia romântica” que revela desejos de viver o e no maravilhoso. O Xarpi se envolve nessa relação de imagem estética paisagística, de maneira brumada, adjetivo abstrato capaz de identificar ocultações das desigualdades sócios espaciais melindrosas, contidas, por exemplo, na distribuição de bens (equipamentos e serviços públicos), entre os diferentes bairros e regiões do espaço urbano, que colocam em ameaça a lógica do viver no “maravilhoso”.

Para o geógrafo Jorge Luiz Barbosa (2012), esta situação cria antissímbolos que se afrontam com os símbolos, e revelam conflitos dados nas diferenças socioculturais e econômicas:

Os morros, planícies, manguezais e margens de rios e lagoas habitados pelas comunidades populares, ganharam historicamente significados muito distintos dos atribuídos à cidade maravilhosa. Eles representam uma paisagem a ser negada, algo que macula o culto ao maravilhoso da paisagem carioca. Os signos da natureza estilizada e os lugares da sociedade desigual se encontram e se afrontam: são símbolos e antissímbolos, em duelo na paisagem urbana, revelando distinções de ordem sociocultural e econômica. (BARBOSA, 2012, p. 31).

Quem mora em um lugar de significados paisagísticos estéticos como a Zona Sul, por exemplo, é beneficiado e assistido em detrimento das demais regiões da cidade, ou seja, cria um dualismo Zona Sul x “o resto do Rio”. O fato de pessoas de toda parte da cidade frequentarem as praias da Zona Sul, traz desconforto aos moradores deste local, que, muitas das vezes, acabam criminalizando estes sujeitos. Quando se problematiza a vida Xarpi nestas redes partidas e em conexões, que se “abraçam” e se “combatem” ao mesmo tempo, presentes em espaços antagônicos da paisagem, pode-se dizer que esse fenômeno é um antissímbolo que se movimenta como simbólico.

Barbosa (2012) também problematiza a paisagem como a epiderme da cidade:

A paisagem é a epiderme da cidade. Percebemos a vida urbana através do seu manto. Mesmo que suas perspectivas sejam enganosas e que todas as suas faces visíveis escondam outras faces, indesejáveis. A paisagem é a ‘pele’ da cidade e traduz o chão das vidas do nosso cotidiano. Nela, são expressões nossos sonhos e medos, nossos segredos e destellos, nossas esperanças e nossos dramas. Assim, plena de vida, a paisagem é a experiência concreta do viver com o outro, mesmo que as suas regras sejam absurdas. Por isso, a ‘pele’ exprime a diversidade e a pluralidade de nosso “estar no mundo”. (BARBOSA, 2012, p. 32).

Quando oferece essa leitura da vida urbana, que tenciona a paisagem na existência de desejos e desinteresse, entendendo que a ação de envernizar, de cobrir com um manto, a ideia de ocultar algum tanto na relação com o outro, Barbosa mostra uma manifestação da pluralidade que parece se dizer reconhecedora do diverso, mas ainda não o aceita. Mas a ideia da paisagem como “pele” da cidade trazida pelo geógrafo, parece deixar escapar, ou até mesmo ignorar os sonhos, medos, segredos, esperanças, ou qualquer drama e felicidade da variação do estar no mundo, que poderia (talvez) ser mais bem vista se a paisagem fosse considerada como o “corpo” da cidade. Agora, seguirei na metáfora da ação piXadora como uma espécie de atividade tatuadora da cidade, para permitir a ideia do *corpo-paisagem*, conceito acolhedor dos ambientes, dos “desenhos”, dos atos poéticos estilizados, representativos na intencionalidade de indivíduos e/ ou grupos que se “apropriam” dos espaços da cidade.

Quando se faz uma tatuagem, se tatua a pele, que é, digamos, a armadura natural do corpo. Marcar a pele se dá, em primeira instância, como registro de maneira intencional, seja por necessidade individual ou coletiva. Para pensar sobre isso, trago o livro “*Teorias da Tatuagem – Corpo Tatuado: Uma análise da loja Stoppa Tattoo da Pedra*”, resultado da pesquisa de doutoramento em Comunicação e Semiótica, feita por Célia Maria Antonacci

Ramos, que elabora um pensamento acerca da escrita tatuadora como uma das primeiras manifestações do espaço e do tempo cultural.

Ramos (2001) comenta que:

Descobertas recentes de paleontólogos atestam a presença de inscrições gravadas nos corpos já em períodos muito antigos. Victoria Lautman registra, em seu livro *The New tattoo*, que em 1991 um caçador descobriu na Similaun Glacier, nos Alpes Italianos, um cadáver de cinco mil e trezentos anos com inscrições tatuadas nas costas e na parte traseira dos joelhos. Assinala também a autora a descoberta de múmias egípcias de sexo feminino com linhas e pontos tatuados no corpo e um círculo salientando o abdome. (RAMOS, 2001, p. 26–27).

Seja em alguma tribo, etnia ou grupo social. Seja da Ásia, África, Oceania, Europa, América. Manter o corpo sem marcas é algo que, culturalmente, se posiciona, ou pode ser posicionado, como uma não existência. Mais à frente, Ramos explica que essa diversidade de lugares, seja por motivos estéticos, físicos ou espirituais, mostra que marcar a pele com algum material, seja lá qual for, ou por qual/ quais motivo(s) for(em), exibem um partilhar em comum: o interesse na percepção corporal. No jogo dos divergentes discursos sobre tatuagem, sejam aqueles de narrativas proibitivas, de procedimento torturante, da ideia de escrita e/ ou de desenho exclusivista, marcar o corpo, “*assim como os livros*” (já disse Jorge Luiz Borges) é se impregnar do passado. (RAMOS, 2001, p. 56).

“(Re)tratado” em “*idealizações, deformações, esquematizações*”, com “*vestimenta ou nu*”, seja “*desenhado*” por pintores ou “*entalhados*” por “*escultores*”, o corpo, antes, no ocidente, era apenas um “(pre) texto”, um “*estímulo*”, e não uma “*mensagem*”. Os desenhos e qualquer forma sobre o corpo eram realizados fora dele. (RAMOS, 2001, p. 57). Na modernidade, esse retrato é feito no corpo, quando, por exemplo, é tocado pela tatuagem. Fica inscrito e transformado. Muda. Sofre metamorfose. Passa do “sem marca” para o “com a marca”; ou do “marcado” para o “mais marcado”. Transmigra, porque se apropria de maneira definitiva. Apropriação vestida no corpo, tanto como castigo, para se afastar, discriminar, negar algo, quanto para ser traje, hábito, modelo, marca étnica. Tatuagem é, de alguma forma, marcar uma identificação, de maneira positiva ou negativa, através do toque. O bater com algum instrumento pontiagudo, como agulhas ou similares (ossos, varas, *tapas*), usados em muitos e diferentes rituais, dentro de propósitos e aceitações variadas. Hoje, “*registramos o retorno dessa prática tanto como exclusão étnica sociocultural, como nos campos nazistas, quanto como agregação ou individualização ornamentação*.”. (RAMOS, 2001, p. 85).

A partir dessa noção básica sobre tatuagem ou tatuador, volto a comentar sobre a pele: lugar único da tatuagem, é o que veste e reveste, percorre e penetra, todo o corpo. “*Enrubescemos de vergonha e suamos de medo e emoção. Arrepiamo-nos de frio, mas de*

comoção também.” (RAMOS, 2001, p. 91). A pele mantém ligado os órgãos, e dá a fronteira entre o dentro e o fora. Esconde e mostra, através de uma ambivalência que se evidencia como liso e áspero, enxergado de maneira próxima ou distante, em partes causadoras de prazeres ou aflições, com sabores amargos ou doces, causadora de amor e/ou ódio. Flexível e elástica, a maleabilidade envelhece no decorrer do tempo. Mesmo no esforço para não chorar ou suar, seja por raiva, felicidade, nervosismo, ou algum outro sentimento, a pele revela a comunicação de alguma emoção significativa através umidade, “*somos traídos pelos melindres e expressões de nossa pele.*” (RAMOS, 2001, p. 91).

A gravação na pele vai além da escrita, que é efêmera, pois pode ser apagada. Afirmando isso, ao pensar que o remoto está no ato de “gravar” na pele, que acontece antes da marca ser “eternizada”, em uma preservação desse eterno, através da memória. É a memória que torna a tatuagem irrevogavelmente infinda, mesmo quando é apagada. Ramos (2001) explica algo do tipo, dizendo que:

O tatuador rompe os tecidos da pele e introduz a tinta na epiderme, camada mais profunda da pele, ou seja, dentro do corpo. Com efeito, com a tatuagem a memória habita em nós. O corpo é um suporte vivo, comprometido com as transformações biológicas e principalmente com as imposições culturais. (RAMOS, 2001, p. 92).

Trocar “a marca” por “uma cicatriz”. Trocar “uma marca” pela “a cicatriz”. Independentemente do tipo de artigo gramatical usado para falar sobre ela, melhor dizendo, seja com “uma” ou “a”, a palavra “marca” continua sendo invocada. Ela é lembrada, e não fica esquecida. Mesmo que se transforme em algo que já foi. Mesmo que seja passada por cima com outra marca. Mesmo que seja “rasurada”. Mesmo que seja “limpa” impecavelmente, sem deixar nenhum rastro. Para sempre o “Mesmo que...”, pois o dono ou a dona da pele não se esquecerá da existência anterior de algo ali. A pele, eternamente, sofre intervenções através dos códigos culturais. É com eles que, fatalmente, a tatuagem reforça sua única característica eterna, a memória: marca que acontece antes do marcar.

Retornando ao assunto do corpo, “*escultura viva*” de pele/ “*armadura*”, esta que “*subscreeve-se-tensiona e murcha*”, uma espécie de “vir a ser” aquilo que “já foi”, exhibe características perceptivelmente acordado por certo composto, engloba o sensível, da cultura, do erotismo, da inconsistência, do carinho, do doloroso, em síntese, o sentir presente no tempo e espaço. O corpo como “*uma constante construção cultural, sujeito às leis e fantasias da cultura em que se vive.*” (RAMOS, 2001, p. 92-93).

Para trocar mais sobre o corpo, lembro-me de Canevacci (2008), em “*Fetichismos Visuais – Corpos Eróticos e Metrópole Comunicacional*”, quando, inspirado no filme “*Tokyo Decadence*” (1992), de Ryu Murakami, escreveu:

A metrópole luminosa é condição para cada olhar. O corpo nu é observado somente quando está inserido entre as janelas de um arranha-céu. É esse corpo-metrópole a ser excitado. Agora o corpo se inclina, como para oferecer-se por trás ao olhar-metrópole. No contracampo do interior, vê-se que é uma jovem mulher com um par de minúsculas calcinhas. Com um rosto perdido, terno, tímido, como submisso ou vencido. Enquanto ele – o homem na penumbra, grande e ameaçador com óculos escuros – lhe dá ordens secas. Deve lentamente retirar as peças íntimas, inclinándose e se oferecendo, desta maneira, ao corpo-metrópole que está do lado de fora. Metrópole sexuada que, com o passar do tempo, se incendeia de luzes. (CANEVACCI, 2008, p. 17).

“Tokyo Decadence”⁴⁶ fala do usufruto intenso da relação sexual, em certa variável intimista e prazerosa, envolvendo desejos, frustrações, voyeurismo e sadomasoquismo, principais adjetivos dos personagens no contexto do filme. A trama é vivida em Tóquio (Japão), protagonizada por uma prostituta chamada *Ai*, que vive situações inusitadas e arriscadas, a partir dos desejos sexuais de seus variados clientes, inclusive, dentre eles, mafiosos. No filme, *Ai* se torna prostituta após ter usado crack, mas a crítica nos leva para outra relação. Murakami tem um foco: a Japão moderna, conflitante com a Japão milenar, de tradição. O roteiro é sobre o que acontece com os sentidos ocultos, quando, após ser “ignorado”, surge como “desvio”. No caso da respectiva história, os “desvios” do comportamento sexual, digamos, o sentir, que leva “*os homens ao sadomasoquismo*”, como diz uma das personagens prostituta (sem nome), faz a principal parte contextual do filme.

Interpreto a ideia de Murakami como uma crítica sobre a conscientização, o “incendiar-se de luzes” dito por Canevacci, na citação anterior, quando ele parece trazer uma leitura sobre a contemplação da racionalidade da personagem *Ai*. Depois de se dispor com o corpo às exigências de uma Tóquio progressiva, moderna, contínua, universal, *Ai* passa por momentos do conscientizar, onde ela corre o risco de “pegar fogo”, pois ao “se encher de luz”, se “encadear” cada vez mais, ou, melhor dizendo, quanto mais o momento de racionalização acontecer - exigida ou posta socialmente para a obtenção dessas “luzes” -, mais as possibilidades de “auto incineração” poderá acontecer. Em uma das cenas que percebi tal interpretação, *Ai* é contratada por um homem com desejos de tentar “representar” um estupro, ocorrido no Monte Fuji. Depois de mostrar tal ambição para ser um estuprador, o homem ainda fala de sua querência sobre mulheres mortas, momento explanador de um desejo exaltado, a necrofilia. Esse homem não tem seus desejos consumados de forma plena.

Dessa vez, *Ai* não “se enche de luz”, e nega as vontades de tal homem, de aparência “do bem”, “normal” no início, já que momentos antes de tentar estrangular, estuprar e, quem sabe,

⁴⁶ Filme sobre uma jovem japonesa assistente social chamada *Ai* (interpretada pela atriz Miho Nikaido), que entra em imprevisíveis tramas quando passa a viver uma “vida dupla”, após iniciar um trabalho paralelo como prostituta. Distribuído em VHS no Brasil pela produtora America Video, em VHS, no ano de 1992.

até matar a prostituta, seu contratante promoveu um encontro através de um jantar em um restaurante, onde se mostrou uma pessoa tranquila, bem humorada, refinada, degustadora de vinhos, apreciadora de harmonias harpistas. Mas, quando não consegue realizar o desejo que não cabe em tal “normalidade”, o dito em uma de suas falas, o desejo de “... *estuprar uma mulher morta*”, manifestação que ocorre após tentar estrangular Ai, o tal contratante pede o dinheiro de volta. Ai, com medo, e sem contrapor, devolve o dinheiro, e vai embora. Murakami traz um Japão hipócrita, que, ao mesmo tempo se moderniza, se conscientiza. Formadora de uma sociedade de negócios promissores, “evolução” anuladora de “crenças”, estas sem encaixe no pronunciamento de progresso, mostra que a parte obscura dos sentidos existentes, apesar de ocultados, transformam-se em sentimentos “*bisturizados*”. (COELHO, 2016).

Tal reflexão me remete a outro filme, o “*A Serbian Film*” (2010)⁴⁷. Polêmico, proibido no Brasil e em outros lugares do mundo, “*Terror Sem Limites*” (como é nomeado por aqui), é um longa-metragem desagradável pelo tenso estilo incorporado na temática contrassenso, devido às violentas cenas físicas e sexuais. Comentando um pouco mais do filme, como diz Vukmir (um dos personagens principais): “*Não é pornografia, mas a própria vida. É a vida de uma vítima. Amor, arte, sangue. Carne e alma de uma vítima. Transmitido ao vivo para o mundo que perdeu tudo e agora está pagando para observar no conforto de uma poltrona.*”. “*Terror Sem Limites*” é um filme dramatizado sobre a vida de *Milos*, um ex ator pornô sem dinheiro, mas reconhecido na atmosfera da indústria sexual. Após receber uma proposta de valor irrecusável para voltar a gravar cenas de sexo, em uma decisão com e pela sua família, pois ele tem esposa e um filho. Milos aceita e assina o contrato. A produção estaria na promoção de “transformação” da pornografia em “arte”, visto que a parte “ pornô ” não era nada convencional, pois o objetivo da produção teria ações provocadoras de um sentimento de suplício ilimitadamente bárbaro.

Estupro e pedofilia são questões trazidas no filme pelo diretor sérvio Srđan Spasojević⁴⁸, na intenção de chamar a atenção do país sobre as crueldades do contexto da (pós) Guerra Balcânica, que se deu entre a Sérvia, Montenegro, Grécia, Romênia, Turquia e Bulgária, pela posse dos territórios remanescentes do Império Otomano, no início do século XX. Em uma maneira mais atual, moderna, trocando a ideia de um filme histórico por algo

⁴⁷ Distribuído pela produtora Contrafilm (Contra Film).

⁴⁸ “Diretor de ‘A Serbian Film’ diz: ‘Se quer entretenimento, não veja.’.” Disponível em - <<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/cinema/diretor-de-serbian-film-diz-se-quer-entretenimento-nao-veja/n1597101841520.html>>. Acessado em 09 mai. 2017.

que se aproxime mais de nosso cotidiano, no caso, o consumo da pornografia, “Terror Sem Limites” não trata diretamente de tal guerra, mas sim a uma análise direcionada à vida do nacionalista sérvio moderno. Em entrevista ao *IG*, depois do filme ter sido proibido no Brasil, Spasojević disse que “Terror Sem Limites” tem caráter “alegórico e político”, e que a ácida realização desse projeto seria para “*a sociedade e as atrocidades enfrentadas pela Sérvia em sua história recente.*”.

Spasojević ainda comenta que não considera “Terror Sem Limites” como um filme de terror, mas sim um “thriller dramático”. Para ele, as fortes cenas seriam para mostrar uma produção narradora das crueldades ocorridas na Sérvia, sem pensar na bilheteria, público, ou algo do tipo. “*Queríamos mostrar com honestidade sentimentos profundos sobre a nossa região e o mundo em geral. Na vida real, sentimos que nosso dia-a-dia é tratado como pornografia. O personagem do ator pornô é uma metáfora para qualquer trabalhador explorado por seus chefes ou pelos governantes do sistema – cantor, padeiro, seja o que for.*”. O citado diretor continua com seus argumentos, dizendo: “*Não é um documentário e nem quero concorrer a presidente, mas precisava tratar do que sinto ao meu redor e do que vivi, especialmente nos Balcãs, com as guerras na Iugoslávia, o bombardeio da OTAN... Não é nada inspirador para coisas bonitas.*”. O diretor ainda fala do envolvimento de crianças, inclusive na ideia de colocar um recém-nascido estuprado: “*Considero muito, muito importante. É quase como dar um testemunho do que aconteceu comigo. Não fisicamente, mas do quão profundamente os sentimentos humanos podem ser violados - e colocar o público nesses lugares.*”.

Deixando passar muitas coisas sobre a Guerra Balcânica e os sentidos de ser sérvio, peço licença para discutir por aqui a questão do corpo transmitida nesse filme, que, de muitas formas, parece ter algo em comum com o filme citado anteriormente, o “Tokyo Decadence”. Acredito que os dois filmes retratam a hipocrisia da essência de “ser nacionalista”. Moralismos, censuras e contra censuras a parte, “Tokyo Decadence” assistido por Massimo Canevacci (2008) - proibido na Austrália e na Coreia do Sul -, e “Terror Sem Limites” assistido por mim - proibido em mais de 10 (dez) países -, são filmes desafiadores do corpo metrópole, aquele embrenhado com o centro, disposto a se dispor, de acordo com a ideia das cidades, o ser aceito por algum lugar, logo, por algum país. O “um ordena” e o “outro obedece”, visto no decorrer de relações dos citados filmes, assim como é percebido no contexto real vivido por nós, socialmente.

Quanto mais o corpo se liga a esta lógica, mais se revela atitudes plausíveis, por mais absurdo que seja. Desejos irregulares regulados, perversões legitimadas. A exemplo de mais

uma fala do personagem Vukmir, o diretor vilão do tal “filme pornô artístico” a ser filmado durante o enredo do “Terror Sem Limites”, disse: “*Vítima é o que mais vende neste mundo. A vítima sente mais e sofre melhor. Somos uma vítima. Você, eu, toda esta nação é uma vítima. [...] nesse filme, você é o único que não é uma vítima!*”.

Corpo tocado. Corpo escravizado. Corpo vendido. Corpo caprichado a gosto alheio, *sem* a permissão do outro, que sofre, sem necessidade. Corpo caprichado a gosto alheio, *com* a permissão do outro, que sofre, por necessidade. Em síntese, os tratamentos sofridos pelo corpo, lembram-me da relação com a paisagem. Porém, antes de continuar nesse insistente incitamento, é importante dizer que, para a antropologia social - ciência importante no respectivo momento textual -, não existe nada de natural no corpo. Em cada indivíduo, e na sua relação cultural, o corpo é preenchido por sinais e símbolos. Com esse contexto, o corpo não é limitado pela pele, quando está “*transpõe seus limites, ela se liga aos tecidos ‘orgânicos’ da metrópole.*”. (CANIVACCI, 2008, p. 18). Corpo expandido em edifícios, coisas-objetos-mercadorias, imagens, um fetichismo visual, onde tal corpo não é só corporal. (CANIVACCI, 2008).

Então, almejando outro acinte, ousou afirmar: não há nada mais natural na paisagem do que a sombra, está formada por qualquer coisa física de desponte espacial. O primeiro homem a defender a paisagem como algo natural, já desnaturaliza ela, por dentro de conceitos e metodologias, onde este “certo homem”, junto com outros homens, promovem o bulir, os movimentos do tocar, mesmo que somente com o olhar. Empiricamente, basta racionalizar, ver a natureza de uma paisagem como “natureza”, que ela deixa de ser natural, pois já sofreu mudanças interpretativas. De algumas ou muitas formas, quando a paisagem denomina algo junto com outras denominações, ela desenvolve “*(...) o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e a natureza.*”. (SANTOS, 2012, p. 103). Continuando com o geógrafo Milton Santos, para ele, a paisagem é um conjunto de objetos reais-concretos, em uma característica “*transtemporal*”, fora do tempo, junção do passado com o presente, de construção vertical, atravessada. Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, cheias de conteúdos técnicos específicos. Um sistema material criado em momentos históricos diferentes, do passado, coexistente com o agora, “*A paisagem é história congelada, mas participa da história viva.*”. (SANTOS, 2012, p. 107). Ela é apenas uma ideia, apesar de sua concretude material. “*Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão não alcança, é a paisagem (...). Não apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.*”. (SANTOS, 2012, p. 61).

Nesse sentido, a paisagem ou o corpo, quando tocados, nunca são apenas tocados. “*Se só de pensar em matar, já matou*”, como diz Mano Brown na composição “*Jesus Chorou*”⁴⁹. Interpreto essa música como um dominado almejando sair de seu lugar de comandado para, talvez, entrar no estado de dominador. Implicado no imaginário de exterminar o outro que, provavelmente, o domina, ou que poderia dominar, apesar de exaltar o desejo de eliminar a vida do outro, do comandante; essa vontade movimenta o sentir pertencente na lógica de estar e de ser da cidade, onde, muitas das vezes, não torna o dominado um assassino. Um exemplo dessa leitura está na ideia já citada de símbolos e antissímbolos, ou antissímbolos e símbolos, expositor de contendas reconhecidas na pele da cidade, ou seja, na paisagem como corpo, tocado por momentos desordeiros, cheios de códigos culturais. Acredito na ociosa potência dessas combinações sem formatação, realizados nos desejos desprendidos e/ ou nos desprendimentos desejados, diversidade de ser e estar, como oferece, de forma enigmática, a piXação, ou o Xarpi.

Quando não dizem o que são por definição, e, em troca, expõem os variáveis dramas de estar no mundo, os tatuadores/ piXadores oferecem no corpo/ paisagem da cidade, como diz Ramos (2001):

(...) um texto comunicativo gerador, armazenador e transmissor de informações culturais. O corpo encena a gestualidade determinada por cada cultura, e é a gestualidade que estabelece os laços comunicativos entre o sujeito e os núcleos sociais. É, nessa medida, memória cultural. Integrante da rede de conservações, o corpo fala. Suas manifestações gestuais, estéticas ou patológicas são comportamentais e pertencem aos limites da cultura que representa. As interferências no corpo praticadas pela cultura sugerem e pressupõem sempre um tipo de comportamento. Por esse motivo, não podemos mais avaliar um corpo isolado de sua cultura. (RAMOS, 2001, p. 94).

A pele não realiza gestualidade, mas sim o corpo, até mesmo através da pele, quando se umedece por lágrimas ou suores, se eriça por um arrepio diante do resultado da reação com o corpo. A pele não é por si, mas sim pela composição, logo, não é produtora de memória, como o corpo. A marca deixada por uma cicatriz de queiloide, ou a marca recebida após algum tocar agressor, protagoniza no corpo a memória de certa cicatriz; concomitantemente coloca como coadjuvante a pele, que se movimenta a partir do corpo. A paisagem não é permanente, assim como corpo também não é. Mas as memórias da paisagem, assim como o corpo, de alguma maneira, podem ser.

⁴⁹ Música do disco “Nada como um Dia após o Outro Dia” de 2002, lançado pela gravadora Cosa Nostra, e produzido por Zé Gonzales e pelos próprios Racionais MCs: um dos grupos de rap paulista mais relevante e influente do Brasil, que foi fundado no fim dos anos de 1980 por Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue (vocalistas) e KL Jay (DJ) seus principais integrantes.

A cada mudança de tempo e/ ou espaço, a paisagem, o corpo, muda. A paisagem da cidade do Rio de Janeiro, ou como quero dizer, o corpo do Rio de Janeiro, antes mesmo de vir a ser cidade, já se formava. O livro *“Rio antes do Rio”* (SILVA, 2016), por dentro da construção dessa cidade, período de exploradores, conquistadores e moradores nativos, relata sobre essa história, pelo “ponto de vista” dos “vencidos”. O passado “carioca” que ainda iria acontecer, destacado por contendas negadas na sua trajetória, digamos, “oficial”, adquirida pela ideia contempladora da base ocidental, ou seja, privilegia a visão dos colonizadores europeus, e que anula a resistência e lógicas, desenvolvidas e travadas pela vida nativa: habitantes antes mesmo da chegada das grandes navegações, originais do lugar, um tempo depois, chamado de Rio de Janeiro.

Ao provocar a apreciação “oficial” feita pelos “vencedores”, equívocos podem ser problematizados como, por exemplo, no significado da expressão carioca, dado para o povo de toda uma cidade. A ocasião desacertada se dá em uma das tabas/ aldeias indígenas do Brasil, chamada de *Kariauc* ou *Karióc*, e mais tarde escrita como *Karioká*:

Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. Carioca é a alma de um Rio de Janeiro de encantos mil. Carioca da gema é aquele que nasce nas terras da cidade. Carioca é um nome que tem alma própria, que carrega consigo um estilo de vida e uma forma de ser. Carioca é sinônimo de Brasil. Cariocas não gostam de sinal fechado. Um nome querido ostentado com orgulho por toda uma gente. (SILVA, 2016, p. 97).

O autor Rafael Freitas da Silva se lembra do significado de *kariók* (carioca) fundado na história da visão dos navegantes, dos primeiros colonos, dos capitães, dos padres jesuítas, enfim, dos “conquistadores”/ aniquiladores. Rafael Também lembra que Jean de Léry - um dos pesquisadores das terras cariocas, realizador das primeiras leituras sobre a fundação da cidade, que só veio acontecer em 1565 -, mostra uma hipótese sobre o significado de *kariók* diferente, pois a expressão “*‘casa do homem branco’ parece fazer parte inconscientemente de uma concepção mais profunda do Brasil e do Rio, que visa edificar a identidade da cidade e de um povo em uma representação mais portuguesa e europeia do que indígena e nativa.*” (SILVA, 2016, p. 97).

Não concordo com Silva, quando ele diz que “casa do homem branco” foi uma expressão construída de forma inconsciente, pois, como o próprio autor mostra o tempo inteiro, os propósitos estavam postos: “casa do homem branco” denominando o sentido de *kariók*, significa contemplar a fomentação de uma identidade favorecedora das lógicas impostas pelos colonizadores, nesse caso, na representação europeia sobre a população indígena nativa.

A pretensão dos “vencedores” era a de formar a conscientização de um Rio de Janeiro dominado e, porque não, interessado em continuar a hegemonia, no decorrer da “ordem” e do “progresso”. Porém, quando se percebe a etimologia da palavra kariók, a partir de estudos avançados sobre o tupi antigo, o termo usado para designar “homem branco”, no século XVI, seria “(k)caraiíba”. Assim fosse, seria “caraiiboca” [caraiiba (homem branco) + oca (casa)], e não carioca; aliás, o significado de kariók, citado por Léry em “Viagem à terra do Brasil”, significa “a casa dos carijós”. Esse entendimento sempre foi desprezado, com o argumento improvável do uso de tal sentido por parte dos *tupinambás*, pois o nome teria relação com uma tribo inimiga. Deduzo a confusão proposital presente na efusiva expressão feita sobre o Rio de Janeiro, devido à falta de legitimidade de certa possibilidade de ser carioca, contendo maior magnitude. Aliás, Rafael, afirma a falta de apreciação relevante do ser carioca, dizendo mesmo ser “(...) ‘a casa do índio’ ou ‘a casa dos índios carijós (tupis)’, ou ainda ‘a casa onde os inimigos encontravam a morte’, a qual, com o passar do tempo, teria se transformado em um nome honorífico de uma grande aldeia.”. (SILVA, 2016, p. 99).

Essa ideia de “casa do homem branco” X “casa onde os inimigos encontram a morte” me remete as lógicas do “muro limpo” X “muro sujo”. Problematizando mais essa questão, ao realizar uma analogia do corpo tatuado com uma paisagem piXada, ações marcadoras pretendidas duradouras, ou melhor, infinda, carrega a essência do “ser” para hoje, amanhã, depois e além do resto da vida. Mesmo que necrose com a pele, mesmo que seja apagado do muro, a tatuagem/ piXação, continua em marca/ memória, o que faz o corpo/ paisagem ter continuidade, e não morrer. Irei comentar sobre esses mortos/ vivos mais à frente. Por agora, é importante enunciar a tatuagem, o desenho - mesmo oferecendo lugar à cicatriz, feita por um laser removedor, ou alguma outra ação de “limpeza” -, cria um rastro de lembrança da existência de algo anterior, logo, estigmatiza. Uma tatuagem sempre será a lembrança de algo já existente ali, sobretudo, para quem já conhece o corpo tatuado.

Seja na remoção “excelente”, no “passando por cima”, na “rasura”, na “deformação” pelo uso de tintas de má qualidade, por ser má cuidada, por se tornar algo, digamos, irrelevante para o dono do corpo... não importa. Quem conhece o corpo tatuado, ou o “ex” tatuado, seja lá que corpo for esse, sempre saberá da existência dessas marcas. Na concepção desse conhecedor de tal corpo, a tatuagem sempre existirá. No universo da piXação, isso parece acontecer da mesma forma. Quando é rasurada com uma tinta passada por cima de forma “grosseira”, ainda deixando vestígios. Na sua anulação, por legislação, que libera desenhos “bonitos” de artistas, e passam por cima das piXações, para deixar a forma “Graffiti Paradise” da cidade se prevalecer. Ao ser apagada completamente com um produto importado

e eficiente, comprado com uma rica licitação feita pela prefeitura (a mesma que cria as ditas legislações). Envelhecendo por muito tempo na parede, até sumir, não por completamente, mas porque o autor do piXo não mostra novos nomes, e tão pouco retoca as antigas marcas. Enfim, mesmo que todas as piXações sejam apagadas hoje, amanhã e depois, continuaremos sabendo sobre a existência delas.

Figura 20: imagem de um Xarpi em Engenho da Rainha.



Fonte: foto registrada pelo próprio autor, 2017.

Figura 21: tatuagem “removida” e “desbotada”.



Fonte: blog do tatuador Jonas Pescatore.

Figura 22: tatuagem “Amor de Paula”.



Fonte: O autor, 2017.

A tatuagem e a piXação/ Xarpi ficam fixadas/os, respectivamente, na memória do corpo e da paisagem. Essas marcas retornam, mesmo que não seja mais marcada na pele, e se posiciona como lembrança, se transformando em narrativa⁵⁰. No universo piXador, quando a torre do relógio da Central do Brasil é piXada, aliás, façanha que até o momento desta escrita, foi feita apenas por dois Xarpi, **Vinga** e **Kadu**, mesmo que suas marcas tenham sido “limpas”, rasuradas, apagadas do lugar, quem conhece este lugar, a cidade e seu corpo (por que não?), a paisagem, dentro de uma fundação de espaço pensado como um “*sistema de valores que se transforma permanentemente em seus conflitos*” (SANTOS, 2012, p. 104), saberá que tal topo, um dos principais monumentos da cidade, já foi piXado.

Figura 23: Xarpi de Vinga no Relógio da Central do Brasil.



Fonte: blog Na Rua⁵¹.

⁵⁰ Por exemplo, no dito “mundo dos famosos”, a retirada de tatuagens está presente nessa cultura. Segue o link de uma matéria que se preocupa sobre esse tipo de situação. Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Celebridades/noticia/2017/02/descubra-famosas-que-ja-apagaram-ou-editaram-suas-tatuagens.html>>. Acesso em 17 mai. 2017.

⁵¹ Segue o link do blog Na Rua - <http://ruacorona.blogspot.com.br>.

Figura 24: Xarpi de Kadu no Relógio da Central do Brasil.



Fonte: site Portal R7⁵².

A foto com o Xarpi **Sorin** e sem o Xarpi **Sorin**, em um prédio localizado na Avenida Primeiro de Março, mostra a ideia de **Sorin** como um eterno tatuador da cidade, dentro da memória, de quem é, vive ou se interessa pela relação com a rua carioca, ou seja, será eterno para quem conhece o universo Xarpi.

⁵² Segue o link do site R7 0 <https://noticias.r7.com> .

Figura 25: Xarpi apagado de Sorin na Avenida primeiro de março.



Fonte: fotos tiradas pelo próprio autor, entre 2016 e 2017.

Defendo a ideia de cidade tatuada, piXada, que não esquece de seu histórico e atualidade francamente genocida, explano a redução da cidade “maravilhosa”, como uma lógica homicida, que corta o corpo da cidade, exclui a paisagem em favor de regras desencantadas, sentidos de “ser carioca” no melhor estilo “casa do homem branco”. Favoreço o ser carioca da “casa dos índios caríós”/ “casa do índio”, presentes entre corpos paisagens e corpos humanos, estes preparados para sofrerem, a qualquer momento, amputações, em “favor” de “um turismo”.

A exemplo disso, a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro pode ser novamente problematizada. No dia 6 de novembro de 2013, o cantor internacional Justin Bieber foi autuado conforme as leis daquele período, após ter feito um *grafite* no muro do antigo Hotel Nacional, que fica no bairro de São Conrado (Zona Sul carioca). Mas, antes da autuação e da suposta multa paga, o cantor foi convidado pela Prefeitura da Cidade do Rio para grafitar (ou quem sabe até *pichar*) o muro da Vila Olímpica do Vidigal, já que, segundo a grande mídia, na Zona Sul, a prática da grafiteagem seria comum⁵³.

⁵³ Segue a notícia na íntegra. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/11/justin-bieber-e-autuado-por-pichacao-em-muro-no-rio-diz-policia.html>>. Acesso em 10 fev. 2016.

Além do convite da Prefeitura para grafitar ou piXar em equipamentos públicos, e dentre as variadas chacotas sobre Justin Bieber “ser” um “rebelde”⁵⁴, não podemos deixar de perceber o tratamento diferenciado sobre esse tipo de figuração, pois ainda com a presença de seguranças particulares (que estariam ali para afastar os *paparazzi*), o cantor canadense praticamente recebeu escolta policial para terminar seu desenho, antes de ser autuado pela Polícia Civil. O cantor não chegou a ir à delegacia, e tão pouco sofreu algum ato contra seu bem-estar físico e/ ou mental⁵⁵.

Sobre o fomento dessa postura, também não posso deixar de comentar sobre a brusca desigualdade midiática realizada pelos meios de comunicações hegemônicos e de massa, que exploram situações como esta do Justin Bieber, para “afirmar” ideias contraditórias sobre os argumentos das “justiças sociais”. No dia 4 de fevereiro de 2014, a âncora do telejornal SBT Brasil, Rachel Sheherazade, fez declarações que infringe os Direitos Humanos, defendendo a ação de “justiceiros” que amarraram um jovem na região do bairro do Flamengo, aquele caso do SBT Repórter, sobre justiceiros, que já citei, e expliquei com uma imagem (Figura 19). A âncora chamou o jovem negro e aparentemente morador de rua de “marginalzinho”, e explicou que “(...) *a atitude dos vingadores é até compreensível*”⁵⁶. A repórter ainda legitima o contra-ataque, como ela mesmo argumenta, sobre a “(...) *legítima defesa coletiva*”. Ainda no mesmo canal, telejornal e repórter, em novembro de 2013, na notícia do caso de Bieber ter grafitado na cidade do Rio, Rachel Sheherazade disse que o “astro da música pop” é apenas um menino prodígio com problemas. Chamado de “irreconhecível” por suas atitudes de “*Bad Boy*”, segundo a apresentadora, o cantor estaria apenas se encontrando e passando pela “*Síndrome da Adolescência*”, fase turbulenta, interpeladora dos “(...) *hormônios em ebulição*,

⁵⁴ Mais notícias sobre o caso da atividade grafiteira de Justin Bieber. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/justin-bieber-grafite-e-rebeldia-fake-na-madrugada-do-rj>>. Acesso em 10 fev. 2016.

⁵⁵ Segue o link com imagens do carro da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ), realizando a escolta da intervenção de Justin Bieber. As imagens que circularam como notícia “No Rio, Justin Bieber grafita muro durante a madrugada e se exercita em praia da Zona Oeste”, mostra que o desenho realizado pelo “Astro Teen da música Pop” foi feito do início até o final acompanhada pelo carro do 23º Batalhão da Polícia Militar (23º BPM) da 2ª Unidade de Polícia Pacificadora (2ª UPP) – Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/fotos/2013/11/no-rio-justin-bieber-grafita-muro-na-madrugada-e-se-exercita-em-praia-da-zona-oeste.html#F221961>>. Acesso em 10 fev. 2016.

⁵⁶ Veja a afirmação e a declaração completa a favor dos justiceiros que violentaram suposto assaltante no vídeo “Rachel fala sobre o adolescente vítima de ‘justiceiros’ no Rio” – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=unVIpQHLdWE>>. Acesso em 22 fev. 2016.

conflitos, agressividade...”, devido a busca da própria identidade. No fim, Sheherazade ainda faz um comovente pedido: “*Peguem levem com Justin! O menino está crescendo!*”⁵⁷.

Outro caso de comoção aconteceu após uma irreversível tragédia. No dia 20 de julho de 2010, Rafael Mascarenhas, jovem rapaz, músico, morador da Zona Sul carioca e filho da atriz Cissa Guimarães, que faleceu após ter sofrido um acidente por atropelamento. Rafael recebeu homenagens de familiares e amigos no próprio local de acidente – o Túnel Acústico da Gávea, também na Zona Sul carioca. Para além de músicas, danças, orações, como mostrava afinidade com a cultura urbana, uma das homenagens feitas para o jovem foram em formas de tintas na parede, inclusive da própria Cissa, num clamor comum a qualquer pessoa de luto. A homenagem seguiu para algo duradouro e permanente, já que, para além das tintas nas paredes, com mensagens para o jovem falecido, o túnel recebeu o nome do próprio falecido, ou seja, hoje, o lugar é chamado de “Túnel Acústico Rafael Mascarenhas”⁵⁸.

Essa seletividade mostra que apenas alguns sujeitos, por alguma razão e/ ou licença, têm ou ganham o direito de ter sobre a cidade suas marcas, sejam estas estéticas ou até epitáfios. Quem, por se aventurar a expressar com grafias em algum muro que não é convidado para fazê-lo, através de tintas e/ ou *sprays*, deve sofrer humilhações físicas e moralistas? Quem por piXar muros com tinta *spray*, deve ser assassinado? Que finado por ter piXado algum muro, deve ganhar no mesmo muro, com a mesma tinta e/ ou *spray*, sua lápide, palmas ou qualquer tipo de clamor, inclusive das instituições públicas? Muitas homenagens para piXadores aconteceram, acontecem e acontecerão, entretanto, sem receber nenhum consentimento da Prefeitura; pelo contrário, pois muitas dessas homenagens a estes *heróis*⁵⁹ de “*narrativas épicas*”, já tão esvaziadas em nosso tempo civilizado, foram removidas, logo, são invisíveis em comparação à “*cidadela-monológica-dos-licenciados*”, quando apagadas pela conservação pública. (COELHO, 2016).

Um exemplo do que estou falando pode ser visto na **Figura 26**, pois uma espécie de “pasta viva”, falaremos disso um pouco mais à frente, mas que o importante é que, o muro da imagem preservou nomes Xarpi há mais de 20 (vinte) anos, onde, muitos desses, já faleceram.

⁵⁷ Declaração na íntegra, com o vídeo “SBT Brasil: Rachel Sherazade fala sobre as polêmicas do astro Justin Bieber” – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EDBIirfsj78>>. Acesso em 22 fev. 2016.

⁵⁸ “Túnel Acústico da Gávea, no Rio, ganha nome de Rafael Mascarenhas”. Matéria disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/04/tunel-acustico-da-gavea-no-rio-ganha-o-nome-de-rafael-mascarenhas.html>>. Acessado em: 30 de jul. 2017.

⁵⁹ No capítulo seguinte, comentarei essa afirmação.

Localizado em Laranjeiras (Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro), o muro foi apagado, através de uma intervenção realizada pelo Eixo Rio, que homenageou a cantora Cassia Eller.

Figura 26: muro apagado em Laranjeiras.



Fonte: foto de Gustavo Coelho.

Figura 27: grafite em homenagem a Cassia Eller.



Fonte: site do Fã Clube do cantor Nando Reis⁶⁰.

⁶⁰ Segue o link do site -0 - <http://fcnandoreis.com.br/cassia-eller-laranjeiras/> .

A ideia de paisagem como corpo da cidade, está na lógica do traço que faz corpo. O “não existir” piXação, ou qualquer outro traço nos muros da cidade que exiba a fissura da vida humana em diferença, deixará a existência da paisagem, do corpo da cidade, anulada. Marcar a paisagem, é se sujar, expor o corpo metrópole, exibidor do centro, da hegemonia disponível à expansão e as maneiras de ser de um lugar, onde “um ordena” e o “outro obedece”, característica embrenhada do passado; ou seja, se falo da cidade do Rio de Janeiro, a “casa do homem branco”, ocultadora da “casa onde os inimigos encontram a morte”, atitude que parece ainda estar presente nas lógicas do “muro limpo”, administradora de um “povo mudo”. Muro branco não é paisagem/ corpo, e se for, é uma paisagem/ corpo em estado de coma, pois expõe a vida de forma asséptica, anestesiada, neutra, mórfica.

Figura 28: “Muro branco, povo mudo” na FEBF.



Fonte: foto tiara pelo próprio autor, 2017.

2 UMA GUISA SOBRE O RACISMO: XARPI, DESCOLONIZAÇÃO E A BRABEZA

O segundo capítulo traz uma leitura sobre a aceitação e a negação de viver, através de fenômenos que transitam por realizações de uma consciência incerta, e acabam sendo atravessados pelo racismo anti-negro, momento em que o bandidismo ganha outro lugar, pois se torna a possibilidade de outro espaço, realizado por aquele esforço que não acontece de forma finita, tão pouco se dá de modo sublime. Essa excepcionalidade será vista no universo Xarpi, quando provoço este como proporcionador de características enigmáticas presenciais na trama racial, junto a outros fenômenos urbanos, que também se expressam pelo termo brabo, usado na intenção de remeter o sentido de ser.

2.1 Aceitação e/ou negação enigmática do racismo.

*“E eu nem atino, mas, todos os dias,
Calmamente, assassino meu vizinho de cima.
E, pela cidade, sem qualquer maldade,
Mato, tranquilamente,
Que se me ponha na frente.
Através dos suores, humores e gestos e olhares
(Atitudes que a barra da vida põe em nossas mentes).
E, assim, de repente, deixei de ser gente,
Sou mais um bicho nas ruas pra vencer qualquer batalha.
Um novo Cristo se malha num poste,
Amarrado,
Pra lavar nossas dores desses dias tão pesados.
Mais um pacifista se iguala à policia e ao ladrão,
Um pai de família: pacato cidadão,
Que não nota que o filho
Só ouve e repete
Simplesmente a palavra não.”*

“Pacato Cidadão”, música de Luiz Gonzaga Jr., conhecido como Gonzaguinha⁶¹.

Me responsabilizo com essa leitura na pretensão de realizar uma troca sobre o fenômeno do racismo anti-negro. O que busco a todo momento é incentivar a individualidade de cismas que levam as vivências coletivas dessa questão, assim como muitas das publicações presentes durante o texto, fizeram/ fazem. Como, com que ou com quem eu quiser, o racismo se fará

⁶¹ Canção de Luiz Gonzaga Jr., mais conhecido como Gonzaguinha. A música faz parte do disco “Coisa Mais Maior de Grande”, de 1981 (EMI).

presente de forma cometida a todo momento, característica disfarçada de presunção, pois no instante de me calar, prefiro acreditar que fui/ sou predestinado a falar, sobretudo, porque estou vivo e o racismo (ainda) não me matou. Por isso, em vias honestas, sem corromper as vivências com tal fenômeno, estampo meu início de fala com “Pacato Cidadão” de Gonzaguinha, na intenção de me posicionar como o personagem dessa canção.

Deixo de ser gente todos os dias, para me enclausurar como um bicho que possa vencer todas as dificuldades proporcionadas por um mundo onde “Cristos” ainda são malhados, através dos dias pesados que insistem em não reconhecer a igualdade entre o “herói” e o “vilão”, duas personalidades que são capazes de se encontrar no “pacatismo”, na calma, na paciência de serem, os dois, uma pessoa/ cidadão. Esses e outros versos de Gonzaguinha, muitos deles em forma de samba, ecoam, na maioria das vezes, a explanação de uma sensibilidade que se incomoda com o interrompimento do outro. Essa música, por exemplo, fala de alguém que deseja matar alguém, porque este tem se sentido um ninguém. O mundo o fez “um ninguém”, ou melhor, o mundo o fez alguém que não tem nada, ou pelo menos não se sente pertencente a nada. E em sua realização pacata, se aquieta, mas, por não ter nada/ não sentir nada, se permite a agonia da capacidade de matar alguém, inclusive a si mesmo.

Já comentei sobre algo que pode ser interessante nessa discussão de Gonzaguinha, a “*cidade do colonizado/ cidade do colono*” (FANON, 1968). Tentando expor em outras palavras o que entendo sobre o racismo, envolvo essa ideia de pessoa/ cidadão como aquele pertencente a esse lugar, ainda com o foco no Rio de Janeiro. Para dinamizar o que quero dizer, falo novamente em Cristo, ainda sem um enquadramento “bíblico” ou “cristão”, mas agora como Patrimônio da Humanidade⁶², Histórico e Artístico do Brasil⁶³, uma das Sete Maravilhas do mundo⁶⁴, finalmente, o Cristo Redentor, a onipotência carioca feita de pedra, criadora de condecorações ignoradas aqui pela a desestima de uma piXação. Ainda com todas as suas atuais e futuras premiações, o Cristo Redentor sempre terá na remoção das suas poucas piXações, a exposição de sua relação sócio cultural e política com a cidade do colonizado. Em suma, assim como conversei sobre a cabeça de Zumbi limpa ou suja no

⁶² Data concedida pela UNESCO. Segue a notícia sobre essa nomeação em <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/3313/cristo-redentor-rj-completa-sete-anos-como-patrimonio-cultural>>. Disponível em: 30 de jul. 2017.

⁶³ Realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Noticiado em <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,cristo-redentor-e-declarado-patrimonio-historico-do-brasil,476335>>. Acessado em: 30 de jul. 2017.

⁶⁴ Matéria sobre o Cristo Redentor ser uma das Sete Maravilhas do Mundo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL65656-5602,00.html>>. Acessado em: 30 de jul. 2017.

primeiro capítulo, a cara do Cristo Redentor com tatuagem, e logo depois, sem tatuagem, parece trazer essas relações da vida, que insistem em esconder as judiações “Jesuísticas” [grifo meu, que remete a Jesus] das muitas rebeldias presentes na cidade maravilhosa.

Figura 29: imagem do Cristo Redentor piXado.



Fonte: CRISTO, 2017 [Genilson Araújo (2010)⁶⁵.]

Figura 30: imagem do Cristo Redentor limpo, mas ainda com marcas.



Fonte: SEGUNDO, 2017 [Leticia Von Kruger/ Iphan (2010)⁶⁶.]

Certa vez, em entrevista para o site G1⁶⁷, Criolo foi perguntado: “*Pichação ou Grafite?*”. O rapper do Grajaú disse: “*Tanto a piXação, quanto o grafite, tem um porquê.*”

⁶⁵ Segue o site da foto - <https://extra.globo.com/noticias/rio/cristo-redentor-pichado-386075.html> .

⁶⁶ Segue o link do site com a imagem - <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/04/segundo-acusado-de-pichar-o-cristo-redentor-se-apresenta-policia.html> .

⁶⁷ Entrevista do Criolo, com o título “‘Criolo, ajude a entender’: antes do Lolla, rapper explica temas do Brasil e do mundo”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/musica/lollapalooza/2017/noticia/criolo-ajude-a-entender-antes-do-lolla-rapper-explica-temas-do-brasil-e-do-mundo.ghtml>>. Acessado em: 30 de jul. 2017.

Vamos falar da cidade pelos cartões postais? Ou vamos falar da cidade que qualquer um que caminhar de um bairro ao outro, vai ver pessoas comendo comida do lixo?”. Entre a luz e a sombra, para ser criada a cidade do colono, a cidade do colonizado passa a existir, logo, a possibilidade de mudança será apenas na destruição do mundo colonial, ou seja, da cidade provedora da razão, a do colono, que se mostra contraditória, quando seus habitantes se sentem bem com o estilo de vida clandestino, sendo cidadão da cidade do colono, ao mesmo tempo em que vive a cidade do colonizado, da vida sem medição do “sim” ou do “não”, como pode ser percebido na relação de igualdade entre o “herói” e o “vilão”, ou seja, uma cidade que vai para além das concepções do bem e do mal, e que acaba ocultada pela característica pacata.

“São Paulo é um buquê/ Buquês são flores mortas/ Num lindo arranjo/ Arranjo lindo feito pra você”. Versos de Criolo sobre a cidade de São Paulo: um arranjo de coisas mortas. Mas Criolo não fala de morte. Sua canção parece mais ter a intenção de falar sobre amor. É, afinal, a canção se chama *“Não existe amor em SP”*⁶⁸. Mesmo assim, esse amor se aproxima da morte, a vontade de matar presente na letra de Gonzaguinha. Mas onde o amor se aproxima da morte? Acredito que no momento de pensar os últimos como os primeiros. A inversão da fila. O afrontamento decisivo e mortífero entre dois protagonistas, ou seja, os já invocados “heróis” e “vilões”. A vacina pode servir para pensarmos nesse afrontar, afinal, é/ são apenas uma/ algumas gotas entre o antídoto e o veneno. O triunfo de uma sociedade, ou seja, as conquistas da formação de uma cidade, por exemplo, é quando todos os meios ficam bem entendidos, inclusive a violência. (FANON, 1968, p. 27). Então, o que é “vacina cidadã” torna-se veneno, pois as conquistas ficam vistas apenas por um lado, logo, o que é “antídoto” para alguns, pode ser mortal para outros.

Toda essa lógica da cidade do colonizado, pacatamente perigosa em suas colonizações, afirmadas por seus genocídios, organizados e a esmos, sobre indivíduos ou em chacinas, cotidianas ou de guerra, se dá, prioritariamente, em uma construção de linguajar, já que quando alguém possui alguma linguagem, esse alguém também possuirá, *“em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito.”* (FANON, 2008, p. 34). *“Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.”* (FANON, 2008, p. 34). Ao refletir sobre a ideia de ser de algum lugar, através da premissa do antilhano, o corpo que habita as

⁶⁸ Música do disco “Criolo – Nó na orelha” (2010 – Oloko Records).

Antilhas, ilhas da América Central, colonizadas por variados europeus (holandeses, ingleses, franceses), Frantz Fanon realiza um esforço epistêmico que acaba (nos) servindo a qualquer homem, ser humano, pessoa colonizada, estabelecida em racionalizantes e racializados lugares: “*Temos a cidade, temos o campo. Temos a capital e a província. Aparentemente o problema dessa relação é o mesmo em toda parte.*” (FANON, 2008, p. 34).

Para finalizar essa relação de Gonzaguinha, Criolo, cidade do colonizado de Frantz Fanon e seguir com o texto, afirmo que, muitas das vezes, na relação da vacinação mundana, a vontade de matar pode ser benigna, e o amor, pode ser maligno, e vice-versa. Enfrentar esse “vice-versa”, o benigno que é maligno, e o maligno que é enxergado como benigno, não acontece sem a decisão de enfrentar todos os obstáculos possíveis para esse caminho, de entender qual é a vacina que trata, e qual seria a vacina que maltrata. Quem procura se tratar, ou seja, quem procura o tratamento do racismo, deve estar disposto a sofrer a violência de viver em uma vida onde “ninguém vai pro céu.”⁶⁹. E quem não vai “pro céu”, digamos para o começo da fila, estará no final da fila, no contrário do céu, portanto, vai para o inferno. (FANON, 1968). Ser em um mundo racista, muitas das vezes, parece se dar em uma busca incessante por antídotos anti-racistas, trajetória que pode se tornar desaprazível para aqueles dispostos a enfrentar a violência causada pelo racismo, mesmo sem o entendimento pleno do fenômeno, ou até mesmo sem o reconhecimento pleno de sua existência, quando se determina por uma inversão, logo, ao invés de violentado, pode ser o causador da violência, como a disposição de realizar uma marca no rosto de Cristo, mesmo que isso o leve ao inferno. Gonzaguinha, Criolo, Fanon, a cidade, o racismo, e o inferno oferecido por ele.

Continuarei comentando sobre esse “antídoto anti-racista”, mas antes, é importante dizer que a sociedade também comporta na base racista o sexismo, que incrementa a misoginia. Mesmo que eu não discuta a colonização masculinizada que permite nós, os homens, aqueles que tem um pênis, a seguirmos socialmente em um padrão “obrigatório” de massacre feminino, não posso deixar de explanar a “*sociedade falocêntrica.*” (SPIVAK, 2010). Prefiro deixar e aprender mais sobre essa discussão do machismo através das feitura das próprias mulheres, ou seja, se tratando de racismo, prefiro que as mulheres negras realizem esses olhares e ensinem a nós, homens, pretos e brancos, “heteros” ou não, a entender melhor as complexidades desses fenômenos. São elas que (principalmente) sofrem com essas bases sociais genocidas. Já existem muitos trabalhos interessantes para esse debate, inclusive envolvendo-se numa tarefa reflexiva prioritária sobre o racismo anti-negro. Nomes

⁶⁹ Outro verso da música “Não existe amor em SP”.

clássicos internacionais como Audre Lorde, Angela Davis. Nomes nacionais importantes (e também clássicos) como Lélia Gonzalez, Neusa Santos Souza (que invocarei mais à frente). Busquem por estas intelectuais. Com elas (e muitas outras), as discussões do racismo e sexismo são consideravelmente provocadas.

Voltando o que venho adquirindo com minha disposição, a ideia do racismo como base social continuará sendo acionada, afinal, como bem lembrou Achille Mbembe:

(...) ontem, o drama do sujeito era ser explorado pelo capital, hoje, a tragédia da multidão e não poder já ser explorado de todo, é ser objeto de humilhação numa humanidade superficial, entregue ao abandono, que já me é útil ao funcionamento do capital. (...) um novo ser humano (...) plástico e convocado a reconfigurar-se permanentemente em função dos artefactos que a época oferece.”. (MBEMBE, 2014, p. 14).

Mbembe provoca a ideia de ser em sociedade através da arrumação humana que desumaniza por criar o outro, o explorado, o principal objeto da formação de um explorador, visto que a sociedade capitalista só existe nessa exploração, ou seja, o corpo que não se dispõe a esse ser desumanizado do esquema colonial, seja como explorado ou explorador, fica de fora da sociedade. Um “novo homem” que se parece com o “velho homem”. O escravo que vira sujeito do mercado e da dívida, pois se transforma em um puro produto do “novo natural”. (MBEMBE, 2014, p. 14). É natural, todos nós, sermos o personagem principal da música “Pacato Cidadão”, citado na epígrafe desse subcapítulo. Sou um bicho explorado e o bicho explorador. Você é um bicho explorado e o bicho explorador. Somos coniventes com pessoas amarradas ao poste, depois da mesma realizar um assalto. Porque temos que ter objetos para vencer e ser assaltado. Aliás, vencer nessa sociedade seria ser aquele sujeito desejado pelo assalto de um ladrão, “um Cristo”, o propício a dores, através de um mundo liberal para preferência de dores, simplesmente por dar o sim ou o não etiquetado, repetitivo, no sentido de ser.

O corpo. O humano. O indivíduo. O sujeito. A pessoa. A mulher. O homem:

(...) homem-coisa, homem-máquina, homem código e homem-fluxo, procura antes de mais regular a sua conduta em função de normas do mercado, sem hesitar em se auto-instrumentalizar outros para otimizar a sua quota-parte de felicidade. (...) abraça a sua condição de sujeito solúvel e descartável para responder à injunção que lhe é constantemente feita – torna-se o outro. (MBEMBE, 2014, p. 15).

Enfim, com essa citação de Mbembe, posso dizer com que corpo converso. Com o humano/ desumanizado. Com o indivíduo/ individualizado. Com o sujeito/ sujeitado. Com a pessoa/ pessoalizado. Com o homem/ negro. O negro que, doravante, com o ciclo do capital estabelecido, foi fixado no plano da imagem para a imagem, onde a imagem tornou-se um

fator de aceleração das energias instintivas, estas que se conflitam, por organizar nessa celeridade certa determinação aniquiladora daqueles postos como os incorporados por cosmos inautênticos pela redução do outro. (MBEMBE, 2014, p. 15). Essa condição de ser negro, o ser espúrio, se consolida na tendência universal, instaurada durante as “*práticas imperiais inéditas que devem tanto as lógicas escravagistas de captura e de predação como as lógicas coloniais de ocupação e exploração, ou seja, às guerras civis ou razias*”⁷⁰ de épocas anteriores.”. (MBEMBE, 2014, p. 16). No fim, o homem negro é tudo: negro, como o branco; negro, como você; negro, como quiserem. O negro só é negado como ser negro, pois não pode agir como negro. Ele, o negro, é igual a todos, menos igual ao negro. E ele é igual a todos quando não aceita ser negro. Pois, quando aceita sua negritude, escracha a contradição da afirmação igualitária. O “Somos todos iguais!” se torna uma pergunta: “Somos todos iguais?”. O ser negro sente a diferença. Seu corpo é o outro, pois é apontado como o outro pelo outro, o que se acha tão superior ao negro que chega a criar um universo capaz de apontar e dizer o que é o outro, um negro. Em suma, como sigo insistindo em dizer, não com felicidade, mas com a angústia de quem também é: o corpo do negro é tudo, menos o humano.

O árbitro internacional de jiu-jitsu Renato Sousa Neves, de 41 anos, certamente é um experiente conhecedor de toda essa tensão desumanizadora. Para chegar até a este lugar, o de “árbitro internacional”, ou até mesmo para chegar em outros lugares almeçados por ele, Renato enfrentou, e venceu, muitos racismos. Mas esse fantasma, sem mais nem menos, aparece para o árbitro, o judoca, o filho, o irmão... Renato. Socos, pontapés, oferecidos pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, a agressão física, moral, na tentativa de reduzir o corpo que nem se mostrou exacerbado, e se se mostrasse assim, também não seria crime, afinal, cada um tem a auto estima que “merece”. Mas, para o negro, não. Para o negro, o “apenas” tentar “ser” é impossível, pois lhe é negado o conceder e o recusar. Renato, arbitro internacional de jiu-jitsu, judoca, filho de alguém, irmão de alguém, amigo de alguém... no dia 17 de novembro de 2017, 3 dias antes do “Dia Nacional da Consciência Negra”, por se recusar a fazer algo que não precisaria fazer, foi convocado (novamente) para travar uma batalha, fora dos tatames, com um velho rival seu, que não aceita perder: o racismo⁷¹. Realizo esse exemplo de Renato em sua relação de ser “de alguém...”, com a proposta de pensar o seu

⁷⁰ Quando o estrangeiro invade um território.

⁷¹ Notícia sobre o caso do Renato, no texto “Filho do babalawo Ivanir dos Santos acusa PMs de agressão”. Segue o link: <<http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-11-18/filho-do-babalawo-ivanir-dos-santos-acusa-pms-de-agressao.html>>. Acesso em: 15 de nov. de 2017.

caso como um corpo constantemente desalojado, expulso de seu significado de ser, situação que aconteceu a todo momento, devido ao racismo que o fez retirar seu nome, para colocá-lo de forma aberta, na tentativa de tentar escapar dele. Mas não se escapa do racismo. O que se faz é, quando acontece sua abertura, ou seja, quando ele é percebido, o corpo que sofre a ação racializadora poderá conduzir maneiras para que a colonização racial seja menos dolosa. Renato parece se dispor em ser “variados Renatos”, todos eles tentaram se esquivar, em uma espécie de manobra antirracista – retirada do nome e a colocação em aberto, que parece nada, mas é tudo. Renato preferiu ser tratado como tudo (professor, pai, filho, ou sei lá o quê), para sair do quadro racial; mas Renato teve seu tudo tratado como nada, onde o racismo mostrou que não se importa com “alguém” quando é preto, o que não merece ser alguém, não merece ser “de família”, o que não merece ser “professor”, o que não merece ser, e acaba propício ao ninguém, que trava a batalha para ser alguém.

Quando um ator, apresentador, escritor e homem negro, como Lázaro Ramos diz “- *Racismo é crime e ponto final.*”, posição realizada após a regalia cometida por um colega de empresa, William Waack, jornalista (apenas) afastado desta empresa no ano de 2017, após ter se irritado com a manifestação de uma pessoa que estava atrapalhando a sua transmissão, momento que o fez crer no direito de racializar a situação, onde explicou o motivo da perturbação (“*Coisa de preto*”). Isso parece mostrar que esse fenômeno, o racismo, é sustentado pelo seu contrário, logo, tem sua evidente existência permitida na sua ausência, alimentada a partir dessa complexa simetria. No mundo, não tem como ser atravessado pela cor do outro, e não criar um fantasma para aqueles que tentam ocultar as situações causadas por este atravessamento. Mas quando o atravessamento, o fantasma, o enigma, o racismo aparece, ele pode ser vencido, por exemplo, quando alguém passa do enfretamento para o combate⁷². Ainda na esfera *mainstream* de homens negros brasileiros - mesmo sabendo que em todos os lugares, independente do gênero sexual, classe social, faixa etária e qualquer outra “coisa”, “*Black is beautiful!*”, quero lembrar da frase “*Quanto mais se falar, mais vai ter racismo.*”, dita por Pelé. Um dos maiores atletas do futebol do mundo, afirmou isso na intenção de criticar a atitude de Mário Lúcio Duarte Costa, outro jogador de futebol, um goleiro, conhecido como Aranha, denunciador do racismo sofrido por ele mesmo. Provavelmente, em “seus tempos”, antes, durante e depois do clube paulista que inicialmente o consagrou, o Santos Futebol Clube - mesmo time que Aranha jogava no ano de 2014,

⁷² Segue o link de uma matéria que comenta sobre a resposta de Lázaro Ramos:
<<https://www.revistaforum.com.br/2017/11/10/lazaro-ramos-faz-postagem-em-resposta-william-waack-racismo-e-crime-e-ponto-final/>>. 15 de nov. de 2017.

quando aconteceu o ato racista -, Pelé também foi chamado, xingado, enxergado, animalizado. Mano Brown, homem negro cantor e torcedor do time de futebol em foco, o Santos, certa vez, comentou que São Paulo seria a cidade mais racista que ele conhece⁷³. O tipo de declaração significativa na vida de “um Lázaro Ramos”, estes corpos que se posicionam diferentemente dos “Pelés da vida”, e entendem e não ignoram, aliás, admiram composições como a do Racionais MCs, ou qualquer outra produção escurecida, sem fixo.

Como eu dizia, no mundo de possibilidades infernais racistas para o negro, ser, enfrentar a violência estabelecida sem uma violência, sem o quadro energético da descolonização, pode reverberar-se a um elemento que acaba fazendo parte da formação de uma vacina venenosa, um antídoto, não para o negro, mas sim para o seu apontador, o colonizador. Já comentei no primeiro capítulo que violência do colonizado parece se dar por vias de investimento propagados no sentido de existir, diferente da disposição da violência do colono, que é violento para se manter sobre o terreno da razão. A violência de um e de outro é onde acontece a possibilidade infernal. Mas quando o colonizado se dispõe à destruição da razão absoluta criada por essa etimologia mefistofélica do colono, acaba sendo considerado como irracional, agressivo. Consolidado por seus músculos, independente da temperatura, tamanho, peso, dinamismo, ou qualquer outra atividade que possa acabar materializado contra si. O colonizado acredita na sua força, através da disposição total de seu próprio corpo, diante de alguma situação de colonização que deseja, mais do que tudo, rompê-la. Essa aspereza presente na vida colonizada *“representa não o inferno do qual todos desejariam afastar-se o mais depressa possível mas um paraíso ao alcance da mão, protegido por terríveis molossos.”* (FANON, 1968, p. 39). Em outras palavras, o colonizado pode quebrar a maldição de culpado, quando se mostra dominado, mas não domesticado. Ele é capaz de estar sempre pronto para abandonar o seu papel. *“A tensão muscular do colonizado liberta-se periodicamente em explosões sanguíneas: lutas tribais, lutas de sobas, lutas entre indivíduos.”* (FANON, 1968, p. 40).

Essa relação de se reconhecer de variadas formas, na intenção de se propor para o tudo, em defesa de, não mais, ser reconhecido como nada, ou ninguém, se prioriza pelo inconsciente, pois troca a conservação do inconsequente pelo devorar consequente, na intenção de se afirmar pela *“zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer”*.

⁷³ “Lugar mais racista que São Paulo, eu não conheço” foi uma afirmação feita por Mano Brown, divulgada pelo link <http://www.huffpostbrasil.com/2016/12/09/mano-brown-lugar-mais-racista-que-sao-paulo-nao-existe-v-deo_a_21700907/>. Acesso em 21 de nov. de 2017.

(FANON, 2008, p. 26). Esse encadeamento se dá na existência de um ciclo vicioso, ocorrida na descida infernal colonial, que não é desfrutada por todos os negros, mas sim por aqueles que enfrentam o racismo, afinal, não é para qualquer um a extirpação, a dispersão, a confusão, a condenação de seu “tornar-se” acontecer, diante de um dissolver, a cada vez que ele acontece. Tem que ter disposição para enfrentar este inferno.

Certa vez, Carlos Moore, prestigiado intelectual cubano, internacionalmente conhecido por seus estudos efetuados contra o racismo anti-negro, através de leituras das ciências sociais, comentou algo sobre a tensão racial: “*A ideia de que o racismo não pode ser vencido é tão infundada quanto a de que ele cederá facilmente aos apelos da razão.*”. (MOORE, 2007^a, p. 327). Concordo com ele. São falsas as ideias que pacificam os interesses antirracistas, principalmente quando tal “abrandamento” surge para o desestabilizar de quem sofre o racismo - o abrandar que, ao invés de estabilizar, desestabiliza. Entretanto, essa afirmação de Moore deve ser vista com o máximo de sensibilidade e empatia, pois, quando alguém disser que o racismo pode ser vencido, acredito que também deve ser pronunciado que tal sentimento oscilante e inconstante não desaparecerá. Como já vinha dizendo desde o primeiro capítulo, quando expus a ideia do “*vertiginoso conjunto*”, presente nas relações do “*devir-negro do mundo*”, no século XVIII - período em que o negro e a raça são confinadas em constituições primárias, pesadas, desequilibradas, através da redução do corpo e do ser vivo a um estatuto ficcional biológico, da “loucura codificada”⁷⁴ -, quem tem razão, seria reconhecido como alguém, e o que não é reconhecido como racional é negado, logo, alguém reconhecido como ninguém. Esse período é atravessado pela inserção da escrita, quando os negros reivindicaram “*o estatuto de sujeitos completos do mundo vivo*”. (MBEMBE, 2014, p. 11-13). Esse é o ápice do negro articular uma linguagem para si. No mesmo átimo, surgem as relações de humanismo e humanidade para o ser preto, de maneira simultânea ou paralelamente, o que desafia as projeções definidas pelos conhecimentos e governações modernas. Nessa lógica, o “*Negro*” se posiciona como aquele que “*vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender.*”. (MBEMBE, 2014, p. 11), realidade, onde ninguém desejaria ser negro, ou melhor, ninguém gostaria de ser tratado como tal, pois ser negro significaria ser provocador de certa exuberância irracional, que abala o sistema racional. Essa ideia de origem ocidental e que age de forma “ocidentalizadora” - pois no decorrer do tempo, junto com a Europa, os Estados

⁷⁴ Conceito presente em *The Origins of Racism in the West* (2009), feito por Miriam Eliav- Felson, Benjamin Isaac e Joseph Ziegler. (MBEMBE, 2014, p. 11).

Unidos colaboram para que o reflexo do espelho tenha um lado “bom” e outro “ruim”, onde o corpo é reduzido a uma questão de aparência, de pele, de cor, com o objetivo de criar duas versões de uma única figura -, promove riscos sistemáticos admitidos durante o primeiro capitalismo (tráfico atlântico, entre os séculos XV e XIX), e que se transforma no decorrer da potencial fusão do capitalismo e do animismo, ocasião que transmuta seres humanos em “coisas animadas”, “dados digitais”, “códigos”, o caráter descartável do século XX, presente no processo de globalização e privatização, desenvolvido no padrão de vida generalizado pelo mundo. (MBEMBE, 2016, p. 18).

Resultado de uma tradição de viagens e deslocamentos, essa “consciência negra” da era do primeiro capitalismo segue de forma contínua, através de uma circulação presente na “*maioria dos grandes movimentos negros de emancipação*” (MBEMBE, 2014, p. 33), estes que exacerbam a “*raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável.*”. (FANON, 2008, p. 59). Desde a sua primeira essência de ser durante e depois do atlântico, o negro explode, mesmo que o branco tenha recomendado este como algo sem “*resistência ontológica*”, vira “*farelos*” de si mesmo, pois, dia após dia, o preto deve situar sua metafísica, seus costumes suas instâncias, na elaboração esquemática corpórea de dois lados, um que nega e o outro que é, ou pode ser, a qualquer momento negado, devido a “*atmosfera densa de incertezas*”, o “*conhecimento em terceira pessoa*”, realizado nessa relação de “*conhecimento implícito*”, que acaba reduzindo o corpo a “*uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta*”, de forma tão violenta, ao mesmo tempo em que é tão acaçapada, portanto, “*uma estruturação definitiva do eu e do mundo – definitiva, pois entre meu corpo e o mundo se estabelece uma dialética efetiva.*”. (FANON, 2008, p. 103–104).

Frantz Fanon ressalta o racismo e o colonialismo como algo que deveria ser entendido nas maneiras de ver o mundo socialmente; mundo este racista, onde os negros são construídos como negros. Fanon, ao analisar tal contexto, também traz elementos que ajudam a refletir sobre a situação do racismo no Brasil. O autor discute os distintos termos raciais através da linguagem, ação que gera e vivencia os significados. Ele explica que dominar uma linguagem, certo idioma, é assumir uma identidade cultural; e para o negro, a predominância de uma linguagem mostra uma promessa que não se cumpre, pois, seu corpo ainda fica ilegítimo. Acreditar nessa ilegitimidade seria sair da relação dialética entre o Eu e o Outro, onde quase tudo, em um zelo sádico, é permitido contra os ilegítimos, no caso, o corpo preto:

Na América, os pretos são mantidos à parte. Na América do Sul, chicoteiam nas ruas e metralham os grevistas pretos. Na África Ocidental, o preto é um animal. E aqui, bem perto de mim, ao meu lado, este colega de faculdade, originário da Argélia, que

me diz: “Enquanto pretenderem que o árabe é um homem como nós, nenhuma solução será viável”.

– Veja, meu caro, eu não tenho preconceitos de cor... Ora essa, entre monsieur, em nossa casa o preconceito de cor não existe!... Perfeitamente, o preto é um homem como nós... Não é por ser negro que é menos inteligente do que nós... Tive um colega senegalês no regimento que era muito refinado...

Onde me situar? Ou melhor, onde me meter? Martinicano, originário de “nossas” velhas colônias. Onde me esconder?

Olhe o preto!... Mãe, um preto!... Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, monsieur, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós...

Meu corpo era devolvido desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno. O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mãe, o preto vai me comer! (FANON, 2008, p. 106-107).

Em uma crítica ao escravo hegeliano⁷⁵, que almeja e luta pela alforria, esta que seria conquistada através do trabalho, Fanon lida com a ideia de escravização onde a brancura seria a medida da liberdade, da humanidade e da universalidade. Para Fanon (2008), a negação do corpo negro adquire uma característica falha, autora da invisibilidade da busca por independência, pois, na maioria das vezes, o que o homem (e a mulher⁷⁶) almeja é ser o homem branco, ou melhor, ser considerado (a) como algo humano (a), logo, ser humano (a) seria ser ou ter o comportamento do homem branco. É nesse sentido que as “*estruturas imperiais do mundo atlântico*” se arruinaram e, concomitantemente, foram substituídas pelos “*estados-nações*”, alterando as relações das colônias e das metrópoles, durante certa “*ideologia da mestiçagem para negar e desvalorizar a questão racial*”, fazendo com que os Afro-Latinos e os escravos negros se tornassem peças importantes no apagamento histórico de todo esse desenvolvimento. (MBEMBE, 2014, p. 35).

No Brasil do século XIX por exemplo, através das grandes ondas de imigração com o objetivo de “embranquecer” a população, o que criou variadas formações e multiplicidades étnicas, processos migratórios após um longo e perpétuo 300 (trezentos) anos de escravização

⁷⁵ Utilizamos o termo "escravo hegeliano" tendo como base o livro “Fenomenologia do Espírito”, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, criticado por Fanon, em “Pele Negra, Máscaras Brancas” (2008). Na leitura de Hegel, o senhor despreza a consciência do escravo, logo, não o reconhece, e aceita apenas a sua força de trabalho. Para Hegel, concomitante a essa situação, o escravo encontraria a libertação nesse trabalho. Não entrarei em uma elucidação maior, mas concordo que existe. As relações de trabalho são relações humanas, logo ambíguas, subjetivas. Mas preferi deixar o termo, seguindo com Fanon, apenas para dizer que, na discussão racial, as categorias senhor e escravo podem ser pensadas como senhor e escravizado, este que, muitas das vezes, se dispõe a ser escravo, almejando ser. Tudo isso é complexo, e de suma importância para interesses reflexivos.

⁷⁶ Existem dois capítulos no livro “Pele Negra, Máscaras Brancas” que provoca justamente essas duas relações: o capítulo 2 “A mulher de cor e o branco” e o capítulo 3 “O homem de cor e a branca”.

oficial desfeita pela chamada “Abolição da Escravidão” de 1888. Essa imigração se deu através da chegada de portugueses, italianos, alemães, suíços, dentre outros de países da Europa. Vera Candau (2002) bem lembra que esses imigrantes europeus receberam “*vantagens de acesso à terra e ao emprego que jamais foram imaginadas pelos negros que aqui já estavam e com os quais a sociedade brasileira tinha – e ainda tem – uma enorme dívida.*”. (CANDAU, 2002 p. 59). Já comentei sobre isso no primeiro capítulo, quando citei Abdias Nascimento, trazendo as “ilusões colonialistas” provocada pelas variadas experiências negras de relação racial, fomentada por uma longa escravização oficial, que se traveste de “democracia racial”, esta que mantém velado os conflitos racistas. (NASCIMENTO, 1978). Recusando as classificações das ciências sociais que designam brasileiros por sua marca/aparência, origem/ raça e/ ou etnia, Nascimento critica as práticas intelectuais que tem o fenótipo ou o genótipo como norteadores e/ ou negadores do fato de que a base de desenvolvimento no Brasil, se dá nas marcas das diferenças e divergências étnico raciais: o corpo designado preto, moreno, mulato, crioulo, pardo, mestiço, cabra, dentre outros eufemismos sobre o descendente de africanos e indígenas escravizados, mostra que “*Trata-se, portanto, de um negro, não importa a gradação da cor da sua pele.*” (NASCIMENTO, 1978, p. 42).

Insistindo em criticar as propostas perigosas, cheias de paternalismos e racismos, que tem como objetivo o desaparecimento da descendência africana (física e espiritual), Abdias denunciou equívocos, como a *co-colonização* – que seria o negro africano como o co-colonizador do Brasil, ou seja, são co-responsáveis, junto com os europeus, pela erradicação das populações indígenas – e a *metarraça* – base para reforçar a continuidade do branqueamento brasileiro. Uma forma sofista que coloca a negritude, muita das vezes, como algo racista. (NASCIMENTO, 1978). Abdias acusa a democracia racial de negar o racismo, através de relações políticas complexas, que mantém o privilégio dos massacradores, o que deixa o massacre continuar:

Desde os primeiros tempos da vida nacional aos dias de hoje, o privilégio de decidir tem permanecido unicamente nas mãos dos propagadores e beneficiários do mito da “democracia racial”. Uma “democracia” cuja artificialidade se expõe para quem quiser ver; só um dos elementos que a constituiriam detém todo o poder em todos os níveis político-econômico-sociais: o branco. Os brancos controlam os meios de disseminar as informações; o aparelho educacional; eles formulam os conceitos, as armas e os valores do país. Não está patente que neste exclusivismo se radica o domínio quase absoluto desfrutado por algo tão falso quanto essa espécie de “democracia racial?”. (NASCIMENTO, 1978, p. 46).

Abdias do Nascimento enfrentou e combateu de maneira divergente o simplório afirmar, expondo as contradições da igualdade totalmente discutível, já que os que sofrem desigualdade são posicionados sobre o lugar designado por aqueles que não sofrem desigualdades, um meio para “não mexer” no “time que está ganhando”, ou seja, os que fizeram/ fazem a escravidão, não cometeram crimes, mas sim, “agiram conforme a época”, em situações que “não existem mais”, chegando a admitir ideias que levam a preferência da escravização do homem negro e da mulher negra, ou seja, como se eles almejassem serem escravizados. Abdias denuncia a “democracia racial” como uma dessas infelizes permissões formadas pela insistência do ocultamento das psicoses que são evidentes após o trauma, no caso, do “estabelecimento” de ser negro no Brasil, um dos últimos países do continente Americano a abolir a prática da escravização, que só veio a acontecer, como “afirmei” anteriormente, em 1888. É na presença dessa realidade, de leituras expositoras da perpetuação racial brasileira, que acontecem as leituras, do tipo, “*uma sociedade é racista ou não é*”. (?)

Enquanto não compreendermos essa evidência, deixaremos de lado muitos problemas. Dizer, por exemplo, que o norte da França é mais racista do que o sul, que o racismo é obra de subalternos, o que, por conseguinte, não compromete de modo algum a elite, que a França é o país menos racista do mundo, é do feitio de homens incapazes de pensar corretamente.

[...]

Pedimos desculpas, mas gostaríamos que aqueles que se encarregam de descrever a colonização lembrem-se de uma coisa: é utópico procurar saber em que um comportamento desumano se diferencia de outro comportamento desumano. (FANON, 2008, p. 85).

A leitura de Fanon sobre a aceitação ou a negação do racismo vem a calhar para outros fenômenos formados por existências coloniais, ou seja, “*uma sociedade é racista ou não é*” poderia ser (também) por exemplo “*uma sociedade é machista ou não é*”. A relação inferior *versus* superior cria, de um ponto para outro, a oposição de possibilidades de algo análogo entre um e outro, ou melhor, entre o semelhante e o que não é semelhante. O ser humano é realizado pelo humano e suas desumanizações com outros humanos, que não são considerados como humanos. “*Mesmo expondo-me ao ressentimento de meus irmãos de cor, direi que o negro não é um homem.*” (FANON, 2008, p. 29). Tudo na intenção de ocasionar “*um estalido no mundo colonial*”, visto que depois da abolição, sem a destruição da zona colonial, a colonização se arranjará. (FANON, 1968, p. 30). Isso é de suma importância para quem pensa o humano (ou aquele que não é considerado como humano).

2.1.1 Psicotrópicos e a convulsão racial

*“Meu degredo minha escola
Tempo de origem
Nomeada*

*Eu
Que não sabia o significado da palavra
Pigmento*

*Eu
Que não sentia o peso de minha
Melanina*

*Precisei apanhar um tanto
Para pensar um pouco
Precisei distender meus sentidos
Para sentir minhas dobras*

*Todos os cuidados não me ocultaram
Os gestos dos que me apontaram
Olhares secretos que se cruzavam
Os risos todos que me cercavam*

*Rumores rubores constrangimentos insultos desacatos
Me revelaram
Negro
Qualificativo feio e inquietante
Nunca antes trocado em família*

*Tornou-se inevitável o meu aprendizado”
(MACA, 2015, p. 69-70).*

Ter um nome, qualquer um, oferecido por um mundo que não considera o dono desse nome pois, dependendo de sua cor, o nome dado ao corpo se torna um alvo para dardos com nomes mais significativos: o senhor Constranger; a senhora Insulto; o primo Desacato. O poeta baiano Nelson Maca parece falar sobre a ideia do humano em qualificar o que é humano. Com essa poesia, continuo a dizer que o racismo despersonaliza o sujeito, para torna-lo personalizado em uma movimentação de alvo, logo, no mundo do racismo é oferecido ao negro a paralisação, porque seu corpo se transforma em algo que se posiciona como alguém à mercê da vontade do outro. Essa despersonalização é acolhida por dinâmicas que venho provocando nas lógicas de consciência do corpo negro, e por isso, volto aos exemplos de outrora desta escrita para seguir nessa provocação da “consciência negra”, a partir das problematizações encontradas no já citado “devir-negro do mundo”. Cismo com

isso, e me faço perguntas, dentro do exemplo de algumas páginas anteriores, já escrita desse largo texto. Diferente de Pelé, Lázaro Ramos tem uma consciência negra? Dissemelhantemente em um, existe devir, e no outro, existe devir-negro? Acredito que não. Os dois são iguais, quando percebemos o sentido de “ser negro” na maneira fora do julgo de quem seria “melhor” ou “pior”, ao substituir o torpor pela empatia oferecedora de uma importância autêntica ao diferente. E se o decoro de ser negro se dá pelo brio de ser branco, o racismo, fenômeno que existe na sua anulação, poderia ser enfrentado individualmente e combatido coletivamente como uma doença que não tem cura? Me diz você, leitor e leitora que é negro ou negra, e você também, leitor e leitora, branco ou branca, pessoa e “pessoa”. Diante de seus cinco sentidos, sinta as peculiaridades negadoras e estabelecedoras do racismo anti-negros, ou mesmo as interrupções coloniais do mundo, estas que passam pela situação psicológica de não existir nenhuma forma possível de acesso à consciência desfazedora dos afetos de origem ambíguos, lógica que sustenta o arrebatamento de origem iluminista, aquilo que hipertrofia o câncer “Colonial Mentality” diagnosticado por Fela Kuti, quando lembra: *“Them go turn air condition/ And close them country away”* [*“Eles vão ligar o ar-condicionado/ E esquecer o seu país”*]. Sentiu? O racismo existe? O racismo não existe? Por aqui, me responsabilizo e insisto em afirmar a existência do racismo como uma doença sem cura, causada pelo câncer colonial do mundo.

A reação do racismo como câncer colonial está nas convulsões, nos ataques epiléticos do mundo. O que se sabe comumente sobre epilepsia, é que é uma alteração temporária do cérebro, um transtorno neurológico que provoca certo cataclismo corporal habilitado pela perda de consciência e controle do corpo, totalmente reversível. Nosso cérebro trabalha como uma máquina. Células trabalham para que aconteça os impulsos elétricos admitidos nos nossos esforços físicos, inclusive a atividade de pensar. Quando o trabalho dessas células se dá de maneira “anormal”, o corpo entra em curto-circuito, ou melhor, os impulsos elétricos acontecem de forma descontrolada no corpo. Tudo fica branco. Acontece a convulsão, algo que, às vezes, com pouca explicação, se dá como uma doença que não tem cura, assim como, às vezes, obviamente diante das relações de tratamento que o epilético pode buscar, as convulsões podem ser curadas. Dei minha primeira crise convulsiva, não por febre, nem por ter batido a cabeça, tão pouco por ter usado algum tipo de química que poderia alterar meu corpo. Não sei porque tive minha primeira crise epilética, aos 11 (onze) anos de idade. Depois, tive mais uma, que aconteceu aos 15 (quinze) anos de idade. As duas aconteceram na mesma compreensão vazia. Busquei tratamento, no maior esforço que pude fazer. Me curei da epilepsia. Por que me curei? Ela não existia mais na minha vida. Fui epilético. Após uma

tensa jornada, em atendimentos públicos e privados, entre a primeira e a segunda crise, usei psicotrópicos antiepiléticos/anticonvulsivos, receitados pelo segundo médico. Tomei esses “medicamentos” até aos 19 (dezenove) anos de idade. Me cansei das pílulas. Depois do cancelamento independente do tratamento, realizei mais um “check out” geral de exames. Agora eu estava com 21 (vinte e um) anos. “Descanse”, “alimente-se” e “durma” bem, para continuar bem, pois, segundo o neurologista que me atendeu, eu estava curado da epilepsia. Essas respostas não surgiram de forma simples. Parei de tomar os psicotrópicos do tipo antiepiléticos/anticonvulsivos porque eles não me faziam bem. Psicotrópicos são drogas. “Isso não vale de droga nenhuma!”. “Mas que droga é essa?”. “Que droga!”. Comumente utilizado para referenciar coisas ruins, sem qualidade, droga, na medicina, se dá em uma dobra ambígua, diante da necessidade de utilizá-las para algum tratamento específico. Por exemplo, quando tomei aquelas drogas anticonvulsivas para tratar o controle de possíveis crises epiléticas.

Falarei mais a frente desse termo fármaco, psicotrópico. O que quero dizer por agora, quando invoco essa expressão, é que, com o estímulo externo, reforçado na conversa que tive com o último médico consultado, um especialista na área neurológica, que disse que eu poderia estar mentindo, pois, nos exames, pareceu que eu nunca tive nenhuma crise convulsiva. Confuso! Descobri com este médico que a epilepsia é uma doença de causas enigmáticas. Tal neurocirurgião explicou, após uma bateria de exames básicos para saber como estaria a doença epilepsia no meu corpo, que os remédios/drogas que eu tomava poderiam me prejudicar, pois já eram muito pesados para um corpo epilético, e que para um corpo possivelmente não epilético como o meu, poderia causar danos outros. Depois disso, aproveitei o plano de saúde que eu tinha de um trabalho de carteira assinada (aos 21 anos de idade, como eu disse), para repetir os exames e realizar outros, que verificassem mais a fundo o meu caso epilético. No fim de tudo, o último médico que me atendeu sobre essa doença disse que se eu “não me cuidar”, ou melhor, diante de seus exemplos, se eu usar drogas sintéticas proibidas, tentar ficar “ligadão”, não “dormir bem”, não “viver bem” (seja lá o que isso signifique), a convulsão poderia voltar. Sou epilético. Não sou epilético. Sou Epilético... não sou. Sou. Não. Não sei.

Assim como o “com” e o “sem racismo”, a declaração de eu ter ou não epilepsia é, no mínimo, importante para serem provocadas intencionalmente em possíveis tratamentos. Mesmo sem cura, o racismo anti-negros/ a epilepsia do mundo pode ser combatida e até vencida. Discussão larga. Mas o que quero dizer é que mesmo sem cura, um câncer maligno que cria momentos de crises vergonhosas, que nos deixa no chão, babando como cães, por

causa da língua enrolada, a palavra mal compreendia, por não ser bem aceita. Ao pensar nestas 3 (três) crises convulsivas da minha vida, entendo que, talvez, o que aproxima as convulsões de um corpo com um corpo racializado seria a desumanização provocada pela vergonha. Quem *é*/ foi epilético sabe do que estou falando. Na primeira, babei. Na segunda babei e urinei. Na terceira, babei, urinei e senti medo de morrer. Medroso! Sim, fiquei apavorado. Não desejo esse sentimento que senti para ninguém. Fiquei fraco, e não podia “fazer nada”. Vou ter isso para sempre? Do nada, pode voltar? Hoje, lembro que ainda sinto esse medo, de me urinar, e quem sabe, até de defecar nas calças. Esse medo se dá naquele ideal vergonhoso mortal: no racismo, o enigma que não tem cura.

Segue um breve esquema dessa tarefa nada confortável, após a reação cometida por um evidenciar racial, a formação de outro mundo, o mundo enigmático/ racista.

Colono	Colonizado
1	1
Ser	não ser
1	1
Privilégio do lugar	Seu único e principal lugar é seu próprio corpo
1	1
Conforto da razão	Potências consideradas unicamente como irracionais

Ao se preocupar com a emocionalidade do negro brasileiro, focando na ascensão social deste público, e como ele se comporta diante das racistas movimentações presentes nesse processo de ascendência, a psicanalista Neusa Santos Sousa (1983), comenta que uma das formas de acontecer a autonomia do negro, é quando este público pensa em seu próprio discurso, sempre no foco da realidade concreta, de uma sociedade branca que não se agrada com as experiências negras:

De classe e ideologia dominantes brancas. De estética e comportamento brancos. De exigências e expectativas brancas. Este olhar se detém, particularmente, sobre a experiência emocional do negro que, vivendo nessa sociedade, responde positivamente ao apelo da ascensão social, o que implica na decisiva conquista de valores, status e prerrogativas brancos. (SOUSA, 1983, p. 17).

Neusa comenta que negros e brancos sofrem uma deformação causada pelos padrões tradicionalistas das relações sociais, onde a positividade de tudo se remete ao branco,

ocorrida, concomitante, com o enclausuramento do negro, este que deve ter “*o papel do disciplinado – dócil, submisso e útil – enquanto o branco agia com o autoritarismo, por vezes paternalista, que era característico da dominação senhorial.*” (SANTOS, 1983, p. 20–21). Esse adestramento embranquecedor seria mais uma espécie de ação continuada, da formação sócio histórica, cultural e política do país, que, segundo Neusa, se dá no “*sustentáculo da estrutura das relações raciais no Brasil*”, a partir de um tripé, produtor da condição da possibilidade da ascensão do negro: cor, ideologia e democracia racial. O contínuo de cor está no extremo presente na linha ininterrupta, que coloca o branco e o negro como diferentes, diante de critérios mediados pelo sentido de brancura; melhor explicando, “*quanto maior a brancura, maiores as possibilidades de êxito e aceitação.*” A ideologia contínua se dá no esforço de desestimular a solidariedade entre o negro que ainda se percebe em seu grupo de origem (negra). Ao enxergar o negro como negativo, o negro individualiza sua ascensão, chegando a efetivação de tal projeto, pois amplia o fosso que o separava de sua identidade enquanto indivíduo e/ ou grupo. Já a democracia racial contínua, elemento proveniente de emponderar a herança escravocrata, apático com a imagem do negro, que deve ser constituído pela imagem do branco, logo, seu reconhecimento se dá, prioritariamente, pela inferioridade, uma auto depreciação, para evitar possíveis confrontações, “*ombro-a-ombro com o branco*”. (SOUSA, 1983, p. 22).

Esse tripé explanado por Neusa Santos Sousa parece trazer a origem da amnesia racial brasileira, esta que esquece como o negro brasileiro foi/ é tratado, dentro (ou fora) da diáspora: nem como igual, tão pouco como superior, mas sim como inferior e submisso. O negro brasileiro é aquele que esquece que foi “*obrigado a tomar o branco como modelo de identidade, ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social.*” (SANTOS, 1983, p.19). Segundo Neusa, esse seria o momento da instauração de um mito, a partir de um tempo-espaco comprometido com a clareza, ilusão e a verossimilhança, todos frutos de um poder constitutivo do próprio mito, este que dissolve, simbolicamente, as contradições que existem ao seu redor. Uma fala. Um discurso, verbal ou visual. Uma comunicação que esconde o real, onde a natureza é ilusória, através de um efeito social resultante da convergência de determinações econômico-político-ideológicas e psíquicas. Através de um conjunto de representações, o mito se expressa, ao mesmo tempo em que se oculta, durante uma ordem de produção de bens de dominação e doutrinação.

Psiquismo, onde predomina o prazer e o imaginário, Neusa chama esse mito de “mito negro”, este configurado nas várias produções de singularidade problemáticas em ser negro. Tal mito negro divide-se em três partes:

- 1.º) – pelos elementos que entram em jogo na composição desse mito;
- 2.º) – pelo poder que tem esse mito de estruturar um espaço, feito de expectativas e exigências, ocupado e vivido pelo negro enquanto objeto da história;
- 3.º) – por um certo desafio colocado a esse contingente específico de sujeitos – os negros.

Incrustado em nossa formação social, matriz constitutiva do superego de pais e filhos, o mito negro, na plenitude de sua contingência, se impõe como desafio a todo negro que recusa o destino da submissão. Interpelado num tom e numa linguagem que o dilacera inteiro, o negro se vê diante do desafio múltiplo de conhece-lo e eliminá-lo. Como Édipo, se encontra frente a frente à Esfinge e seu enigma: é vital apoderar-se do conhecimento, desvendar a resposta e assim destruir o inimigo para seguir livre. Obviamente, cabe a negros e não-negros a consecução desse intento, mesmo porque o mito negro é feito de imagos fantasmáticas compartilhadas por ambos. Razão maior para que tal empenho seja comum é o nosso anseio de construir um mundo onde não mais seja preciso dividi-lo entre negros e brancos. Entretanto, enquanto objeto de opressão, cabe ao negro a vanguarda desta luta, assumindo o lugar de sujeito ativo, lugar de onde se conquista uma real libertação.

O mito negro se constitui rompendo uma das figuras características do mito – a identificação - e impondo a marca do insólito, do diferente. (SANTOS, 1983, p. 25-26).

Mito negro é algo criado pelo inabitual reconhecido, logo, se rudimenta através de uma característica enigmática. Elemento essencial para a consolidação do espaço histórico, que almeja se prolongar, através de desafios com o colonizado orientado pelo superego geracional, pois, apesar da perfeição, se posiciona como contingente, ou seja, pode acontecer ou não. Melhor dizendo, nem todo negro é ou quer ser submisso. Se relaciona com o conhecimento colonial, que podem ser adquiridos para derrotar o inimigo, ou seja, o processo de embranquecimento. Esse inimigo acontece quando a não submissão é presenciada e reconhecida pelo negro e não-negro, pois o mito negro se empenha nos dois (ou mais) lados. O empenho de não ser submisso está na vontade de romper com a divisão entre negros e brancos; um romper no sentido de abrir, causando um espaço propício para reconhecer a diferença promulgadora das possibilidades de conflitos.

Mito é palavra repetida neste texto. No capítulo anterior, falei sobre ele com Abdias Nascimento. Agora, ele aparece nas leituras de Neusa. Esses, e certamente outros mitos, são inevitabilidades que acabam como fundamentação de capacidades, através de um cunho inquietante, emergidos por plantações ocidentais que, quando brotam, surgem por solos de consciência, da vida universal e da verdade da Humanidade. Sendo o bairro mais civilizado do mundo, o Ocidente inventou o cultivo do “direito das gentes”, e acaba sendo o exclusivo, o único capaz de edificar uma sociedade civil das nações compreendida como um espaço público de reciprocidade do direito. Para ficar melhor entendido, o Ocidente é o que deu/ dá origem a uma ideia de ser humano com direitos civis e políticos, permitindo-lhe desenvolver os seus poderes privados e públicos como pessoa; é o preocupado com tudo o que é humano,

agindo como uma espécie de guia dos costumes que podem ser aceitos por diferentes povos, através de rituais diplomáticos, das leis da guerra, dos direitos de conquista, da moral pública, das boas maneiras, das técnicas do comércio, da religião e do governo. (MBEMBE, 2014). Ainda na metáfora empírica sobre a sementeira das lógicas do plantio, o brotar e colher da consciência, é importante dizer que, na vida do negro, tal relação se dá em uma neurose que precisa ser cortada pela raiz, pois nasce como uma espécie de erva daninha, ou seja, de maneira espontânea, causando estranhamento entre as demais partes da fauna. Cortar essas ervas daninhas seria libertar a neurose, a fim de dar cabo dos “*delírios infantis*”, modo como “*um neurótico, acidentalmente negro, se comporta*.” (FANON, 2008, p. 81). O encadeamento de conseguir (ou não) cortar essa erva daninha pela raiz, acabar (ou não) com a neurose negra, segundo Fanon, seria o mito formado entre os encaixes de sentidos já pactuados racionalmente - por aqueles que sempre fizeram sentido -, e a rejeição a esta junção.

É preciso reconhecer: tanto no plano da psicanálise como no da filosofia, a constituição só torna-se um mito para aquele que consegue superá-la. Se, de um ponto de vista heurístico, deve-se negar qualquer existência à constituição, o problema é que alguns indivíduos procuram encaixar-se nas categorias pré-estabelecidas, e não podemos fazer nada a respeito. Ou melhor, podemos, sim, fazer algo. (FANON, 2008, p. 81).

O mito é criado pelo conflito causado entre o cativar e o não conseguir cativar. Estamos falando disso em todo o texto, apesar de nosso foco ser outro. Mas é inevitável. Quando me aproximo do âmago desta leitura, o racismo, algo tão conflitante no mundo das razões estabelecidas, que acabo me aproximando das causalidades degeneradas presentes nas tramas raciais, e o mito é uma delas. Então, por agora, é importante dizer que a sociedade realiza a influência humana. É a sociedade que forma o “ser” humano. (FANON, 2008, p. 28). A realidade dura das músicas de raps, como as produções do Racionais MCs, é uma aula para não perdemos tempo com entusiasmos nesta pesada afirmação. Afinal, se entusiasmar “*é, por excelência, a arma dos impotentes*.” (FANON, 2008, p. 27).

**“Daria um filme/ Uma negra
e uma criança nos braços/ Solitária na floresta
De concreto e aço/ Veja, olha outra vez o rosto na multidão/
A multidão é um monstro sem rosto e coração”**, disse o rapper paulistano Mano Brown. Com essa parte da música, dentre outros momentos da mesma composição, parece mostrar que é a sociedade que desfigura o humano, e anula o rosto e o coração de um corpo. Para o antropólogo brasileiro-congolês Kabengele Munanga (2017), a lógica de hierarquizar “o

outro”, por dentro do racismo anti-negro, passa, no decorrer dos anos, “*por uma complexidade de mutações em suas figuras sociais culturais e discursivas*”, pois, logo na segunda metade do século XX, acontece a discussão que diz que a raça não existe, assim como a superioridade e a inferioridade racial advindas dos grupos humanos. “*Mas, mesmo assim, a crença racista insiste, e ‘a racionalidade em si não é suficiente para que todas as pessoas possam abrir mão de suas crenças racistas’*”, já que estes seriam “*movidos por outra racionalidade, que não é necessariamente científica*”. (MUNANGA, 2017, p. 33). Nesse sentido, para muitos, no Brasil, o racismo não existe e/ ou, quando visto, tem sua presença sentida de maneira duvidosa. Com isso, para Munanga, o fenômeno racial, por aqui, se manifesta pela característica “ambígua e fugitiva”:

Para muitos, ainda, o Brasil não é um país preconceituoso e racista, sendo a discriminação sofrida por negros e não brancos, em geral, apenas uma questão de economia, ou de classe social, sem ligação com os mitos de superioridade e inferioridade raciais. Nesse sentido, os negros, indígenas e outros não brancos são discriminados por serem pobres. Em outros termos, negros e brancos pobres, negros e brancos de classe média ou negros e brancos ricos não se discriminam entre si, tendo em vista que pertencem às classes econômicas iguais. (MUNANGA, 2017, p. 34).

Munanga critica a leitura que enxerga as questões raciais pelo lado da classe, pois não acredita que pessoas de “equidade econômica” não ajam com discriminação entre seus pares. Concordo com Munanga, e acredito que o brasileiro/ a de cor da pele preta, como eu sou, também concordará, se lembrar daquele momento no “Shopping”, o de ser visto na entrada e na saída como um possível equívoco neste lugar. Qual negro/ negra que já foi perseguido por um segurança de shopping/ loja de conveniência/ loja de departamentos/ loja de vestuários, não sentiu aquela vontade de ter dinheiro o bastante para comprar “a loja toda”, na intenção de figurar o perseguidor/ o segurança/ o racismo/ o meio encontrado pelo racista, a uma imagem enfadonha? Qual negro/ negra não almeja ostentar, na intenção de mostrar que é apenas mais um/ a cliente? A vontade de comprar tudo não iria precaver o racismo sobre esse corpo que pode comprar, mas, iria provocar um romper, momento do apontamento sofrido pelo certo apontado como outro. A vontade do/ da preto/ preta de comprar pode causar confusão, inclusive entre os/ as pretos/ as. Ele/ ela pode sim achar que se “curou do racismo” porque tem dinheiro. Mas tal pensamento vacila na sua própria afirmação, pois, aos olhos de quem quiser negar este corpo como semelhante, mostrar ou não riqueza, não intervirá no sentimento de superioridade/ inferioridade, logo, o racismo não deixa de ter possibilidade para acontecer. Ainda sobre a confusão do preto ou da preta, pode ser interpretado como a possibilidade de outros esquemas, talvez, menos doloroso. A pessoa de cor preta pensa que

esse tipo de comportamento, mesmo que não acabe com o racismo, ou mesmo que acabe criando as falsas esperanças do fim de olhares racistas sobre esse corpo, a possibilidade reativa imprevisível acaba agindo de forma para uma possível melhor defesa, já que, pelo menos ali, naquela hora, o possível racista deverá anular sua colonização.

“Eu quero, eu compro e sem desconto!/ À vista, mesmo podendo pagar/ Tenha certeza que vão desconfiar/ Pois o racismo é disfarçado há muito séculos/ Não aceita o seu status nem sua cor”. Trago mais essa canção do Racionais MCs, chamada “Eu compro”, cantada por Ice Blue, para comentar que, nos questionamentos do racismo anti-negros, não sou escravo da “ideia” que os outros fazem de mim, e sim “da minha aparição”, e por isso, rastejo nessa larga discussão, com algumas experiências de dissecação branca sobre minha episteme, olhares estes que piscam, desde quando eu apareço. Ainda sobre o “*racismo à brasileira*” dito por Munanga, fenômeno que, segundo ele, é diferente “*de outras formas de manifestações discriminatórias na história da humanidade, como o regime nazista, as leis de Jon Crow no sul dos Estados Unidos e o apartheid na África do Sul, apenas para citar as mais conhecidas.*” (MUNANGA, 2017, p. 37). Como exemplo, Munanga comenta sobre uma pesquisa científico jornalística realizada pelo jornal Folha de São Paulo e pelo Instituto Datafolha, que aconteceu em 1995, onde mostra o resultado da dúvida sobre a existência do fenômeno em foco, a cordialidade, situação possivelmente existente apenas no Brasil:

Seria interessante interrogar-se como o racismo pode ser cordial apenas no Brasil e não tem em outros cantos do mundo. Na pesquisa, 89% dos brasileiros entrevistados aceitaram a existência do racismo no país, embora apenas 10% deles tivessem confessado conhecer pessoas que discriminam, ou terem eles próprios discriminado. Ao questionar os pesquisados se não se importariam que suas filhas casassem com uma pessoa negra, as respostas revelaram contradição até entre aqueles que declaram não serem racistas, na medida em que não via com bons olhos o casamento inter-racial, entre pessoas brancas e negras. Mostrando preocupação com a chegada de descendentes mestiços, que também sofreriam com o preconceito por parte da sociedade, eles reprovaram a união inter-racial, deixando clara a ambiguidade que permeia a apologia da mestiçagem como símbolo da identidade nacional brasileira. (MUNANGA, 2017, p. 34–35).

Com isso, volto à ideia de discussão sobre a “democracia racial” e o “mito do ‘africano livre’” em Abdias Nascimento, invocados no capítulo anterior, ferramentas que contribuíram para a cordialidade sobre o fenômeno racista brasileiro. A simpatia que cria subterfúgios para a criminalização da pessoa negra, sobre o tráfico transatlântico; o acontecimento que, mesmo sendo considerado por grandes baluartes como a Unesco “uma das maiores tragédias da história da humanidade”, o julgamento do participante europeu é anulado, quando a participação africana é vista. Para Kabengele, esse tipo de posição reflexiva sobre o racismo,

acabaria negando “*a responsabilidade do regime nazista no Holocausto, por causa da colaboração de certos países europeus e da tradição de alguns judeus.*”. (MUNANGA, 2017, p. 37). Munanga chama as vozes dessa ideia de “*inércia do mito de democracia racial brasileira*”, as lógicas que reafirmam a miscigenação como a igualdade entre os brasileiros, sentimento desigual por não aceitar o terror racial, produzindo lógicas para as falácias “*Quanto mais se fala do racismo, mas ele acontece.*”, que sai inclusive da boca de um negro, devido seus “*lobotômicos*”⁷⁷ processos de embranquecimento.

Só de falar, incomoda. Experimente. Tente falar a palavra “racismo” em um lugar público ou privado, sobretudo, se você, meu/ minha caro/ a leitor/ a, for negro/ a, ou não branco/ a. “Racismo”: palavra proibida. Pergunte para Pelé, um dos maiores atletas da história, e autor da frase dita no parágrafo anterior – “*Quanto mais se fala do racismo, mas ele acontece.*”. Sim, Pelé tem razão. Se falar de racismo, ele aparece. Não, Pelé está errado, se falar de racismo, ele terá sua presença sentida. Aceitando ou não, o racismo surge. Racismo: pretexto para “crime(s) perfeito(s)”. A crença de um perigo causa um sentir, realizador da ambiguidade dita por Munanga, quando fala que a dinâmica do racismo no Brasil desmobiliza as vítimas desse terrível fenômeno. Por isso, Kabengele Munanga, “*Resumiria o racismo brasileiro como difuso, sutil, evasivo, camuflado, silenciado em seus objetivos, e algumas pessoas talvez suponham que seja mais sofisticado e inteligente do que o de outros povos.*”. (MUNANGA, 2017, p. 41).

Um dia me aproximo mais do mito, ainda em necessidade de entender melhor o racismo anti-negro. Por agora, pauso essa ode mitológica para dizer que sim, podemos fazer algo sobre o racismo anti-negro, principalmente quando pensamos sobre o seu teor neurótico, visto em Fanon como delírios infantis realizados pelo corpo.

2.1.2 Racismo, raça e a vergonha: uma conversa sobre neurose

Em uma tentativa de entender melhor o termo neurose, tão conhecido na psicanálise, para melhor ler sobre o objeto da pesquisa deste texto, o racismo, cito Fanon:

Nunca se salientará suficientemente que a psicanálise, como se sabe, se propõe a compreender determinados comportamentos no seio de um grupo específico representado pela família. E quando se trata de uma neurose vivida por um adulto, a tarefa do analista é reencontrar, na nova estrutura psíquica, uma analogia com certos elementos infantis, uma repetição, uma cópia de conflitos surgidos no seio da constelação familiar. Em qualquer dos casos, procura-se considerar a família “como objeto e circunstância psíquicas”. (FANON, 2008, p. 127).

⁷⁷ De lobotomia.

Fanon diz que a psicanálise atende a neurose do adulto na tentativa de reencontrar o seio da constelação, o lugar do significado familiar deste neurótico, a posição onde, possivelmente, surgiram muitos conflitos que compõem essa neurose, fortemente achegada no período infantil. Nos termos presentes em *“Le complexe, facteur concret de la psychologie familiale”* (O complexo, um fator concreto da psicologia familiar), de Jacques Lacan, outro importante nome na psicanálise, Fanon ainda explica a família como algo ocasionador das ações psicológicas do sujeito; não é por menos que, para ele, isto seria uma forma de dissolver o universo mórbido racional/ racializador, logo, *“só uma interpretação psicanalítica do problema negro pode revelar as anomalias afetivas responsáveis pela estrutura dos complexos.”* (FANON, 2008, p. 27).

Habitualmente usada no cotidiano, a palavra neurose é perfeitamente expressada, mesmo que, muitas das vezes, quem a explana não tenha um entendimento do que se trata. A neurose é uma das três formas do sujeito criar um entorno afetivo e criar o seu modo de se relacionar no mundo. Portanto, converso agora com a neurose em Sigmund Freud. Mas antes, quero comentar de maneira breve sobre as outras duas constituições comuns nos estudos psicanalíticos, a perversão e a psicose.

A perversão seria aquele sujeito ausente de culpa, dentro de ações desarmônicas, logo, não se incomoda de fazer o outro sofrer. Já a psicose é causada por alucinações, delírios, cria um modo de relação onde o eu e o outro parecem não se separar, e acaba realizando uma ação inexplicável até mesmo para o próprio psicótico, que sofre com isso. Agora o neurótico é o *“resultado de um conflito entre o Eu e seu Id”* (FREUD, 2010, p. 159), ato causador de uma angústia que autoriza a realização de práticas para perder o desespero. O exagero da neurose pode deixar o neurótico em estado tão grave quanto um perverso e um psicótico, mas, no geral de tudo, os únicos não neuróticos são aqueles perversos e psicóticos. Na psicanálise, não existe um quadro de “normalidade”. Para continuar esta conversa neurótica, antes, não posso deixar de comentar sobre o Ego, Superego e Id, os construtos de uma mente.

Freud percebe que o homem é movimentado por várias forças. As instintivas, impulsivas, da ordem da natureza, ele chamou de Id. O Superego ou Super-eu seria a consciência, a moral, a voz do aceitar ou negar do indivíduo sobre algo ou alguma coisa. Já o Ego é o final dos dois anteriores, pois é o que acolhe a pressão do Id e coordena as ordens do Superego, vide as exigências da realidade externa. Com isso, podemos dizer que a(s) neurose(s) aparece(m) quando é contestado, ou quando não acontece de maneira efetiva

a aceitação, ou qualquer possibilidade de movimento do Id pelo Ego. E o que acontece é:

O Eu, então, defende-se dele através do mecanismo da repressão; o que é reprimido se revolta contra esse destino, criando, por vias sobre as quais o Eu não tem poder, um substituto que o representa, que se impõe ao Eu pela via do compromisso, o sintoma; o Eu vê ameaçada e prejudicada por esse intruso a sua unidade, dá prosseguimento à luta contra o sintoma, tal como se defendia originalmente do impulso instintual, e tudo isso resulta no quadro da neurose. Não constitui objeção que o Eu, ao efetuar a repressão, no fundo esteja seguindo as ordens do seu Super-eu, que, por sua vez, originam-se das influências do mundo externo real que acharam representação no Super-eu. Permanece o fato de que o Eu se pôs ao lado desses poderes, que nele as suas exigências têm mais força do que as reivindicações instintuais do Id, e que o Eu é o poder que coloca em andamento a repressão a essa parte do Id e fortalece a repressão mediante o contra investimento da resistência. A serviço do Super-eu e da realidade, o Eu entrou em conflito com o Id, e assim ocorre em todas as neuroses de transferência. (FREUD, 2010, p. 159-160).

O conflito do Eu, do Ego, contra o Id, desencadeia em uma repressão que mexe com o Super-eu, com o Superego, que se fortalece através das resistências das reivindicações instintuais. Esse Super-eu persiste nas “*coisas obscuras e não resolvidas*”, e por isso, vê “*de uma nova maneira o já conhecido*” (FREUD, 2010, p. 159), logo, a neurose acaba permitindo a entrada de uma consciência que não é permitida, como a que estou provocando nas impossibilidades possíveis em ser negro no mundo racista anti-negros ou, como diz a psicanálise, no outro racista. Está aí, nessa anfibia de resistência do Ego que promove ações no Superego, a distinção entre a neurose e a psicose, pois a primeira reprime o instinto e promove algo para a realidade - na vida do negro, por exemplo, promove a imprevisibilidade do “ser”, que pode se tornar “previsível”, presente no Superego -, e a segunda induz as relações desse Superego com a consciência social, presente na pressão para ser parecido ou agradável ao branco, criadora de demandas sociais que acabam criando no corpo negro uma retirada da parte da realidade – quando o negro não se percebe, por exemplo, nega sua negritude e age de forma alucinada, pois acredita que realmente é igual ao outro, ao branco, o que o transforma em outro, em mundo, para seu mundo.

O racismo (ou qualquer outra colonização) é uma alucinação psicótica cometida pela realização descontrolada do Id. Sendo assim, o mundo anti-racismo, por que não, pode ser a “*a influência preponderante da realidade*” (FREUD, 2010, p. 194) que coíbe esse Superego, através de uma pressão para acreditar nesse real - concomitante com o avanço desse Superego, que aceita a necessidade de uma “*consciência negra*”. O que quero dizer é que racistas são psicóticos e a sociedade nos impõe a ser esse tipo de psicótico, mesmo que a vontade comum de qualquer sujeito seja a de ser um neurótico, pois “*toda*

neurose perturba de algum modo a relação do doente com a realidade, que é um meio para ele retirar-se desta, e, em suas formas graves, significa diretamente uma fuga da vida real.”. (FREUD, 2010, p. 194).

Enriquecida por um contínuo transformador de novas percepções, a psicose remodela a realidade por via de alucinações, e o racismo, nesse esquema, vira uma fantasia real, uma fantástica fantasmagoria que insiste no âmbito da razão, esta que importuna, pois cria a situação que desenvolve, assim como na neurose, a angústia, que na ação neurótica, comentada aqui mais um pouco, se dá pelo *“instinto reprimido, e por isso as consequências são as mesmas em ambos os casos.”*. (FREUD, 2010, p. 196–197). Por isso, minha aposta com a psicanálise, é entender melhor que, na relação racista, essas angústias parecem se aproximar da situação comum ocorrida no racismo anti-negro, o causador de duas partes, a branca psicótica e a negra neurótica. Concordo também que pensar um lugar para essa relação é pouco para as reflexões sobre o racismo, afinal, também existem negros psicóticos, e brancos neuróticos, em suas constituições, diante de alguma situação. Não pensarei sobre o resultado da habitualidade maçante dessas relações psicóticas e neuróticas, nem do branco, tão pouco do negro. Mas também não posso esquecer de dizer que, mesmo sem um aprofundamento, entendo que existem outros lados a serem pensados, mas o que quero é seguir na cisma da provocação do preto psicótico, não como resultante de uma forte neurose do outro racista, mas sim como aquele que se entrega as forças do Id, vontade inconsciente que dismantela as leis, inclusive as racistas, esta do branco neurótico, que não confessa a força do Id, mobilizadora das “leis” dos direitos do outro, porque não, um neurótico disfarçado de psicótico, estes, muitas das vezes, para nós do corpo negro, o movimento das esquemáticas confusões criadas pelas perversões/ razões brancas. Em outras palavras, a perversão como resultante de uma forte psicose sobre o outro racializada, se dá como neurose, pois, como eu disse, não confessa o inconsciente, a vontade de ver o outro como algo animalesco, pois é visível na história que o primeiro mostra culpa, enquanto o outro, sem culpa, apaga a história. O racista sabe que pode ferir alguém, mesmo que não saiba que esteja sendo racista, pois reduz o outro, através da linguagem, ação racionalizante, de experiência da diferença, colocando qualquer “ser” que não o aprecia e/ ou o entende, como “sem ser”, posicionando-se por si como ser absoluto, no interesse de dominar o que pode ser imprevisível, nem que para isso aja com alucinação, tornando mentiras verdades e verdades mentiras, ou melhor, inventa algo para apagar qualquer possibilidade de expor a relatividade entre uma mentira ou uma verdade, pois dita o certo e o errado. Não é por menos que Freud comenta:

Mas o novo mundo exterior fantástico da psicose pretende se pôr no lugar da realidade externa, enquanto o da neurose, tal como o jogo das crianças, apoia-se de bom grado numa porção da realidade — uma diferente daquela de que foi preciso defender-se —, dá-lhe uma importância especial e um sentido oculto, que, de maneira nem sempre correta, chamamos de simbólico. Assim, tanto para a neurose como para a psicose há a considerar não apenas a questão da perda da realidade, mas também de uma substituição da realidade. (FREUD, 2010, p. 198).

Nesse trecho de Freud, a psicanálise pode ser vista como aquilo que não se preocupa com a verdade, e sim com o conjunto de símbolos, os estímulos que repousam na psique, sustentando e justificando suas ações. Logo algo fantasioso como o racismo é tanto o mundo projetado pelas psicoses quanto negado na neurose. Se o outro/ mundo é racista, a psicanálise se faz importante para pensar a relação do racismo como um conflito entre ações psicóticas e neuróticas, o ser branco sobre o ser negro respectivamente, na intenção de, principalmente, dispor a existência desse fenômeno, que é tão psicológico como filosófico: o racismo, este que é tão simbólico porque é oculto. Essa conexão que entendo entre o neurótico, o psicótico e o racismo, leva algo em comum entre Freud e Fanon: a criança, as relações infantis no desenvolvimento desse oculto. Mais à frente, no próximo capítulo, volto ao assunto criança, para falar, de maneira breve, sobre infância. Por agora, sigo na leitura de Fanon, para pensar a neurose psicanalítica de Freud, defendendo a suma importância das reflexões sobre a psique no debate racial anti-negro:

Qualquer que seja o domínio considerado, uma coisa nos impressionou: o preto, escravo de sua inferioridade, o branco, escravo de sua superioridade, ambos se comportam segundo uma linha de orientação neurótica. Assim, fomos levados a considerar a alienação deles conforme descrições psicanalíticas. O preto, no seu comportamento, assemelha-se a um tipo neurótico obsessional, ou, em outras palavras, ele se coloca em plena neurose situacional. Há no homem de cor uma tentativa de fugir à sua individualidade, de aniquilar seu estar-aquí. Todas as vezes que um homem de cor protesta, há alienação. Todas as vezes que um homem de cor reprova, há alienação. (FANON, 2008, p. 66).

Com a psicanálise, Fanon explica que somos capazes de considerar algo em comum entre o ser negro e o ser branco: os dois são escravos. A diferença dessa escravização está na forma de suas neuroses. O negro é neurótico devido às relações de sua situação com o inferior que lhe é imposto a se comprometer, enquanto o branco se torna neurótico durante as consolidações de sua superioridade, que não admite o protesto, o sair da linha, a alienação negra, capaz de romper com o ciclo neurótico, logo, manifesta possibilidades de elementos fora do campo de inferioridade racista anti-negro. Entretanto, a estrutura familiar, junto da estrutura nacional, de militarização afinada com a autoridade paterna, que centraliza a

civilidade conduzida pelo epicentro europeu, em suas variadas conjunturas, mantêm a neurose/ o racismo e, concomitantemente, assimila a família como “*um pedaço da nação*.”. (FANON, 2008, p. 127-128).

Fanon explica que esta é a neurose do negro, a que nasce pela obrigação em ser a figura racializada, o apontado como o outro, o que não é semelhante ao branco, o de neurose vigorosa, solidificada pelo quadro histórico (como já comentado, e que continuará sendo dito), se determina pela dúvida de sua existência, porque a afirmação embraquecedora “supostamente” faria o negro existir, somente se este se parecer ou se posicionar de forma agradável ao branco. E está aí algo a se dizer sobre o racismo: ele é um fantasma que existe pela neurose negra; a alienação que corta as cordas que amarram a neurose branca, na intenção de deixa-la livre, e invocar este assombroso momento.

Em uma de suas obras de cunho menos clínico e mais sociológico, aliás, prioritária ciência deste texto, Sigmund Freud, em “Mal-Estar da Civilização” (2010), nos fornece um modo de ler (e quem sabe ter) a oposição irremediável sobre as exigências do instinto, e o “resultado”, as consequências causadas por eles, perante as correspondências vinculadas às restrições da civilização. Em suas leituras, Freud comenta sobre o “*sentimento oceânico*”, aquilo que existe na religião, uma dessas relações disseminadoras do estabelecimento condicionado. Mesmo não acreditando em religião, ou melhor, mesmo não sendo adepto do sentimento oceânico, Freud o posiciona como algo que vai além das igrejas e outras instituições religiosas, pois seriam as abas que canalizavam este sentimento como crenças que determinam a unidade de fé ou de conhecimento, já que ele se aproxima do fenômeno pela psicanálise, acreditando que, dessa forma, daria para refletir sobre os elementos externos sem nenhuma relação fisiológica.

Um sentimento de vinculação indissolúvel, de comunhão com todo o mundo exterior. Devo dizer que para mim isso tem antes o caráter de uma percepção intelectual, certamente com uma tonalidade afetiva, mas, tal como ela, não faltaria em outros atos de pensamento de envergadura semelhante. Por experiência própria não pude me convencer da natureza primária de tal sentimento. Mas isso não me autoriza a questionar sua ocorrência em outros. Perguntamos apenas se ela é interpretada de modo correto e se deve ser admitida como *fons et origo* [fonte e origem] de todas as necessidades religiosas. (FREUD, 2010, p. 11).

Freud não se convence do sentimento oceânico, mas não o dispensa, já que aceita a existência desse elemento em outros. E mesmo que entenda esse sentimento oceânico como algo indestrutível, através da sintonia com o mundo externo, para ele, tal ligação seria mais algo de características intelectuais, mesmo sendo em nuances afetuosas. Neurologista da Morávia (hoje, a República Checa, espaço que sofreu abalos pelas duas guerras mundiais

vistas/ ditas na história), e um dos principais nomes da psicanálise, Sigmund Freud entende não sentir o sentimento oceânico na intenção de preferir interpretá-lo, o que o faz perceber a sua importância/ existência: as possibilidades de entender melhor a relação “*de nosso Eu*”, através das reflexões sobre esse sentimento oceânico.

Este Eu nos aparece como autônomo, unitário, bem demarcado de tudo o mais. Que esta aparência é enganosa, que o Eu na verdade se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente a que denominamos Id, à qual ele serve como uma espécie de fachada — isto aprendemos somente com a pesquisa psicanalítica, que ainda nos deve informar muita coisa sobre a relação entre o Eu e o Id. Mas ao menos para fora o Eu parece manter limites claros e precisos. (FREUD, 2010, p. 11-12).

Sigo por este sentimento oceânico em Freud, ingrediente de suma importância na psicanálise, pois pensá-lo é pensar o Id, este que se torna o lugar do Eu, logo, o Eu próximo do que não tem fronteira nítida, o próprio inconsciente agindo. O sentimento oceânico é aquilo que aloja a permissão enxergada na relação entre o Eu e o Id, realização constituída por um enamoramento, que chega ao seu auge, ou seja, no limite:

(...) o enamorado afirma que Eu e Tu são um, e está preparado para agir como se assim fosse. Algo que pode ser temporariamente abolido por uma função fisiológica também poderá ser transtornado por processos mórbidos. A patologia nos apresenta um grande número de estados em que a delimitação do Eu ante o mundo externo se torna problemática, ou os limites são traçados incorretamente; casos em que partes do próprio corpo, e componentes da própria vida psíquica, percepções, pensamentos, afetos, nos surgem como alheios e não pertencentes ao Eu; outros, em que se atribui ao mundo externo o que evidentemente surgiu no Eu e deveria ser reconhecido por ele. Logo, também o sentimento do Eu está sujeito a transtornos, e as fronteiras do Eu não são permanentes. (FREUD, 2010, p. 12).

Para Freud, enamorar é anular, por um tempo, alguma função física, um transtorno, pois causa a debilitação de alguma parte da essencialidade corpórea, algo que, em algum momento, pode ser patológico. Advinda por variadas delimitações entre o Eu e o mundo exterior, situação composta na vida psíquica de quem se evidencia no alheio, o que não pode/ poderia pertencer ao Eu. Formas de fronteiras incertas, de sentimentos transtornados, é o que adquire outro incentivo por se desprender da “*massa de sensações*”, no interesse de se aproximar da “*ilimitada vigência*”, o que não faz o Eu desaparecer, ao invés disso, se presencia pelos sentidos da dor, do desprazer, o desconforto, pois o prazer buscaria o conforto, ou seja, o “*Eu-de-prazer*” que evitaria esse outro Eu, que se isola, ao não se opor ao desprazer: aquilo que não é desprezado na composição do Eu; acaba compondo o corpo que sabe que pode agir através de algo desagradável, ou até mesmo não permitido, no ofício colonial da racionalização. (FREUD, 2010).

Mas e o agir pela dor, por desprezar à dor? Quem agiria pela dor? Essas questões podem ser afirmadas por nós mesmos, caso você, meu caro/ a leitor/a, seja negro como eu. O negro é aquele construído pelo mundo exterior, o ser apontado como outro, pelo outro, que não se reconhece outro. Na realidade colonizadora, manifestação permitida em prol do conforto da racionalização, da conscientização, uma das formas que se dá a dominação principiada para uma evolução respectiva a algo anterior, carrega a tal autorização/ orientação intencional na atividade dos sentidos, nas ações musculares apropriadas para, naturalmente, se proteger de possíveis desprazeres que possam vir do interior, mas que acontece pelo lado externo, o *“ponto de partida de significativos distúrbios patológicos”* (FREUD, 2010, p. 12-13), o sentir desprazer, não pelo lado de dentro, mas pelo lado de fora. A ação racista é permitida nesse abalo causado entre o desprazer externo e interno, devido ao viver de um mundo embranquecido, onde ser negro é errado e, mesmo assim, insistem em se posicionar como negros. Em seu olhar psicanalítico, ligado à sociologia, Freud pensa o Eu, sua trajetória familiar, verbo fundado na formação das lógicas de uma nação, como algo presente na vida adulta, através de uma característica particular para acontecer: não ser o mesmo, desde o princípio. O Eu deve passar por uma “evolução”. Mas, em um mundo racista como o nosso, o “Eu negro”, em sua inferioridade neurótica, acaba que por constantemente ser aquele ser obrigatório em uma inconstância evolutiva, tanto para se reconhecer no racismo, assim como para tentar sair dele, de alguma maneira, o enfrentando, a única possibilidade de não permitir que a neurose racial acabe com o corpo. Essa relação entre o (des)prazer interno e externo também acontece do outro lado, ou seja, na racionalização de quem racializa, na proposta de inferiorizar o outro. Como eu disse anteriormente, no racismo, as neuroses são diferentemente iguais, afinal, todos sentem dor no racismo; entretanto (porém, contudo), quem sofre mais dor, obviamente, é o apontado como outro, o que sofreu a racialização/ inferiorização, causada no mundo de sentimentos oceânicos.

Conversando um pouco mais sobre a relação do racismo com esses parágrafos introdutórios do “Mal-Estar da Civilização”, e sua ideia de sentimento oceânico, que é analisada largamente, terá, aqui, apenas essa discussão do elo entre o interior e o exterior dito sobre esse conceito de Freud. Por agora, apenas pretendo entender melhor que essa é uma parte crucial do processo de desenvolvimento psicológico, autorizador da realidade que pode ser separada de si mesmo. E como discuto o racismo, não poderia deixar de perceber essas leituras de Freud para o debate sobre o racista, aquele que separa o ser de seu próprio ser. Puramente subjetivo, e por isso, concordo com Freud, quando inicia a afirmação do sentimento oceânico como algo que não pode ser reduzido (apenas) na fé religiosa. O

sentimento oceânico pode ser pensando na fase inicial de desenvolvimento, pois sua existência se dá por um sentimento abrangente, quase sem limites do mundo ao seu redor. Com a maturidade, surge o senso de realidade, delimitado ao mundo exterior, que poda essa abrangência. Está aí o porquê da presença dos “delírios infantis” na neurose do “Eu negro”, ou seja, o corpo “incapaz de aparar” o sentimento oceânico, logo, é incapaz de não sofrer alguma possibilidade de corte em seu devir. Mais uma vez, o racismo acontece. Será? Afinal, podemos descrever estados de espírito que já não nos habitam? Sim, através das afirmações da própria ciência, das leituras sobre as evoluções das variadas espécies de animais. Inclusive é nessa afirmação psicanalítica que me atrevo a pensar psicanaliticamente: a excepcionalidade da mente humana acontece porque os sentimentos adquiridos, na infância ou na fase adulta, continuam a coexistir, ao longo da vida de uma pessoa. Ter delírios infantis não é algo do ser negro, mas sim do ser humano. Mas Fanon percebe que, na redução do seu ser, na presença do seu devir, o negro é convidado a regredir, é infantilizado. Entretanto, uma vez que a memória é gravada, ela nunca é apagada, e pode ser chamada para a superfície, sob as circunstâncias corretas, por qualquer um, seja preto ou branco. E é nesta hora que Freud volta ao sentimento oceânico, enxergando-o como um desejo de proteção paterna na infância, que continua sustentando na vida adulta, o medo do poder superior do destino. Freud reitera sua frustração com o fato de que esse sentimento de unidade com o universo é intangível à análise científica tradicional, por não ter base fisiológica. Então, através de Freud, o destino de “delírios infantis” visto em Fanon, se presencia como equívocos da inferiorização do outro, aquela ideia de subornar um suposto ser superior, pela recompensa do futuro, que é infantil. Acredito que o importante é entender que as massas de homens que persistem na ilusão têm, ao longo de suas vidas, um inconstante sofrer, em troca de não enxergarem o possível (bel-)prazer.

Já explanei a palavra ilusão antes, quando citei Neusa Santos Souza, porque, para ela, quando o negro se empenha na possibilidade de ascensão social, realiza este movimento sabendo do preço que se paga: com o “*massacre mais ou menos dramático de sua identidade*”, pois longe “*de seus valores originais, representados fundamentalmente por uma herança religiosa, o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de ‘tornar-se gente’.*” (SANTOS, 1983, p. 18). Religião foi outra palavra expressa nessa escrita, quando comentei do sentimento oceânico que condiciona, instrui socialmente, visto por Freud, e antes em Mbembe, ao explicar sobre as formas de se propagar as “verdades Humanas”. A religião realiza uma crença naquilo que pode acontecer, e fazer “bem”, quando acontecer, logo, tornar a pessoa “feliz”, diferentemente da religiosidade, que é o sentimento no sagrado, naquilo que nem precisa ter forma, mesmo que digam a sua forma,

ou seja, nem sempre irá lhe fazer bem, criar felicidades; o caso não é esse, pois é com ela, com a religiosidade, que se cria a expectativa de conflito para mudanças, independentemente de os resultados serem julgados como positivos ou negativos. Entendo que o conceito de religião ou religiosidade podem ser outros. Mas ao pensar na etimologia dessas duas palavras, elas parecem trazer uma leitura desta forma, comum, mesmo que seja uma aposta para mostrar o que estou querendo dizer. Porque onde quero chegar é que, ao pensar no imediato, os homens se esforçam para serem felizes, e seu comportamento no mundo exterior é determinado pelo princípio deste prazer. A felicidade e o prazer também têm suas limitações, momento da infelicidade em um conjunto: no corpo, no mundo exterior, e nas relações com outros homens.

Os princípios do prazer e desprazer, são invocados pelo interesse, segundo Freud (2010), com o exterior e o superior. Para ele, existem três principais mecanismos de enfrentamento, no ofício de tentar contrariar a experiência do sofrimento no mundo: o desvio de dor e decepção, por distrações previstas; satisfações substitutivas (por exemplo, a realidade pela arte); e as substâncias entorpecentes. Deslocamentos à parte com o sentimento oceânico em Freud, volto ao “Eu negro”, o que para ser, se desliga do mundo externo, pois quando prioriza a possibilidade neste espaço, tem sua existência impedida, diferentemente quando inicia-se um devir pelo mundo interno. Podemos dar como exemplo o samba, universo que passa pelos princípios do prazer e do desprazer, assim como se consolida pelo mundo exterior e interior, unidades insurgente pelos três citados mecanismos de enfrentamento, arrastando as multidões de um lugar para o outro; o que não era lugar, a favela, o subúrbio, desvio que faz, a partir da música, quando enquadrada na arte, estes lugares a serem admirados, quando forma-se a satisfação em apreciar o que é subjugado, colocado como indolente, malandro, que, de domingo a domingo, canta: “*Se eu quiser beber eu bebo/ Se eu quiser fumar eu fumo*”⁷⁸. Tudo isso, o samba, ou melhor, o sambista, aquele que se realiza no desligamento com o mundo externo. Portanto, se disserem que o sambista tem que ter com regra a valentia, a música e um cigarro na boca, estará enganado. Não? Ora, se o mundo exterior disser o que o sambista é, ele acabará sendo outra coisa, apenas para não perder o samba, que é priorizado pelo mundo interior. Freud me remete a essa difícil reflexão, quando disse:

(...) no início o Eu abarca tudo, depois separa de si um mundo externo. Nosso atual sentimento do Eu é, portanto, apenas o vestígio atrofiado de um sentimento muito mais abrangente — sim, todo-abrangente —, que correspondia a uma mais íntima ligação do Eu com o mundo em torno. Se é lícito supormos que esse primário

⁷⁸ Trecho da música “Maneiras” de Sylvio Silva/ Sylvio Da Silva.

sentimento do Eu foi conservado na vida psíquica de muitos homens — em medida maior ou menor —, então ele ficaria ao lado do mais estreito e mais nitidamente limitado sentimento do Eu da época madura, como uma espécie de contraparte dele, e os seus conteúdos ideativos seriam justamente os da ausência de limites e da ligação com o todo, os mesmos com que meu amigo ilustra o sentimento “oceânico”. Mas temos o direito de supor a sobrevivência do que é original junto ao que vem depois, que se originou dele? (FREUD, 2010, p. 13).

Freud, em minha ilustração com o samba/ sambista, para fazer me entender, se mostra importante para pensarmos que o samba/ sambista de ontem, não é/ será o samba/ sambista de amanhã. As gerações passam, e as relações oceânicas sentimentais irão se transfigurando, e criando outras lógicas, onde os últimos sentidos serão tão incapturáveis, protegidos pela unidade interior, assim como o primeiro foi/ é. O ser existente na temperatura que não é para ser, e se perpetua. Culpa do âmbito psíquico, que é tão frequente na conservação do primitivo junto àquilo transformado que dele nasceu, que não é preciso demonstrá-lo mediante exemplos. Via de regra, isso ocorre em consequência de uma cisão no desenvolvimento. Parte de uma atitude, de um impulso instintual, permanente, inalterado, enquanto outra unidade interior continua a acontecer, a se desenvolver.

Com isso tocamos no problema mais geral da conservação no psíquico, que quase não foi trabalhado, mas é tão importante e atraente que nos é permitido lhe conceder um momento de atenção, embora a ocasião não pareça justificá-lo. Desde que superamos o erro de achar que nosso habitual esquecimento significa uma destruição do traço mnemônico, tendemos à suposição contrária de que na vida psíquica nada que uma vez se formou pode acabar, de que tudo é preservado de alguma maneira e pode ser trazido novamente à luz em circunstâncias adequadas, mediante uma regressão de largo alcance, por exemplo. (FREUD, 2010, p. 14).

Em sua larga discussão, inclusive se aprofundando mais no conceito de sentimento oceânico, Freud diz que a memória não é destruída pelo esquecimento, algo comum de acontecer com qualquer universo interior, pois tudo na vida psíquica permanece, mesmo que outras intensidades e formulações deixem de ser preservados. Essa leitura de “deixar de lembrar” não ser esquecimento, pois deixa uma ideia de rastro, um esquecimento não tão esquecido, pois, mesmo quando algo aparentemente desaparece, alguma iniciativa do desaparecido permanece, acaba me fazendo lembrar de uma das principais características do racismo: ele é, concomitantemente, afirmado e negado. Isso acaba expondo a interação daquele que Fanon chama de “*indivíduo-meio*”, o corpo que tem facilidade com a mudança de ambiente, com a “mudança de ares”, para manter a sua estrutura essencial, o que resulta na pessoa da cor de pele preta o “*abandônico negro*”, algo duro oferecido pelo mundo racista, propício para uma estrutura negativo-agressivo, que seria praticamente a inferiorização do outro se transformar em uma vergonha tão grande, que provoca uma angustia que se presencia

no devir que deve ser ocultado, anulado e (dependendo) até exterminado. Essa vergonha é movimentada por uma inclinação ao desdém, disfarçado de dignidade, sentimento que provoca a tal desconfiança e a certeza da existência do racismo. (FANON, 2010, p. 81-82).

A relação vergonhosa do racismo ocorre nas lógicas que também se movimentam pelo narcisismo, um termo psicanalítico que, segundo Freud, foi feito em 1899, por Paul Nacker, “*para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos.*”. O narciso, para Freud, “*tem o significado de uma perversão que absorveu toda a vida sexual da pessoa*”, esta que age não apenas com uma perversão, e sim como um tipo de “*complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo.*”. (FREUD, 2010, p. 10). Por isso, como comentei anteriormente, o racista, ou qualquer outro colonizador, também pode ser um perverso, que torna o outro em objeto alucinógeno, a seu gosto, e não sente-se culpado porque, afinal, o corpo negro seria apenas um objeto. Ainda pensando que essa relação narcísica-perversa-racista pode ser exposta como patológica, cito mais sobre esse corpo que é um objeto do alucinado, ou seja, tanto aquele que realiza o racismo, assim como aquele que diz que o racismo não existe. Assim como os momentos em que o colonizado aceita a colonização o torna perverso, pois se conforta na trama colonial para ignorar a dor, a violência que resulta toda a sistemática colonização, como é a de meu presente estudo, a racial.

Fanon disse:

Não procuro desnudar-me diante do objeto. O objeto é negado como individualidade e liberdade. O objeto é um instrumento. Ele deve permitir que eu realize minha segurança subjetiva. Considero-me pleno (desejo de plenitude) e não admito nenhuma cisão. O outro entra em cena para fazer figuração.

O Herói sou eu. Aplaudam ou critiquem, pouco importa. Eu sou o centro. Se o outro quiser me perturbar através de seu desejo de valorização (sua ficção), expulso-o sem mais nem menos. Ele não existe mais. Não me venham falar desse tipo! Eu não quero sentir o choque do objeto. O contato com o objeto é conflitante. Sou Narciso e quero ler nos olhos do outro uma imagem de mim que me satisfaça. (FANON, 2008, p. 176).

A perturbação racista, segundo Fanon, é o negro tentar ser aceito, ignorando que é colocado nessa trama como objeto do outro, do mundo, de todo mundo, logo, sem desnudar-se do que o nega, mas ainda preservando a possibilidade de plenitude, o que torna o outro, o mundo como algo que é alguém a ponto de conflitar-se quando expõe o narcisismo de quem nem deveria existir. Acredito que é nesse momento de conflitos narcisos, entre o apontado e o apontador, em outras palavras, o ser branco que desconsidera o ser negro, é, porque não, o terreno do nascimento do que é chamado de “consciência negra”, o reconhecimento da

disposição da negritude. *“Estou fixado. Tendo ajustado o microscópio, eles realizam, objetivamente, cortes na minha realidade. Sou traído. Sinto, vejo nesses olhares brancos que não é um homem novo que está entrando, mas um novo tipo de homem, um novo gênero. Um preto!”*. (FANON, 2008, p. 108).

De tudo que fiz e/ ou farei, antes, durante e depois desta escrita, *“Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal.”*. (FANON, 2008, p. 109). Explano essa fantasmagoria do passado tão presente nos dias de hoje e, infelizmente, nos dias de amanhã, para lembrar que o trauma causado pelo racismo anti-negros ainda tem sua existência tratada de forma duvidosa. Essa desconfiança é resultado da cultura euroamericana como epicentro, ordenamento histórico estabelecido nas lógicas da trajetória burguesa, precursora do predomínio mental presente nas relações sociais que enxergam o sentido ocidental como forma absoluta. Para o politólogo camaronês Achille Mbembe, de maneira contraditória, esse ocidente serve-se *“do ser e da sua manifestação no seu ser primeiro ou, ainda, no seu próprio espelho.”*. E o que seria “ser”? Quem seria esse “ser primeiro” e/ ou o reflexo de “espelho”? O branco.

Apontar essa realidade, é apontar para as relações de consciência de raça, a razão que dá sentido ao humano, e diante da presença do corpo de uma pessoa negra, tal razão torna-se conflitante. Viver no mundo racista é passar a pensar sobre a possibilidade de ter a fobia do preto, ou seja, “ter medo do biológico. Pois o preto não passa do biológico. É um animal. Vive nu. E só Deus sabe...”. (MBEMBE, 2014, p. 143). Achille Mbembe comenta da raça, explicando que:

[...] os processos de racialização têm como objetivo marcar estes grupos de populações, fixar o mais possível os limites nos quais podem circular, determinar exatamente os espaços que podem ocupar, em suma, conduzir a circulação num sentido que afaste quaisquer ameaças e garanta a segurança geral. Trata-se de fazer a triagem destes grupos de populações, marcá-las individualmente como “espécies”, “séries” e “tipos”, dentro de um cálculo geral do risco, do acaso e das probabilidades, de maneira a poder prevenir perigos inerentes à sua circulação e, se possível, a neutralizá-los antecipadamente, muitas das vezes por paralização, prisão ou deportação. A raça, deste ponto de vista, funciona como um dispositivo de segurança fundado naquilo que poderíamos chamar o princípio do enraizamento biológico pela espécie. A raça é, simultaneamente, ideologia e tecnologia do governo. (MBEMBE, 2014, p. 71).

Provocar a raça como uma guisa de dominação, é importante na relação do debate sobre o racismo anti-negro. Dessas instigações podem sair contendidas onde, o que era “nada”, se torna tudo. O que era irracional, é visto, ou melhor, vivido como potência de outras racionalidades. Por sua vez, as lógicas do colono, aquele que reduz o conceito de raça em apenas dois polos (o colono e o colonizado), tem como seu principal lugar a certeza, o “ser” que habita a terra, fornecendo e disseminando, concomitantemente, a razão e a não razão,

logo, acaba sendo o realizador e mantenedor de privilégios, advindos do conforto do (poderia se dizer) topo colonial. Por isso, raça, mesmo com suas qualidades biológicas, sobretudo no requisito da cor da pele, determinada por um grupo social, este que forma a “*noção ideológica, engendrada como critério social para a distribuição de posição na estrutura de classes*”, junto a positivação de tudo, se dará no movimento de “*contingente de prestígio e mesma bagagem de valores culturais*.” (SOUSA, 1983, p. 20).

Contudo, raça e racismo devem ser reconhecidos como processos do inconsciente presente nas vicissitudes do que for simbólico nas lembranças do desejo humano, seja no almejo provocador cometido por faltas ou traumas, entendendo que as relações racistas não decorrem unicamente nas sensações, mas também da maneira de estabelecer e afirmar a força, ou quem sabe uma realidade espetacular, admitido por uma força instintiva. Raça, a imagem, a forma, a superfície, a figura e, sobretudo, o imaginário... raça escapa das condições do concreto, pois participa do sensível, o imediato imparável, “*esquizofrênicos, que ocupavam e voltavam a ocupar o mundo com substitutos, seres a designar, a anular, em apoio desesperado à estrutura de um eu que falha*.” (MBEMBE, 2014, p. 65).

Esquizofrenia! Outra palavra bem presente na psicanálise. Irei me abster de aprofundar sobre o conjunto de psicoses que acontece em um ato esquizofrênico, a dissociação da ação e do pensamento, através de delírios, alucinações, etc.; esquizofrenia é aquele distúrbio que influencia na possibilidade do sujeito pensar, raciocinar, se comportar e se sentir com clareza. E no intermédio de um cotidiano racista, onde o negro deve ser “*advogado de si mesmo*” (COELHO, 2016, p. 39–40), pois, ao ser negro, se arrisca em se dispor para algo não claro, acaba lidando constantemente com a vergonha, pois a racialização, quando o inferioriza, deixa-o conhecedor da vergonha por não ser aceito do jeito que é. Direciono-me novamente na vergonha para trazer a sugestão de Fanon sobre tal sentimento. Para ele, sentir racismo, tentar entendê-lo, é:

Fazer com que as pessoas se envergonhem da própria existência (...). Sim, levá-los a tomar consciência das oportunidades que desperdiçaram, da passividade que demonstraram em situações, onde, justamente, teria sido preciso, tal qual um espinho, enfiar-se no coração do mundo, forçar, se preciso for, o ritmo do coração do mundo, deslocar, se necessário, o sistema de comando; em todo caso, seria preciso, com determinação, enfrentar o mundo. (FANON, 2008, p. 80).

É nessa vergonha que o estudo de Fanon se define. Já comentei sobre esse movimento causado pela vergonha, na possibilidade entre a angústia e o desdém, que depende de seu ritmo, ou melhor, da interpretação do sentido de dignidade do momento. Quando a vergonha é percebida e tratada de forma empática, o sentimento sobre o outro, leva quem é racista para

um campo de possibilidades empáticas. Considero essas lógicas do sentimento oceânico em Freud, interessante para se pensar o racismo anti-negros, quando visto pelo campo interior (quem sofre o racismo), o neurótico de delírios infantis, devido às previsíveis reduções de seu ser, aquilo que acaba em um encontro com o mundo exterior (quem realiza o racismo), que trata o ato racista como algo que pretendesse anular, pois seria esquizofrênico a angústia de não se permitir ao real. O real é que a vergonha realizada pelo racista é reconhecida por ele como um orgulho de conhecimento dessa realidade, presente no mundo exterior. Em outras palavras, o racista sabe que é racista, sem saber ou sem querer saber que é racista; o que ele faz é apenas uma ação favorável para sua realidade. Por isso, sentir vergonha em um mundo claramente embranquecedor, é revolucionário (FANON, 2008).

Ter a necessidade de angústia, causada pela vergonha, é *“permitir ao homem de cor compreender, com a ajuda de exemplos precisos, as causas psicológicas que podem alienar seus semelhantes.”* (FANON, 2008, p. 81). Em minha forma de síntese sobre tudo isso, entendo o racismo como algo que deixa todos esquizofrênicos, de duas formas diferentes. O ato racista, cometido pelo estabelecimento do real, a partir do exterior, deposita o apontamento esquizofrênico em qualquer tipo de angústia, ou seja, quem é aflito, amargurado com alguma questão racial, seria esquizofrênico. Ao mesmo tempo, o ato de perceber o racismo pela angústia acolhida no mundo interior, se dispõe a realidade esquizofrênica do racista, habitante do mundo que torna animalesco qualquer subjetividade “passível” de ser subjugada. *“As pessoas são maldosas? O são justamente porque ele é um preto. Pois não é possível não detestá-lo.”* (FANON, 2008, p. 81).

A atitude do homem sobre as colonizações mundanas, é algo que vai além da intersecção, das condições objetivas e históricas. Os processos de escravização já acabaram, mas o racismo não. Os processos de escravização se resignificaram, porque o racismo se impregnou. Os processos de colonização continuam, porque *“A estrutura neurótica de um indivíduo será justamente a elaboração, a formação, a eclosão no ego de nódulos conflituais provenientes em parte do meio ambiente, em parte da maneira toda pessoal com que este indivíduo reage a essas influências.”* (FANON, 2008, p. 81). “Somos todos iguais!”, diz a frase que ameniza, “jogando a sujeira para debaixo do tapete”, acumulada durante a falta de empatia. Somos todos iguais? Somos todos racistas! “Somos todos macacos!”⁷⁹. Somos todos macacos, ou somos todos esquizofrênicos? Não sou macaco, sou um homem. Mas, sou um

⁷⁹ Link da matéria “‘Somos todos macacos’ foi arquitetado por agencia de publicidade”, disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/2014/04/28/somos-todos-macacos-foi-arquitetado-por-agencia-de-publicidade/>. Acessado em 12 de jan. 2018.

homem preto, que ao ser um homem preto (mundo interior), não sou colocado como um homem no mundo exterior, mas sim como alguma coisa a gosto alheio: um macaco! Mas poderia ser um leão, uma formiga, um palito usado para tirar um pedaço de carne dos dentes... qualquer coisa que a realidade esquizofrênica do neurótico consolidado não aceite, em relação ao meu interior. Não sou macaco! Mas insistem tanto com isso, que dizem que também “são”, em forma de deboche, que é usado para minimizar a vergonha provocada por tal animalismo. Somos todos racistas, porque estamos/ somos todos (possíveis) esquizofrênicos.

Raça, geneticamente ou não, é algo, no campo da franqueza, vista como incerta, e até passageira. Tal franqueza poderia ser aquela vista pela leitura de Gustavo Coelho, a que não é um simples “*dizer a verdade*” sobre o que foi vivido, e sim, “*talvez seja a manutenção de uma frequência verdadeira com o vivido, mas em todo caso, o que melhor a define não pode ser detido nessa historicidade linear que rege à distância o vivido através do que, sobre ele, será dito na sequência.*”. Uma espécie de química que, quando se mantém, age na “*ordem da junção*”, da “*precária ambiguidade*” de ser “*além do Bem e do Mal*” (COELHO, 2016, p. 39–40). Isso acaba formando uma constante relação com a vergonha, daqueles que são advogados de si mesmo, através de um cinismo de quem fala se defendendo.

Lembrei-me de **Placa**, Xarpi de suma importância para o feitiço desta pesquisa.

A verdade é que o piXador tá ai pra se expressar pro mundo. A gente não faz nada de errado. Eu acho que não tem nada de errado. Errado é o governo que tá ai, roubando pra caramba, botando no nosso rabo. Daí, nós, piXadores, botamos no rabo deles também. PiXando a casa deles todos também... botando pra foder! É melhor ter um cara com jet na mão do que com uma arma na mão. Porra, tem gente que fica aí, rogando praga, falando besteira da gente, querendo que a gente morra. Vê piXador agarrado na janela e gritar "Ladrão!"... isso não é legal. Ladrão é o caralho! Tomara que todo mundo leia isso! É o Placa que tá falando, cheio de bola! Querendo voltar... e já já estarei na sua janela... no seu beiral. Se quiser me matar, ou dizer que sou ladrão: fê em Deus!

(Xarpi **Placa**, em entrevista na favela da Cidade Alta, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017).

A fala de **Placa** representa a síntese do momento desse subcapítulo. O piXador ainda parece trazer uma ideia para pensar sobre (porque não?) a verdade Xarpi. O que seria ser um piXador? O que não seria ser um piXador? E o ser Xarpi, o que pensa sobre a ideia de ser? Em sua fala, **Placa** mostra seu franco descaramento, comentando “a verdade” de um piXador, inclusive, dizendo que não seria um ato criminoso, mas sim, um ato de dádiva de quem quer se mostrar vivo, contra o mundo, de políticos ou qualquer outro poder que aja de forma desonesta. Irei comentar de forma mais especial sobre minha conversa com **Placa** durante esta pesquisa. Mas, por enquanto, invoco esse Xarpi para abrir as falas de outros Xarpi sobre

serem piXadores e serem negros. Para a escrita deste trabalho, selecionei 20 (vinte) entrevistados que, em comum, tem a prática da piXação no Rio de Janeiro na ativa. Dos 20, 13 (treze) se identificaram como negros, 5 (cinco) como não brancos e 2 (dois) como brancos.

Sou preto. Mas o Xarpi é um crime, daí a pessoa não enxerga a cor, mas sim a ação. Tipo, na madrugada, 2 (dois) malucos branco e 1 (um) negro, ninguém vai querer olhar a cor de ninguém. O foco será no crime. É mais complexo. Ali, acaba geral na mesma situação. (Xarpi **Hiibi**, em entrevista na favela da Cidade Alta, na cidade do Rio de Janeiro, em abril de 2017).

Esse comentário de **Hiibi**, se deu em torno da violência envolvida no ser Xarpi, prática que, segundo ele, no momento da tensão, é capaz de deixar todos os envolvidos sem cor. Mas qual seria a imagem de algo sem cor? Todos viram pretos, inclusive os brancos? Viram translúcidos? No fundo, se bate no preto com desdém e no branco com remorso?

2.2 A vida Xarpi, a guerra e a mortalidade do racismo.

Assim como **Placa** e **Hiibi**, **Foco**, outro Xarpi de experiência na tensão com esta prática, também comentou, de maneira franca (e cínica), sobre o erro de realizar algo que torna a pessoa invisível, onde só quem realiza este crime, ou, talvez, quem não realiza, mas quem mostra relação de vida com este crime, é que conseguiria ter uma sensibilidade para tornar visível esta pessoa:

Se você tem a vontade de entrar nesse submundo, que só quem conhece é quem sabe o que existe, não entre. No máximo, só admire. Entrei nessa com 12 anos de idade, e hoje, vou fazer 30. Já construí família e não consigo me desligar disso. Fora todas as noites de sono perdidas, muito dinheiro gasto. Vários reflexos. Muitas foram as vezes que a vida ficou por um fio. Isso não é legal. Não é legal perder vários amigos. Não é legal ver amigo morrendo ou, até mesmo, você quase morrer, vivendo essa loucura. Já caí de prédio de 4 andares. Já deram tiro em cima de mim. Já apanhei. Já fui pintado. Tudo isso são consequências do Xarpi. Então se puder evitar essa vida, evitem. Pois os únicos que a apoiam é quem está nela. (Xarpi **Foco**, em entrevista em Madureira, na cidade do Rio de Janeiro, em abril de 2017).

Para **Foco**, ninguém quer ser tratado como um Xarpi, mesmo que admire ou (quem sabe) deseje a coragem de realizar esse feito. Com isso, esse Xarpi não recomenda a prática, pois, sua trajetória poderia colocar a vida em risco. A franqueza cínica de **Placa** em dizer que Xarpi não é crime, mesmo sabendo que é; mesma franqueza cínica de **Hiibi**, que diz que o Xarpi não tem cor; parece ser a mesma franqueza cínica de **Foco**, quando ele diz que o

Xarpi é aquele que é visível apenas como mira, e, mesmo que ele faça, não recomenda para ninguém esta prática. O cinismo que trata um delito como algo a ser respeitado. O cinismo que afirma o mesmo delito como um crime que tira a cor do corpo do criminoso. O cinismo em corroborar para uma prática que não recomenda. Esses cinismos trazem em comum a franqueza em dizer que ninguém quer ser um criminoso, mas, dependendo da situação, o crime será feito, seja por aquele que nega a existência de crime, seja por aquele que nega a existência de corpo que comete esse crime, ou seja, por aquele que nega a existência positiva da sua própria existência, por cometer esse crime. A franqueza, essa cínica, por que não, é proporcionadora de outros âmbitos da existência.

A sociedade parece depender da manutenção complexa das certezas resultantes das premissas da superioridade de uma raça para outra, momento quando também acontece as inspirações de franquezas cínicas, realizadas através da *“medida exata em que esta sociedade lhe causa dificuldades que ele é colocado em uma situação neurótica.”*. (FANON, 2008, p. 95). Por conseguinte, nasce o “dilema negro”, o de ficar com o papel que a raça suprema (a branca) permite, ou se prefere ter suas essencialidades desconsideradas, momento de outra consciência possível para existir, gerada como autêntica, perante as dificuldades criadas por causa de sua cor, onde, por exemplo, o franco cinismo, através desse vigente ápice, torna-se uma indispensável e modesta desfaçatez.

Se não ficou nítido, tentarei causar um diáfano mais preciso. Admito esta discussão sobre racismo e suas predicções, através de um esforço intelectual cínico, petulante, acompanhado das esfinges construídas pelos enigmas compostos pelas associações raciais. Continuando a discussão, é importante dizer que, para o corpo negro, “aceitar mudar de cor” ou “negar mudar de cor”, não o colocará fora dessa trama, pois, de uma forma ou de outra, a lisura presente no descaramento de ser, para o negro, aquele que “nem deveria existir”, se dá na permissão do encontro com o sonho, o viçoso provocado pelo original de um consciente, que, na franqueza, é expressado pelo desejo inconsciente de se transmutar para algo digno, independentemente da cor da pele de (qualquer) um corpo. Não é por menos o propósito de Frantz Fanon em seus estudos: *“meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de escolher a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais.”*. (FANON, 2008, p. 95).

Essa citação, a meu ver, fala da guerra aceita por Fanon. Muitos de seus leitores não apreciam com modéstia sua relação com a guerra, pois, muitas das vezes, pareceram confusos, quando dizem que a guerra de Fanon é contra os brancos. Acredito que isso é um

equivoco, proporcionador de caminhos reflexivos fomentador do próprio enclausuramento negro.

Pretendemos, nada mais nada menos, liberar o homem de cor de si próprio. Avançaremos lentamente, pois existem dois campos: o branco e o negro. Tenazmente, questionaremos as duas metafísicas e veremos que elas são frequentemente muito destrutivas. Não sentiremos nenhuma piedade dos antigos governantes, dos antigos missionários. Para nós aquele que adora o preto é tão “doente” quanto aquele que o execra. Inversamente, o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco. Em termos absolutos, o negro não é mais amável do que o tcheco, na verdade trata-se de deixar o homem livre. (FANON, 2008, p. 26).

Com isso, acredito que a guerra em Fanon está na neurose criada pelo entendimento que poderia morrer por uma guerra que nem era de quem entendeu. A guerra em Fanon está na sua franqueza cínica em não se permitir mais lutar por aquilo que não o permite ser. A guerra em Fanon não é o sinônimo de batalhas, estas que vem depois do principal propósito de um guerreiro: a disposição para morrer a qualquer momento da guerra. Sem guerra, o guerreiro não existe. E se o racismo deve ser enfrentado como uma guerra inconstante, ou seja, na realidade, quem se posiciona contra essa base fenomenal mundana, o incessante guerreiro, então, poderá morrer. Fanon traz o racismo como guerra em todas as suas miradas publicações. Seus escritos, um sopro no mundo (*1925 + 1961), se diferenciam pelas variadas trajetórias com essa guerra. No “Pele Negra, Máscaras Brancas” - com primeira publicação em 1952 -, o martinicano fala da neurose e os delírios infantis, realiza uma troca da relação do negro com a metrópole, complexifica a vergonha. Na publicação “Os Condenados da Terra” - com primeira publicação em 1961, um livro editado por outros, pois estava partindo desse mundo cedo demais, devido a um quadro de leucemia -, seus dizeres continuam atravessando conceitos estabelecidos envolta da ideia de colonização, trazendo algumas variações de seu pensamento, trazia ensejos de suas anteriores reflexões, como a cidade do colonizado, a descolonização e a morte. Fanon desdobrou-se na ideia de guerra e, respectivamente, o racismo, depois da II “Guerra Mundial”, lutando na África do Norte como soldado do exército francês.

Mesmo condecorado como um “veterano de guerra”, ainda cedo, nos seus “vinte e poucos anos”, se dispersa de seu mundo, este mundo racista, pois descobre que não era seu, e sim “da França”, sua primária nação colonial; ou até mesmo por outra nação colonial, de patamar colonizador, e não colônia. Depois desse momento, Fanon pensou: “(...) *existe uma assunção em massa de um complexo psicoexistencial. Ao analisá-lo, visamos a sua destruição.*”. (FANON, 2008, p. 29). Fanon consolida essa análise como sua guerra ao racismo, sobretudo, quando o enfrenta para além de seu corpo intelectualizado, por exemplo,

sendo chefe do Departamento de Psiquiatria do hospital de Blida-Joinville (Argélia), pois, antes no fim de sua vida, passou a lutar contra o colonialismo, participando com um nome forte da Frente de Libertação Nacional (FLN), na própria Argélia.

De tudo isso, o que Fanon parece nos oferecer sobre esse mundo racista anti-negro, é que alguns negros decidem aceitar mais esse desafio de existir uma guerra contra ele, portanto, aceita melhor sua possibilidade de guerreiro, enquanto outros, por variadas questões esquizofrênicas, negam mais tal circunstância de guerra, principalmente quando aceitam a guerra do colonizador.

Em “Arqueologia da violência: a guerra nas sociedades primitivas” (2004), Pierre Clastres, ao pesquisar sobre a ocasião ocidental de denominar o que seria selvagem, momento em que os europeus perceberam-se confrontados pelo desconhecimento advindo da radical diferença dos que já estavam nas Américas, primeiro grande momento do domínio em favor de uma realidade social, que não podia ter lugar em sua representação tradicional de suas lógicas de “ser social”, portanto, os selvagens, os índios, os não europeus, os que não se aproximariam do agrado conhecedor do europeu, não teria o direito de ser humano:

Resulta dessa visão do social que um grupo humano que não apresente o caráter da divisão não pode ser considerado como uma sociedade. Ora, quem é que os descobridores do Novo Mundo viram surgir nas praias atlânticas? “Gente sem fê, sem lei, sem rei”, segundo os cronistas do século XVI. A causa era assim entendida: esses homens no estado de natureza não haviam ainda chegado ao estado de sociedade. Quase unanimidade, perturbada apenas pelas vozes discordantes de Montaigne e de La Boétie, nesse julgamento sobre os índios do Brasil. (CLASTRES, 2004, p. 159-160).

Clastres realiza essa análise em conversa com os relatos de viagem dos colonizadores de variados níveis, de malditos traficantes a abençoados padres, que trazem em comum narrativas da imagem do guerreiro, o de sociedades violentas que se dispõem à guerra, está formada contra os colonizadores, mas também “contra si mesmos”, pois, antes da chegada dos colonizadores, dos “*missionários franceses e portugueses*”, os índios Tupi do litoral brasileiro, na metade do século XVI, já traziam uma guerra incessante entre as próprias tribos, ou seja, já existia “*um ser-para-a-guerra*” (CLASTRES, 2004, p. 160). Mas existem diferença nessas guerras, e é por isso que invoquei o termo, para dizer que a guerra que defende o pensamento de Estado civil é diferente da guerra que o homem se entrelaça com o outro homem. A guerra do lugar apontado pelo colonizador como sociedade primitiva, não pretende exterminar o inimigo, visto que o que aponta o primitivo, realizar o apontar para exterminar o inimigo, por isso, segundo Clastres, é preciso estabelecer o contrário: “*que a*

guerra primitiva nada deve à caça, que ela se enraíza não na realidade do homem como espécie, mas no ser social da sociedade primitiva, que ela aponta, por sua universalidade, não para a natureza mas para a cultura.” (CLASTRES, 2004, p. 165). Recusar que tal sociedade primitiva se mantém em sua própria cultura, em seu próprio conhecimento em relação à guerra, é recusar que tais sociedades tendem a reduzir seu alcance, ou seja, para o colonizador que aponta o primitivo, a guerra apenas serviria apenas para aqueles que almejassem dominar totalmente (ou exterminar) seus inimigos, em prol de uma manutenção de condição, logo, quem não tem a condição de se manter, estaria fadado a se manter pelo outro que se mantém. *“Enganar-se sobre a guerra, dizíamos, é enganar-se sobre a sociedade.”* (CLASTRES, 2004, p. 182); portanto, assim como Pierre Clastres, acredito que não é essa troca de um para outro, manifestado para algo principal no mundo, mas sim a guerra, quem tem o privilégio de reconhece-la, recebe, também, a oportunidade de vivê-la:

A guerra implica a aliança, a aliança conduz à troca (entendida não como diferença do homem e do animal, como passagem da natureza à cultura, mas, evidentemente, como manifestação da socialidade da sociedade primitiva, como livre jogo de seu ser político). É por meio da guerra que se pode compreender a troca, e não o inverso. A guerra não é um fracasso acidental da troca, a troca é que é um efeito tático da guerra. (...) O problema constante da comunidade primitiva não é: com quem iremos fazer trocas? Mas, como poderemos manter nossa independência? O ponto de vista dos selvagens sobre a troca é simples: é um mal necessário; já que é preciso ter aliados, é melhor que sejam cunhados. (CLASTRES, 2004, p. 182).

Apontado como primitivo, o de devir movimentado pelo início fútil que precisa ser alterado para finalização útil, o índio que precisa ser brasileiro, o negro que precisa ser branco, ou até o piXador que precisa aprender a escrever, a lógica onde o inimigo que precisa ser “amigo”, age no propósito de trocas para abolir as contendias, logo, cria um acréscimo harmonioso, que pretende dominar a guerra, atribuição que levaria o controle, a formação desse tipo de “inimigo”. Porém, Clastres lembra que, mesmo nas tribos canibais, na guerra, a ideia é nunca matar os inimigos, nem para come-los. (CLASTRES, 2004, p. 65). Neste trabalho, não vou discutir a polêmica canibal de maneira profunda. Digo sobre o termo, referenciado com Clastres, no objetivo de discutir tal ação como algo que provém de qualquer homem/ animal, que faz de presa outro animal/ homem, enfim, caça e caçador capazes de que também se evidenciam por suas maneiras em comum: os seres humanos respiram o mesmo oxigênio que os animais que devoram. Nós, os seres humanos, somos canibais por naturalizar outros animais, e a extinção de qualquer espécie vem daí, e não do canibalismo, pois, apesar

de sermos capazes de comer alguns animais, não queremos que estes acabem, diferente das lógicas da guerra não primitiva, que pretende comer até o canibal.

Destes dois lados de inimigo, sigo nas leituras sobre quem é comumente apontada como inimigo, a tal “sociedade primitiva” que, segundo Clastres, é “*uma multiplicidade de comunidades indivisas que obedecem todas a uma mesma lógica do centrífugo.*”, assumindo a guerra como sua verdade, ao agir “*contra a força centrípeta de unificação.*”, estabelecendo, sem estabelecimentos, a guerra como “*motor da máquina social*”. O ser social primitivo se baseia nessa guerra, assim como o ser do Estado, pois quanto “*mais houver guerra, menos haverá unificação, e o melhor inimigo do Estado é a guerra. A sociedade primitiva é sociedade contra o Estado na medida em que é sociedade-para-a-guerra.*”. (CLASTRES, 2004, p. 186). Nesse sentido, enxergo o ser preto como um integrante dessa sociedade-para-a-guerra, assim como a consciência negra, a consciência de guerra, obtida pelo devir-negro do mundo, o momento entre o enfrentamento e o combate do racismo, ou melhor, a relação que fará a exposição ou o velamento da existência desse fenômeno.

Toda essa conversa sobre guerra me lembra uma fala do visionário e necessário poeta Nelson Maca, quando expôs para nós sua poesia “Homem Invisível”:

“Segui sem desviar
O caminho proposto por vocês
Fui exatamente
O que vocês esperavam o que eu fosse
Cumprir objetivamente
As metas do triunfo futuro

No entanto
Em vez da almejada recompensa
Aqui me encontro
Neste andar cambaleante
Que me trança as pernas
Sustentando desesperadamente
Os olhos abertos
Para que não se instale a cegueira definitiva
Para que não deixe de ver
Atravessando meu caminho
Os objetos de meus desejos distorcidos

Antes da loucura total
Só me sustenta a presença de meu tataravô
Olhando por mim
Olhos de meu passado remoto
Apontando para as mesmas coisas sujas
Agora postas em pratos limpos

Além de minha angústia e raiva
Ainda não conheço outra espécie de vida
Outros caminhos

Só
Na escuridão do que ficou esquecido

Na véspera de toda indagação
 Espero que seus dedos apontem uma vida
 Enquanto repousa imaculado meu desespero de rumo.”
 (MACA, 2015, p. 60-61).

Cumprir o que te permitem ser. Esperar a recompensa prevista. A loucura de descobrir que o previsto era sua ilusão. A angustia de viver na e pela ilusão. A angustia causada pela ilusão acaba maculando a guerra, que repousa para esquecer a escuridão, o totalmente inexplicável, que se faz totalmente sentido, mas que acaba sendo escondido, talvez, para manter a comodidade do que poderia “ser pior”. Para o psicólogo José Moura Gonçalves Filho, o racismo acontece pela dominação racista, ou seja, pelo conforto do agir que está estabelecido, a ideia do branco ser melhor do que o preto, propiciadora da humilhação nunca apenas praticada ao indivíduo, e sim a seu grupo. “*O ataque a ‘um negro’ é sempre um ataque ‘aos negros’.*” (FILHO, 2017, p. 148). José explica que esta situação acontece em uma desumanização que coloca o negro em uma espécie de guerra, onde ele é o único inimigo, o corpo que vira ser para ser totalmente julgado por qualquer motivo, que leve às revelações negadoras de qualquer maneira de ser negro:

Os dominadores sempre se organizam, por violenta comunicação com a realidade dos dominados e, afinal, por perda de contato com essa realidade. Na guerra, é dito ser preciso não olhar o rosto da pessoa que se quer alvejar, caso contrário essa visão pode levar o agressor à hesitação, correndo o risco de ser alvejado. Em muitos casos, ainda na guerra, o olhar pode não atrapalhar, desde que o agressor olhe para o alvo como para uma coisa ou uma caça. Pode-se dizer o mesmo da dominação, essa espécie de guerra mais ou menos velada: é preciso não olhar para o rosto dos subordinados a nosso serviço, ou basta olhar com quem vê inferiores. Quanto mais nos servem e quanto mais nos desobrigamos de também servi-los, mais parecerão desprezíveis os subordinados, mais desprezíveis e feios seus corpos, seus movimentos, sua fala, sua alegria, sua tristeza, até revoltantes os modos de sua gente comer, festejar, brincar, dançar, cantar e rezar, seus modos de amar, de viver, adoecer e enterrar os mortos, seus modos de pensar, interpretar e julgar. (FILHO, 2017, p. 147–148).

O psicólogo dá como exemplo a guerra, para ilustrar o processo de desumanização, momento em que qualquer posição própria do outro será inadequada, logo, propicia a ameaças, melhor explicando, o negro pode ser morto por um sorriso. Me expondo, posso contar (até o momento desta escrita) sobre a última vez que fui abordado pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ). Aconteceu no feriado de Nossa Senhora de Aparecida, ou melhor, no Dia das Crianças, no ano de 2017, quando eu seguia para o Meier⁸⁰ junto com um amigo cantor, onde o mesmo iria gravar uma música em um estúdio de outro amigo. Dois negros caminhando em direção a uma perspectiva sonhada, sobretudo por este meu amigo

⁸⁰ Bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

cantor, que vem trabalhando para “ganhar a vida” com a música. Ali, os dois negros caminhando, e bastou apenas isso: dois negros caminhando “como negros”, de um jeito próprio, individual, gesticulando na temperatura corpórea de quem é livre, o tal “ir e vir”, sem dever nada a ninguém. Doce ilusão. Passamos por dois policiais, que logo após essa passagem, seguiram em nossa direção, cada um com uma das mãos no coldre das armas que estavam na cintura (no caso, com a mão na arma de fogo). Fomos parados porque parecemos livres, do jeito que aceitamos e gostamos de ser. Andamos como dois pretos, porque somos dois pretos. E os intermediários do Estado, de um país que funda a sua política no processo de embranquecimento, são estimados a não deixarem nenhuma lógica escurecida seguir diretamente livre. Viramos suspeitos. Mesmo que não tenhamos feito nada. Na verdade, fizemos. Sorrimos. Contávamos histórias, como dois amigos fazem. E como as histórias eram engraçadas, riamos. Mas e se andássemos como brancos [se isso for possível]. (?). Andamos como gostaríamos de andar, e não agradou. Mas e se andássemos em uma forma que parecesse, ou que pelo menos se aproximasse a ideia de “ser branco”? Petulância! Poderíamos agir como o que fosse, mas, ao olhar a gosto alheio, poderia acontecer, pois comigo e meu amigo, aconteceu pelo racismo.

Como vocês podem ver, caros leitores e caras leitoras, até aqui, na minha vida, diante de muitas ações de minha trajetória, (também) sou acadêmico. Sou formado em Serviço Social. Na conclusão desta pesquisa, serei mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas. Estou na graduação de Pedagogia. Para tentar somar com talentosos amigos que faço, me arrisco como produtor, e também trabalho com música, entretenimento. Sou um homem negro de dread locks, mesmo não sendo rastafári. Respeito esta cultura, e minha posição é de respeito com estes conflitantes e resistentes irmãos e irmãs desmoralizadores da babilônia. Mas, meu amigo, negro como eu, é diferente de mim. Ele ainda não terminou a escola. É bem mais jovem que eu, e tem como tesouro uma filha e um filho. Seu cabelo, está sempre bem cotado, mas é curto. Aliás, por agora, ganha dinheiro cortando cabelo, e é bem vaidoso com o seu próprio cabelo. Está quase sempre diferente, bem arrumado, estilo “ostentação”, de relógio, cordão, e quando saímos do morro, para realizar algum objetivo, como o de ir gravar em um estúdio, está sempre de tênis. Me auto descrevi, e fiz o mesmo com meu amigo para continuar a provocar está brusca abordagem policial.

Logo no primeiro momento do alvejar, os policiais pareciam falar apenas com o meu amigo. Me trataram como se eu estivesse com ele, obviamente, logo, segui a seus olhares (também) como suspeito. Mas talvez, o jeito que eu estava caminhando, sem relógio, sem mostrar “ostentação”, me fazendo apenas presente pela suspeita mochila surrada, material que

tenho desde o primeiro período da graduação, acabou me tornando um suspeito diferente do meu amigo cantor. Friamente, os policiais conversavam comigo. Mesmo com desdém. Eles conversavam, não gritavam, e não pareciam que iriam me dar um soco. Diferente de meu amigo cantor, onde, a todo momento, seu corpo parecia se tornar um saco de dar socos, pois, ao falar, os policiais forçavam a mandíbula e fechavam os punhos, ao mesmo tempo em que apontavam com o dedo indicador para o rosto de meu amigo cantor.

Quis contar essa história de Dia das Crianças para vocês, leitor/ leitora, em certa inspiração com Frantz Fanon. Então, sigo aqui no sentido de dize-la e não gritá-la. Dois negros jovens, mas de gerações diferentes. Seus corpos são diferentes, mas se encontram nos mesmo lugares: nas turmas de bate-bola, nos papos de favela, no funk, até em algumas composições de samba. Enfim, dois corpos abençoados pela característica transeunte juvenil, oferecida pela vida de quem circula na rua. Os dois jovens negros estavam com tudo para não serem suspeitos. Eles fizeram o que lhe pediram. Se identificaram, cada um com seu Registro Geral (Carteira de Identidade, ou “RG”). Abriram suas mochilas. Tiraram seus pertences de suas bolsas. Tocaram em suas guias religiosas afrodescendentes. Eram dois policiais. Um homem e uma mulher. A policial mulher, era a mais agressiva. Na mochila de meu amigo cantor, estava um caderno daqueles de 200 (duzentas) folhas, que contém suas composições. Ele (também) é um grande letrista, e o caderno está quase no fim, de tanta composição que existe nele. Acho que depois dos filhos, família e amigos, o que ele tem de mais precioso, é este caderno.

“- *O que é isso?*”, ela o indagou. “- *Isso? É meu trabalho.*”. Ele respondeu. “- *Seu trabalho? Você faz o quê?!*”, indagou novamente a policial, enquanto foliava o caderno. “- *Sou compositor! Na verdade, estou trabalhando para fazer sucesso com minhas músicas, que estão neste caderno.*”, disse meu amigo cantor, compositor, pai de família. “- *Hum... sei. De Honório Gurgel e compositor. Sei.*”, desdenhou a policial. Depois da policial ter se mostrado como uma “especialista” em julgamentos de “composições musicais”, continuou a retrucar e a nos tocar. Que minha memória não permita que eu me esqueça de dois momentos dessa abordagem policial, que envolve está *FEM*, que é como são chamadas as policiais mulheres no estado do Rio de Janeiro (e talvez em outros lugares do Brasil). Os dois momentos se deram nas duas relações já citadas: no toque e no desdém. O toque aconteceu primeiro. Ao invés da policial deixar que o outro policial nos revistasse, assim como predicam as leis, ela mesma nos revistou, inclusive tocando em nossas genitálias. Que eu saiba, apenas em casos excepcionais, uma policial *FEM* poderia revistar um homem. Mesmo assim, ela o fez. Provavelmente, por sermos pretos, éramos suspeitos excepcionais. Já o desdém aconteceu

quando a mesma policial revistou a minha mochila e tirou o livro que estava nela. Era o “Pele Negra Máscaras Brancas”, do próprio Fanon. A policial pegou o livro em mãos, pareceu ler o título, e balançou a cabeça lentamente, expressando, corporalmente, que, aquilo que tinha visto, seria algo negativo, subjugado.

Depois disso, a preferência da suspeita foi para o meu RG. Virei ali, naquele momento, o inimigo público “número 0”, por estar com o RG ilegível. A policial com o policial me ameaçaram de prisão, pois não sabiam qual era o número de meu RG. Expliquei, que sabia de cabeça. O policial pegou um celular, onde abriria um aplicativo que colocaria o número de meu RG nesta plataforma, para verificar se eu não poderia ser alguém foragido e/ ou com pendências na lei. Disse o número, mas o aplicativo do policial, segundo o mesmo, não estava abrindo, devido à má conexão na internet. O dono do estúdio descia para nos buscar, e nos viu com os dois policiais. Ele se aproximou, perguntou o que houve, e, os dois policiais, disseram algo que poderia se resumir nas seguintes falas:

“- *Aqui não foi nenhuma coisa, do tipo, ‘racismo’, ‘estereótipo’... Estamos apenas fazendo o nosso trabalho.*”. Disse a policial. “- *Agora eles estão liberados. Mas antes, não poderíamos deixar de fazer nosso trabalho. Porque o jeito que vocês caminharam, foi suspeito para nós. Mas verificamos, e esta tudo ‘ok’.*”. Disse o policial, “*encerrando o caso*”, através de uma excelente abordagem policial carioca.

Tudo “ok”. Sim, inclusive, saímos “no lucro”. Diferentemente do menino Eduardo, 10 anos de idade, assassinado pela PMERJ, em seu lugar, o Complexo do Alemão, no ano de 2015⁸¹. Mas, mesmo que tenhamos saído (mais uma vez) dessa, a tangente era a mesma: “identificamos dois negros e fizemos o nosso trabalho”. No texto “Racismo, uma leitura”, o médico, psicanalista e analista institucional Moisés Rodrigues da Silva Júnior, comenta sobre a relação do racismo com o corpo:

A primeira lição do corpo em sociedade é: em nenhum lugar do mundo, até hoje, o corpo biológico é o corpo social. O corpo sempre tem um sujeito, está inserido em alguma comunidade, grupo, etnia ou nação. Ele sempre é marcado pela história e pelas convenções culturais de um grupo humano. Somos seres corporais, e são as marcas inscritas no corpo que singularizam o grupo étnico a que o indivíduo pertence. E é justamente apoiado na singularidade de um grupo humano que cada indivíduo pode aprender a desenvolver e a expressar a própria individualidade. São essas marcas, impressas temporária ou definitivamente em nossa pele biológica, a primeira pele, que conformam nossa segunda pele, a que nos faz seres humanos para outros seres humanos. (JUNIOR, 2017, p. 161).

⁸¹ Segue o link da matéria sobre o caso – “Mão de menino de 10 anos morto no Alemão diz que vai deixar o Rio.”. <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/04/mae-de-menino-de-10-anos-morto-no-alemao-diz-que-vai-deixar-o-rio.html>>. Acessado em 10 de nov. 2016.

Repito, se não já fiz entender para vocês, leitores e leitoras. A ideia de me expor (e expor outros) neste texto, está na proposta de tentar ouvirem minhas falas sobre o racismo. Esse momento em que fiquei vivo, por ser um preto diferente do outro preto, que foi pego por uma atenção preta, possivelmente uma conflitante formação para uma tensão racial; mesmo momento que almejavam minha morte, por ser um preto diferente do outro preto, pois fui pego por não ter uma identidade legível. A diferença dessa cativação com o preto se dá em um “*apartheid psicológico*”. O negro é tratado como aquele que não merece as possibilidades sociais iguais, em relação ao branco. Isso é resultado desse *apartheid psicológico*, construtor do ser negro: o que é remetido ao inferior, o categorizado em códigos no campo etno semântico, onde a “cor negra” encerra vários significados. (NOGUEIRA, 2017). Essa situação estimula processos psicológicos da ordem do inconsciente, aqueles pelos quais o negro passa. Continuando na explicação da expressão que coletei da fala de Isildinha Baptista Nogueira, é importante relatar que:

Ser sujeito no outro significa não ser real no próprio corpo, que deve ser negro para que se possa ser o outro. Mas essa imagem de si, forjada na relação com o outro – e no ideal de branca – não só não guarda nenhuma semelhança, com o real de seu corpo próprio, mas é por este negada, estabelecendo-se aí uma confusão entre o real e o imaginário. (NOGUEIRA, 2017, p. 124).

A psicóloga e psicanalista Isildinha Baptista Nogueira comenta que o imaginário do negro contido no *apartheid psicológico*, cria um desarranjo capaz de desincorporar a humanidade de um corpo. Fui desumanizado assim. Sou desumanizado assim. Sei que continuarei sendo desumanizado assim. Tudo provocado pelo “apartheid psíquico”, a forma de racismo parafraseado ao sistema político de desenvolvimento nacional, que se instaura e funciona na manutenção da maneira do ser negro como algo que deve ser separado ou melhor, que nem poderia existir:

Refiro-me ao apartheid psíquico, porque, infelizmente, nosso sistema político não é o que nos separa socialmente entre brancos e negros. E o racismo é crime no Brasil. Nós, os negros, vivemos uma segregação silenciosa, o que durante muito tempo funcionou como se tivéssemos um sentimento persecutório, uma vez que o preconceito era negado. Sentíamos uma perseguição sem razão. Isso vem mudando, atualmente, já que parece existir uma disposição maior da comunidade científica e da sociedade de expor a crueldade de um sistema que se diz, “não racista”, mas que ainda conversa e mantém atitudes racistas. (NOGUEIRA, 2017, p. 122).

Sobre essa situação, para mim e para outros (e até outras) que, assim como eu, são desumanizados(as), invoco aqui minha posição com essa desumanização causada pelo racismo anti-negro: “*Todas as vezes em que um homem fizer triunfar a dignidade do espírito, todas as vezes em que um homem disser não a qualquer tentativa de opressão do seu*

semelhante, sinto-me solidário com seu ato.” (FANON, 2008, p. 187). Assim como Fanon, não é o mundo negro que dita minha conduta, pois não deposito valores específicos. Não pretendo ser superior a ninguém, pois a superioridade vem do sentido de ser branco, e não quero ser branco. E quando minha humanidade for contestada - como na explanada abordagem policial deste texto, e de outros momentos que também irei comentar, quando relacionar o racismo aos momentos vividos pelos Xarpi -, tentarei trazer à tona, para essa ideia do branco, “*o meu peso de homem*”, sem acreditar em missão negra. Não me dedico a avaliar os valores negros, ao mesmo tempo em que não acredito na ética e inteligência branca, pois sou ignorante da existência miserável e abominável “*do fardo branco*”. “*Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!*”. “*Não se deve tentar fixar o homem, pois o seu destino é ser solto.*”. Não é por menos que “*Não sou prisioneiro da História.*”. Meu destino está aqui e agora. “Será que terminarei essa dissertação a tempo?”, é a pergunta que penso, quando leio em Fanon: “*Devo me lembrar, a todo instante, que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção na existência.*”. Depois, repenso, e me pergunto: “Que tempo é esse?”. Despertei em perguntas porque esse mundo me machuca. Machucou Fanon, e machuca “Eduardos”, meninos de 10 anos, crianças, seres que Fanon lembra de Friedrich Nietzsche, que disse “*A infelicidade do homem é ter sido criança.*”. Esse mundo é capaz de machucar crianças, através das palavras que enfeitam o silêncio renegador da liberdade, que nos faz “*exigir do outro um comportamento humano.*”. (FANON, 2008, p. 188-191).

Essa possibilidade de existir a partir do percalço também está presente na iniciativa Xarpi/ piXadora, e por isso, me parece ter uma conjuntura propícia para um debate sobre as relações raciais dentro desse universo prático de risco de vida, devido a proposital incorporação de atitudes iniciadas pelo desejo rompedor de paradigmas, ao exaltar a experiência de quem vive disposto a fazer “algo” que, se tropeçar, literalmente, poderá perder tudo, pois cairá de um alto de um prédio e/ ou pode ser pego, por algum indivíduo “justiceiro” (policial ou não). E viver com o horror do racismo anti-negros, também é um fenômeno expositor de perigo tangível no corpo posicionado diferente, ou sem agrado, para o outro corpo, o do homem branco, ou daquele que se acha branco. Não é por menos que a única possibilidade de ser para o preto/ negro, seria lançando-se sobre a impossibilidade, logo, ter razão significaria viver o “*irracional até o pescoço.*”. (FANON, 2008, p. 113). Aqui, a irracionalidade surge (por que não?) em forma ambígua. Falaremos disso um pouco mais à frente. Por ora penso que Fanon nos faz pensar sobre uma situação vivida pelas pessoas de cor de pele preta: elas não podem ser o que ou quem são, e quando são, muitas das vezes, são consideradas como irracionais.

Sem a intenção de mostrar-se “Afropédia”⁸², pretendo com esta parte do texto somar nas discussões sobre o racismo, em uma conversa aberta no campo individual, coletivo e cultural, a partir de ilustrações caracterizadas por relações históricas violentas. Nesse sentido, almejo aqui focar os esquemas do fenômeno racial anti-negro que mostram envolvimento com as relações piXadoras do Rio de Janeiro, o Xarpi, algo complexo e desimpedido, sobretudo, para os que almejam pensar sobre a preservação da vida, diante do genocídio, que tem mira no negro, o desprovido de riqueza econômica monetária e jovem. Já citei sobre esse esquema genocida no capítulo anterior, e também lembrando dessa estratégia cultural, filosófica, política e racista em variadas formas durante toda a escrita deste trabalho. Mas indefinitivamente não serei o presunçoso que diz o que é racismo de forma fechada, tão pouco tentarei fazer com que este texto seja, de alguma forma, um manual para que algum racista não seja mais racista. A ideia aqui provocada girará em torno de aceitarmos a existência do fenômeno racista, com o objetivo de enfrenta-lo, por mais duro que seja a causa e o efeito, através de caminhos viáveis pela empatia. Afinal, pensar racismo é se deslocar de um lugar de conforto, para seguir no afrontamento com desconforto em quem está sendo racista, assim como de quem está sofrendo o racismo.

Certa vez, o Xarpi Pato, em entrevista no bairro de Madureira, na madrugada da cidade do Rio de Janeiro do dia 12 de abril de 2017, comentou:

“- ... a piXação é algo surpreendente. Eu nem consigo explicar o que sinto na piXação. E ninguém gosta de piXador. Só quem piXa que gosta de gente que piXa. É inexplicável. E duvido alguém, outro piXador, dizer que estou mentindo. Duvido que outro piXador consiga explicar o que sente, ou então o que é a piXação.”

Ser negro é surpreendente, mesmo que o negro não consiga explicar, “*Black is beautiful!*”, como já disse durante o texto, “*The black is a neurotic narcissistic*” [“*O negro é um neurótico narcisista*”], objetificado por uma alucinação branca, o corpo social que está fadado ao conforto da “*psychosis, perversion, narcissistic and racist*” [“*psicose, perversão, narcisista e racista*”], o que torna o julgo de um dos dois lados a certeza ou a incerteza de algo, ou seja, a sanidade e o insano também, assim como o racional e o irracional, aquilo que não pode ser explicado por um fixo. E assim como o ser negro, o piXador também reconhece que só outro piXador entenderá suas complexidades. Citei alho anterior, na entrevista do Xarpi Foco, que também parece trazer esse movimento, de sentido neurótico, do mundo de quem piXa: “... *só quem conhece é quem sabe o que*

⁸² Neologismo com o Wikipédia, um site enciclopédico multilíngue e livre, pois é colaborativo. Segue o link: <<https://pt.wikipedia.org>>. Acessado em 15 de jan. 2018.

existe”. Essa neurose Xarpi/ piXadora, conflita-se, ao marcar presença onde não deveria ter sua presença, apenas para se sentir bem com isso, ou seja, com o existir, mesmo que ainda no processo de negociação da sua falta de existência, o que pode admitir uma empatia, pois atinge uma consciência piXadora, preta fosca, negra.

Pensar o que torna possível as diversas existências em sociedade, seja nas criações ou interpretações - crenças, valores, práticas, sendo tão importantes quanto qualquer bem (casa, sapatos, relógios, celulares) -, permite um olhar indizível do cotidiano material e imaterial, onde as relações recíprocas de inquietudes, amarradas ao histórico contextual das múltiplas experiências do intersubjetivo, é capaz de desafiar o próprio significado de cultura. A cidade, a todo o momento, é inserida nessa característica inquieta, tensão fundadora de encontros contraditórios e conflituosos, manifestados nos espaços impulsionadores de possibilidades entre as diversidades de identificações, valores, gostos e práticas. A cultura seria resultado desses encontros cercados por divergentes, seus saberes, fazeres, modos de vida indeterminadamente construídos no movimento das relações sociais, que troca o ser-no-mundo pela a existência do mundo, com base no ser construtor desse mundo.

Quando ser se dá na relação entre o corpo normativo e o corpo que quebra a normatividade, lembrando que, no quadro da psique, nenhum corpo cabe confiavelmente na normatividade, tão pouco existe um rompimento puro, a imprevisibilidade e seu contexto exibem envolvidos com a cultura Xarpi, por exemplo, evidenciando algo deste tipo. Não quero dizer que ser piXador é ser negro. Mas provoco o negro como aquele corpo que deve estar preparado para tudo, tendo em vista o genocídio presente no Brasil com esse público. O ser Xarpi deve estar preparado, mesmo que de forma momentânea, para ser tratado com uma força que parece ser o racismo, mesmo que não seja. Comentando um pouco mais sobre isso, é importante dizer que “ser” no jogo voraz colonial do racismo anti-negro, se dá em duas dimensões: o negro e seu semelhante (outro negro); o negro e o branco. Um negro se comporta diferente com o branco e com outro negro. Habitualidade que não existiria sem as aberrações afetivas que se estabelece no seio de um universo racista, onde o negro não é um homem, mas sim “um homem negro”, diferentemente do homem branco, que é um homem. Dentro desses dois campos (o branco e o negro), muitos negros não acreditam ou não trazem empatia com a batalha em favor da negritude. Segundo Fanon (2008), isso seria um racismo dos negros contra os negros, que tem base na ilusão dos espelhos, que traz um reflexo branco, pois olham sem ver, ou veem apenas o que almejam, ou melhor, o que acreditam almejar. No desdobrar de uma de minhas questões, com o objetivo de enquadrar o racismo em um universo tão sem enquadramento como a piXação, percebo - assim como outros pesquisadores

trabalhando sobre tal fenômeno já captaram -, a vida nesse universo se dá na busca de acolhimento, pois encontra na prática piXadora um zeloso repouso agitado.

A pouca hospitalidade do mundo moderno, consciência ou incendiado das luzes (CANEVACCI, 2008), ao explicar sobre o risco complexo da racionalização de uma metrópole - lembrando: quanto mais racionalizado, mais se “enche de luz”, mais “encandeado” fica, logo, maior possibilidade da “auto incineração” acontecer -, pode-se dizer que a piXação cria uma zona de existência de possibilidade reconhecadora, para aquele corpo que se nega a querer, a todo momento, o “saciar com luzes”, diante de um regime da existência reduzida à lógica econômica da vida, esta que deveria se dar de forma plenamente confortável. O fenômeno piXador reconhece a vida ativa daquele que, por ventura, contradiz esse sistema tendencioso de escravização disfarçado de comodidade, atravessada em uma constituição ansiosa pela presença sem sobressaltos. Quando a piXação é reconhecida na dinâmica da cultura popular, o fenômeno cria, autonomamente, um berço de acolhimento para o existir desses sobressaltos, estes, momentaneamente valorizados nas diferenças provocadoras de contendas, criadoras de encontros entre os distantes e os próximos, respeitando a alteridade de acontecimentos, no campo de disputa do imaginário sobre o sentido do mundo.

Mas não é fácil enxergar nas cotidianas tensões com a “máquina” de captura/colonizadoras - impostas socialmente pela educação e outras formações difíceis do agir sobre outras lógicas, como as de oposição a qualquer possessão de vida, em troca de um devir em constante expansão -, a admissão de potencialidades comumente condenatórias, estas vistas como atitudes contemporâneas radicais e/ ou vexadoras, ricas em provocar e sobreviver ao mundo colonial, ufanador do ocidente e seus fundamentos. Falar de racismo é levar em conta as condições históricas como pano de fundo da “*história pessoal e coletiva de um indivíduo, ou grupo étnico*” e seus aspectos, “*a estrutura, a base sobre a qual*” acontecerá ou não o acolhimento do indivíduo, processo que acontece durante o desenvolvimento da trajetória pessoal e com o mundo. (SILVA, 2017, p. 76–77). Autora desta citação, a psicóloga e psicanalista Maria Lúcia da Silva, explica um pouco desse esquecimento racial do Brasil, dizendo que:

(...)o racismo impede o desenvolvimento de suas vítimas, perverter quem a prática divide as nações internamente, constitui um obstáculo para a cooperação internacional e cria tensões políticas entre os povos/ é contrário aos princípios fundamentais do direito internacional e, por conseguinte, perturba seriamente a paz e a segurança internacionais.

[...]

Mesmo que a história tenha a capacidade de afirmar o processo de escravização, expondo como contraditórias, são as construções de representações sociais que negativam o negro, em troca da positivação dos brancos, infelizmente, ainda são desenvolvidas em um “imaginário pessoal e coletivo”, presentes nas relações e materializações dos estereótipos e atos de discriminação, com efeitos diretos no processo de constituição dos sujeitos brancos e negros. (SILVA, 2017, p. 78 - 80).

Não é por menos que Maria Lúcia da Silva comenta que a estruturação da sociedade brasileira, suas estruturas de governo, as formas de organização do Estado, no que tange a desenhos e desenvolvimento com as políticas públicas, acaba beneficiando material e simbolicamente os grupos nomeados como brancos e que, obviamente, essa realidade determina a forma como as pessoas e os grupos se veem, pensam e se relacionam. O que Maria nos traz pode ser visto em total cumplicidade com Fanon:

Historicamente, o negro, mergulhado na inessencialidade da servidão, foi alforriado pelo senhor. Ele não sustentou a luta pela liberdade.
 Enquanto escravo, o preto irrompeu na liça onde se encontravam os senhores. Como esses domésticos a quem, uma vez por ano, permitem-se dançar no salão, o preto procurou um apoio. O preto não se tornou senhor. Quando não há mais escravos, não há mais senhores.
 O preto é um escravo a quem se permitiu adotar uma atitude de senhor.
 O branco é um senhor que permitiu a seus escravos comer na sua mesa.
 Um dia, um bom senhor branco que tinha influência disse a seus colegas: “Sejamos amáveis com os pretos”.
 Então os senhores brancos, resmungando, pois ainda assim era difícil, decidiram elevar homens-máquinas-animais à posição suprema *de homens*. (FANON, 2008, p. 182).

As transformações do modo de produção capitalista no decorrer da segunda metade do século XX não explicam por si só o ressurgir e as várias metamorfoses do Animal. Constituem também o seu inegável pano de fundo, tal como os imensos progressos nos domínios da tecnologia e da genética. Uma nova economia política da vida instala-se, irrigada pelos fluxos internacionais do saber e tendo como componentes privilegiados, também, as células, os tecidos, os órgãos, as patologias e as terapias, assim como a propriedade intelectual. (MBEMBE, 2014, p. 46–47).

É inevitável ser negro e aprender apanhando. É inevitável ser negro e aprender um voyeurismo obrigatório, ao tornar-se testemunha de crimes que queríamos, mas não podemos fazer, na hora do crime, absolutamente nada. Não é por menos que nós, negros, somos obrigados sim a saber quem foi em vida Oscar Grant! O nome e sobrenome que virou grito, devido a esse neurotizante processo. Jovem, negro e norte-americano. Pai, filho e neto. Namorado, amigo e pecador. Como todo “bom” ser racional em vida, que é culpado por algo que fez de errado, erro que, muitas das vezes, acontece pela possibilidade de acertar, visto

que, outras vezes, tal possibilidade é negada; negação do erro que se dá concomitante à possibilidade do acerto. Oscar Grant III, 22 anos, realizado pela loucura codificada, inclusive em morte, pois quando foi assassinado por um policial, ficou eternizado pelos compartilhamentos da *rede wireless*, pois os celulares registraram mais esse esquizofrênico caso racista, o que acabou formando uma denúncia coletiva mundial anti-racista. Oscar Grant III, um homem negro com antecedentes criminais, que morava em Hayward, na Califórnia, e trabalhou como açougueiro no distrito de Dimond, em Oakland. Sim, antecedentes criminais. Sim, o crime vem na frente. Sim, a cor vem na frente. Sim, se é negro, possivelmente, pelo mundo racista será criminalizado. Oscar Grant III, o Oscar Grant dos protestos, das revoltas, dos tumultos de Fruitvale, movimentos que seriam o mínimo, diante da dor sentida pelos familiares, os amores, os amigos... Oscar Grant, o Oscar, o morto no dia de ano novo, de 2008 para 2009.

Primeiro de janeiro, conhecido pela ONU como “Dia da Confraternização Universal”. Mas depois de Oscar Grant, o primeiro dia do ano, para muitos, será marcado por mais um assassinato racista no mundo. Oscar Grant, o eternizado por uma tragédia nas memórias do primeiro dia de um ano, desde 2009. Mesmo ritmo de lembrança que tenho desde 2016, quando, faltando 3 dias para entrada de tal ano, Fernando Grilo, um dos amigos que se tornava cada vez mais promissor com sua liberdade, que vinha da Zona Oeste carioca, mesmo lugar que o iniciou para uma respiração musical que o fez eterno. Fernando Grilo, o Nandinho de sua mãe e avó, o Fernando de seu pai, o Grilo de seus amigos. Fernando Grilo, não se sentia bem na parte abdominal de seu corpo, diagnosticado com uma infecção no estômago no dia 27 de dezembro de 2015, suposto problema que o fez voltar para o hospital, pois a medicação oferecida, não deu certo. Ao voltar no médico, foi diagnosticada uma outra situação emergente: um apêndice que precisaria ser operado às pressas. Cirurgia. Complicações.

Por que os médicos não o tocaram? Por que não foi atendido de forma comum, no sentido de consulta e medicação? Porque não fizeram exames? Comum seria aquela necessária movimentação médica que não foi feita, e por isso, para o Grilo, deu errado. Uma apendicite é tão simples. Fernando Grilo, jovem negro que será lembrado como Oscar Grant, no primeiro dia de um ano, por ter morrido aos 22 anos de idade. Dia novo, de enterro de Fernando Grilo. Dia velho, da morte de Oscar Grant. Ano novo com o racismo velho. Não precisavam tocar em Oscar Grant, e o alvejaram. Precisavam tocar em Fernando Grilo, e o

ignoraram. Fernando Grilo, meu amigo, irmão Grilo, faleceu no dia 29 de dezembro de 2015, e foi enterrado no dia 1 de janeiro de 2016.⁸³

2.2.1 Entre bate-bolas e Exu: a relação do Xarpi com a guerra/ racismo

O racismo não existe, porque o negro não existe. A cura do racismo não existe, porque o racismo não existe. E quando o branco ou o negro, os dois no momento de confusão com a plenitude do saber, afirma essa não existência.

Já disse Mbembe:

O Negro não existe, no entanto, enquanto tal, é constantemente produzido. Produzir um negro é produzir um veículo social de submissão e um corpo de exploração, isto é, um corpo inteiramente exposto à vontade de um senhor, e do qual nos esforçamos para obter o máximo de rendimento. (MBEMBE, 2014, p. 40).

Questão de corpo. Questão de cor. Questão de essência. Questão racial. Falar de raça (ou racismo), é exprimir-se pelo processo de lobotomia que cria uma linguagem imperfeita, desadequada, *“uma forma de representação primária. Não sabendo de todo distinguir entre o que está dentro e o que está fora, os invólucros e conteúdos, ela remete, antes de mais nada, para os simulacros de superfície.”*. (MBEMBE, 2014, p. 25). Para Kwame Anthony Appiah, ganhês doutor em filosofia, Du Bois foi um dos primeiros intelectuais a discutir de maneira longa o conceito de raça, através do artigo “A preservação das raças”, apresentado no American Negro Academy:

O “negro norte- americano”, declara Du Bois, “foi levado a (...) minimizar as distinções raciais” porque “por trás da maioria das discussões raciais com ele está familiarizado, ocultam-se certos pressupostos quanto a suas aptidões naturais, quanto a seu status político, intelectual e moral, que ele julgou errados”. E Du Bois prossegue: “Não obstante, em nossos momentos mais calmos, devemos reconhecer que os seres humanos se dividem em raças”, ainda que “ao inquirirmos sobre a qualquer conclusão definitiva. Seja qual for a importância que isso possa ter, entretanto, “a palavra final da ciência até hoje é que temos pelo menos duas, ou talvez três grandes famílias de seres humanos – os brancos e os negros, e possivelmente a raça amarela. (DU BOIS apud. APPIAH, p. 53–54).

Esse “inquirir” que impede a conclusão dito por Du Bois, citado por Appiah, seria, talvez, a explanação do cosmo embranquecedor, este visto por Abdias como “democracia racial”, um dos maiores instrumentos do racismo brasileiro, e por isso é percebida por

⁸³ Segue um notícia de meu querido e amado irmão Fernando Grilo.

<<https://catracalivre.com.br/sp/agenda/gratis/tributo-mulambo-jazzagrario-celebra-o-legado-de-fernando-grilo/>> . Acessado em 15 de nov. 2017.

Munanga como algo de base formativa racista, de uma ambiguidade como característica essencial, cordial, “à brasileira”. Com isso, acredito que seja importante assinalar que, mesmo que já tenha ficado entendido para alguns (e algumas) leitores(as), talvez, para outros(as), não. O tema raça é complexo. Não é por menos que escrevi pouco essa palavra, que é elementar na discussão de racismo. Trabalho a ideia de raça em concepções científicas biológicas, na tentativa de realizar a discussão do racismo na intenção de provocar outros olhares sobre essas concepções, sejam elas experimentais/laboratoriais, ou do cotidiano do viver a vida. Historicamente a raça sempre foi uma forma mais ou menos codificada de divisão e de organização da diversidade, fixando-a e distribuindo-a segundo hierarquias e divisão dentro de espaços mais ou menos estanques – a lógica do recinto fechado. Foi o que se passou nos regimes de segregação. Na era da segurança, pouco importa que ela seja naturalmente apresentada sob o signo da “religião” ou da “cultura”. A raça é aquilo que permite identificar e definir que grupos de populações são individualmente, portadores de traços diferenciais e mais ou menos aleatórios.

[...] a raça não existe enquanto fato natural físico, antropológico ou genético. A raça não passa de uma ficção útil, de uma construção fantasista ou de uma projecção ideológica cuja função é desviar a atenção de conflitos antigamente entendidos como mais verosímeis – a luta de casses ou a luta de sexos, por exemplo. Em muitos casos, é uma figura autônoma do real, cuja força e densidade podem explicar-se pelo seu carácter extremamente móvel, inconstante e caprichoso. (MBEMBE, 2014, p. 27).

Com essa citação, volto no sociólogo e historiador William Edwar Burghardt Du Bois, mais conhecido como W.E.B Du Bois, um dos nomes que se faz importante na discussão do racismo, quando debate o tema da discriminação racial e da luta de um povo para a sua ascensão, num mundo onde esse povo se sente estrangeiro. A dualidade entre ser homem e ser negro; nesse caso, Du Bois pensou o “ser americano” e o “ser negro”: “*Dois almas, dois pensamentos, dois embates irreconciliáveis, dois ideais conflitantes, num corpo negro, impedido, apenas por um obstinado esforço, de bipartir-se.*” (DU BOIS. 1999, p. 6). No campo da cultura, essa alma, formadora da presença dualista, parece ganhar um maior espaço. Obviamente que não estou dizendo nada sobre a leitura cultural em diferença por valores, mas sim por acontecimento, que nesse caso, torna-se sinônimo de conhecimento.

Antes de um campo mais aprofundado com o racismo, realizei alguns percursos epistêmicos que me privilegiaram em variados momentos, e que me fizeram presente em diversos lugares. Todos eles seguiram-se em características ambíguas. E para entender melhor essas relações que evolveriam meu objeto (o racismo), meu tema (piXação) e o sujeito (o

Xarpi), decidi participar de duas movimentações que poderia ser importante para pensar toda essa pesquisa.

Começo por quem já está presente. O que pedi licença para sair e entrar nesse percurso de escrita (assim como outros trajetos de minha vida). E me coloco como um insolente, um inútil, um verme, nos dias que não pedi licença para ele. Larôie Exu! Mojubá! Axé! A segunda não deixa de se presenciar por relações da primeira, pois quando se fala bate-bola, lembra-se carnaval de rua carioca. Estão aí as duas relações oferecidas durante esta pesquisa, que foram de suma importância para todas as reflexões sobre racismo, visto aqui. Em suma, antes da pesquisa com piXadores/ Xarpi, aprendi algumas coisas no respeito a Exu e na ação com os bate-bolas.

É importante dizer também que não vou dizer “o que é”, ou “o que não é”, nem de Exu, nem dos bate-bolas. O que trago são narrativas de meu vivido. Me responsabilizo por tudo que escrevo/ falo aqui.

“Sofro de violência crônica

Eu sou um cronista

Adidas sujo de sangue a cada conquista”

Os três versos foram citados para invocar seus três verbos. Do primeiro para o terceiro: sofrer, ser e conquistar. O “sofrer”, talvez, poderia ser o sofrimento de alguém que bateu ou apanhou. O “ser”, talvez, poderia ser um bate-bola que bateu, um Xarpi que apanhou, um bate-bola que apanhou, um Xarpi que bateu, uma pessoa que apanhou, uma pessoa que bateu. O “conquistar”, talvez, poderia ser aquela possibilidade de ficar em pé, estar vivo, diante da maneira, da presença de algo possível dentro do dito impossível, como ser negro, como ser bate-bola, como ser Xarpi, ou apenas uma pessoa com querências autênticas, mesmo que essas autenticidades sejam vistas como apócrifas. Esses versos são da música “Oração da Vitória”, do rapper baiano Baco Exu do Blues, jovem, negro e que segue como promissor em sua carreira, sobretudo, depois de seu álbum, chamado “Esù”, um dos outros infinitos nomes de Exu. Na capa deste disco, Baco referência a palavra/ nome “Jesus” a Esù/ Exu, ao rasurar com dois “X”. O primeiro “X” está na letra “j” e o segundo está na última letra da palavra Jesus, ou seja, o “s”. Sem essas duas letras, restaria “e”, “s” e “u”: Esù⁸⁴!

⁸⁴ Forma em ioruba de escrever. No respectivo texto, a palavra “Exu” será escrita com a letra “x” pois, geralmente, esta é a forma usada pelo cotidiano popular da cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, também escreveremos e posicionaremos (de maneira sucinta) algumas outras formas de invocar *Exu*.

Esù/ Exu, a partir de agora, em processo de escrita, será lido aqui como Exu, com referência a tudo que já foi e será dito nesta própria pesquisa.

Figura 31: capa do álbum “Esú”.



Fonte: capa do disco do rapper Baco Exu do Blues.

Ele é vigente nas diversas práticas afro brasileiras e em outras denominações pelo globo, por exemplo, em Cuba, é conhecido como *Eleguá*⁸⁵. Me limito a perceber Exu como a mobilização por uma travessia de outros caminhos, que coloca o mundo em outras invenções e por isso, acaba sendo visto por “invenções” estáticas, confortáveis e mórbidas, estas que acabam por se afirmarem na estabilidade, e não na criação. Sendo Exu aquele que passa por todas as criações, discuto sua presença nas lógicas do “ser carioca”, este que (também)⁸⁶ parece trazer em suas práticas e saberes apreciações e ligações com o campo da ambiguidade presente na cultura. Exu, o desfecho que cerca a abertura ou o fechamento da imprevisibilidade, ou melhor, Exu está na relação entre o corpo normativo e o corpo, o mesmo corpo, que pode quebrar a normatividade, mesmo que não pareça ser capaz disso. Neste texto, trato Exu como gerador do movimento na vida, que faz ser vida, através de encruzilhadas caracterizadas por metáforas e relações com o campo metafísico, que se contrapõe à linearidade moderna da compreensão ocidentalista – percurso estimulante vital

⁸⁵ Informações presentes em “Histórias do Okú Láí Láí”. Disponível em:

<http://olorum.lendas.orixas.nom.br/ebooks/004_africaculturaafrobrasileira.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.

Segue o link sobre outros nomes como *Eleguá*, *Elegbára* e *Eleguara*, todos nomes referenciados aquele que é senhor dos caminhos. Informações no texto “ELEGBARA: O SENHOR DOS CAMINHOS”. Disponível em:

<http://ifanilorun.com.br/?page_id=4662>. Acesso em: 04 de out. 2016.

⁸⁶ Como eu disse, Exu está em tudo, na ação, no movimento.

para as provocações que já foram e ainda serão expostas aqui. Ele dá vida “*ao que estava morto ou não nasceu*”. (SIMAS, 2013, p. 15). Senhor da irreverência, astuto, inteligente, malicioso, das artimanhas e sempre muito generoso, Exu, mesmo não sendo a própria realidade, se torna realidade dentro do impossível. É “*Mensageiro atrevido cutucado ao pé do ouvido*”⁸⁷, ao deplorar os sobressaltos advindos de uma segurança acumulativa, já que é inaugurador do acaso, e rompe com qualquer plano minuciosamente elaborado. Isso é ruim? Isso é bom? Isso é. E se é, seja(mos) grato(s) por isso. Laroîê para aquele que *re-cria* a vida com os seus recados através de metáforas e metonímias dinamizadoras de fluxos, que são enxergadas pelas posições reacionárias, limitadas, confortadas na circunstância que já tem seu final decidido previamente.

Presente também nos assuntos que o destacam como a representação do mal/ mau, diabólico, Exu é conhecido nas relações de intolerância e inconsequência religiosa, quando não traz nenhuma dissolução para se adequar em algo fixo, ou em alguém fixo. Diz sim quando é não. Diz não quando é sim. Se aquieta quando é para falar. Fala quando é para se aquietar. Presente na ambivalência atenuante, vista nas tentativas de denominações, que o criminaliza como entidade, diante de sua alusão às religiões afro-brasileiras, Exu acaba ameaçado ou invalidado pelos processos modernos da civilidade. O pedagogo e doutor em Educação Luiz Rufino estuda bem esta relação, através de uma proposta que configura um projeto epistemológico educativo decolonial antirracista. O conceito do autor que será usado aqui estará ligado as duas expressões que remete à relação de campo com esse momento da pesquisa: o “*rolê epistemológico*” e o “*ebó epistemológico*”.

O primeiro se dá na ação que pretende desviar para avançar, o sair do lugar para chegar em outro lugar, dentro das lógicas inspiradas no jogo, ou seja, apostar que a oportunidade do desvio é oportuna. Esquiva, rolamento, o bote, de um lado para outro, a *rolê epistêmico* é inspirado na capoeira, o finge que *vai mas não vai*, e quando vai é cruza, outro lugar. Para Rufino, o *rolê epistemológico* está no cotidiano, onde o colonialismo está imposto simultaneamente nas práticas dos modos próprios de conhecimentos, melhor dizendo:

Essa perspectiva emerge não apenas para expor os limites e contradições da produção de um mundo binário, produtor de escassez e desencanto, mas se lança para reivindicar a encruzilhada como conceito para lermos o mundo, a partir das potências de Exu, que é por excelência o espírito que a encarna e a mobiliza. A encruzilhada-mundo emerge como horizonte disponível para credibilizarmos as ambivalências, as imprevisibilidades, as contaminações, as dobras, atravessamentos, interstícios, zonas fronteiriças, os não ditos, as múltiplas presenças, sabedorias e linguagens, ou seja, as possibilidades. Afinal, a encruza é o umbigo e também a boca

⁸⁷ Verso de uma das poesias de Nelson Maca, presente no vídeo “Salgado Maranhão e Nelson Maca – Duas Gramáticas” – AUTORES EM CENA (2015). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rPINn3LislY>>. Acesso em: 04 de out. 2016.

do mundo, é morada daquele que tudo come e nos devolve de maneira transformada. (RUFINO, 2017, p. 42).

É do cruzo que parte tudo, é dele o aparecimento da encruzilhada para a perspectiva de algo, o que vem depois, pois antes, não existia a possibilidade de perspectiva. E o que não tem compreensão no mundo que exige o existir pelo entendimento de tudo, acaba não existindo, ou seja, o rolê epistemológico é capaz de dar vida àquilo que não tinha vida, mas sempre foi sentido, e possível na presença, no saber, na linguagem, que torna o impossível possível.

“**Diga sim a volta dos Bailes Funk’s de Corredor!’ Faz Quem Quer 100% LADO B**”. Foi assim que conheci **Tora**, em um rolê epistemológico, no *Rio Parada Funk* de 2014⁸⁸. Em sua camiseta branca, na parte das costas, estava escrito este ditos que citei. Quem vive uma cidade do Rio de Janeiro em sentido uno, comum, nada disso fica legível; já quem vive uma Rio de Janeiro que prefere mais sentir do que explicar, entenderá que esse tipo de narrativa faz parte da vida do carioca. Os Bailes de Galera, esses “Bailes Funks das Antigas” de hoje, ganhavam características configuradas por sua geração inaugural, onde estes sujeitos, no fim dos anos de 1980 e durante boa parte dos anos de 1990, caracterizavam tais momentos de encontros e lazer como “Bailes Funk’s de Corredor”, Baile de Corredor, Bailes Lado A X Lado B. No resumo de tudo, imaginem: uma quadra cheia, lotada até não sobrar espaço, com muitos jovens de todas as partes da cidade do Rio de Janeiro, dentre outros municípios. A maioria desses jovens eram negros, que moravam em lugares populares – de outras cidades do estado do Rio de Janeiro, como a parte Metropolitana e a Baixada Fluminense, e também das Zonas diferentes, onde a Zona Oeste e a Zona Norte circulava mais com essa cultura dos bailes. Cada Galera se mostrava como um grupo que fecha de um lado ou de outro, pois, em certo momento, a quadra onde aconteciam esses eventos, entupida de jovens, se dividida em duas: uma parte era a A, e a outra parte era a B. O lado A não era melhor do que o lado B, da quadra, tão pouco o lado B era melhor do que o lado A, pois os dois apenas se diferenciavam pela a escolha do lugar. Quem tinha disposição para brigar, com soco, pernada, enfim, com o corpo, se quisesse, poderia continuar na quadra, e quem não queria brigar, poderia escolher sair desse corredor formado, para dividir a quadra em dois lados, e começar a travar uma disputa, para ver quem seria a melhor lado do baile, ou seja, as Galeras que fecham com o lado A, ou as Galeras que fecham com o lado B.

Tora era da Galera do Faz Quem Quer, grupo que estabeleceu pra si o lado B. Mas fui apresentado a ele como um Xarpi. E depois de vê-lo, entendi que ele era uma liderança

⁸⁸ O evento aconteceu do dia 19 de Setembro de 2014, no Sambódromo.

funkeira, inclusive de nome importante na construção de outros voos reflexivos, já que **Tora** apareceu na já citada tese de Gustavo Coelho (2016) como **Robinho**, um pai de família, liderança de uma Turma de Bate-Bola. Logo menos voltarei a falar dessa outra parte, apesar de continuar durante meu relato de pesquisa a invocar o **Tora** apenas como **Tora**, seu nome de Xarpi, expondo de maneira breve as outras partes desse sujeito importante para tudo que já falei. No mais, antes de eu ir para o próximo parágrafo, quero deixar sempre, repetitivamente, o meu objetivo, que é realizar uma troca sobre racismo, com a vida Xarpi. Para quem almejar pensar ou saber mais das trajetórias corpóreas dos Bailes de Corredor e outras ligações – Xarpi, e também Torcida Organizada e Turma de Bate-Bola -, recomendo novamente a obra “Deixa os Garotos Brincar” (2016), de Gustavo Coelho. Aqui, **Tora**, por exemplo, passa por três dessas culturas. Mas meu foco está na sua maneira de ser Xarpi, o que acabou me trazendo para este texto.

Um Xarpi que vestia uma blusa com esses dizeres de significância para o Funk e o funkeiro. **Tora** me fez estrangeiro da minha própria cidade. Pensei que sabia coisas de Baile Funk, e não sabia nada. Mas isso ainda não foi nada. Quando falávamos dele, antes de conhece-lo, imaginei um jovem, grande e forte. E **Tora** é um senhor negro e baixo, mas com um olhar de disposição. Apertei sua mão, e o papo correu livre. De 2014 para 2017, criamos um laço de amizade de Baile Funk. Em 2017, após convites anteriores, aceitei a sair no Carnaval com a Legalize, Turma de Bate-Bola onde **Tora** é uma das lideranças. Um homem de mais de 40 (quarenta) anos de idade, vascaíno, pai de família, que piXa desde os anos de 1980 e tradicionalmente, todo Carnaval, sai com a sua Turma, a Legalize, vestidos de Bate-Bola.

Tora se contextualiza com aquilo que Luiz Rufino chama de rolê epistemológico, pois cruza sua vida a todo momento, buscando preservar suas referências, e dentro de sua ginga, negocia sua posição, e em cada lugar, **Tora**, **Robinho** ou **Robson**, não importa quem, este sempre se mostra na disposição para as possíveis “batalhas e mandingas” cometidas pelo “cotidiano colonial”, que tende a impedir qualquer relação que mostre a noção de uma “terceira ação”, apara além do “sim” e do “não”, do “certo” e do “errado”. (RUFINO, 2017). Aceitar o primeiro, o *rolê epistemológico*, a disposição para as incertezas, em troca de um impossível, totalmente possível na crença de quem é disposto, leva para a segunda parte do conceito de Lyiz Rufino, o *ebó epistemológico*, o que “vem a produzir efeitos de encantamento nas esferas de saber” e positiva, “na perspectiva da abertura de caminhos”, o meio da encruzilhada, a mobilização contra as “lógicas do colonialismo”, durante a prática “nas frestas”, atitudes que rasuram os “imperativos coloniais”. (RUFINO, 2017, p. 70-71).

Quando fui conhecer um Xarpi, pensei nele apenas como um Xarpi. Mas, depois de conhece-lo, percebi outras relações que me fizeram sair de um lugar para outros. E em cada um desses lugares, com minhas percepções, fui adquirindo informações que me colocaram em relações imprevisíveis do sujeito que eu me comunicava, com o cara que eu jogava, através da conversa, do papo. Xarpi, Bate-Bola, Funkeiro, pai de família, candomblecista. Quanto mais se passava o jogo, mais acontecia o rolê epistemológico, e mais me aproximava de um ebó epistemológico, até eu me estabelecer nele, quando aceitei o convite de ser Bate-Bola, por exemplo, criando meu próprio *rolê epistemológico*, logo, também segui no *ebó epistemológico*. Como disse em parágrafos anteriores, falar de um é falar de outro. Acontecer um é a possibilidade de acontecer outro. Aliás, se **Tora** fosse apenas Xarpi, não iria acontecer o *rolê* nem o *ebó*? Se **Tora** fosse só **Robson**, o *rolê* e o *ebó* seria possível. O que depende para eles acontecerem é apenas a disposição do sujeito que se compromete no jogo, na palavra, no corpo e na sua priorização, afinal, o *ebó epistemológico* “*gerador de efeitos de encantamento, só é possível a partir da produção de uma Pedagogia das Encruzilhadas.*”. (RUFINO, 2017, p. 71).

Está aí a presença entrecruzada de Exu, pois sem ele, sem o caminho, o jogo não acontece. Com seu olhar na área da educação, Rufino apresenta essa possibilidade de presença como um importante debate da área pedagógica, já que desestabiliza completamente a organização dominante e desigual, esta que necessita de uma transformação radical, causando uma possibilidade de potências conflitantes com o que já está posto. Sendo mais direto, para Luiz Rufino, Pedagogia das Encruzilhadas é:

[...] um projeto poético/político/ético que encarna os princípios, domínios e potências de Exu. A mesma advoga e pratica a favor da diversidade em uma perspectiva de saberes em encruzilhadas. A pedagogia proposta opera diretamente nas obras do colonialismo como um contragolpe. Nesse sentido, invoca e encarna Exu evidenciando seu caráter explicativo de mundo e suas presenças como esfera de saber na luta contra as injustiças cognitivas/sociais produzidas ao longo da história. (RUFINO, 2017, p. 71).

Acredito que pensar Xarpi na educação, por exemplo, é pensar esses cruzos que saem de um desconfortável lugar, para promover outros lugares, que trazem outros tipos de confortos, mas também desconfortos pelo choque cometido na seara da disposição corpórea, na aceitação ou negação do conflito, momento em que o significativo “caminho aberto” ocorre. “*Inocentes acharam que era um sorriso*”, disse o rapper Baco Exu do Blues, na música “Oração da Vitória”. E se não era um sorriso, quem sabe o que era? Não sei. Não quero saber. Me interesse por este cruzo, de Exu, piXação, Bate-Bola, vide o corpo negro e seus processos de encantamentos presentes nas operações desse cruzo, que são produzidos pela “*mobilidade, transformação e caminhos enquanto possibilidades.*”. (RUFINO, 2017, p. 71).

Por agora, sobre a Pedagogia das Encruzilhadas, quero falar do sentir *Obá Oritá Metá/Igbá Ketá*, causador de estripulias, cismas, dúvidas na essencialidade do existir, seja pela possibilidade de novos/ outros caminhos, assim como a rasura que permite o cruzo para essas outras possibilidades.

A noção de Obá Oritá Metá praticada em uma pedagogia assentada nos princípios e potências de Exu escolhamba o caráter arrogante e indolente das pretensas universalistas. A elaboração de regimes de verdades por parte do cânone moderno ocidental reduz a complexidade do mundo e opera produzindo as ausências de outros saberes, logo os transformando em modos subalternos. Assim, a pedagogia encarnada por Exu elege a encruzilhada como princípio que encontra nos caminhos possibilitados a partir dos *cruzos* percursos que combatam a ocidentalização do mundo. (RUFINO, 2017, p. 74).

A tentativa é o resultado. O incerto é o caminho, onde Exu coloca a dúvida como seu lugar de prática, pois o “furdunço”, a desordem, cria a possibilidade de outras ordens, ou seja, entre o “sim” e o “não”, acontece o silêncio que precede o esporro, o terceiro que lança para o tempo/ espaço o impossível nas razões estabelecidas de um mundo Ocidental, concomitante de um agir possível, realizado pelas razões desaparecidas, aquelas que nem deveriam existir, advindas daqueles que nem deveriam existir, mas persistem em existir.

Cruzos, rolês e ebós epistemológicos, operações integrantes da *pedagogia das encruzilhadas*, versadas nos domínios e potências de *Obá Oritá Metá/Igbá Ketá*. Aí está o princípio instaurador das dúvidas, das ambivalências e desordens. Para um mundo edificado a partir das obsessões de grandeza e totalidade, produtor de regimes de verdades alicerçados em práticas de injustiças cognitivas/sociais, lança-se a sugestão: desvios, golpes, cruzos, anti-disciplinas, desobediências, feitiços, pragas rogadas, traquinagens, calças arriadas, tombos na ladeira... há uma infinidade de formas possíveis. Lança-se a arte do brincalhão, escolhambam-se as normas, as lógicas, e a destruição emerge como potência para a invenção. Onde emerge a dúvida, Exu está a nos apontar os caminhos para a reinvenção da vida. (RUFINO, 2016, p. 8).

Aponto agora o período de janeiro de 2017, por intermédio desta pesquisa, quando comecei a participar, de uma vez, de uma Turma de Bate-Bola. A *Legalize*⁸⁹, de Rocha Miranda, é uma das muitas turmas *betebileiras* tradicionais da Zona Norte do subúrbio carioca. A partir de agora, irei realizar esse cruzo pelo desvio, propiciadores dos tombos da ladeira, onde o corpo não é o mesmo, depois que levanta desse tombo. Através das falas de

⁸⁹ Amarrados a uma tradição de mais de 80 anos, os bate-bolas, são grupos fantasias que circulam o carnaval carioca, oriundos da Zona Norte e Oeste. Segue uma matéria sobre bate-bolas. “Os reis do Carnaval do subúrbio carioca mantêm seu reinado entre o terror e a arte”, disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/27/politica/1488224740_612664.html>. Acessado em: 30 de jul. 2017.

dias antes do carnaval de 2017⁹⁰, tentarei desatar os pontos para me fazer entender e, obviamente, manter “a esfinge” e seu encantador enigma, portanto, a imprevisibilidade, quando falo de Exu e/ ou dessa pesquisa. Com isso, volto a Gustavo Coelho (2016) para problematizar novamente o enigma, este que é diferente de segredo. Devido a sua característica como algo definido, e o acesso acontecer pela curiosidade, o segredo pode ser (ou não) apropriado pela “simples” revelação de seu proprietário. Já o enigma, ao ser apresentado, muitas das vezes, na mesma curiosidade de algum segredo, não mostram chances de ser possuído.

2.2.2 “1, 2, 3, solta os bicho de uma vez!”: o recolhimento e a reza das bandeiras de uma turma de bate-bola.

Por natureza, o enigma, ao contrário do segredo, é “incapturável”, resistente a qualquer definição, pois troca essa fixação pelo contato em comunhão, a partir de adjetivos “dinâmicos” e “incontroláveis”. (COELHO, 2016, p. 68). O enigma é uma espécie de segredo desenvolvido. Ele se inicia por ser indecifrável e mostra continuidade na convivência. O segredo acaba quando é revelado. Reforçado em rituais, momentos de oferecimento de seu sentido “sem conteúdo”, “sem sentido”, ou melhor, sem limites de discernimentos, em favor de seu modo de inscrição, o enigma prioriza a experiência estética do corpo. Em sua invisibilidade, devido a característica do não enunciável, sentida, sobretudo, nos segredos, o enigma afirma-se negando. Trago, enfim, um momento de sentido enigmático, quando participei da saída da turma de bate-bola, a fim de me aproximar daquilo que produz fluxo ao invés de fixos, intocáveis ao invés de flexíveis, as lógicas do “não consciente”, determinado por prazeres e perigos, apaziguamentos e radicalismos, solidariedade e rivalidade (COELHO, 2016). Invoco a turma de bate-bola Legalize, neste, instante para falar do guardar das fantasias antes do carnaval.

O tema. A estampa da casaca⁹¹. O modelo de bandeira. Qualquer outra coisa relacionada à fantasia de uma turma de bate-bola, não pode ser vista por pessoas fora do contexto do

⁹⁰ Relato sobre minha ambivalência como *bate-bolapesquisador*, inspirado no *torcedorpesquisador* do próprio Gustavo Coelho, um pouco mais adiante, no terceiro capítulo.

⁹¹ Um tipo de colete, com o desenho do tema da turma de bate-bola.

grupo. Quando vista por seus membros, a imagem de como será a fantasia (ou parte dela), a mesma não pode ser revelada para pessoas de fora desse grupo. Por causa disso, dependendo, o membro da turma só vai olhar as cores da fantasia, e até saber qual será o tema da mesma, em um período pequeno, pouco tempo antes do carnaval. Membros de outras turmas também não podem saber. A revelação dos segredos só surgirá para esses nos dias de carnaval, depois do primeiro momento dos dias de carnaval de uma turma de bate-bola, que é chamado de *saída*. Mesmo com a revelação dos segredos de uma turma de bate-bola, antes, durante e depois do carnaval, seja grandioso como um tema⁹², e modesto como as cores do buá⁹³, ou então, que seja algo modesto como o tema, e grandioso como as cores do buá. O segredo é visto e o enigma continua sem a enunciação, pois não existe uma regra, por exemplo, para o que é importante na vida de um bate-bola. Em outras palavras, mesmo que os segredos fiquem revelados para alguém que não é membro do grupo, o enigma sobre esses segredos, segue entre as turmas.

- *“Lógico! Como não! Porra, Xarpi é minha vida.”*. Disse **Sagaz**, Xarpi e bate-bola, membro da Legalize em 2017, mas que já chegou a sair em outras turmas, em anos anteriores. Jovem, negro, trabalha entregando pizzas, bate-bola, piXador, morador de Honório Gurgel e pai. Conheci esse Xarpi na primeira resenha da Legalize do citado ano, que aconteceu no bairro Colégio (Zona Norte), em janeiro, onde ele contou um pouco de sua vida, como se eu fosse um amigo de longa data. Retribuí, e também me mostrei a vontade na conversa com ele, logo, expliquei minha pesquisa e o convidei para participar da entrevista. A resposta: - *“Gostei, porque você vai falar de nós...”*. Depois disso, **Tora** aparece para fazer uma convocatória: - *“Pra não acontecer nada com a gente, esse ano, mais uma vez, vou convidar geral para meu ‘recolhimento’ antes do Carnaval. Aqui em casa”*. Depois que falou com todos, perguntei para **Tora**, no particular, o que seria esse recolhimento, e ele explicou: - *“Meu pai de santo vem aqui em casa, pra gente fazer um trabalho e abençoar as fantasias, e quem mais quiser chegar, pra não acontecer merda. Pra não dar merda. É só chegar.”*. Confirmei minha presença, e aguardei ansiosamente para testemunhar está sinergia do bate-bola com o candomblé.

Sabia que **Tora** é *ogã*, aquele que fica lúcido, “sem transe”, e realiza diversas funções durante todos os trabalhos de um terreiro religioso, de macumba/ de macumbeiro, termo lembrado por Rufino como aquela referência que criminaliza as ações que trazem a figura de

⁹² Proposta anual de ornamentação da turma de bate-bola.

⁹³ O “cabelo” da máscara de bate-bola.

Exu, assim como outras ambivalências que remetem ao afro, os traços de matrizes africanas. Empregado na sentença de declarações ignorantes, preconceituosas e violentas sobre as manifestações tradicionais do candomblé, umbanda, jongo, segundo Rufino, o termo macumba/ macumbeiro também é usado nas histórias de quem é dessas religiões, ou seja, que é do candomblé ou da umbanda, usa o termo para identificar esses religiosos como macumbeiros/ as. (RUFINO, 2014, p. 75). Então, sigo nessa gira com bate-bolas, como se fosse um ebó, uma oferenda para minha pesquisa, e com todo o respeito a tudo que foi dito, chamo este momento de *recolhimento bateboleiro*.

Ainda que previsto em Constituição Federal⁹⁴, que assegura o direito de as pessoas expressarem livremente suas crenças, o recolhimento que trago aqui não é o foco centra dessa pesquisa, já que aqui, todos os esforços reflexivos são feitos para mergulhar no universo Xarpi, para pensar o racismo. Compreendendo que a cultura do Bate-Bola contém relações piXadoras, o recolhimento bateboleiro seria o ritual macumbeiro realizado sempre antes da saída⁹⁵ da Legalize, turma de 1996⁹⁶ que, assim como outras turmas, realiza o seu ritual, dias antes do carnaval. Apostei nesse momento como importante na pesquisa, para interpretar melhor as lógicas de realizações enigmáticas com esses dois que vem sendo citados por agora, de forma corriqueira, entendo, para falar, um pouco mais à frente, da afrodiáspora contidas em tais fenômenos, sobretudo, na prática piXadora. Também é importante dizer que está reza para uma espécie de limpeza espiritual nas roupas de Bate-Bola, não é realizada por todas turmas. Mesmo assim, já me arriscando a trocar sobre as cosmologias do ser negro no Brasil, como algo que surge pela dobra cotidiana, a desclassificação que Mbembe lembra que é “*carregada de perigos*”, mas, também, “*abre possibilidade para o pensamento crítico*.”. (MBEMBE, 2014, p.9).

A reza da Legalize acontece pela crença da rua como lugar de entidades, um certo perpasso, que alimenta a esfera enigmática. Diferentemente do recolhimento religioso comum que, como já disse, acontece em um terreiro, o recolhimento bateboleiro é na casa do próprio **Tora**. Então, no dia 23 de fevereiro, um tempo depois da última resenha da Legalize de 2017,

⁹⁴ Segue “O Direito de Religião no Brasil”, que pauta sobre a “liberdade de religião”, a “religião na Constituição Federal”, a “necessária separação Igreja-Estado” e também trás a importância “Do ensino religioso na rede pública de ensino”. Segue o link - <<http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/revistaspge/revista2/artigo5.htm>>. Acessado em nov. 15 de 2017.

⁹⁵ Primeiro dia de Carnaval de uma turma de bate-bola.

⁹⁶ Até nos anos que **Tora** saiu em outras turmas, por dificuldades de organização para fazer a saída da Legalize, o recolhimento aconteceu.

voltei ao bairro de Colégio, na casa de **Tora**, lugar que enxerguei de outra forma, pois mesmo frequentando a tal casa desde 2014, nunca tinha reparado no *roncó* em seu quintal, uma espécie de quarto sagrado, sem janelas, somente com 1 (uma) porta de entrada ou saída, para acolher os que ficam recolhidos no candomblé. Nunca tinha visto nenhuma movimentação nesse, ou em qualquer outro *roncó*, apesar de saber o que é um, desde a infância. Mas naquele dia, quando reparei que estava aberto, sabia que testemunharia a liturgia que me deu os caminhos para o recolhimento bateboleiro.

Para tanto, é importante dizer que irei relatar o que presenciei, sem noção alguma de qualquer relação mais intrínseca com o candomblé. Muitos objetos, expressões, movimentos e outras relações serão ditas sem um conhecimento profundo, assim como já venho fazendo com este momento do texto. Por isso, antecipo minhas desculpas por possíveis relatos grosseiros e reduzidos.

Às 21:27 pm chego na casa, **Tora** aparece de camiseta e bermuda de cores brancas, e me chama para dentro. Ajudei ele a carregar alguns materiais: 3 (três) *alguidar agdá oberós* (mais conhecidos como *oberó*, aqueles vasilhinhos feitos de barro, comumente visto em oferendas nas ruas); 3 (três) galos; farinha; mel; dendê; bebidas (conhaque, cachaça); charuto; velas; 3 (três) *obís* de 4 (quatro) gomos. Fomos para uma cozinha, local que **Tora**, por ordem de seu *pai de santo*, sua liderança religiosa, foi fazer um *padê*, aquela farofa comumente amarelada, sobretudo no caso de algum oferecimento para Exu, para iniciar. Nesse momento, perguntei: - “É pra pedir licença?”. E **Tora** respondeu: - “É. *Pedir autorização. É muita coisa solta. Existe esse orixá, que comanda essa coisa solta, ou presa. E ele fica ali, como se fosse uma porta, ou uma comporta de represa.*”. Perguntei novamente: - “É Exu?”. E **Tora** me respondeu: - “*Não. São as criaturas da rua. Exu tá ali também, em todas elas. Tem gente que não encontrou o caminho, e fica ali vagando, esperando uma brecha para escoar em alguém, como se fosse uma laje, ou seja, se você tiver infiltração, se você estiver fraco, caso chova, a água infiltra, e você pode ter problema. É a mesma coisa. A gente se protege disso, de ter a oportunidade de deixar a água da chuva sair da laje escorrendo, e não infiltrando. E a quantidade de pessoas que se protegem dessas infiltrações, essa época de carnaval, é enorme. Inclusive tive que arrumar os bichos⁹⁷ com um amigo. O Mercado⁹⁸ estava zerado.*”.

⁹⁷ Que no caso, eram galos.

⁹⁸ Mercado de Madureira, que é conhecido por ter um grande comércio (se não o maior) no Rio de Janeiro, no quesito artigos religiosos.

Depois disso, **Tora** rexplicou que não são todas as turmas que realizam, de forma direta, alguma liturgia: - “*É individual. Por exemplo, na nossa turma, ao longo desse tempo todo, é a primeira vez que vem alguém e participa desse feito. Porque eu sempre fiz. E como eu não tô sozinho, eu tenho que ter muita atenção naquelas pessoas ali... tudo ali... Mesmo que elas não acreditem, eu peço, para que nada de ruim aconteça com ninguém. Que a gente vá, e que a gente volte.*”. **Tora** explicou que não precisa participar nem aceitar nada do que é oferecido dentro da Legalize para ser da Legalize. Aproveito essa fresta para dizer que esse olhar mostra algo sobre o Xarpi/ piXação, ou esse tipo de fenômeno/ cultura/ fenômeno cultural: não precisa ser Xarpi para ser bate-bola, ou, não precisa ser do candomblé, da umbanda, ou de qualquer outra religião, afro-brasileira ou não, para ser bate-bola. Falarei disso mais à frente, quando comentar sobre o ser brabo e o ser Xarpi. Por enquanto continuarei no ritual de **Tora** que, independente de quem for, pede proteção para sua turma, e também para quem se envolver com ela. E, mesmo assim, ninguém da turma, mesmo com um pouco mais de 20 (vinte) anos de existência, se ofereceu para participar deste recolhimento bateboleiro, ao menos para ajudar **Tora** com trabalhos práticos, como o de ir fazer as compras com ele no Mercado, ou algo do tipo, assim, simples como apertar mais forte uma torneira que está pingando água, por ter sido fechada com precisão.

Também é importante lembrar que a aversão à religião e religiosidade candomblecista e umbandista existe no universo bate-bola, como em qualquer outro, racional/ racionalizante, transmissor do receio, criado pelo medo do desconhecido. Possivelmente, tal medo, é causador de racismo. Interessado nessa complexa e profunda questão, a partir das dissimulações presentes nas práticas, saberes e dizeres orientados por racionalidades de outras visões de mundo, assentadas em princípios cosmológicos, junto à relação do indivíduo com o tempo/espaço, opondo-se ao que está posto, frente às redes de relações, negócios e atravessamentos da composição de um determinado contexto social, pois nessa complexidade, Exu tem seu endeusamento considerado como errado, por devotos de outras denominações de crenças em nosso cotidiano, o que resulta em conscientizações violentas, presentes no largo histórico de casos de intolerâncias e/ ou racismos, sobre os lugares de resistência - os terreiros, por exemplo, ainda enfrentam os múltiplos ataques⁹⁹.

⁹⁹ Segue links sobre esta situação, nas matérias “Ataques a terreiros no Rio podem ter partido de traficantes envolvidos com pastores evangélicos diz Atila Nunes”, acessado em jan. de 2017 <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/ataques-terreiros-do-rio-podem-ter-partido-de-trafficantes-envolvidos-com-pastores-evangelicos-diz-atila-nunes-21800784.html>> e “Polícia do RJ investiga ataques a terreiros de umbanda e candomblé”, acessado em jan. de 2017 <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/policia-do-rj-investiga-ataques-a-terreiros-de-umbanda-e-candomble.ghtml>>.

O contexto de intransigências sobre a ode da intolerância religiosa causada pelo racismo anti-negro se dá em um “*longo processo de trocas, diálogos, negociações, imposições e resistência entre os sistemas religiosos africanos e os de origem cristã, como o catolicismo e, mais recentemente, o neopentecostalismo*” (SILVA, 2015, p. 18). Até as primeiras décadas do século XX, tudo que estava associado à cultura negro-africana (o samba, a capoeira, o jongo, a feijoada, a umbanda, o candomblé), não foi legitimado para representar o Brasil, ao contrário, é criminalizado. (SILVA, 2015, p.154). Mesmo que o candomblé e a umbanda estejam dentro da autonomia de diversas instituições e ações legislativas consolidadas ao longo do século XX, e que vem trazendo mais interesse no decorrer desse nosso século XXI, é inegável que ainda hoje as relações umbilicais entre os terreiros e outros espaços de produção e de sociabilidade afro-diaspórica - seja pela cultura, arte, ou algo do tipo -, mostra que “andar de branco” é um ato de coragem. No Rio de Janeiro, a dita “misericórdia” que aparecem nos discursos dos fanáticos religiosos, estes que se mostram devotados pela verdade única, não exhibe uma prática de compaixão candomblecista ou umbandista nem mesmo o público infantil, já que é o estado com mais casos de denúncias de intolerância religiosa contra crianças¹⁰⁰.

Voltando ao momento da lida do recolhimento bateboleiro, quero dizer que sempre fui crente em tudo que perpassa pela fé alheia. Sou daquelas pessoas que acredita em coisas inexplicáveis, o incompreensível como algo importante para nós, os seres humanos, independentemente se esse ser é enxergado como um humano. Por exemplo, como explicar a vida de um bebê, depois deste pequeno e indefeso ser ficar nos escombros de um ataque aéreo, que também atingiu o imóvel que o próprio estava?¹⁰¹ Quanto mais as pessoas acreditam que “a fé move montanhas”, mais acredito na fé que move pessoas, mover no sentido de sair de seu lugar para o outro, a tal empatia, independente da religião, ou do temperamento cético. Fui batizado em Igreja Católica. Tenho padrinhos. Já batizei duas crianças, e ainda tenho mais duas para batizar, também na Igreja Católica. Mesmo assim, não sou, nem nunca fui religioso. Fui limado de espaços de catecismo, por ter sido uma criança peralta, que era como me apontavam, por falar e mostrar presença demais. No mais, passei

¹⁰⁰ Informações na matéria “Rio é o estado com mais casos de intolerância religiosa contra crianças” –Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-06-18/rio-e-o-estado-com-mais-casos-de-intolerancia-religiosa-contra-criancas.html>>. Acesso em: 21 set. 2016.

¹⁰¹ Segue um exemplo do que quero dizer no link da notícia “Bebe é encontrado vivo sob escombros após bombardeio na Síria” <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/08/bebe-e-encontrado-vivo-sob-escombros-apos-bombardeio-na-siria.html>>. Acessado em jan. 2018.

minha infância e adolescência acreditando na fé, sem primeira comunhão, crisma, ou algo do tipo, ainda sem uma religiosidade fixa, e também sem religião. Nessa qualidade, me chamavam de “católico não praticante”. Até hoje, não entendo o porquê.

O pai de santo chega, se apresenta e conversa comigo, enquanto **Tora** segue com suas tarefas preparativas, como o de circular com um defumador, por toda a casa, sobretudo, nos cantos e em todo material bateboleiro (bolas, bandeiras, máscaras, casacas¹⁰²). Durante os assuntos, o pai de santo perguntou se eu era “de santo”, expressão comum usada para referenciar pessoas do candomblé ou da umbanda. Expliquei que gosto das religiões afro-brasileiras, mas que ainda não tinha desenvolvida alguma ação mais larga com as mesmas. Após ajeitarem alguns objetos parecidos com jarros e garrafas de vidro, mas que chamavam de outros nomes (talvez de “jarro” e “garrafa”, mas em outra língua), o pai de santo entra no roncó, junto com **Tora**, onde os dois arrumam esses objetos, que se localizam dentro e fora do roncó, mas ainda próximo. Depois disso, aconteceu toda a lida do ritual, o recolhimento bateboleiro, que não contarei com todos os detalhes, pois como nosso pai disse, as coisas da casa não podem ser expostas fora da casa. Sim, depois do carnaval de 2017, venho desenvolvendo melhor minha relação com o candomblé, com o mesmo pai de santo. Fiz meu primeiro *bori*¹⁰³, me tornei um *abiã*¹⁰⁴ da casa, o mesmo terreiro de **Tora**, e sigo na pretensão de cuidar da mesma.

Figura 32: Tora e seu roncó.

¹⁰² O colete do bate-bola, que estampa a imagem temática anual da turma.

¹⁰³ Conhecido também como *ebori*, é o ritual religioso presente nas religiões afro-brasileiras.

¹⁰⁴ Quem começa no candomblé, mas ainda não é iniciado.



Fonte: O autor, 2017.

Seguindo o entrelaçamento prometido, agora, comentarei sobre minha saída de bate-bola com a Legalize no carnaval de 2017. Contarei o que for possível de minha memória, tudo com o foco nas questões do racismo.

“- 1, 2, 3, solta os bicho de uma vez!”. “- É o trem!!!”. “- Bora Tropa! Solta os bicho!”. “- É a Lega porra!”. Lembro desses gritos, todos explanados em um quintal em Rocha Miranda, como uma trilha sonora para compor aquele dia de 25 de fevereiro de 2017, para além da equipe funkeira de som *O Troço*, que lá fora, na mesma Rua Pão de Açúcar, tocava sucessos do funk carioca dos anos de 1990, 2000 e algumas músicas novas. A rua ainda era composta por muitos moradores que, ansiosamente, aguardavam nossa saída, para ver nossas fantasias. A maioria eram de moradores do Faz Quem Quer, uma das favelas de Rocha Miranda. A maioria estava em família, com filho, mãe, pai, sogra... outros estavam sós, mas se juntavam às famílias e a outros sós. **Tora** pediu para nos juntarmos, pois iria entregar as bandeiras, momento que ele chamou de *reza das bandeiras*. Depois da reunião de todos no mesmo lugar, no mesmo quintal, **Tora** começa a amarrar as bandeiras nos bastões de madeira,

chamava um por um, e as entregava. A bandeira foi o último complemento da fantasia de 2017.

Figura 33: Tora e os fogos.



Fonte: foto de Gustavo Coelho.

Figura 34: fogos e O Troço.



Fonte: foto de Gustavo Coelho.

Figura 35: Tora organizando as bandeiras.



Fonte: foto de Gustavo Coelho.

Tora colocou a sua roupa, e pediu para nos reaproximarmos mais uma vez. Ficamos em círculo. Éramos em 21 (vinte e um). Chegou o momento da oração. **Tora** pediu para alguém ir avisar o *DJ* que é o momento de abaixar o som, mas sem desliga-lo. Todos reunidos, e **Tora** começa: - *“Primeiramente, antes da oração, eu queria agradecer a presença de Deus nesse local. Queria agradecer também a todos que acreditaram no nosso trabalho, independente dos sufocos. E vamos botar aqui no chão, rapidinho, as bolas e as bandeiras, pra bater uma salva de palmas pra vocês, que estão com a Legalize em 2017”*.

Todos prestavam atenção na fala e nos pedidos de **Tora**, logo, bateram palmas, e continuaram a ouvi-lo: *“- Tem momentos que a gente acha que a coisa não vai acontecer. Vamos pensar no nosso futuro. Nas nossas crianças. Rapaziada, vamos pra rua, vamos brincar. Vamos respeitar os outros. Entendeu? É, a gente aqui é todo mundo pai de família. Tem as crianças que são o nosso futuro. A gente não vai arranjar problema com ninguém. Mas também não quero saber de negócio de subir porra calçada pra ninguém não! Entendeu?! Aqui todo mundo é sujeito homem. E ninguém vai subir calçada porque a turma tem 22 anos!”*.

“- É a Lega! Porra!” – grita alguém, que faz inflamar a todos, já com as bandeiras e bolas em mãos, que começaram a ser batidas. Depois disso, só me lembro de bater a bola no chão muitas vezes, junto com meus irmãos de bate-bola.

- **“É isso ae porra!”**

- **“É isso ae caralho!!”**

- **“É a Lega porra!”**

- **“Vai tomar no cú porra!”**

Gritos de expressões de sentimentos manifestados em questão de instantes. Mais ou menos uns 15 segundos, fechando com a frase “*Vamos sair pra soltar os bicho mané!*”. Daí, seguimos para a oração. A clássica “Pai Nosso”. Como eu disse, sou batizado em igreja católica, tenho padrinho e madrinha, também sou padrinho, mas não exerço o catolicismo. Não vou à missa. Hoje, digo com tranquilidade, que não sou católico. Não sei orar o “Pai Nosso”, mesmo que não fosse a primeira vez que eu iria orar o “Pai Nosso”. Mas era diferente. Nas vezes em que orei, dentro das missas que, por um momento muito breve da infância, minha mãe me obrigava a ir, para que eu não ficasse perambulando pelas ruas da favela da Cidade Alta. Por isso, nos fins de tarde dos domingos, orava o “Pai Nosso”, igual aos jogadores de futebol cantando o “Hino Nacional Brasileiro”, sobretudo nesses jogos com a camisa da seleção, uma espécie de mastigar do ar, algo parecido com uma dublagem ruim de “sessão da tarde”, quando o som termina de sair, e a boca continua mexendo. Porém, ali, naquele momento, orei. As partes que eu sabia, eu falava. As partes que eu não sabia, eu me calava e escutava. Desejei que nada acontecesse de irreversível conosco, nem com nenhuma outra turma de bate-bolas na pista, já sabendo que coisas iriam acontecer. Me incorporei com eles, e eles se incorporaram comigo. No momento da oração, demos as mãos. Tive o privilégio de pegar e uma das mãos de **Tora**, homem negro, candomblecista, Xarpi, bate-bola. Eu era a Legalize. A Legalize era eu.

Figura 36: concentração antes da saída.



Fonte: foto de Gustavo Coelho.

Figura 37: eu e Sagaz.



Fonte: foto de Gustavo Coelho.

Depois da oração, mais gritos e bolas batiam no chão, mas com mais ênfase. Todos pareciam bater a bola com toda a força no chão. Uma voz berrou: - “*Manda aumentar o som!*”. Todos seguimos em direção do portão da área, como se fôssemos sair. Mais gritos saiam de nós. - “*Chegou a hora porra!*”. A voz do DJ ressurgiu, dizendo - “*Alô criançada, longe dos fogos heim.*”. Desci minha máscara. Segui para o portão. Era um bate-bola completo. O último grito que lembro foi o - “*É nós que manda!*”, e tudo ficou escuro. Lá fora, a equipe dizia: - “*Vamos bater palma porra! Isso é Legalize! Isso é Faz Quem Quer!*”. Abri-se o portão do pátio, e a fantasia que estava preservada fica vista. Corremos em fileira, continuando batendo a bola. Fogos e o som alto, com a música da Legalize¹⁰⁵, compunham aquele momento tão esperado. Mais fogos! Mais bolas sendo batidas¹⁰⁶.

Figura 38: saída e fogo dos fogos.

¹⁰⁵ As turmas de bate-bola costumam a escrever músicas para referenciar e divulgar seus grupos, para além de ser uma grande identidade manifestada por aquelas que são mais tradicionais. Segue o link da mpusica: <<https://www.youtube.com/watch?v=FR3Ipce09kk>>. Acessado em 2 de jan. de 2018.

¹⁰⁶ Imagens feito pela Equipe Live e compartilhada no Youtube. Segue o link <<https://www.youtube.com/watch?v=A0IWY7LA14Q>>. Acessado em 10 de mar. de 2017.



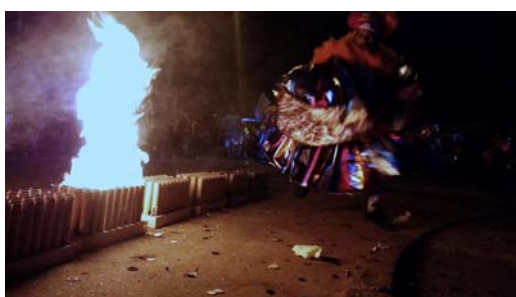
Fonte: foto de Gustavo Coelho.

Figura 39: saída e a fumaça.



Fonte: foto de Gustavo Coelho.

Figura 40: saída da legalize – eu e o fogo.



Fonte: foto de Gustavo Coelho.

Após um pouco mais de 10 (dez) minutos, a música e os ânimos vão se tornando menos eufóricos. É o momento de **Tora** falar para o público presente naquele momento: - “*Mais um*

*ano né? Aí, que saudade do Gasinho, parceiro. Sem Neurose...”. Um clima cipreste surge e reanima a euforia. O som volta com um beat do tipo batidão. MC Robin Rude¹⁰⁷, um jovem negro, morador de Honório Gurgel, e um dos integrantes da Legalize, naquele momento, estava ao lado de **Tora**, quando, de repente, ele pega o microfone e diz:*

**- “A saudade me faz chorar
Fico triste só de lembrar
Na esperança que um dia
O Gasinho vai voltar
A família Legalize
Já tá tudo boladão
Gasinho não será esquecido
Lamento do coração.”**

MC Robin Rude se aquieta por alguns instantes, oportunidade de eternizar pequenos momentos através de grandes nomes. Os gritos de raiva, lembranças, tudo envolvido na dor e felicidade de ressuscitar alguém pela saudade. O ressuscitado foi *Gasinho*, alguém que eu nem conhecia, mas, mesmo assim, senti um tanto dessa saudade, logo, senti sua presença. Volto a citar Baco Exu do Blues na sua composição “Oração da Vitória”: *“Somos onipotentes minha querida/ Imortais mesmo que em memórias esquecidas”*. E MC Robin Rude, continua, evidenciando tal onipotência, na memória de Gasinho, cantando:

**- “Irmão
Cada dia que passa
Bate a dor da saudade
Das brincadeiras de moleque
E da nossa amizade
Os cria da Legalize estão esperando a sua volta
Implora ao Papai do céu
Traz o Gasinho de volta...”**

¹⁰⁷ Segue os links do Mc Robin Rude: <Fb.com/mcrrude> e <<https://m.soundcloud.com/mcrobirudemc>>. Acessado em 12 de nov. 2017.

Depois disso, surge a voz de **Tora**, cantando:

- “**Nem melhor, nem pior**
Apenas diferente
Bonde da Legalize
É o Robinho que tá de frente
Nosso bonde é o poder
Pode tentar meu irmão
São muitos anos
De pura tradição”.

Tora, o Robinho da Legalize, turma de Bate-Bola que não é melhor e nem pior, e que apenas tem um poder de sua presença, o que torna o grupo tradicional.

“*Sou negro, Banto, Angola, Jeje-Nagô! Porque isso é África. Eu sou espiritual, positividade, porque não adianta você ser macumbeiro, e não ter uma vibe positiva. Não adianta você ser crente e não fazer o bem. Porque o bem vai te dar o bem.*”, disse **Domos**, Xarpi negro e jovem que entrevistei e acompanhei na respectiva trajetória pesquisada. De imediato, a fala **Domos** parece ser a de enfrentamento de algo, apenas por tentar “ser”. Quando **Domos** diz “ser África”, é onde ele permite esse desafio a ser enfrentado, pois, mostra saber como é tratada essa essência de “ser”, por mais positivo que seja tal substância condicional de “tornar-se”. Afronta o interrompimento de quem não aceita certo “ser”, nesse caso, aquilo que remete ao africano. O mestre e doutor em Filosofia, Renato Nogueira, comenta que o rico universo cultural afro-brasileiro, aquilo que tem base nas práticas e pensamentos africanos, se reterritorializa, se modifica, diante das negociações admitidas nos “*conflitos, construções de identidade, etc., no Brasil.*”. (NOGUEIRA, 2014, p. 93). Diante das leituras de Renato, arrisco a dizer que a fala de **Domos** trouxe elementos da filosofia afrodiaspórica “Moderna e Contemporânea”, esta energia que compõe trajetórias capoeiristas, jongueiras, nas congadas, no candomblé, nos maracatus, enfim, nos fenômenos de orientação cultural afro-brasileira.

Mas o bate-bola e a piXação/ o Xarpi seria uma cultura afrodiaspórica? Capoeira, ou algum outro fenômeno citado, é próximo da piXação? Diante dessa fala de **Domos**, e o encruzo com Nogueira, acredito que a vida piXadora, bate-bola, ou desse tipo, pode trazer, recorrentemente, traços que apontam esses fenômenos de maneira sinérgica, sobretudo, no teor da posição do corpo. E sendo assim, acredito que essa tradição dita nos parágrafos

anteriores, na música da Legalize, parece referenciar o grupo a atitudes que entra em sinergia com outras históricas atitudes formadoras de presenças fenomenais, que priorizam os corpos em disposição para ser.

A piXação/ o Xarpi, o bate-bola, assim como as iniciativas afrodiáspóricas, apresentam cosmos que são anulados. Segundo Renato Nogueira:

Por afrodiáspora se deve entender toda região fora do continente africano formada por povos africanos e seus descendentes, seja pela escravização entre os séculos XV e XIX, seja pelos processos migratórios do século XX. Ou seja, considerando a divisão do continente africano em cinco regiões - África Setentrional, África Ocidental, África Oriental, África Central e África Meridional -, podemos nomear aqui a reorganização em outros continentes como a sexta região, a afrodiáspora: a “África fora do continente”, sua cultura e sua história. (NOGUERA, 2014, p. 40).

Não vou com essa provocação aproximar mais minhas cismas com o conceito de afrodiáspora. O jamaicano e sociólogo Stuart Hall (*1932 - +2014) fez isso, e muito bem feito, em suas obras, quando traz seu conceito de diáspora. Não irei trazer esse conceito. Não por não concordar com Hall, e sim porque, a ideia aqui, em citar é provocar a afrodiáspora em um lugar icástico, ainda que pareça incomum, concomitantemente. Quando discuto racismo a partir da vida piXadora, fenômeno que acredito que tenha uma presença “fácil” e irregular, após ter lido essa parte de Nogueira, me veio a imagem da relação de negritude que tive com os Xarpi, que me aproximou da realização dessa produção pesquisadora, que inclusive envolve, de forma breve, outros fenômenos afrodiáspóricos, como o bate-bola. A fala de **Domos**, por exemplo, apresenta-se como “ser” descendente de africanos, logo, trouxe elementos de África, mesmo não estando na África, mesmo não sendo “capoeira”, mesmo sendo (“apenas mais um”) da vida que segue. No tanto, como vinha dizendo, minha cisma com a afrodiáspora está na problematização de sua relação promovida pela organização do corpo ocidentalizado, diante das relações racializadas, provedoras do racismo; o mesmo racismo que vivi com a Legalize no dia 27 de fevereiro de 2017, quando fomos acusados de ter roubado um celular, apenas por estar presente em um bairro da Zona Sul carioca, que não deve e nem pode acontecer assaltos, em comparação as outras regiões da cidade.

Fomos de Rocha Miranda, caminhando para a estação de metrô do bairro ao lado, Colégio, ponto de partida para chegarmos ao nosso tradicional objetivo: tirar uma foto na pedra do Arpoador. Nos concentramos às 18h na citada estação, com um número pequeno de presentes, em comparada a outras turmas de bate-bola. Éramos menos de 20 (vinte) pessoas. Chegamos na Pedra do Arpoador um pouco antes das 20h. Tiramos algumas fotos. Curtimos a paisagem. Alguns de nós tiraram as fantasias, para mergulhar. O primeiro a fazer isso foi o

menino mais jovem da turma, que participava da segunda vez de um carnaval como bate-bola, na Legalize. Perguntei a ele se já tinha ido a esta praia, Arpoador, em Ipanema. Ele disse que só com a Legalize, desde o ano passado, em 2016, quando saía pela primeira vez em uma turma de bate-bola. Perguntei se ele tinha ido a alguma outra praia. Ele disse que não. Ou seja, conheceu a praia sendo membro de uma turma de bate-bola. A cor da pele desse menino, de sua mãe que, assim como no ano anterior, o acompanhou, é negra, como aquela noite. Quando foco nessa situação simbólica desse menino, negro, carioca, que só foi à praia da sua própria cidade duas vezes, deixa nítido a situação de segregação de quem pode ir à praia. A fala desse menino de 12 (doze) anos, evidencia a segregação da cidade, com certos corpos. Da Zona Norte, do Morro Faz Quem Quer, ou seja, um favelado, que só foi à praia duas vezes, em um lugar praticamente litorâneo, quase que como se estivesse com sede, enxergando um copo cheio de água, o bastante para saciar tal momento de sede, visto que, está água, não pode ser bebida. Mas, no carnaval, esse copo é mexido. Chegamos na praia, lugar que não era pra ter bate-bola, mas tem. Isso acontece na marra. A permissão oferecida pelo Rio de Janeiro é essa: a marra do carnaval. Mas, fica sequela, onde a história de marra, também, poderia ser vista como a neurose carnavalesca. Afinal de contas, a cidade do Rio de Janeiro permitiu a esse corpo ir à praia apenas na marra/ neurose, depois de virar pré-adolescente, pois em 2017 ainda completaria 12 (doze) anos de idade, ou seja, não foi à praia na sua infância. Criança negra carioca que não vai à praia quando criança, cresce, vira bate-bola, tira a fantasia, e mergulha. Um mergulho negro, porque troca a proibição pela imprevisibilidade, resultada da quebra do comum. A consequência barganhada dessa vez foi a presença da Legalize na 13ª Delegacia Policial, na Av. Nossa Senhora de Copacabana (no bairro de Copacabana), o que fez a turma cancelar uma de suas agendas, pois seguiríamos da Zona Sul para a Zona Norte, na Tijuca.



Fonte: foto de Gustavo Coelho.

Quando passamos em frente a citada delegacia, alguns de nós viram que dentro deste local estava um bate-bola, de outra turma, detido. Neste momento, estava ao lado de **Tora** e de seu filho, outro jovem negro, assim como o que estava detido. Encurtamos disfarçadamente os passos para ver se conseguiríamos ler a identificação da turma. Não conseguimos. Atravessamos a rua e fomos para o ponto. E quando eu chegava ao meio dessa rua atravessada, olhei para trás e avistei dois componentes de nosso grupo, que também avistaram o bate-bola de outra turma detido. Percebi que, ao invés deles encurtarem o passo para tentar ver quem é, eles pararam. E imediatamente sai um homem alto, branco, com um distintivo pendurado no pescoço. Chamei **Tora** e seu filho, indicando com a cabeça, na direção da delegacia, e presenciamos a detenção, também, destes dois meninos, de nossa turma. Provavelmente isso aconteceu por terem feito um movimento suspeito para a análise policiaesca (naquela mesma lógica que citei, sobre a minha última dura policial, até está escrita). Imediatamente, depois de ter pedido para o restante da turma aguardar no ponto de ônibus, que era praticamente em frente à delegacia, voltamos eu, **Tora** e seu filho, para lá, tentar ver o que houve, o porquê da suposta detenção dos dois membros da Legalize.

Chegamos à delegacia, falamos com um policial, e dissemos que os dois meninos estavam conosco, e queríamos saber o que eles estariam fazendo ali. Em seguida, O homem branco com distintivo, que parecia ser o delegado, veio em nossa direção, e perguntou: - “*O que vocês estão fazendo aqui? Querem ficar aqui dentro também?*”. **Tora** explicou que eles eram de nossa turma de bate-bola, e não tinha se metido em nenhuma confusão. Depois disso, chegaram mais policiais, com quem continuamos conversando. Um dos policiais disseram

que os dois meninos que estavam conosco, falaram com o outro menino da outra turma detida, logo, mostrou que conhece o suspeito e viraram suspeitos também. Em seguida, apareceram duas jovens brancas, que apontou para nossa direção, ou seja, a minha, de **Tora** e de seu filho, e disse: - “*Foram eles! Eles que me roubaram! Esses animais! Eles me bateram! Colocaram a mão em mim e me roubaram... desgraçados!*”. Escutamos isso aos berros, que saia da boca de uma das. **Tora** respondeu, com tranquilidade, mas também, com frieza: - “*Calma. Você sabe quem você está acusando assim? Você viu quem te roubou?*”. A menina respondeu, novamente aos gritos, com convicção e absoluta verdade própria, mesmo sem nenhuma prova: - “*Foram vocês!*”.

A resposta do menino mais jovem da Legalize sobre praia, assim como a respostas convictas das jovens que disseram que todos os bate-bolas são responsáveis pelo furto que ela sofreu, me fizeram pensar o quanto a ideia de cidade do colonizado e/ ou colono se dá para o corpo negro, aquele que pretende ser, em tentativas que o torna, acredito, em tradicional, devido às atitudes que remetem a outras atitudes históricas, de sinergia entre o fenômeno diaspórico de ontem, amanhã e depois. Nesse momento, ao invés da pura alegria, prazer e felicidade prometida, uma festa como o carnaval, é ocupada por divergências e diversidades, ao mesmo tempo. É o corpo afrodiaspórico, no sentido de ser negro no Brasil, portanto, o ser afrodiaspórico brasileiro, o que se presencia, no apontamento do outro, de forma contrária, ao que foi prometido na festa. Aflição, dissabor e sofrimento.

Quando corpos de cor preta decide ir para a Zona Sul carioca, mediante a um devir próprio que remete a um fenomênico coletivo, como o de uma turma de bate-bola, não para trabalhar, ou algum outro compromisso alheio, e tem suas presenças negadas nesses lugares, parece que tal existência de tratamento que almeja interromper tais corpos, passa por aquilo que Renato Noguera provoca como afrodiáspora, quando apresenta as lógicas de anulação, na presença de cosmos de atividades afrodiaspóricas, nesse caso na afrodiáspora brasileira, através do Xarpi, bate-bolas, ou outras práticas que remetam ao negro, e o que se elementar em sua vida, enquanto ser:

Vale reiterar que o aspecto da afrodiáspora que está sendo destacado neste trabalho é a discriminação negativa e a desqualificação endereçada à produções intelectuais de povos africanos e seus descendentes no mundo inteiro, o racismo epistêmico. (...) Afrodiáspora não é um conceito romântico e alusivo à dispersão e às migrações forçadas por razões de dissensos políticos apenas. O conceito da diáspora inclui os agenciamentos entre elites europeias e africanas, assim, como as relações e tensões entre povos africanos, a colonização e as relações étnico-raciais nos países da América marcados pela branqueidade. (NOGUERA, 2014, p. 41 - 42).

Com Renato Nogueira, penso que poderiam existir mais experiências de pesquisas que se interessassem pelo racismo, com o objetivo de humanizar algum grupo que sofre desumanização devido ao mesmo racismo. Falarei mais dessa desumanização sofrida pelos piXadores, com foco no mundo Xarpi, durante outras partes do texto. Acredito que o leitor, ou a leitora, já tenha percebido isso. Mas o que quero dizer é que, a partir de leituras sobre o racismo, e não com o racismo; ou melhor, a partir de leituras com as pessoas sobre o racismo, ampliaremos a “nossa África de todos dias”. Então, por favor, percebam algo como afrodiásporico, mesmo que você, leitor ou leitora, não acredite ser. Entretanto, faça isso no intuito de combater o racismo anti-negro. Fiquem à vontade para ler este meu/ nosso texto, para aprofundar-se com Hall, outros e outras. Por aqui, o termo afrodiáspora, visto em Nogueira, me fez perceber a impulsão de uma sociedade racista, oferecendo algo para se entender melhor que, o que é discriminado, o que sofre preconceito, na maioria das vezes e/ ou possivelmente, é algo que se alimenta da afrodiáspora. O que remete à produção africana, que é tratada como crime. “Papo reto e sem curva!”, como diria esses dialetos funkeiros, outro corpo afrodiásporico. A dor de ser descendente de estupradas (e estuprados), quando não eram mortos. Ser afrodiásporico é ter disposição para enfrentar o ranço dos processos de embranquecimento, o qual se equivocam, os que chamam de “branquitude”, pois, os processos se dariam em uma atitude de embranquecer. Besteira! Não existe atitude branca. Quem tem atitude é quem tem disposição; e disposto é aquele que enfrenta as amarras coloniais. Todo e qualquer corpo em momento livre, é corpo disposto, porque “é”, no sentido de ser, quando o racismo insiste, que tal corpo, não é, logo, não existe ser. Quem tem atitude é preto e preta! É: negritude! Afirmo isso com toda a disposição de ter meu pensamento tratado como algo afrodiásporico, ou seja, como algo criminoso. Com tudo, é importante dizer que todas as afirmações feitas aqui, por mim, se dão no envolvimento e total cumplicidade com o afrodiásporico, mesmo que eu passe (também) por epistemologias europeias, aquilo que se gera pela consolidação do lugar da lógica, e não em um gladiar pela existência.



Fonte: foto de Gustavo Coelho.

Figura 43: Turma Legalize de Bate-Bola.



Fonte: foto de Gustavo Coelho.

2.3 PiXação/ Xarpi como iniciativas afrodiaspóricas?

Diáspora

*A tatuagem nefanda diz minha carne importada
 Diz a frieza da coerente
 Diz as voltas do chicote
 Diz a madeira da canga
 Diz a dureza do tronco*

*Minha carne entalhada é minha crônica de viagem
 Minha pele estampada é meu diário da descoberta
 Meu couro impresso é meu livro de registros
 Minha caligrafia torta é meu desvio de conduta*

*Aprendi a soletrar de corpo inteiro
 Nos intervalos da existência
 Nos pigmentos da aparência
 Aprendi a decifrar meus códigos*

*Não mais aquelas vozes d'áfricas nos quentes desertos
 Estranhas, vagas e sem respostas!
 (MACA, 2015, p. 71).*

Falando um pouco mais da relação afrodiáspora *versus* branqueidade, digo que não me comprometo com esse “versus”. Meu contra não está na branqueidade. Meu contra está no racismo. Meu contra está na possibilidade de existir branqueidade, negando a negritude. Se a branqueidade existe, ela deve permitir ser uma espécie de pessoa distraída que atravessa a rua, e acaba sendo atropelada pela negritude; um atropelamento que não seria mortal, mas que deixaria em coma o corpo da branqueidade, este que, durante tal letargia, viva um mundo de possibilidades negras. E, o fim desse sopor, é quando o atropelado verá se continuará se distraindo, enxergando apenas um lado da rua, o lado iluminado, esclarecido, o seu lado branco, ou se também enxergará o outro lado, o sombrio, o escurecido, o lado preto. Filosofia branca. Filosofia negra. No processo da vida, gosto do que Fanon nos oferece: “*a filosofia nunca salvou ninguém. (...) a inteligência também nunca salvou ninguém (...) em nome da inteligência e da filosofia que se proclama a igualdade dos homens, também é em seu nome que muitas vezes se decide seu extermínio.*” (FANON, 2008, p. 42-43).

“*Nem melhor nem pior, apenas diferente*” é outra frase tão afrodiáspórica, também encontrada no funk carioca, que me remeteu a uma espécie de síntese sobre o que Fanon quer dizer, quando afirma, na pretensão de negar fixos etimológicos, e amadurecer o gerar de fluxos epistêmicos. E ele continua, quando disse:

Não sei, mas afirmo que aquele que procurar nos meus olhos algo que não seja uma interrogação permanente, deverá perder a visão: nem reconhecimento nem ódio. E se dou um grande grito, ele não será nada negro. Não, na perspectiva adotada aqui, não existe problema negro. Ou pelo menos, se existe, os brancos não se interessam por

ele senão por acaso. É uma história que se passa na penumbra, e é preciso que o sol transumante que trago comigo clareie os mínimos recantos. (FANON, 2008, p. 42-43).

A claridade de Fanon é de transumâncias, de deslocamentos temporários ou definitivos. É para os que insistem nos temporários. É de multidões que se permitem a esperança de um mundo mais igualitário, apesar das divergências. A meia-luz que ilumina o necessário. Acredito que a perspectiva de Fanon pode proporcionar a aceitação em nosso viver, o sentir interesses e vontades em um mundo racista, onde, em sua maioria, tais sentimentos, possivelmente, são racistas. Abraço essa forma de discutir o racismo em Fanon. E por isso, volto à Isildinha para comentar que, nesse mundo racista, o ser negro se dá na angustia fixa, realidade exterior de determinações inexoráveis, onde suas possibilidades sociais não são iguais em relação ao branco, pois, quando remetida ao inferior, a “cor negra”, no sentido “*etno semântico*”, encerra vários significados que, quando persistem em prosseguir, estimulam-se nos processos psicológicos do inconsciente. O resultado disso seria um “*apartheid psicológico*”: o ser sujeito no “outro”, ou seja, ser negro para ser “o outro”, significa não ser real no próprio corpo, na própria consciência, a confusão entre o real e o imaginário, logo, aquilo que distancia o branco do negro, o racional do irracional, o que diferencia, respectivamente, o personalizado do despersonalizado, portanto, o ser avançado – branco - e o ser paralisado – negro -, que deve sair do estático para ser solidificado - o outro. (NOGUEIRA, 2017, p. 122-124).

Cultura coletiva de práticas posicionadas por determinadas atitudes criminosas, aceitas por procedimentos que operam por estéticas iniciadas e inacabadas, durante os feitos que são alimentados na sucessão do cotidiano das atividades que envolvem o universo da piXação no estado do Rio de Janeiro, o ser Xarpi parece manifestar na vida urbana carioca ações que remetem aos processos desse inconsciente. Mantendo-se como um genuíno lugar de corpos resistentes ao paradigma colonizador moderno, devido à sua posição que acaba, mesmo sem esse interesse, inserindo corpos aos espaços marginais, o Xarpi manifesta energias ambiciosas por desfrutes negados na dita condução colonizadora, por não se adequar à harmonia dos sentidos da consciência com o esclarecimento aprisionador e anulador de episódios obscurecidos, nebulosos, misteriosos, nascidos de atitudes mais fervorosas que ponderadas. Essa “escuridão Xarpi” está naquela lógica de um dos enigmas do ser bate-bola que comentei de maneira breve, quando conversei sobre a fantasia de uma turma no carnaval. No Xarpi,

posso dar como exemplo o enigma do birro¹⁰⁸. É comum ouvir em histórias dos praticantes da piXação que, antes de serem pegos, ou de tentarem escapar), seja pela polícia e/ ou por algum “justiceiro”, antes de serem rendidos, jogaram os birros da *tala* fora, na intenção do atuante dominador não ter a oportunidade de violentar sujando o corpo do piXador, com a própria tala, “pintando” o piXador, no intuito de humilha-lo. Entretanto, quando isso acontece, ou seja, quando a “justiça” suja o corpo com a tinta, pensando que irá constranger o Xarpi, o que acontece é o contrário, pois o sujado tem seu “status” piXador elevado entre outros piXadores. Por que? Talvez por ter aguentando a violência, que poderia ser pior. Talvez porque, após o esculacho, sua imagem pode circular pelas redes sociais, e seu perfil piXador pode passar a ter admiradores, ou mais admiradores. O “talvez” não importa, e sim o enigma, pois em razão da revelação do segredo de saber quem é o físico, o corpo piXador, cria-se o momento de mistérios em cima do mistério, o que deixa a sensação de perpétua desprendida. Tal relação ritualística empregada no cotidiano, estas quase imperceptíveis, mostra que o enigma envolve transformações corporais e psíquicas através do movimento dos gestos, nas maneiras de ser e dizer, oferecendo certo vitalismo no ambiente e nos corpos envolvidos, quando coloca em cena o absurdo, o surreal, a violência, a tensão, o risco, em síntese, o mal, seja por algum episódio vivido, ou pelo compartilhamento de alguma memória que envolva isso. O enigma é oferecido nesse paradoxo do transbordamento da normatividade, inexplicavelmente.

Não possuindo um valor estável, diferente da dimensão do segredo, que pode ser revelado, o enigma garante sua indestrutibilidade “*na gestão econômica feita por aqueles que o possuem, em sua gradativa e seletiva contação.*”. (COELHO, 2016, p. 69-70). Diante do empenho da fixação das subjetividades, o enigma negativa a epistemologia colonizadora, pois “*embaralha e impede a instalação plena de qualquer engenharia epistêmica empenhada no interrompimento do dinamismo vital pela instalação de uma ordem estabelecida imobilizadora.*” (COELHO, 2016, p. 72). O enigma está dentro do mistério, aliás só é reconhecido no próprio mistério. Quando as verdades circulam em um imaginário cavernoso, profundo, enigmático, a substância escurecida e compartilhada, que se faz dinâmica com o tudo e o nada, o estar que não é, presente em toda a parte, sem ter ninguém para apontar onde está este todo, pois, indica-lo, seria “*desejar sua morte e a morte da cultura, justamente por só ter função enquanto paradoxo, enquanto mistério.*”. (COELHO, 2016, p. 196–197).

¹⁰⁸ Borrifador do spray.

O enigma transmite o mito, termo já repetido aqui algumas vezes, nas reflexões sobre o racismo. Segundo Gustavo Coelho, o ápice do conforto racional moderno mata a vicissitude das presenças mitológicas:

(...) o apogeu da racionalidade e da objetividade na modernidade substitui a mitologia, a fantasia, a narrativa, a memória coletiva fantástica como base para erguermos nossas práticas, gestos, obras, poesias, etc. Nesse sentido, a racionalidade científica, se assim posso sintetizar a maneira moderna de agir no mundo, ao substituir a criação, a poíesis, a estética, ou seja, o que há de interior e mágico, pela verdade verificável, ou seja, o que há de exterior e observável, decretou a morte do mito, já que não podia lê-lo como verdade histórica. Só o que fosse verdade agiria com concretude na vida humana e portanto, passa a não haver razão de ser para um Deus que não tenha corpo, que não possa ser visto: nunca se viu um centauro no mundo. (COELHO, 2016, p. 50).

O racional regido pela objetividade das regras de existências mitológicas, regulariza a fantasia, e o que seria memória, o que seria ciência, seria só o que fosse aceito como verdadeiro e concreto nesse campo de racionalidade propositalmente realizada. Saber que existe, mesmo sem reconhecer sua existência. A exigência colonial da presença do mito não faz ele deixar de existir, e a presença sem presença se daria pela crença admitida no enigma, condenado pelas características ordinárias de uma racionalidade, mas mirabolante, extraordinário na irracionalidade, onde todo musculo carrega força.

Por isso, durante esse texto, trouxe o mito de Frantz Fanon, o mito negro de Neusa Santos Souza, o mito do “africano livre” de Abdias e o mito da democracia racial à brasileira de Munanga, pois não há nada mais enigmático do que ser um mito, algo que está, mas não existe. O que aparece e tem sua presença negada, é de constante devir, mas se dá em uma inconstância de ilegitimidade, em outras palavras, é assim como se cumpre a falta de exatidão em ser preto/ negro/ preta/ negra. Tudo isso presente na lida de um “*racismo epistêmico*”, aquilo que, para Renato Nogueira, seria aquela desconsideração, a invisibilização do que remete à África, ao negro, ao corpo preto e às suas coisas “pretas”, mesmo no momento incolor, e é “tingido de preto” pra marcar o que deve ser reduzido no entendimento do colonizador, através de um conjunto de “*dispositivos, práticas e estratégias que recusam a validade das justificativas feitas a partir de referências filosóficas, históricos, científicos e culturais que não sejam ocidentais.*” (NOGUERA, 2014, p. 27). É a validade do que é (ou não) o conhecimento, presente na relação entre o privilegiado e o apontado como outro, entretanto, esse outro parece utilizar da mesma substância preta, usada também para tingir as coisas de preto, sobretudo, para escurecer o anti-negro, o pretencioso a eterno colonizador, ou aquele metido a ovacionar as pretensões de eternidade de um colonizador, portanto, implica

em embaçar, a desconstruir a estrutura (de fato) social. Mas essa marca negra transmitida pelo corpo negro e seu pensamento de vida, se torna crença, um “pseudosaber”, julgado pelas relações de hegemonia epistêmica eurocêntrica. “*Neste sentido, o racismo antinegro assume uma categoria específica que se denomina racismo epistemológico.*” (NOGUERA, 2014, p. 27).

O racismo epistêmico, segundo Renato Noguera, pode ser toda a intenção de diminuir o pensamento do corpo negro, que mostre uma autenticidade que possa se reverberar em algo de intenção incapturável na presente trama colonial. Racismo epistêmico, porque não, seria tudo aquilo contra a ideia “afro”, o que remete à África, mas o que também remete ao negro em geral, seja o físico de uma pessoa ou as lógicas e devir que esse físico se dispõe a fazer/ ser.

É tão contra o epistemicídio especialmente contra a desqualificação epistêmica que invisibilizou as produções africanas, que achou oportuno propor uma geopolítica em favor da diferença. O desenho dessa composição geopolítica precisa contar com o ingrediente da equanimidade, a dissolução do “centro” e das “periferias”. O que pode começar por uma “nova” história da filosofia. Uma historiografia filosófica anti-racista, receptiva aos debates feito por escolas filosóficas africanas durante séculos, muito antes das relações políticas e econômicas terem sido estabelecidas com a Europa. E também por uma disposição para considerar a relevância, de forma equânime, da contribuição filosófica de trabalhos críticos do racismo epistêmico. (NOGUERA, 2014, p. 43).

Essa lógica do racismo epistêmico em Noguera se relaciona bastante com o esforço enfrentado ao me permitir a respectiva escrita. Acredito que se ficou algo pouco entendido para os/ as leitores/ as, possivelmente pode ter sido, alguma coisa ou outra, por causa desse quadro. Isso me faz pensar no receio que tenho em admitir a hipótese desta pesquisa: as experiências implicadoras do inconsciente atravessadas no fenômeno Xarpi, quando reconhecidos no sentido do ser negro, adquiridos pelo corpo negro, acaba se tornando algo remetente à afrodíaspóra, sobretudo, devido ao tratamento prioritariamente genocida presente no destino de quem se dispõe a essa complexidade do devir corporal, conflitante com a cultura ocidental, possivelmente porque a maioria desses piXadores seriam admitidos por jovens homens negros, corpos que passam pelos processos racistas de uma cidade, fantasmagoria realizada pela presença da verdade admitida historicamente, está de existência contemplada pela razão, esta que cobra a presença do mito, este que não aparece e, por isso, é ignorado, e se transforma em enigma.

O mito mesmo ignorado permanece, e não é porque é ignorado que se “transforma” em enigma. O mito, como toda fantasmagoria humana é movido pelo enigma, seja o mito aceito ou ignorado. O momento também das desconsiderações dos feitios coloniais. É por isso que mesmo atrapalhado na concretude epistêmica de todas essas “incríveis” ordens estabelecidas,

acredito nas pretensões admitidas como possíveis afrontamentos durante o “racismo epistêmico”, aquilo que enfrenta o “racismo à brasileira”, porque provoca a relação anti-negro através de fenômenos que acolhem o “*cansaço da vida, da lida*”¹⁰⁹ do negro, aquilo que admite sobressalto, o envolvimento incompreensível, conservador do enigma sobre a fixação instrumental subjetiva, e agitadora do saber popular, como a prática de piXar/ Xarpi.

Produtora de letramento, linguagem, atitudes próprias representados no universo urbano, causador de uma colisão fenomenal que não se limita à piXação, pois apresenta-se também por outros universos como o bate-bola, a trajetória funkeira, o lazer sambista, a religiosidade candomblecista, dentre outras fantásticas atitudes resistentes à racionalização estável.

É com essa leitura que provooco a aproximação da vida Xarpi com a transuma afrodiaspórica brasileira, ao se relacionar com uma rede que vira, mexe, e continua a seguir por uma diversidade que remete ao negro. “- *Estava em um centro de macumba, ai o seu Zé veio, e começou a falar. Disse que todo lugar que vou, ele estará me protegendo. Mas tipo assim, não tenho nenhum compromisso com macumba. Eu tenho a guia, e toda a vez que ele pede alguma coisa, eu dou.*”, explicou o Xarpi **Art**, depois que perguntei sobre sua guia no pescoço, de cor branca e vermelha. *Seu Zé, é Seu Zé Pelintra*, que pertencente ao povo da malandragem. Referenciado comumente na umbanda, por remeter cuidados aos esculhambados, aos negligenciados, Seu Zé é aquele que torna o marginal sinônimo de magistral, o que desarranja a luminosidade da ideia de entendimento ocidental, assim como o Xarpi faz, através de manifestações de outros fenômenos, como a relação com orixá Exu, entidade introdutora da oratória, que se posiciona na e pela imprevisibilidade, transformando o absurdo em concatenação, quando abre e fecha alguma coisa, através das lógicas que acolhem o impossível, principiador “*do dinamismo, do movimento, dos caminhos, da comunicação, das trocas, dos entrecruzamentos, da sexualidade e da ambivalência*” (RUFINO, 2014, p. 65).

Exu, Xarpi, Bate-Bola, disse **Fino**, jovem Xarpi que, assim como **Art**, entrevistei em uma reú de Olaria, em agosto de 2017. Além de Xarpi, **Fino** também é bate-bola na turma *Clima Tenso*, ou seja, também pode sofrer negligencia por outras vias, assim como evidenciei anteriormente, quando relatei meu carnaval junto com a Legalize.

- Nos dois tem adrenalina. Quem é entende o que estou falando. Quem veste uma roupa de bate-bola no carnaval pode ter carnaval o ano inteiro com uma tinta, tacando nome em muro. Aquela sensação boa, que te deixa agoniado pra fazer. Porque quando acaba o carnaval, o bate-bola fica à espera do próximo, 1 (um) ano,

¹⁰⁹ Versos da música “João Valentão” de Dorival Caymmi.

daí, ansioso, acaba querendo aquela adrenalina, que pode fazer ele querer piXar. Mas ele não precisa fazer isso. É só se ele quiser. Porque ele também pode ser só bate-bola, e gastar essa adrenalina só no carnaval. E as outras coisas que ele sente, pode acontecer durante o ano. Ele pode gastar a adrenalina como ele quiser. Mesmo assim, aquela adrenalina de bate-bola, vai ficar guardada pro carnaval.

Essa adrenalina narrada por **Fino** parece ser aquilo que venho provocando como ações de aproximação com o proibido, e, indo um pouco mais a fundo, acredito que o viver nessas complexas relações incertas em um lugar racista como o Brasil, é viver por uma imprevisibilidade de base fomentada na presença do ser negro. Mas não estou dizendo que quem não aprecia a piXação é racista. Estou dizendo que quem age por um desejo de extermínio daqueles que realizam a piXação (ou Exu, Bate-bola, etc.), certamente age de forma racista sobre as questões pertinentes à exaltação de um devir-negro do mundo, inclusive dentro desses fenômenos. Almejar a morte de um piXador parece se dar por lógicas perpetuadoras de afirmações e mãos cheias de sangue, provedora da consciência tranquila sobre “o que é humano”, através de uma gênese europeia/ branca/ ocidental. A adrenalina de um carnaval cotidiano vivido pelo piXador, é o carnaval permanente incumbido na disposição de ser no corpo negro. Um (ou mais) bate-bolas podem morrer no carnaval¹¹⁰. Um (ou mais) piXador(es) pode(m) morrer ao sair pra piXar. Um (ou mais) negro(s) pode(m) morrer agora¹¹¹. O homem branco é aquele que tem o privilégio de acertar e errar, na expressão universal do “ser”. “Errar é humano”, diz o ditado. Mas o preto não pode ter a possibilidade de errar, porque ele não é considerado humano. O negro é “feio”, “bestializado”, “sujo”, incapaz, mental e fisicamente, assim como são as considerações das culturas que passam por suas vidas, a exemplo do que trago para este texto, quando invoco Exu e bate-bolas para pensar o ser Xarpi no mundo racista, aquilo que me levou a entender que não existe enigma maior do que “ser”, ou melhor, não há enigma maior do que o de viver a vida tentando ser um “ser”, nem que para isso aconteça a indeterminação. A questão é que a essência dessa lógica ser esta na anulação e na sua salvaguarda como crime oficial, logo, todos sabem, até quem piXa, que está cometendo um delito e, inclusive, pode virar inimigo público (como explanei no caso de **Goma** e outros, durante o texto).

¹¹⁰ Segue o link de uma notícia sobre a morte de bate-bolas. <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-03-04/brigas-entre-bate-bolas-provocam-duas-mortes.html>>. Acessado em 2 de jan. 2017.

¹¹¹ Mais notícias sobre o genocídio da população negra, na matéria “Taxa de homicídios de negros foi quase 25 vezes maior do que a de não negros” - <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-06/taxa-de-homicidios-de-negros-foi-quase-25-vezes-maior-que-de-nao-negros-em>>. Acessado em 2 de jan. 2018.

2.3.1 O limite que permite ser e o devir-negro do mundo ser

“*O mal é um limite, é verdade, mas devemos lembrar que o limite permite ser.*” (MAFFESOLI, 2004, p. 85). Nessa leitura, ousou oferecer os corpos piXadores como exemplo desse mal que possibilita ser. Certa vez, na mesma reú onde encontrei **Art, Fino** e outros que já apresentei e continuarei a apresentar durante o texto, uma jovem - uma esposa, que acompanhava seu jovem cômjuge Xarpi, que aguardava antes de ser entrevistado por mim (o **Tok**, do qual falarei logo menos) – mostrou seu olhar sobre a piXação:

A maioria deles são carentes. Eles são rejeitados. Pelos pais, pelas pessoas. Eles querem um objetivo, um foco, mas não existe. O que eles se interessam, não tem. Daí, eles encontram outros parecidos, sem objetivo e apoio, e se tornam amigos. Se encontram um com o outro. Mas eles sempre serão pessoas odiadas pela sociedade, porque, até mesmo aos meus olhos, é ridículo ver o muro todo sujo, mesmo que eu seja mulher de um deles.

Mas é isso, é sujeira revoltada. Rabisco pra se mostrar revoltado. Todos eles agem assim. Porque ficam assim pelo desprezo que falei. Se sentem sozinhos, pela vida difícil. (esposa do Xarpi **Tok**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017).

Com essa fala, continuarei a discutir o ser piXador/ ser Xarpi, este que, como bem narrou a esposa de um deles, se sentem acolhidos pelo nada, que os faz sonhar, e ter vontade de sonhar, em um mundo de pesadelos solitários, é tudo. Ser piXador/ Xarpi é ter a possibilidade de ter tudo, porque não tem nada, mas sonha.

“Um sonho... um sonho...

Um brinde com taça de vinho

Cheiro de asfalto no sangue

Um atalho com fuzil no caminho

No cardápio Bitteruso Champagne

Cordão de fê tirado do peito

E uma luz no fim do presídio

Mas um buraco cavado às pressas

Pra aliviar o suplício

A esperança no orifício, na revolução

Quanto mais tiram de nós, lá dentro corrupção

Os atentados civis viram showmícios

Dos que nunca estão no controle

E vão crescendo os vícios

Caindo por terra, caindo por terra (pela batalha)

Caindo por terra, caindo por terra (pelo discurso)

Sufrimento pra alguns é ser feliz

Pra quem nunca teve nada, um sonho é tudo que sempre quis.”

(“Bitteruso Champagne”, composição de Lauro Farias, Marcelo Falcão, Marcelo Lobato e Xandão).

Cito essa música da banda O Rappa, para tentar compô-la na minha leitura da narrativa da esposa de um Xarpi. Aliás, ser forte o bastante para ser mulher de um Xarpi, é a expressão de um tempo que concorda com o *ad infinitum*, de se negar ao mundo que não poder sonhar. Vida difícil é aquela de quem sonha de forma genuína. E quem tem a vida difícil, é rejeitado por ela. Rejeitados gostam de outros rejeitados. Se encontram em suas trajetórias, e criam um laço entre grupo, onde é possível sonhar: “*Um sonho... um sonho...*”; um sonho de ter um amigo; um sonho de saltar, nadar, correr, subir, cair na gargalhada, conseguir voar; um sonho de piXar a estátua de alguém, pra deixar a cidade (racista) mais suja. E por sonharem, conseguem fazer tudo que desejam, mesmo que não tenham nada. Ainda na minha ousadia, digo que essa música da banda O Rappa, poderia figurar a trilha sonora de algum sonho piXador. A sujeira revoltada, como a jovem disse, que faz um acolher o outro, um se afirmar pelo outro. Só piXador gosta de piXador. Só piXador acolhe piXador.

Ajax, outro entrevistado da citada *reú*, em uma de suas respostas, exhibe afinidade com a narrativa que já citei, a do **Placa**, Xarpi que disse que sua prática não é criminosa, diante dos crimes do governo do Estado, estes que não recebem punição alguma, depois de óbvios crimes¹¹². **Ajax** parece concordar que ser Xarpi, é alguém que é comum, que faz outras coisas para além de piXar, logo, não seria criminoso¹¹³; mas, durante a afirmação, **Ajax** afirma outra situação, não excluindo a anterior, dizendo que, sendo piXador, se acontecer qualquer situação com esse alguém, ele, possivelmente, será reativo.

- Tem muita gente que fala que piXador é vagabundo. Mas tem muita gente ai que é trabalhador. Estuda. É pai de família. É quem faz faculdade. Xarpi é uma coisa particular. O cara não vive só piXando. Não tem gente que gosta de cheirar? Não tem gente que gosta de usar crack? Então, tem gente que gosta de piXar. Não é

¹¹² O ex governador Sergio Cabral Filho, até o momento desta escrita, está preso, devido as suas múltiplas corrupções realizadas durante a governança de dois mandatos. Segue o link - <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/11/1936009-ex-governador-sergio-cabral-completa-1-ano-presointegrado-a-rotina-da-cadeia-e-buscando-ser-mais-altivo.shtml>>. Acessado em 12 de jan. 2018.

¹¹³ Mas o crime é uma ação e não um ser total. Todo criminoso faz também coisas ordinárias, normais.

porque o cara é homossexual que vou desrespeita-lo. Não é isso? E não é porque o cara é piXador, que ele é vagabundo. Eu conheço piXador do Exército. Eu tenho amigo piXador que faz faculdade. O pessoal tem que ver o ser humano, e não o que ele faz pra ele mesmo, porque isso, é um problema de cada um.

E piXador é bagunceiro mesmo. Apronta! Só faz loucura! Se tentar falar gracinha vai tomar um foda-se. PiXador é assim.

Evito ao máximo arrumar problema... mas se entrar no meu caminho... é aquilo.

(Xarpi **Ajax**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017).

As provocadoras afirmações de **Ajax**, a todo momento, conversam com um conflito na gama colonial, sobre alguns movimentos do cotidiano, da vida alheia, que, na verdade, é a nossa vida. O Xarpi fala de alguns corpos tratados como escoria, depreciação, ou melhor, que são provenientes de uma razão para a existência do colonizador. De usuários de drogas as possíveis questões de homofobia, **Ajax** parece, no fim de tudo, querer dizer o quanto o corpo que se dispõe a liberdade, tem que se proteger. Ainda sobre o que **Ajax** trás, me veio o que **Pifil** relatou, quando contou sobre a vez que foi parado por um policial do BOPE (Batalhão de Operações Especiais da PMERJ), um soldado que disse ser Xarpi:

Era 4:55 da manhã, quando sai de casa. O BOPE estava no morrão. Dois deles me abordaram. Me revistaram, fazendo perguntas. Me perguntou o que eu faço da vida. Eu fui falando né, tipo, trabalho, estudo... ele também perguntou se eu tinha apelido, daí, eu disse: “- Pifil CM”. Depois disso, ele perguntou o porque desse apelido, então, naturalmente, eu falei: “- Porque sou Xarpi.”. Eu vi que tinha falado besteira, e continuei falando. “- Se bem que eu nem tô mais piXando.”. Ai um dos policiais falou assim: “- Cara, sou piXador também!”. O outro policial olhou estranho para o policial piXador, com aquela cara do tipo “- Ih, se emocionou?!”. Obviamente não poderiam falar mais nada comigo. E como eu não devo nada, e nem tinha nada para fazer alguma outra coisa, eles me liberaram. (Xarpi **Pifil**, em entrevista no Centro, na cidade do Rio de Janeiro, em maio de 2017).

Pifil me contou esse momento piXador quando seguíamos para uma réu no Centro, na Pedra do Sal (Gamboa). Ele conheceu um Xarpi comum: um policial do BOPE. O incomum disso é ser Xarpi. Ser policial e, mesmo assim, continuar a agir com uma prática que é crime, já que ser piXador, possivelmente, veio antes de ser policial. Ser outra coisa, e ser Xarpi. As falas de **Ajax** e **Pifil**, (que terá seu apelido, “*Pifil CM*”, falado mais vezes, e explicado melhor durante o texto), me remetem às consequências desses tipos de lógicas, que mantém o incapturável, vista nas vidas piXadoras. Ser “qualquer coisa” e Xarpi, te coloca em risco. Aliás, diante das leituras afrodiáspóricas citadas aqui, é importante dizer que ser qualquer coisa ligada a este cosmos, correrá riscos. Portanto, se o Xarpi for, suponhamos, advogado e candomblecista, correrá dois riscos. Se este ainda for negro, correrá três riscos.

Não é por menos que **Pifil** conta com vitória outras escapadas no ofício de ser Xarpi, como a vez que foi pego junto com outros 2 (dois) Xarpi. Um deles era o **Placa**, que

conseguiu escapar e também proteger, de certa forma, o **Pifil** e o **Salve**, o outro Xarpi que estava junto.

- Ele colocou a arma na minha cara, com uma lanterna. Não sei se era acoplada. Vi a luz e o bico da arma. Paramos na delegacia. Eu e **Salve** rodamos com duas escadas. Mandamos o papo que só tinha nós dois. O **Placa** conseguiu vazar. Mas eles deram mole, e nós conseguimos ligar pro **Placa**, que conseguiu chegar na delegacia escondido, pra pegar a escada. Do nada, o delegado olha pra gente e pergunta (aos berros): “Cadê a escada?!”. Só fiz uma cara de que não sabia mesmo onde ela estava. **Salve**, a mesma coisa.

No fim, ele deu o BO para assinarmos, e fomos embora. Isso foi na Penha. Fomos andando pela Brasil, pra casa, preocupado com as paradas, e de repente, vimos o **Placa**, na altura da Beira Pica-Pau, com as escadas. (Xarpi **Pifil**, em entrevista no Centro, na cidade do Rio de Janeiro, em maio de 2017).

Mas e quando o risco acontece sem “vitória”? **Not**, Xarpi com mais de duas décadas de prática, contou que, mesmo na “derrota”, nas lógicas de ser Xarpi, com sorte ou não, quando o risco se tornar uma violência ou não, a disposição de ser Xarpi já o transforma em um piXador vitorioso.

- Pegamos a fábrica da *Piraquê*, lá em Madureira. Topo maneiro. Depois fomos piXar o Viaduto de Rocha Miranda. Escondemos tudo por ali: tinta, escada, tudo. Daí, quando fomos voltar pra pegar, tinha uma blitz, e rodamos. O amigo deu mole no papo. Só sei que o policial esculachou. Deixaram a gente pelado. Nos pintaram todo! Eles pegaram nossa roupa, jogaram na viatura e levaram. Esculacharam mesmo! Nós ganhamos a reta. Invadimos a primeira favela que vimos na frente, e roubamos um varal. Não tinha jeito. Isso em 2005. Mas o nome está lá ainda. Colocamos o nome pro **Kuma**. Ele tinha acabado de falecer. Tá lá oh: "*Kuma saudades*". (Xarpi **Not**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017).

Not foi piXar em homenagem a um amigo, e sofreu uma humilhação enorme, mas que, mesmo assim, poderia ser pior: vitória! O nome ainda está lá. Vitória! **Akco**, jovem negro, morador da Baixada Fluminense, ex militar e atleta de Muay Thai e Capoeira, também passou por alguns casos de violência como Xarpi, diante de seu relato de humilhação e risco de morte. Sua fala remete a **Ajax**, quando disse que só Xarpi gosta de Xarpi. **Akco** não foi violentado por policiais, e sim por grupo de uma facção armada de venda de drogas ilícitas à varejo¹¹⁴, do Complexo do Chapadão (Pavuna, Zona Norte do Rio de Janeiro).

- Passei o maior sufoco uma vez dentro do Chapadão, em 2016. Eu ainda era do quartel e encontrei uns amigos pra piXar. Marquei com eles, e fiquei esperando. Chegaram alguns e não outros, daí, fui fazer uns rabiscos com os caras que tinham chego. Um deles era do Chapadão, era cria de lá. Na nossa conversa, decidimos

¹¹⁴ Não acredito na denominação “tráfico de drogas”. Essa interpretação não traduz os elementos materiais que os significam, e os “conceitos” (formados pela grande mídia e reforçados nas ações do poder público) acabam se tornando estereótipos. Dentro do campo da criminologia crítica, Zaccone (2011) reflete sobre o preconceito da sociedade com os pobres, estes que quando são envolvidos com o “tráfico”, acabam presos e estigmatizados, diferentes dos ricos que, quando envolvidos na mesma situação, são considerados como usuários e (muitas das vezes) não são detidos.

subir o morro. Ainda na subida, em um lugar que era pista (pensava eu), fui jogar um nome perto de um mercadinho. Daí, um bandido da boca me abordou, de fuzil, me levou, junto com os outros que estavam comigo. Mano, isso já era umas 2:00 am. Os caras torturam a gente até a quase as 6:00 am., porque quando um cara me ajudou, um homem de dentro da favela mesmo, eu lembro que no relógio da casa dele, era essa hora. Ele me viu descendo sozinho, porque não deixaram a gente descer juntos, viu que eu estava muito mau. Por acaso, ele era militar também. Ele deixou eu tomar banho, e me levou pro quartel, pra eu receber os devidos cuidados. Mano, foi sinistro, pensei que iria morrer. Colocaram a gente de joelho, deram muitas coronhadas de fuzil e pistola. Bateram com a faca na gente. Eles quebraram minha cabeça, fraturaram minhas costas. Tenho dores até hoje, porque não recebi o tratamento adequado. Foi nessa época que sai do quartel, e nunca tive plano de saúde. Enfim, pensei que fosse morrer. Estávamos em um lugar abandonado dentro da favela, que parecia até ser um lugar de desova. O que nos salvou foi que o amigo que era cria de lá, tinha sido da boca e desenrolou pra geral ir embora. Mas é isso. Nem bandido gosta de piXador. (Xarpi **Akco**, em entrevista em Madureira, na madrugada da cidade do Rio de Janeiro, em abril de 2017).

Figura 44: cicatrizes Akco.



Fonte: O autor, 2017.

Nem o bandido gosta de piXador. A não ser que esse bandido seja piXador, e nem mesmo isso garante. E o que acontece com alguém que é tratado como inferior? O Xarpi e escritor **Nuno DV** volta a ser citado, para esse lado da conversa, pois ele fala sobre o que acontece com o piXador, aquele que, para ser, se dispõe até a morrer:

As autoridades, os seguranças, os donos das casas, quando pegam um pichador, querem fazer justiça com as próprias mãos, batendo, esculachando, humilhando, roubando, pintando ou até matando o pichador. Isso quando não acontece tudo junto em uma mesma rodada. De todas essas opções só faltou mesmo eu morrer, mas foi por pouco. (DV, 2013, p. 55).

Para perceber o racismo contido nessas complexas relações, permitindo uma troca de ser entre o ser negro e o ser Xarpi, estes parecidos pela disposição em ter/ perder tudo por um sonho, arrisco a dizer que as pessoas que se preocuparam com **Akco**, no caso, sobretudo, o morador do Chapadão, favela do bairro da Pavuna, na Zona Norte do Rio de Janeiro, e que, aparentemente, era apenas um morador, é porque tiveram a empatia da violência sofrida pelo jovem. Quando perguntei a cor desse senhor, **Akco** confirmou isso: “*O coroa era preto.*”. Sendo morador, “cria” do lugar, sua atitude poderia ter consequências. Ajudar alguém que está na mira de uma boca de fumo, poderá te tornar mira também.

Este tipo de caso de quase morte e morte, presente na vida Xarpi, que apanha de alguém quando é pego, ou na vida daquele que, a qualquer momento, pode apanhar apenas por ser, no caso dessa discussão, o ser negro, que pode, no sentido de ser, se ver empático com outros que são maltratados apenas por ser, pode ser pensado na ideia da “*sujeição criminal*” (MISSE, 2015), que seria o tipo que carrega o crime. Seria um corpo que pode ser morto, ou sua morte pode ser justificada e desejada. Volto ao assunto sobre o espancamento de jovens que riscam algum muro, pois tal atitude pode seguir nessas justificativas que rotulam certas identidades, já que as reportagens e notícias “oficiais”, por exemplo, passam uma ideia de que “Se fossem pichadores, tudo bem!”¹¹⁵. Podemos ver tal situação, por exemplo, na matéria com o título “*Grafitiros apanham e são humilhados ao serem confundidos com pichadores*”¹¹⁶, que, logo no título, já exhibe a ideia da justificativa de uma “pena capital”, se o caso tivesse acontecido com pichadores. O título “*Rio: relógio da Central do Brasil sofre pichação*”¹¹⁷, também segue em certa indução para entender que as paredes de certos lugares são mais valiosas do que vidas, já que, aparentemente, esses concretos, com tijolos, vingas de ferro e outros materiais possíveis, são mais valorizados do que a vida que risca tais paredes, muros, superfícies¹¹⁸.

¹¹⁵ “Dr. Carlos”, delegado e comentarista do jornal SBT Rio disse sobre o caso: “Eu não gosto de pichador. Voce Vai lá, gasta seu dinheirinho, pinta o muro, e vem um animal, e picha o seu muro, destrói. Mas isso aí é diferente, são grafiteiros. A gente não sabe se eles estavam fazendo ou não... o que não justifica essas violências. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CR8R57NT_Ag> (In: 3’20’’ até 3’30’’). Acesso em: 28 dez. 2016.

¹¹⁶ Disponível em: <<http://mais.uol.com.br/view/s70pk4i6az2h/grafiteiros-apanham-e-sao-humilhados-ao-serem-confundidos-com-pichadores-0402CC1C3060D4B95326?types=A&>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

¹¹⁷ Disponível em: <<http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/rio-relogio-da-central-do-brasil-sofre-pichacao-04022016>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

¹¹⁸ Segue os respectivos link das citadas materias - <<http://noticias.band.uol.com.br/jornaldaband/videos/2016/01/27/15750083-grafiteiros-apanham-e-sao-humilhados-ao-serem-confundidos-com-pichadores.html>; <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/rio-relogio-da-central-do-brasil-sofre-pichacao-04022016>>. Acesso em: 2 mar. 2016.

PiXar/ Xarpi, é um ato criminoso. Mas espancar e expor em público corpos que rabiscaram alguma parede, tornando o corpo piXador propício para acontecer qualquer coisa, como em casos complexos que já expus aqui durante o texto, e que insisto, pois continuarei citando. O importante aqui é discutir que existem pessoas que, por alguma razão, tendem a confundir-se com o crime, no ponto de precisarem discriminar um tipo social específico, uma espécie de tipificação preventiva – inimigos internos, inimigos públicos, bandidos¹¹⁹. Quando não se encontra essa razão da diferença, porque os atos são indecifráveis, são banidos e expostos à condição de “*monstros onde, em cada caso, recebe o estigma adequado*.” (MISSE, 2015, p. 83).

Tenho interesse profundo sobre essas problematizações da “existência humana”, nesse desejo do monstro, o outro, querer “*simplesmente ser um homem entre outros homens*.” (FANON, 2008, p. 106). O reconhecimento da extraordinária zona do não-ser, do inferno oferecido pelo colonialismo, originador do (re)surgimento manifestador do corpo, que troca o embranquecimento pela negritude, expositora da falta de direito do negro em acertar/ errar, mostra a relação entre tal embranquecimento e negritude, em sua forma conflitante.

A respeito da razão, Fanon comentou que:

Os cientistas, após muitas reticências, admitiram que o preto era um ser humano; *in vivo e in vitro* o preto tinha-se revelado análogo ao branco; mesma morfologia, mesma histologia. A razão assegurava a vitória em todas as frentes. Eu era readmitido nas assembleias. Mas tive de perder as ilusões.

A vitória brincava de gato e rato; ela zombava de mim. Como diz o outro, quando estou lá, ela não está, quando ela está, não estou mais. No plano das ideias, estávamos de acordo: o negro é um ser humano. Isto é, acrescentavam os menos convencidos, ele tem como nós o coração à esquerda. Mas o branco, em determinadas questões, continuava irredutível. Por nenhum preço ele queria intimidade entre as raças, pois é sabido que “os cruzamentos de raças diferentes rebaixam o nível psíquico e mental... Até que nós tenhamos um conhecimento mais bem fundamentado sobre os efeitos do cruzamento de raças, seria melhor evitá-lo entre raças muito distantes”. (FANON, 2008, p. 111).

Mesmo que o negro seja admitido como um corpo, em um quadro morfológico, segundo Fanon, no mundo racista, ele ainda não mostra razão, pois o reconhecimento de suas capacidades enquanto humano, ainda são negados. As decisões de certas questões ainda consideram o pensamento do negro como intolerante. Mesmo que o negro aja de acordo com os processos de embranquecimento e “se encha” de razão, ele sofrerá por algum motivo,

¹¹⁹ Matéria sobre um caso desse tipo, que aconteceu com um ator negro. “O ator preso ‘por engano’ é mais um número nas estatísticas implacáveis contra os negros”. <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-ator-preso-por-engano-e-mais-um-numero-nas-estatisticas-implacaveis-contra-os-negros/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

“justificado”/ julgado, a rejeição. Fanon exemplifica essa situação com Sir Alan Burns¹²⁰, e sua colocação no IIº Congresso Internacional de Eugenia. Essa reflexão pode ser vista nas relações raciais presentes em universos que justamente surgem em práticas, saberes e dizeres orientados por racionalidades de outras visões de mundo, assentadas em princípios cosmológicos, junto à relação do indivíduo com o tempo-espço, em perspectivas que se opõem à racionalidade ocidental, frente às redes de relações, negócios e atravessamentos da composição de um determinado contexto social, nesse caso, sobre a conjuntura racista.

Quando Fanon (2008) disse:

Eu tinha racionalizado o mundo e o mundo tinha me rejeitado em nome do preconceito de cor. Desde que, no plano da razão, o acordo não era possível, lancei-me na irracionalidade. Culpa do branco, por ser mais irracional do que eu! Por pura necessidade havia adotado o método regressivo, mas ele era uma arma estrangeira; aqui estou em casa; fui construído no irracional; me construo no irracional; irracional até o pescoço. (FANON, 2008, p. 113).

Novamente o assunto da irracionalidade surge em forma ambígua. E a citação de Fanon ainda me leva a pensar sobre alguns fenômenos de certa abertura para uma aproximação com a relação racial, tendo em vista que, como já estou problematizando, as pessoas de cor de pele preta não podem ser o que ou quem são, e quando são, muitas das vezes, são consideradas como irracionais.

Quando foco, por exemplo, nos saberes e práticas presentes na cultura do estado do Rio de Janeiro, percebo que “ser carioca” (também) se dá na relação entre o corpo normativo e o corpo que quebra a normatividade. Através de frequentes históricos de violências sobre aqueles envolvidos com tais culturas, esse tipo de “ser carioca” evidencia características acerca da imprevisibilidade. Em uma prática de crimes que prioriza o corpo, concomitante a uma ação imagética vista nas paredes das cidades brasileiras, a trajetória piXadora é uma dessas culturas; o curso do Xarpi pode nos fazer pensar no Rio de Janeiro e seu adjetivo de simpatia rítmica e colorida, artifícios desnorteares da patologia social do branco, exposta nos abalos orgânicos e emocionais, onde tal “colorismo” é realizado com o apoio da “*preservação de certos privilégios baseados na herança da raça supostamente dominadora*” (NASCIMENTO, 1982, p. 82).

Realidade confusa, mais vivida do que explicável, não tenho a pretensão de criar possíveis discussões sobre “ser preto”. Meu objetivo é tentar trocar e contribuir na soma

¹²⁰ Administrador e governador colonial britânico, que entre 1905 e 1912, serviu nos consoles da Nigéria nos anos de 1920.

reflexiva, nada desconhecida e interminável questão racial, está de relação colonizador X colonizado X descolonizado.

Negro Imbecil

- Negro imbecil! Negro imbecil!
Tá na cara, tá na pele, é racismo, é Brasil

- Negro imbecil! Negro imbecil!
Tá no trato, no costume, é cultura, é Brasil

- Negro imbecil! Negro imbecil!
Tá ne mente, na memória, é história, é Brasil

- Negro imbecil! Negro imbecil!
Tá na pauta, tá na ordem, é presente, é Brasil
(MACA, 2015, p. 90).

Todo esse arranjo racista se dá em uma situação que exhibe a inveja do colonizado, que seria a de estar no lugar do colonizador. Mas, por outro lado, o mesmo momento, também parece desproteger a outra inveja, a do próprio colonizador: ele não é capaz de cativar absolutamente o corpo de seus colonizados. Corpo é o principal lugar do colonizado. É único espaço para os sonhos de liberação colonial do colonizado. Na minha tentativa de dizer com uma explicação mais simples essa complexa afirmação, é importante lembrar que o colono tem o “ser” aceito através de seu lugar privilegiado pela razão, o que forma um conforto que é desconfortado pela presença das divergências colonizadas. Tais presenças causadoras de contendas, passam a existir na composição de seres enquadrados como “inimigos públicos nº 1”, já que são “inimigos dos valores” da sociedade. “*O mal é um limite, é verdade, mas devemos lembrar que o limite permite ser.*” (MAFFESOLI, 2004, p. 85). Nessa leitura, ousou oferecer os corpos piXadores como exemplo desse mal possibilitador do ser. “Maus absolutos” por se comportarem de maneira corrosiva, destruidora das morais hegemônicas, através de uma força cega, maléfica, que surge de forma inconsciente e irrecuperável.

Acredito que os piXadores podem ser enquadrados como colonizados: “*essas crianças que dão a impressão de não pertencerem a ninguém, essa preguiça estendida ao sol, esse ritmo vegetal...*” (FANON, 1968, p. 31-32). Contraindo a ideia de energia efusiva, vegetar na ambivalência, para Fanon, também seria atitude, pois na piXação, por exemplo, há também certa morosidade, a vagabundagem deambulante, lenta, sem um caráter de fervor, que também faz parte sinérgica do fenômeno.

Para os colonizados romperem com esse tratamento, e passar a “ser”, ou melhor, a agir com alguma atitude descolonizadora, o mínimo exigido está (acredito) na aceitação da plena presença da inconsciência, visto que a conscientização, a clareza dos sentidos, o saber de

tudo, a certeza, é rompida pela forma inconsciente, ou melhor, como venho tentando trazer até aqui, pela maneira de outras racionalidades.

Essa relação de movimentos corpóreos com o inconsciente, esses que recebem prejuízos quando são desumanizados, mas, como é corpo, acabam, durante os confrontos do sistema capitalista de base racista, sendo situados a um animismo. Mbembe explica isso, dizendo que:

Pela primeira vez na história humana, o nome Negro deixa de remeter unicamente para a condição atribuída aos genes de origem africana durante o primeiro capitalismo (predações de toda a espécie, desapontamento da auto determinação e, sobretudo, das duas matrizes do possível, que são o futuro e o tempo). A este novo carácter descartável e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização ao mundo inteiro, chamamos o devir-negro do mundo. (MBEMBE, 2014, p. 18).

O devir-negro do mundo, segundo Mbembe, é aquela disposição de ser tratado como um corpo com alma, com espírito, mas que, este corpo, não seria o de um humano, mas sim, no máximo, um animal. Para ele, a razão negra, o que ele discute a todo momento no livro “Crítica a Razão”, consistiria em:

(...) conjunto de vozes, enunciados e discursos, saberes, comentários, e disparates, cujo objecto é a coisa ou as pessoas “de origem africana” e aquilo que afirmamos ser o seu nome e a sua verdade (os seus atributos e qualidade, o seu destino e significações enquanto segmento empírico do mundo). Composta por múltiplos estratos, esta razão data da Antiguidade, pelo menos. As suas fontes gregas, árabes ou egípcias, até chinesas, originaram muitos trabalhos. Tem consistido, desde sempre, numa atividade primitiva de efabulação. Trata-se, no fundo, de salientar vestígios reais ou comprovados, urdir histórias e constituir imagens. A Idade Moderna é no entanto, um momento decisivo para a sua formação, devido, por um lado, às narrativas dos viajantes, exploradores, soldados e aventureiros, missionários e colonos e, por outro, à elaboração de um “ciência colonial”, na qual o “africanismo” é o último patamar. (MBEMBE, 2014, p. 57).

A razão negra, do corpo sofredor do animismo causador da efabulação, está presente no devir-negro do mundo. Ser negro é ter disposição para os processos de efabulação, a maneira de pensar, classificar e imaginar o distante, o não igual interrompido pela igualdade (fraternidade e liberdade), propagados pelas lógicas europeias. O erudito e o popular, se caracteriza nestas lógicas como algo longe de ser esclarecido, o que avoluma o trabalho de efabulação, inclusive em sua relação violenta com a desumanização. (MBEMBE, 2014, p. 29).

Verdade: nós, negros, devemos calcular nosso devir, pois, caso contrário, podemos acabar, diante da efabulação, esmagados como baratas. Mentira! Nós negros devemos ser nós mesmo, independente do que for, nunca desconsiderando a nossa cor, diante do mundo racista embranquecedor. Nós negros não podemos desconsiderar o medo que a formação da sociedade obriga a terem sobre nossos corpos, assim como não podemos desconsiderar o

nosso próprio medo, a “fobia no biológico”, pois quem é preto sabe mais do que ninguém que “preto não passa do biológico”, de um “animal” como o outro, um animal ao agrado do outro, um animal para o outro, um animal envergonhado pelo outro, pelo mundo, pois quem é preto “*Vive nu. E só Deus sabe...*”. (FANON, 2008, p. 143).

Já comentei no primeiro capítulo sobre a verdade, diante do sistema colonial em Fanon (1968). Aqui, sigo em sua leitura, tentando explicar que sim, é verdade, o negro, a todo momento, é colocado em um lugar de medida. “*Quanto vale, ou é por quilo?*”. “*A carne mais barata do mercado é a carne negra!*”¹²¹. Frases que se posicionam na ordem de alguns para a desordem do(s) outro(s). Outra interrogação e afirmação que poderia ser feita, a fim de me fazer entender, respectivamente, poderia ser na dúvida “*Tudo agora é racismo?*”. Frase racista de um mundo racista, que nos lança, a todo momento, seja quem racializa ou quem é racializado, a uma efabulativa, criadora de um outro espaço para além de quem aponta ou é apontado: um lugar onde as concepções no plano de atravessamentos de instâncias, estas que acontecem pela desordem das outras maneiras, aquelas de espaço cindido em dois. É na provocação desse desmembramento, de um que (de)forma o outro, onde acontece a descolonização, o desvio completo da ordem absoluta, iniciado em situações ambivalentes.

A efabulação de Mbembe, situação que mostra conteúdos duvidosos e afirmativos, tentará ser um pouco mais explicada aqui pela verdade em Fanon, aquela esquematizada entre os dois sentidos, tanto o do “ser colonizado”, como o de “ser colono”. O colonizado, por não ser considerado um “ser”, almeja ser, e ele sabe que a única possibilidade para isso acontecer, é com o domínio do lugar do seu colonizador (até então) sem querer ser um colono. É o colonizador que inventa o espaço de vidas condenadas ao fantasma de “não serem”. Inventor do “ser”, não como dado ontológico dos vivos, mas como conquista de poucos, o colonizador é o dono intocável da razão. O colonizado, como “não ser”, é considerado “nada”, quando não age, de forma absoluta, com a racionalidade proporcionada pelas lógicas do colonizador, situação revelada, no mínimo, nos sonhos do colonizado, lugar de ações musculares, agressivas, a partir do almejo destrutivo do mundo da razão absoluta, sentimento que, primeiramente, coloca o colonizado contra si mesmo, através da prioridade do corpo. Assim o colonizador é o dominador intocável, conquistador de tudo, exceto dos sonhos, dos desejos corpóreos do colonizado em acabar com o mundo colonial. Mesmo quando escravizado, o colonizado cria esses desejos. Mesmo que o colonizador escravize e domine o colonizado, ele

¹²¹ Parte de uma canção de Marcelo Yuka e Seu Jorge.

nunca conseguirá conquistar seu corpo de maneira total. Não é por menos que, sobre o sonho, Fanon (1968) disse:

Eu sonho que dou um salto, que nado, que corro, que subo. Sonho que estouro na gargalhada, que transponho o rio com uma pernada, que sou perseguido por um bando de veículos que não me pegam nunca. Durante a colonização, o colonizado não cessa de se libertar entre nove horas da noite e seis horas da manhã. (FANON, 1968, p. 39).

O colonizado expõe a inveja de querer se instalar no lugar do colono, “*um perseguido que sonha permanentemente em se tornar perseguidor*” (FANON, 1968, p. 40), mas, talvez, sem a característica de ser o colono. De forma narcísica, o colonizado, almejando ser dono da certeza, expõe sua inveja para o colono. Para Fanon, “*não há um colonizado que não sonhe pelo menos uma vez por dia em se instalar no lugar do colono.*”. (FANON, 1968, p. 29).

Continuarei a conversa sobre a descolonização, em um próximo subcapítulo, quando discutirei sobre essa vontade de estar no lugar do colono se transformar na forma desarmônica desse lugar, que, ao mesmo tempo em que é almejado, é também almejado para ser destruído. Mas antes, a discussão girará mais em torno de uma réu, o encontro dos Xarpi, os piXadores cariocas, que ao trocar sobre suas vontades, sobre seus sonhos, posicionam uns aos outros como *brabos*.

2.3.2 Reu: o lugar do Xarpi/ do ser.

(...)com toda a serenidade, penso que é bom que certas coisas sejam ditas.
Essas coisas, vou dizê-las, não gritá-las. Pois há muito tempo que o grito não faz mais parte de minha vida.
Faz tanto tempo...
Por que escrever esta obra? Ninguém a solicitou.
E muito menos aqueles a quem ela se destina.
E então? Então, calmamente, respondo que há imbecis demais neste mundo. E já que o digo, vou tentar prová-lo.
(FANON, 2008, p. 25).

Início mais um largo subcapítulo na intenção de dizer, e talvez gritar algumas palavras, apenas para incomodar os que se incomodam com muros mais do que vidas. Já estou tentando provar que existem imbecis que agem e admitem apreciar coisas, em troca de tornar pessoas em outras coisas que respiram, e que por isso, podem ser apreciadas, concomitantemente com a possibilidade de tal coisa ser descartada.

Essa apreciação vem a gosto de quem coisifica, assim como o descarte, que surge quando a coisificação não é mais apreciada. Tais lógicas acontecem pela relação de fixos e fluxos, causando conflitos, mortais e imortais, presente no dinamismo da agachada, de joelhos, a indígena, negra, má afamada por ser povoada por má afamados, esfomeada, “*por falta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz*”, a cidade do colonizado, onde “*nasce-se em qualquer lado, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer parte e não se sabe nunca de quê. É um mundo sem intervalos, os homens estão uns sobre os outros, as cabanas dispõem-se do mesmo modo.*”. (FANON, 1968, p. 29).

Novamente vou comentar sobre lógicas de duas cidades que na verdade é uma: a cidade do colono, provedora do oculto presente da cidade do colonizado, ou vice-versa, dependendo dos sonhos de possessão que as diferenciam, logo, que evidencia uma, em ocultação/ extermínio da outra. Dito isso, venho provocando a cidade de muros sujos, que tem, por exemplo, as suas paredes piXadas, ou melhor, a cidade de quem vive com a paisagem tatuada, lança para a cidade do colono um olhar de inveja, onde, todo dia, o colonizado almeja o lugar do colono. Continuando no exemplo do colonizado piXador/ Xarpi, acredito que tal luxúria se dá no sonho de posse destruidor, e não *desconstruidor*. Trabalhando na lógica da piXação como uma ação descolonizadora, quando um piXador/ Xarpi sonha com o lugar de seu opressor, não almeja de fato o seu lugar, mas sim criar outro lugar, mesmo que ele seja todo esbodegado, lembrando que:

Fazer explodir o mundo colonial é doravante uma imagem de ação muito clara, muito compreensível e que pode ser retirada por cada um dos indivíduos que constituem o povo colonizado. Desmanchar o mundo colonial não significa que depois da abolição das fronteiras se vão abrir vias de passagem entre as duas zonas. Destruir o mundo colonial é, nem mais nem menos, abolir uma zona, enterrá-la profundamente no solo ou expulsa-lo do território. (FANON, 1968, p. 30).

Assim como a criminalização do colono sobre o mal absoluto, as atitudes enigmáticas, incapturáveis, enfim, descolonizadas, se ostentam no colonizado quando este reage em atitudes fora do discurso universal, momento da troca a discussão racional pela afirmação desenfreada de uma “*Elemento corrosivo que destrói tudo o que se refere à estética ou à moral, depositário de forças maléficas, instrumento inconsciente e irrecuperável de forças cegas.*”. (FANON, 1968, p. 31).

O choro de uma criança, ou de alguém que aja como criança, antes, grita “*O preto vai me comer!*”; grito que parece preceder o silêncio do esporro presente no devir-negro do mundo, aqueles que são, mas não recebem nem o direito de serem crianças, pois criança é aquele corpo que irá crescer, mas o negro não tem o direito de crescer, sem o enclausuramento fadado ao mudo. Por isso, Fanon lembra que “*Uma criança negra, normal,*

tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contacto com o mundo branco.” (FANON, 2008, p. 129).

A força do negro surge desde o início de sua eterna infância, acontecimento presente pelo direito de ser qualquer coisa, exceto uma coisa, algo que o remeta a ser alguém. Mas a insistência em querer ser alguém, permite ao menos ser o inferior, colocado assim para manter um lugar de conforto, do colono, o que não deixa de sempre (tentar) esconder qualquer desconforto que possa mudar a (sua) realidade colonizadora.

Como já disse, tudo isso cria um vácuo, um vão que se transforma em estacionamento ou a moradia de conflitos causados entre o choque do conforto com o desconforto. Quem estaciona nesse vão somos nós, os humanos, seres capazes de acertar e errar, mas que, quando não se limita a tais bipartições, acaba bipartindo-se, onde se encontra no campo da cultura, dona do estacionamento vizinho dos fenômenos, estes que moram no vão, os que quanto mais populosos são, mais amplo será o loteamento, tanto da cultura, como dos fenômenos. Sendo mais direto, ainda sabendo das outras reflexões que toda essa conversa poderia reverberar, prefiro continuar em Fanon, e dizer que se *“Em toda sociedade, em toda coletividade, existe, deve existir um canal, uma porta de saída, através da qual as energias acumuladas, sob forma de agressividade, possam ser liberadas.”* (FANON, 2008, p. 130).

Portanto, é importante lembrar que, para a trocação sobre racismo e piXação, não poderia deixar de ser comentado o lugar de liberdade nunca plena do piXador, ou seja, aquele espaço que ele será piXador e não será julgado por isso, não existe; então, falarei do lugar que só terá piXador, ou pelo menos pessoas que admitem a existência dessa prática como relevante pro mundo. Agora, conversarei sobre reú, o espaço, o lugar do Xarpi ser, na cidade do colonizado do Rio de Janeiro.

A nomenclatura dada para as reuniões de Xarpi, reú, segundo **Nuno DV**, *“são encontros semanais entre pichadores, hoje, são quase diários. Esses encontros acontecem em locais diferentes, em cada dia da semana.”* (DV, 2013, p. 58). Assim como já comentei, fui a alguns espaços desses, e agora, irei expor com mais narrativas sobre o que refleti de tais espaços, acompanhando seus protagonistas, os Xarpi, junto as relações de uma cidade francamente racista/ genocida. Pegar as assinaturas para alimentar as pastas, os fichários que acumulam papeis de todo o tipo, com assinaturas de todo tipo, na condição de ser um tipo piXação. Assinar e receber assinaturas é uma das principais iniciativas desses encontros.

A reú cria verdadeiros colecionadores de punhos que marcaram superfícies das cidades em variados períodos. Alguns vivos e outros mortos, e até alguns mortos que são transformados por estes espaços em corpos mais vivos do que muitos vivos. Essas assinaturas

nas réus acabam materializando algo de muito valor para quem acompanha o universo piXador, as pastas. Por isso **Nuno** lembra da fala do Xarpi **Hair**: “*Não dou, não troco e nem vendo minhas pastas. Já me ofereceram uma grana boa por elas, mas elas não saem daqui por dinheiro nenhum.*”. (DV, 2013, p. 59).

Figura 45: Print da pasta de Hiibi.



Fonte: Print feito pelo próprio autor, 2017.

Figura 46: uma pasta de Hiibi.



Fonte: enviado para um grupo de Whatsapp.

Nuno ainda comenta de outra prioridade que está indissociável nessas relações de assinatura, materializadora das pastas: o “jogar conversa fora”, através de encontros capazes de amadurecer afinidades entre distantes. As reus são “*Um bom termômetro para saber se um pichador está sendo notado nas ruas*”, pois quanto mais almejado for sua assinatura em um momento de reú, mais aquele Xarpi está em destaque na rua. (DV, 2013, p. 58). Dessa forma é como parece acontecer certa ideia de morto vivo, pois no “papo” que “vai e vem”, os presentes em corpo, acabam invocando, pela memória, momentos marcantes de Xarpi que nunca mais poderão estar presentes em corpos, pois mortos. A lembrança desses mortos, em momentos de reú, acabam ressuscitando quem era Xarpi e estava falecido; porque o Xarpi do falecido, marcado na memória de quem vive essa cidade (do colonizado), transforma-se em seu próprio corpo, presente na reú, o que torna esses espaços pleno para a eterna vida de um corpo Xarpi. Isso me lembra que “*construir a memória da colônia não é apenas implicar-se num trabalho psíquico. É também fazer uma crítica ao tempo e aos artefactos que pretendem ser os substitutos último da própria substância do tempo (estátuas, estelas, monumentos,*

edifícios.” (MBEMBE, 2014, p. 180-181). Com Achille Mbembe, mais uma vez, consigo indagar melhor o que quero dizer, pois acredito que o que **Nuno** fornece é uma memória, relacionando-a a morte.

A sujeira em artefatos do tempo - uma cabeça chumbada de um autêntico herói “nacional”, Zumbi dos Palmares; ou o rosto petrificado de um autêntico herói “internacional”, Jesus Cristo – representam essa memória, afinal, importante não só para ela, mas também para os processos de recordação ou do esquecimento, os atos falhos, os lapsos, qualquer “resistência ao reconhecimento” se dá por medidas complexas, que torna a representação, a lembrança, em suma, a memória, em “*actos sintomáticos*”, estes que “*só têm sentido em relação a um segredo que não o é verdadeiramente, mas que, no entanto, nos recusamos a confessar.*” (MBEMBE, 2014, p. 180). A réu é um desses atos sintomáticos, pois é lugar de representar as lembranças de memórias que “não deveriam” ser lembradas, mas são. As temperaturas de uma réu, que rejeita a mortalidade corpórea como necessário para alguma aparição, mostra também que tal ato não se dá apenas por questões do tipo, é impossível que alguém seja imortal, ou que volte a vida depois de morto. Afinal, em uma cidade, através da feitura de monumentos, dentre outras iniciativas, alguns mortos podem ser lembrados, para promoverem sua presença perpétua. Mas a glória perene da vida, para uma “*existência objectal*.” (MBEMBE, 2014, p. 28) como o Xarpi, é feito assim, quase que clandestinamente, já que essa iniciativa é realizada por corpos que permitirem ser e sentir por práticas incompletas, e que também por isso são comumente categorizadas como resto, em lógicas depreciativas do que não está completo, do que, aparentemente, falta partes, e fica visível como sobra, através de um julgo.

Volto à psicanálise em Freud para continuar na discussão dos movimentos presentes em uma réu, pois em seu texto “*O EU E O ID*”, de 1923, conversa sobre a maneira de pensar o objeto na psicanálise, como aqueles que insistem em serem lembrados, nem que seja por uma memória que torna o morto algo vivo, sobretudo, através de um espaço. Pensar em mortos ou vivos parece sempre ser aquele assunto com pontos infinitos, pois mistura a relação entre o consciente e o inconsciente, premissas básicas das ciências que estudam os processos “*patológicos da vida psíquica*”, onde a “*psicanálise não pode pôr a essência do psíquico na consciência, mas é obrigada a ver a consciência como uma qualidade do psíquico, que pode juntar-se a outras qualidades ou estar ausente.*”. (FREUD, 2013, p. 11). Mas o que seria esse estar consciente ou inconsciente? Provocação do imediato seguro, a consciência é aquela ideia de fácil reprodução, mas que não é segura, mesmo que se posicione com certa segurança; e é nesse intervalo, entre seguro e não seguro, que surge, “*não sabemos o quê*”, mas que a todo

momento, é capaz de tornar-se consciente. Ou, se dissermos que era inconsciente, também forneceremos uma descrição correta. Este “*inconsciente*” coincide com a “*latente, capaz de consciência*”. (FREUD, 2010, p. 11-12). O inconsciente é defendido aqui como aquilo que é a própria elaboração que experiencia a “*dinâmica psíquica*”, momento em que a psicanálise supõe o aprender, ou nos termos de Freud:

(...) poderosos processos ou ideias psíquicas (e aqui entra em consideração, pela primeira vez, um fator quantitativo, e portanto econômico) que podem ter, na vida psíquica, todos os efeitos que têm as demais ideias, incluindo efeitos tais que por sua vez podem tornar-se conscientes como ideias, embora eles mesmos não se tornem conscientes. (FREUD, 2010, p. 12).

É nessa trama com consciente *versus* inconsciente, um encontro de dois que é um para as teorias psicanalíticas, ao problematizar as afirmações que tornam ideias como não “*conscientes porque uma certa força se opõe a isto, que de outro modo elas poderiam tornar-se conscientes, e então se veria como elas se diferenciam pouco de outros elementos psíquicos reconhecidos.*”. (FREUD, 2010, p. 12-13). A reú aqui é sugerida como exemplo de um lugar consciente que, no campo das afirmações, se diferencia muito dos elementos psíquicos conscientes, o que acaba tornando, muitas das vezes, consciências outras como inconsciente. Trago isso para dizer que espaços como a reú, assim como qualquer outro espaço, trazem encontros de forças opositoras antes da consciência, momento da “*repressão*” e da “*resistência*” acontecer (FREUD, 2010, p. 13). Mas a diferença da reú com outros lugares se dá porque ela seria um espaço de reprimidos, de corpos que se encontram na posição de redução, o corpo que, para a psicanálise, é “*o protótipo do que é inconsciente*” (FREUD, 2010, p. 13).

Como eu disse no primeiro capítulo e em parte desse segundo capítulo reafirmei, avançando em uma hipótese, volto a explicar: para ser piXador, aceitar a existência da piXação, logo, passar a frequentar a reú, independe de classe, credo, etnia ou gênero. O corpo piXador é caracterizado por outros dinamos culturais, que também fazem presença no atravessamento de outros fenômenos, como o envolvimento de manter o juvenil e o popular, o que também preserva o adjetivo de ausência de definição. Essa indeterminação leva à minha hipótese de enxergar o Xarpi como algo que leva ao inconsciente, visto que, para o negro - o corpo que acredito ser o da maioria desses praticantes, para trazer esse fenômeno como algo adjetivado pela afrodiáspora -, envolvido na lida do complexo processo da possibilidade e da

impossibilidade do devir-negro do mundo, é elemento, certamente, presente na vida daquele que tem o corpo negro e piXa.

Reú é um lugar pouco apreciado, assim como são os corpos que se presenciam neste tipo de ambiente. Caracterizado como *diorama*, digo, todas essas luzes coloridas, ou em preto e branco, que realiza a paisagem de um lugar, a reú lembra a lógica da fala de Freud sobre o possuir de dois tipos de inconsciência:

(...) o que é latente, mas capaz de consciência, e o reprimido, que em si e sem dificuldades não é capaz de consciência. Esta nossa visão da dinâmica psíquica não pode deixar de influir na terminologia e na descrição. Ao que é latente, tão só descritivamente inconsciente, e não no sentido dinâmico, chamamos de *pré-consciente*; o termo *inconsciente* limitamos ao reprimido dinamicamente inconsciente, de modo que possuímos agora três termos, consciente (*cs*), pré-consciente (*pcs*) e inconsciente (*ics*), cujo sentido não é mais puramente descritivo. O *Pcs*, suponho, está muito mais próximo ao *Cs* do que o *Ics*, e, como qualificamos o *Ics* de psíquico, tampouco hesitaremos em qualificar o *Pcs* latente de psíquico. Mas por que não permanecemos de acordo com os filósofos e coerentemente separamos tanto o *Pcs* como o *Ics* do psíquico consciente? Os filósofos então nos proporiam descrever o *Pcs* e o *Ics* como duas espécies ou dois estágios do *psicoide*, e se estabeleceria a concordância. Mas dificuldades sem fim apareceriam por conta disso na exposição, e o único fato importante, o de que esses estágios psicoides coincidem em quase todos os outros pontos com o que é reconhecidamente psíquico, seria empurrado para segundo plano, em favor de um preconceito vindo de um tempo em que ainda não se conheciam esses psicoides ou o que é mais importante neles. (FREUD, 2010, p. 13-14).

A ocultação em favor de uma alucinação psicótica, esta que, como já comentei anteriormente, cria uma consciência (por exemplo) racista anti-negros, e torna, ou melhor, possibilita a presença de outra consciência, que troca o oculto pela repressão, sem dificuldades de entender como poderá ser desconsiderado e definido como inconsciente. Ao tentar ser considerado, um processo de ocultação realizado pelo pré-consciente acontece, e o inconsciente é reprimido. Com isso, os termos da psicanálise - “consciente”/ *Cs*, “pré-consciente”/ *Pcs* e “inconsciente”/ *Ics* -, podem ser usados para descrever as leituras sobre o “vão” (também) acolhedor do que “não deveria ser acolhido”, quando o *Ics*, por exemplo, ganha um lugar, como esse oferecido na reú, o de posição do reprimido, pois o momento do *Pcs* seria o *Cs*. Freud ainda percebe as psicoides, a relação entre *Cs* e *Ics* que não são separadas na filosofia, mas que é separada no campo psicanalítico, ao pensar a diferença na abordagem dos pontos do preconceito, que já faz existência antes de se pensar (ou não) a separação dessas psicoides. Tentado explicar melhor, outra característica que me interessa quando coloco a piXação como uma prática de pertencimento do afrodiáspórico brasileiro, é aquela da proibição, porque o piXador se dispõe a relações corpóreas que, possivelmente, evidencia a disposição corpórea de seus antepassados, sobretudo, quando o caso remetia a

algo fora dos padrões ocidentais, através da referência por lógicas não modernas e, na maioria das vezes, presente no que remete África. Assim como são os corpos que frequentam as réus de Xarpi, que acontecem nas ruas das cidades do estado do Rio de Janeiro, mesmo lugar dos bate-bolas, das torcidas organizadas, dos funkeiros, dos sambistas, dos capoeiristas, dos jongueiros, dos macumbeiros, dos bicheiros, da malandragem, de Exu, de sei lá o quê, que é sentido. Isso irá depender da relação do “*Eu da pessoa*”, da organização coerente dos processos psíquicos de cada um, algo que remete “*a instância psíquica que exerce o controle sobre todos os seus processos parciais*” dito por Freud, aquilo “*que à noite dorme e ainda então pratica a censura nos sonhos*”, devido às repressões do que não deve pertencer a consciência, tão pouco nos “*outros modos de vigência e atividade.*” (FREUD, 2010, p. 14-15). Pensar esse não pertencimento é pensar o Ics, o reprimido, e como são seus efeitos para compadecer aos poderosos efeitos que o torna Cs, por meio de “*inúmeras obscuridades e dificuldades*” (FREUD, 2010, p. 15), mediadas no conflito entre um e outro, separados na psicanálise para pensar o estado de repressão causada pela coerência do outro, do mundo colonizador (racista).

Mas é importante dizer que nem todo Ics representa o reprimido, mesmo que todo reprimido seja Ics. Por exemplo, no julgador de piXador que é capaz de sentenciá-lo à morte, ou o julgador de corpos da cor escura, que mesmo depois de todos os processos flexíveis realizados nas mutações da escravização dos corpos negros, ainda pede o extermínio de todo o devir que seja admitido por estes corpos. Esse julgo também coloca o julgador como reprimido, pois mostra fobia naquilo que deseja reprimir. É por isso que Freud comenta:

(...) uma parte do Eu — e sabe Deus quão importante é ela — pode ser *ics*, é certamente *ics*. E esse *Ics* do Eu não é latente no sentido do *Pcs*, senão não poderia ser ativado sem tornar-se *cs*, e torná-lo consciente não ofereceria dificuldades tão grandes. Se nos vemos assim obrigados a instituir um terceiro *Ics*, um não reprimido, temos de conceder que a característica da inconsciência perde alguma importância para nós. (FREUD, 2010, p. 15-16).

As lógicas daquilo que castiga, acontece através do Eu que realiza a manobra de aprender e, mesmo assim, se permiti ao Ics; o sentido de que também lida o Ics com o seu estado de repressão, causado por esta manobra, e que no desenvolver de tudo, a atividade sempre torna o próprio Ics algo ambíguo, presente em todas as relações de devir. “*De modo que todo o nosso conhecimento está sempre ligado à consciência. Também o Ics só podemos conhecer ao torná-lo consciente.*” (FREUD, 2010, p. 16). Provoco desta maneira o Ics/ inconsciente, para dizer que a réu é o lugar do reprimido, diante de uma cidade francamente racista como o Rio de Janeiro, esta que não sabe que a réu dispara impulsões contrárias as ações conscientes de ser na aceitação da cidade maravilhosa, de expressão tropical, negadora

de seu trópico, formador do fluxo espacial de quem é esquematizado no jogo da ambiguidade manobrada pelo Cs/ consciente, que, segundo Freud, está na “*superfície do aparelho psíquico, isto é, atribuímo-la, como função, a um sistema que espacialmente é o primeiro desde o mundo externo. Espacialmente, aliás, não apenas no sentido da função, mas aí também no sentido da dissecação anatômica.*” (FREUD, 2010, p. 16). Esta análise cria certa dissecação do conforto, o momento para trazer leituras importantes para pensar o Ics, aquela metáfora anterior que usei para recomendar da existência, o vão criado pelo conflito entre a afirmação racional e o julgado irracional, e que, ao mesmo tempo, cria o estacionamento cultural que é vizinho do fenômeno, habitante desse lugar proporcionado pelo acúmulo gerado na vida coletiva, o espaço que, quanto mais alguém estaciona lá, mais conviverá com a natividade de lá, ou seja, quanto mais tempo estacionar na cultura, mais momentos de relação com os fenômenos acontecerá, portanto, mais oportunidades de realizar uma dissecação anatômica sobre algum movimento que se mostre Ics.

É comum que a regra de um estacionamento de supermercado seja a de gratuidade em apenas 10 (dez) minutos. As vezes esse tempo muda, ainda para um número limitado, pois ao passar desse tempo, ainda na “regra comum”, o valor para estacionar vai aumentando. Nessa metáfora entre a cultura e o fenômeno também: quanto mais tempo estivermos no campo cultural, e envolvidos com os fenômenos, mais cobranças teremos para pagar. Se envolver com o campo cultural é se dispor sobre fenômenos que são propagados pelo Ics, comumente considerados como irracionais. Mas por que se interessar tanto por algo que não mostra razão? As justificativas desse relacionamento serão cobradas, por exemplo. Mas e o fenômeno racial, quando ele é visto no vão admitido na vida piXadora, cultura criminosa de presença genocida, como ficam essas cobranças? Quanto tempo pode-se conviver com o vão, para se aproximar dele? 10 minutos? Bem, depende, pois no caso que trago, parece não ter uma medida certa. O vão racial anti-negros não parece marcar tempo para suas cobranças. Assim, quando são admitidas em um espaço, nessa relação cultura e fenômeno, o vão não expõe algo finito. Na réu, um grande momento de incorporação desse vão, nos estaciona na cultura Xarpi, e lá admite a existência infinda do vão, pois é o país, o lugar, o espaço da existência de fenômenos, também, assim como a cultura, não admitidos para a existência, a exemplo do que quero trazer, ao evidenciar o racismo genocida presente na vida piXadora. Isso porque, ao necessitar primeiro conhecer a piXação acaba sendo algo de padrão casual, por trazer um padrão sem padrão.

Para **Nuno**, a única coisa padronizada no Xarpi é a escolha do seu nome, que assim como o CPF e a identidade, cada um deve (ou deveria) ter o seu. Uma necessidade de

exclusividade tão presente que, quando um piXador já escolhe um nome que exista, outros piXadores o alertam dessa repetição/ imitação, mesmo que também exista relações homônimas, logo, que exista Xarpi/ piXadores com o mesmo nome.

Na vida de uma pessoa comum podem ter homônimos, mas no Xarpi uma das regras de rua é a exclusividade na escolha do nome, raros são os casos homônimos. Quando um pichador escolhe um nome que já existe, os próprios pichadores o alertam.

Nosso nome de certidão nossos pais que escolheram, mas nosso nome de rua, o de guerra, de Xarpi, cada um escolhe o seu como bem entender. (DV, 2013, p. 29).

Se o piXador/ Xarpi for homônimo, se responsabilizará pelas consequências que a repetição de nome possa trazer. A réu é o melhor lugar para perceber se a relação desse homônimo se deu de forma resolvida, ou ainda parece trazer possibilidades de acontecimentos conflituosos sobre essa relação piXadora. **Hiibi**, Xarpi que já citei, comentou que seu primeiro Xarpi foi o mesmo de um Xarpi que já existia, na favela onde ele mora. Antes de **Hiibi**, o **Hiibi** plagiou o **Demo**, quando um dia alguém o alertou que aquilo não poderia acontecer, a não ser que o dono, o plagiado, liberasse a iniciativa de plágio. O Xarpi **Fixo** também oferece algo sobre a autenticidade da escolha de um nome Xarpi.

- Comecei a piXar por causa de um falecimento. Meu primo, o **Suca**. Eu não piXava, só acompanhava ele. Escoltava pra ele a pista e tal. Nessa época eu nem me interessava em apertar o birro, pra deixar a minha marca no mundão. Um dia ele foi pra uma rave na praia, e acabou morrendo afogado. O corpo dele apareceu dias depois, na Barra da Tijuca. Depois disso, comecei a escrever nos muros “**Suca vive**”, em vários lugares. O pessoal do Xarpi começou a querer saber quem era, por que conheciam ele e tal. Daí, fui na minha primeira réu de piXação, e a galera descobriu que era eu. Eles também disseram que eu tinha disposição pra estar na pista, pelos nomes que eu tinha colocado em homenagem ao meu primo. Daí eles falaram pra eu criar um nome. Daí eu fui pra casa, e pensei que eu tinha que fazer uma parada que fique bastante tempo. Que seja fixa. E veio o nome: **Fixo**. (Xarpi **Fixo**, em entrevista na favela da Cidade Alta, no bairro de Cordovil, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, em abril de 2017).

Fixo, em sua trajetória, fala da situação que o fez se tornar Xarpi, universo que conheceu ao acompanhar outro Xarpi, o **Suca**, seu primo, que ele tanto admirava, e que acabou morrendo afogado; acontecimento que o fez riscar os muros e outras superfícies para lembrar do respectivo falecido. Seu esforço de querer lembrar desse falecido em um lugar admitido pelo próprio falecido, ou seja, pela prática criminosa de marcar com tinta as superfícies de propriedades alheias, acabou levando **Fixo** para outro lugar de um universo que ele já conhecia, um lugar que a ideia de crime não é negada, pois é admitida em troca de um devir próprio, que vai ao encontro com outros devir próprio, cometidos pela recusa de falta de gozo, a fruição permissora de agir por vontades, como a de virar piXador para preservar a presença de um nome que não era e nunca será admitido. Este lugar seria a réu.

Talvez também seja realizado com esse nome os encontros de outros lugares piXador, Brasil a fora, afinal, inspirado no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, piXadores também são invocados como Xarpi¹²². Como eu disse, ao citar **Nuno**, a regra é não ter uma regra fixa, mesmo que exista o **Fixo**, que, para além de Xarpi, também é grafiteiro. Reú, o lugar do **Fixo**, casual para aqueles que almejam desfrute, seja piXando o muro, seja acompanhando alguém que piXa muros, seja com alguém que foi convidado para estar na reú porque conhece um bate-bola piXador, ou porque alguém de sua torcida organizada também é piXador, ou quando alguém acha incrível a coragem de piXar muros, pois pode morrer por isso. Reú é o lugar do piXador, e em sua causalidade, cria a presença infinda do vão que acaba acolhendo todos que se sentirem bem neste lugar momentâneo, seja como piXador ou não.

No caminho de uma reú na Pedra do Sal (Centro do Rio de Janeiro), **Pifil**, que não tem piXado muito, até o período dessa escrita) comentou algo, durante o apontar para um Xarpi, escrito no alto de um prédio, próximo da Av. Brasil, na Altura da passarela do bairro Parada de Lucas:

- Agora, se eu for piXar, é só pra pegar bagulho eterno. Só bagulho pra poder ficar. Aquele nome que eu vou colocar, e eu não vou ter dúvida que vai ficar ali. Ali, o **Nike**. Ele é hoje da igreja. Não piXa. Mas aquele tá ali: eterno! Mas é isso, é o momento. Ninguém piXa a vida toda, em todas as fases. Vai ter algum momento de segurar a onda. Vai dizer até que parou e o caralho. Nem todo piXador vai ficar indo no topo do prédio. Nem todo piXador, vai ficar só pegando pedra, em baixo. Cada um tem seu estilo, sua maneira de ser piXador. (Xarpi **Pifil**, em entrevista no caminho para o Centro da cidade do Rio de Janeiro, em maio de 2017).

Pifil, jovem negro, produtor, operário em uma fábrica de óculos, é um Xarpi que não parou de piXar, mas já não piXa há um tempo, porque quando piXa, realiza sua marca em lugares que, supostamente, não será apagado. Ele deu um exemplo, apontando para um Xarpi que vimos na Cidade Alta, quando seguíamos para o Centro, lugar onde aconteceu esta conversa. O Xarpi que ele mostrou foi de um conhecido nosso em comum que não se diz mais Xarpi, porque criou um compromisso com uma instituição que repugna a prática, a igreja. Mesmo assim, e até mesmo se ele quiser negar, **Nike**, o Xarpi exemplificado como eterno por **Pifil**, ainda se faz presente nas memórias Xarpi, devido a sua presença inegável em alguns lugares, como o prédio que está marcado anos com seu nome. Quem se torna Xarpi, mesmo que não seja mais Xarpi, pode ficar eterno como Xarpi, por causa de suas marcas Xarpi, que se eternizam pela cidade.

¹²² Como pode ser ver na música “Hino” do grupo de rap DV Tribo, feita em protesto contra as prisões dos piXadores de Minas Gerais. Segue o link <https://www.youtube.com/watch?v=_r_idvisCTE>. Acessado em 2 de ago. 2017.

Na mesma reú na Pedra do Sal, outro Xarpi, o **Jack**, comentou: “- *Eu não mando muitos nomes. Eu dou um rolé com os amigos. Apareço nas reús pra ver os amigos. Mas sou mais devagar com a prática.*”. (Xarpi **Jack**, em entrevista no o Centro da cidade do Rio de Janeiro, em maio de 2017). **Jack** foi um dos Xarpi que vi em todas as reús que frequentei para esta pesquisa. Admitindo não ser um Xarpi de nome relevante com muitas marcas espalhadas pela cidade, ele diz que este lugar, a reú, o lugar do piXador, é o lugar de seus amigos, alguns deles com bastante marcas pela cidade. Amigo de pessoas que frequentam a reú, o Xarpi **Jack** acaba evidenciando um sentimento de prestígio sobre outros piXadores, em relação a sua presença. Ele é reconhecido por outros Xarpi. E não é apenas ele, é o **Jack**, o “Xarpi parceiro que brota nas reús”.

Na já citada reú de Olaria, lugar onde (também) encontrei **Jack**, **Soco**, outro Xarpi, comentou: “- *A gente só vem aqui pra assinar nossa marca por ai, e deixar a nossa história. Sabe por que? Hoje ou amanhã nós vamos falecer, certo? Mas vamos deixar a história.*”. Para **Soco**, assim como aparece nas falas de outros Xarpi, o Xarpi é Xarpi para se tornar memória, a marca que lembra daqueles esquecidos. Mas quem lembra? O Xarpi. Onde é lembrado? Na reú. Mas somente o Xarpi lembra do Xarpi? Não, quem se dispõe a se relacionar com o Xarpi, acaba reconhecendo-o. E eles são apenas lembrados na reú? Não, pois quando o assunto Xarpi surge, tudo o que o faz elementar, pode acabar se tornando memória, logo, o faz existir. “- *A primeira lata que consegui foi com a mulher do meu primo que faleceu. Ela me deu porque estava na casa dela. Foi com essa lata que comecei a escrever ‘Suca vive’ em vários lugares.*”. Mais uma vez, a fala de **Fixo**, se mostra sinérgica com outras que já foram citadas aqui, e certamente será sinérgica com outras que ainda serão citadas. Essa coesão está na relação complexa da tentativa de ser, que envolve a realidade de mortos, vivos em memórias, construídas e distribuídas por laços afetivos francamente admitidos em estratégias rompedoras de fixos, casualidade presente na característica das possibilidades piXadoras.

- O Xarpi é um lugar onde vi uma maneira de expressar umas paradas minhas de alguma forma. Pude me expressar de uma forma que não podia antes, e fui vivendo isso. Comecei muito novo, então, fui me expressando, fui piXando cada vez mais, e fui criando gosto. Sempre curti andar por aí e tal. Daí, quando eu era mais novo, quando estava começando, piXava muito nos lugares onde uma ex namorada passava. Queria aparecer para ela, porque ela sabia a minha marca. Mas acabei é aparecendo para os outros Xarpi, por causa das grandes quantidades de nomes que fiz por aí. Espanquei vários lugares em Brás de Pina, Penha, porque queria aparecer pra ela. Ela meteu o pé. Teve filho e foi viver outra vida, e eu também: virei Xarpi. Fiquei em vários bairros, e fui pegando outros, que ela poderia passar, ou não. Passou um tempo e virei referência, porque coloquei tanto nome que alguns deles irão durar 10 anos, 20 anos, e os mais jovens, os que estão começando agora, vão me conhecendo. Vou passando pelas gerações de outros Xarpi. Foi assim com vários piXadores: **Tai**, **Vinga**, **Placa**. Os caras que ficaram na história. (Xarpi **Hiibi**, em

entrevista na favela da Cidade Alta, no bairro de Cordovil, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, em abril de 2017).

Hiibi comenta a forma como virou Xarpi, pela necessidade de se expressar. E quanto mais alguma coisa não colaborava para acontecer a vida que ele almejava, como a vontade de ficar com uma pessoa que não quer mais ficar com ele, a vontade de se expressar. Ganhou mais corpo, a partir de outra coisa que almejava, o que desejava e não poderia ter, acabou causando a sua expressão, durante a negação de não ter. PiXou para se expressar, e virou Xarpi/ piXador, no decorrer do aumento das quantidades de piXo/ expressão, no nível de outros que realizam a mesma prática, reconhecerem a marca de **Hiibi**. A negação da falta de fruição, fez **Hiibi** criar uma espacialidade, o universo Xarpi, através de outros, também desse universo, que inspira a vontade de se expressar Xarpi. O desalento amoroso de **Hiibi** consolidou como Xarpi, e hoje, entende que, assim como os Xarpi que ele admira, também faz parte dos nomes espalhados pela cidade, e poderá atravessar a geração de outros piXadores que ainda surgirão. **Domos** também traz irreverência na criação de seu nome Xarpi:

- Meu pai e minha mãe me prendiam muito. Eu era muito novo, mas já tinha colocado nome: **Simão**. Nessa época, minha mãe tinha uma barraca, que também vendia bebida. Daí, lá, vi uma garrafa de conhaque, com o nome de “Domus”. Bebi um pouco daquilo escondido, na garrafa, quando minha mãe pedia pra olhar a barraca pra ela. Cada vez que eu fazia esse favor, tomava um gole. Gostava do nome. Foi daí que tive a ideia de piXar **Domos**. (Xarpi **Domos**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017).

De **Simão** para **Domos**. Diferente da bebida¹²³, a palavra Xarpi é escrita com dois “os”, o que mantém o teor autêntico, alimentador de essencialidades de ser Xarpi. Entendo que a fala de **Domos** evidencia coisas profundas, como a da possível vivência peralta que ele admite ter vivido na infância, dentro da lógica, da ideia de que crianças não deveriam beber esse tipo de produto. Essa complexidade me lembra Fanon, quando disse: *“Os psicanalistas dizem que não há nada de mais traumatizante para a criança do que o contacto com o racional. Pessoalmente eu diria que, para um homem que só tem como arma a razão, não há nada de mais neurotizante do que o contato com o irracional.”* (FANON, p. 110, 2008). Esse olhar de Fanon me retoma a *“dissecção anatômica”* de Freud (2010), para continuar a falar da força impulsionadora a ser analisada. Quando Fanon traz a descolonização, é inevitável aceita-la nas relações de Ics. Até aqui, podemos resumir a questão nas lógicas da dúvida *“Como algo se torna consciente?”*, que seria uma pergunta melhor feita de outra maneira: *“‘Como algo se torna pré-consciente?’*. E a resposta seria: *pela ligação com as representações verbais*

¹²³ Conhaque Domus, bebida alcoólica elaborada a partir de gengibre.

correspondentes.”. (FREUD, 2010, p. 17). Tais representações verbais, segundo Freud, seriam os “*resíduos de memórias*”, que como toda sobra mnemônica, pode se tornar Cs, porque aquilo que já foi percepção pode voltar a ser Cs, através das percepções externas. (FREUD, 2010, p. 17).

Não é por menos que o racismo anti-negro no Brasil, muitas das vezes, é percebido como algo de existência de séculos passados, em olhares tão medíocres que, quando denunciados, recebem tais percepções como Ics, algo irracional, que não acaba naquele momento, tão moderno e racional. Na colonização, lesar, escravizar, matar, genocidar seu semelhante, é crime. Entretanto, para os viventes de uma falsa independência, de executores de espancamentos em troca de uma “soberania”, ou de indivíduos de liberdade constantemente ameaçada pela força supremacista, quando um corpo não é visto pelo outro como semelhante. A consideração de uma aparente irmandade que não é humanizada, logo, o que se faz para agredir, neutralizar e assassinar o semelhante “não semelhante”, não seria crime, pois estes não foram capazes de racionalizar o outro. Os casos que provoço em toda essa dissertação, aposto que, também, se deu sobre aqueles incapazes de racializar o mundo como absoluto.

Sem mais delongas, para chegar ao que quero dizer, invoco novamente Fanon, para seguir na problematização dos modos como um corpo preto é visto de modo “não semelhante”, e/ ou que deve mudar, se enquadrar em certo sentido, para ser reconhecido como um corpo, ainda que “não semelhante”. Isso cria uma consciência para esse corpo: a do colonizado. Concomitantemente também é inventada uma inconsciência coletiva desse colonizado: o desvio, como sinal de resistência à colônia. Um pequeno furto. Um assalto à mão armada. Independente da rubrica, a (des)colonização sempre é um fenômeno violento:

A descolonização, que se propõe mudar a ordem do mundo, é, está visto, um programa de desordem absoluta. Mas não pode ser o resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de um acordo amigável. A descolonização, sabemos-lo, é um processo histórico, isto é, não pode ser compreendida, não encontra a sua inteligibilidade, não se torna transparente para si mesma senão na exata medida em que se faz discernível o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo. (FANON, 1968, p. 26).

Quando percebo a descolonização como uma ação de desordem absoluta, acredito que ela venha por suas atitudes serem incapturáveis, assim como a ideia de enigma exposta aqui. Nessa realidade, a peleja colonizada alimenta como pode o movimento que coloca o opressor como dominador. A história do território salvo, e não saqueado. O ponto de vista dos “vencedores”, como expliquei no primeiro capítulo deste texto, quando analisei o significado

“casa do homem branco”, a partir da palavra Kariauc/ Kariók/ Karioká/ carioca, nomeação para os habitantes do Rio de Janeiro que, na verdade, significa (ou poderia significar) “casa dos carijós”, “casa do índio”, “casa dos índios cariós (tupis)”, ou “casa onde os inimigos encontravam a morte” (SILVA, 2016). Anulados ou deturpados, os colonizadores/ opressores mostram na roda da história que suas explorações, violações e extirpações são perdoadas. O cinema brasileiro oferece uma crítica a esse tipo de "perdão", no documentário “*Menino 23*”¹²⁴. O filme é sobre a conservação da escravização através da relação do nazismo no Brasil, na forma realizada pelo pensamento de eugenia, especialmente através do Movimento Integralista, de influência fascista. Acusador das ideias racistas presentes na Constituição dos anos de 1930, e denunciador da elite brasileira, “Menino 23” problematiza como as famílias e o citado movimento “receberam” apoio, terras, enriqueceram, em suma, ganharam poder público, político, cultural, social, econômico, ao longo de iniciativas continuadas de uma prática comumente entendida como crime: a escravização infantil e adulta.

A cada cena, uma revelação mais chocante que a outra. O documentário foi construído a partir do estudo de doutorado de um professor de História, Sydney Aguilar, que pensou sobre o caso depois de uma aula sobre Nazismo, onde uma aluna comentou da suástica, dizendo que na fazenda de seu avô, havia tijolos com esse símbolo. O historiador investigou o caso dos tijolos encontrados nessa fazenda, localizada no interior de São Paulo, em Campina do Monte Alegre, e descobriu, depois de alguns depoimentos, que ali era uma fazenda escravagista, de crianças, de maioria negra, órfãs, que eram escravizadas. A escravidão no Brasil “acabou” em 1888. Mas os documentos evidenciados no filme provam que a lucrativa prática se perpetuou por dentro das estratégias de formação das elites brasileiras¹²⁵.

Mas a séria investigação científica e histórica de Sidney Aguilar não só promoveu a possibilidade da produção de um filme, e de outros olhares sobre a remanescente escravização de corpos de negros e negras brasileiros. Todo esse movimento também gerou o repúdio dos acusados. A família Rocha Miranda, um dos principais grupos denunciados no documentário, explanou (e ainda explana) tais produções, acadêmica, cinematográfica, ou qualquer outra que denuncie seus perfis escravagistas, como algo calunioso, sem embasamento e sensacionalista. A desesperada justificação dos Rocha Miranda pode ser vista em um site¹²⁶, onde Sidney,

¹²⁴ Distribuído pela Globo Filmes, no ano de 2016.

¹²⁵ Mais sobre a pesquisa de Sidney Aguilar Filho em < <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/536/tese-da-area-da-educacao-revela-praticas-de-inspiracao-nazista-no-pais-antes-da-2a-guerra>>. Acessado em: 30 de jul. 2017.

¹²⁶ Segue o link da família Rocha Miranda. <<https://familiarochamiranda.com/>>. Acessado em 2 de jan. 2018.

suas parcerias, suas trajetórias para a pesquisa e a produtora do filme, recebem ataques. Os Rocha Miranda não toleraram o desvelo de como sua “perdoada” família conquistaram suas riquezas, e com isso, realizou o tal “direito de respostas”, se defendendo das acusações “infundadas” de uma pesquisa científica, em divulgações desastrosas, como no vídeo “Direito de resposta da família Rocha Miranda”. Os entrevistados desse vídeo são ex empregados da família Rocha Miranda, que “explicam” que eles, seus ex patrões, eram “pessoas boas”, “gente do bem”; ao mesmo tempo em que se mostram indignados com o que seu Aluísio, o “menino número 23”, declarou sobre o trabalho escravo, vivido na fazenda. Advogados, agricultores e administradores, homens e mulheres brancas, que, sem pudor, defendem a ideia de trabalho nazista neste lugar. O advogado da família na época, explica, por exemplo, sobre os símbolos nazistas, exibido por Sergio Rocha Miranda: *“Ele era um simpatizante do nazismo, na época. (...) Depois que houve aquelas atrocidades todas, ele deixou o partido, e tornou-se integralista, junto com seu Renato Rocha Miranda e Edgard Rocha Miranda.”* (entre 12’29” – 12’55”)¹²⁷.

Assim como Fanon, enxergo como autêntico essas ideias que *“protege os índios e arruína os estrangeiros.”*, estes de *“sonhos musculares, sonhos de ação, sonhos agressivos.”*, pois, *“Durante a colonização, o colonizado não cessa de se libertar entre nove horas da noite e seis horas da manhã.”*. (FANON, 1968, p. 37-39). Sidney não fez a pesquisa com índios, tão pouco a respectiva escrita trabalha com esses sujeitos. Porém, percebo a sinergia entre o índio narrado por Fanon, as crianças escravizadas, presentes nas denúncias feitas na pesquisa realizada por Sidney. Acredito que o índio de Fanon também poderia ser sinônimo do piXador pensado por mim, no processo desses sonhos, almejados para serem realizados nos processos de descolonização. Algo que jamais passa despercebido, porque pode introduzir o ser em um ritmo próprio, uma nova linguagem, sem a legitimidade de algum poder “santificado” pelo que está posto. Acredito que este tipo de agir, a descolonização, acaba não sendo aceita no quadro de resíduos de memória, pois é tomada pela forma do sistema Pcs-Cs, estes de investimentos no reconhecimento, criador da facilidade, possível no prosseguimento de elementos de tal sistema, a partir do interior. (FREUD, 2010). Por isso que quando converso entre Fanon e Freud para falar de alucinação, dentro da psicanálise, parece que está segue na linha dos que se comprometem prioritariamente com a relação sistemática Pcs-Cs, de admissão do absoluto, que não dá espaço para crescentes condicionais. Realizadas por fluxos rompedores do conforto, adquirido em troca da objetificação do outro, tornando este o

¹²⁷ Link do vídeo “Direito de resposta da família Rocha Miranda”, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3su2rgDWLZA>>. Acessado em: 30 de jul. 2017.

lado desfavorável, criado pela graça de um dos dois lados, o desgraçado do colonizado, não alucina, por não investir pragmaticamente no sistema Pcs.

Pensar o racismo é, para Achille Mbembe, “*também fazer uma crítica ao tempo e aos artefactos que pretendem ser os substitutos último da própria substância do tempo (estátuas, estelas, monumentos, edifícios).*”. (MBEMBE, 2014, p. 180-181). Isso me faz lembrar das provocações das sujeiras nos “artefatos do tempo” que citei, como a cabeça chumbada de um autêntico herói “nacional” (Monumento em Homenagem a Zumbi dos Palmares), ou o rosto petrificado de um autêntico herói “internacional” (Cristo Redentor), pois ambas parecem representar os processos de recordação ou do esquecimento, os atos falhos, os lapsos, ou qualquer “resistência ao reconhecimento”, que se dá por medidas complexas. Novamente falo da representação, da lembrança, em suma, da memória, em “*actos sintomáticos*”, estes que “*só têm sentido em relação a um segredo que não o é verdadeiramente, mas que, no entanto, nos recusamos a confessar.*” (MBEMBE, 2014, p. 180). A réu é lugar desses atos sintomáticos, pois se realiza como um momento “anti alucinógeno”, diante de toda essa alucinação violenta colonial. A réu acaba se tornando, por que não, um espaço para expurgar todas as múltiplas violências coloniais, estas presentes na vida do plano mental, “*dos músculos e sangue.*” (MBEMBE, 2014, p. 183), daqueles que piXam um artefato do tempo. Comentando um pouco mais sobre esses músculos e sangue, agora, irei trazer alguns relatos de Xarpi que passaram por estes processos cataclísmicos, dentro de suas ligações piXadoras.

- Estava piXando, e do nada começou a dar tiro. Corri, daí me pegaram. Mas apareceu uma senhora, e disse que eu não tinha nada a ver. Que eu não era envolvido com nada... que eu era sobrinho dela. E ela sem me conhecer. Eles me liberaram por causa dela. Fiquei umas 2 horas na casa dela. Depois eu fui embora. Foi o dia que pensei que iria morrer, porque estava lá, piXando, próximo de uma favela, no Centro, e do nada, estoura uma operação policial, para outras pessoas, mas eu, estava na frente. Eu ia ficar parado, no meio dos tiros? Por isso corri. Mas eles nem queriam saber. Quase fui forjado. A tia da favela que me ajudou. (Xarpi **Saga**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017).

Saga, jovem Xarpi negro, morador da região da Baixada-Fluminense, um dia, foi piXar, e ficou no meio de uma operação policial. Virou alvo vivo, e por isso, correu. Poderia ter morrido, e sentenciado facilmente pelo “auto de resistência”¹²⁸, que é quando as forças intermediárias do Estado brasileiro “recebem” o aval para matar um “suspeito”, antes mesmo de acusa-lo como suposto suspeito. A alegação para o auto de resistência é que o suspeito inventado resistiu à prisão, que foi o caso de **Saga**, já que correu no momento do tiro. Outra acusação contraditória para a criação do auto de resistência é a “legítima defesa” de uma

¹²⁸ Segue o link sobre o auto de resistência - <<https://apublica.org/2014/12/violencia-legalizada/>>. Acessado em 12 de jun. 2017.

pessoa armada sobre outra que, no máximo, é suspeita, mas “se mexeu” e, supostamente, trouxe uma iniciativa perigosa, portanto, um suspeito, algo que mostra vida, mas não deveria, logo, ameaça a possibilidade do que se pretende deixar como preservado. O que quero dizer é que o auto de resistência tem como “primeiras testemunhas”, a própria força de segurança do Estado, que é quem realiza o ato, ou seja, no caso do Xarpi **Saga**, se ele levasse um tiro, poderia ser acusado de ser “o dono do morro” que ele estava, ou seja, ser o “gerente geral do tráfico”, ou o “braço direito do gerente geral do tráfico”, assim como vende as notícias admitidas nos tabloides de sangue do cotidiano, mesmo que todos seus conhecidos saibam que ele era apenas um piXador, no “lugar e hora errada”, se algum dia já existiu hora certa para surgir um piXador. O crime cometido em algum envolvimento de auto de resistência não é investigado para além de quem realiza o próprio ato, dessa peça teatral de sangue da cidade do colonizado/ colono/ colonizado, consagrada rotineiramente por seu quadro genocida.

A ideia de auto de resistência pode ser facilmente forjada em um corpo Xarpi que está “na hora e lugar errado”. **Fino**, Xarpi da Zona Oeste carioca que já citei aqui, também poderia ter sido um número desse auto de resistência: “- *Invadi um terreno da Telemar, e o cara achou que eu estava roubando. E ele nem me abordou. Já chegou dando uns tiros. Mas consegui correr e me esconder no mesmo terreno. Ele pensou que eu tinha fugido. Fiquei lá até de manhã, na hora que trocou o plantão.*”. Suponho que se o tiro tivesse acertado **Fino**, a segurança privada iria chamar a polícia, para registrar o caso como auto de resistência. Mas, talvez, eu esteja equivocado, pois o auto de resistência não precisaria acontecer, quando tal ato pode ser trocado pela tal “justiça com as próprias mãos”, como no caso de **Skank**, **Ajax** e **Tok**, que na mesma réu de Olaria, trouxeram em seus relatos o cenário de tortura, o tipo de “pré-homicídio”, que já vem sendo abordado aqui, e que pode acontecer a morte.

“- *Estávamos na Penha, e do nada veio o sarango*¹²⁹ *e esculachou o amigo que estava embaixo, e o outro sarango, lá em cima, que me meteu a porrada. Quando ele veio me bater com a arma na mão, um 38, ele deixou cair. Aproveitei e fugi*”. (Xarpi **Skank**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017). **Skank**, jovem, negro, morador da Zona Norte, relata a vez que virou alvo de arma, depois virou saco de pancadas para policiais que faziam uma ronda, e presenciaram seu ato criminoso piXador, acompanhado de outros, que também participavam do crime, e que também foram espancados. Na atividade da violência física, um desses policiais se atrapalhou, e acabou deixando a arma cair,

¹²⁹ Policial, militares ou qualquer outra força armada (de fogo), oficializada ou não, que se propõe a limpar a sujeira admitida por quem o paga para isso. Por exemplo, os apoios que espancaram os grafiteiros confundidos com piXadores, seriam sarangos.

possibilitando, quem sabe, até a oportunidade do “alvo”/ “saco de pancadas”, se transformar em alvejador, espancador, ou sei lá o quê, da atitude desesperada de quem está sendo massacrado. “- *Fiquei na mão dos milícias. Os caras ficaram dando tiro em volta de mim. Me derrubaram, fiquei no chão. O cara desceu, e ficou me batendo. Destronquei o calcanhar. Outra vez, um coronel da PM me levou pra uma delegacia, e também, ficou horas me batendo.*”. (Xarpi **Ajax**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017). **Ajax**, ao relatar algumas das vezes que foi pego piXando, explicou que todas elas passaram pela “lição” da “justiça com as próprias mãos”. Em nenhuma dessas vezes ele teve a chance de alguém deixar a arma cair, ou então de criar alguma possibilidade de fuga. Virou alvo. Virou saco de pancadas. “Virou exemplo” para que ele, outros que conhecem a piXação e ficaram sabendo do ocorrido, para aqueles que não conhecem a piXação não passem a conhece-lá, ou, tão pouco pensem em piXar. “- *Eu, Velho e Soco, rodamos pros milícia. Sendo que o falecido Velho estava com um caderno de grafiteiro. Depois que a gente tomou umas porradas, ele viu o caderno, e dissemos que éramos grafiteiros.*”. (Xarpi **Tok**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017). A confusão que fazem sobre a prática do grafitti ser o elemento harmonioso e lógico da piXação, acabou livrando **Tok** e os outros Xarpi que o acompanhavam de uma trama ainda mais violenta, pois, após uma revista mais geral, já sucedida depois de agressões físicas, os jovens explicaram que eram “grafiteiros” e não criminosos. Mas, como eu disse, os Xarpi não deixaram de apanhar, porque mexeram com a lógica do artefato do tempo, na medida em que marcaram algum lugar que não era para marcar nada, logo, sujou o lugar marcado, e por isso, no aspecto do julgo, no mínimo, “mereciam apanhar”.

Por traz de toda essa lógica, a réu, lugar dos renegados, acaba acolhendo aqueles que poderiam ser taxados de “inimigo público número 1”. O Xarpi segue em lógicas que colocam estátuas como espaços de memórias que mudam a genealogia do reconhecimento, através da forma como “*desafia a morte, que, por sua vez, desafia o próprio objeto que era suposto preservar, simultaneamente, o lugar de pessoa e o do morto.*” (MBEMBE, 2014, p. 278). E já que esta morte coloca um estado de encontro entre o colonizador e quem ele coloniza, é importante dizer que a violência do segundo, do colonizado, não é por meios ideológicos. Como eu disse, no primeiro, se prevalece a relação Pcs-Cs e no outro, o julgado e sentenciado desse Pcs-Cs, que estaria presente com as relações no Ics. Explicando melhor, ainda através de Mbembe:

É exatamente o oposto da violência colonial. Antes de ser conscientemente voltada para o esmagamento colonial durante a guerra de libertação nacional, manifesta-se enquanto pura descarga – violência ad hoc, reptilínia e epilética, gesto assassino e

afecto primário que o “homem perseguido”, “de costas pra a parede”, “faca na garganta ou, para ser mais preciso, eléctrodo nas partes genitais”, executa, pretendendo com isto, de maneira confusa, “dar a entender que está preparado para defender sua vida”. (MBEMBE, 2014, p. 278 – 279).

O que isso quer dizer para o que estou escrevendo? Na oportunidade, o Xarpi foge, e muitas das vezes, essa esquiva seria ficar e resistir, aguentar firme a surra. O “aguentar firme” seria mediado entre o “O que estou fazendo aqui?” e o “Quando eu sair daqui, vou tentar/fazer de novo.”. A vida do piXador é ser piXador. Defender a sua própria vida e se manter vivo, é a sina de ser piXador, mesmo que este ser seja propagado em casualidades. Essa casualidade é capaz de fazer o Xarpi, por exemplo, a resistir a outras casualidades que possam comprometer a casualidade piXadora. E o que seria está casualidade? Aquilo, como já disse, que nasce do imprevisto. Surge quando (nunca) deveria existir, porque exime o presumido alheio de si e do outro, no interesse de continuar em um movimento que acaba estabelecendo-se de maneira anticolonial dentro da colônia. Mesmo que isso seja mortal. Mesmo que enfrentar isso seja loucura. O “ad hoc”, o destino do ser piXador é viver nesta e por esta mortalidade complexa, assim como é tratada a essencialidade do devir-negro do mundo, aquilo que pode ser problematizado na vida psíquica, filosófica, social, cultural, política, respectivamente (ou não).

Apenas afirmo a referência da psique para pensar sobre como os focos de resistências, os esquecimentos de lembranças que são marcadas no inconsciente, a tal Ics, negadora da personalidade presente com a consciência, do Pcs-Cs, enfim, todas essas realizações que se dão o Id, o Ego e o Superego, conceitos que nos servem para pensarmos incessantemente nas neuroses, psicoses e perversões determinadas pelos humanos. A psicanálise oferece para a ciência análises e iniciativas de questionamentos mediados na ambivalência. O Eu e o mundo externo: o outro, o destino do prazer e do(s) desprazer(es). As perversões, prioritariamente “fora” dos acontecimentos sexuais, acabam sendo vistas dentro de acontecimentos sociais; e o perverso, por isso, muitas das vezes, é referenciado como aquele odiado, e não quem, sem culpa, o odeia. O negro é acusado, cotidianamente apontado como cruel, sem juízo, incapaz de ter sentimento, pois quando o mostra, é ameaçador, seja o amor, seja o ódio. O destino das pulsões do negro seria a que já comentei, a relação de animismo, que, no mundo zoológico como o nosso, enclausura tudo que se move quando o momento é de ficar parado. É também o que acontece na vida Xarpi, quando o anus de um jovem é pintado, depois de ter marcado um muro que não era para ser marcado. Quem pintou o anus não seria o perverso. O perverso, na situação colonial, estaria incumbido de dominar todas as relações que deseja mediocritizar esse

mundo colonial. Ou então o perverso seria o incomodo proporcionado por algo fora do lugar, que muda o cenário, como uma marca espacial sem marca, que pela falta de referência de denominações fixas, acaba marcando a existência de dois outros que, na verdade, é apenas um: o da ignorância da neurose coletiva, propagadora de psicoses alternativas, mediadas pelo mundo contemplado por uma razão perversa.

Pensar os acontecimentos nas questões sexuais, como se faz na psicanálise, é, também, pensar nas contradições ditas sobre o sistema nervoso e o domínio dos estímulos. Tratar o perverso unicamente como o odiado, e não como uma possibilidade com o odiado, assim como é com o *odiador*, a todo momento, permite uma troca no “complexo de castração”, aquilo que o “Vocabulário de Psicanálise” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001) explica como a resposta para a diferença anatômica dos órgãos sexuais, que é colocado na vida social, desde a infância, no tudo atribuído à amputação, à não existência do pênis que interditaria, ou colocaria em um determinado lugar, alguém. Freud comentou que a nossa vida na infância, como crianças, e a vida dos povos primitivos, seriam importantes para pensar a libido e suas duas condutas de investimento, a externa, objetual, e a interna, do ego, que podem apresentar avanços e/ ou recuos, determinados na diferença entre “*libido do Eu*” e “*libido de objeto*”:

Enxergamos também, em largos traços, uma oposição entre libido do Eu e libido de objeto. Quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra. A mais elevada fase de desenvolvimento a que chega esta última aparece como estado de enamoramento; ele se nos apresenta como um abandono da própria personalidade em favor do investimento de objeto, e tem seu contrário na fantasia (ou autopercepção) de fim do mundo dos paranoicos. Por fim concluímos, quanto à diferenciação das energias psíquicas, que inicialmente estão juntas no estado do narcisismo, sendo indistinguíveis para a nossa grosseira análise, e que apenas com o investimento de objeto se torna possível distinguir uma energia sexual, a libido, de uma energia dos instintos do Eu. (FREUD, 2010, p. 12 –13).

Sendo uma interna e a outra externa, a primeira libido, a de instintos do Eu, acaba se encontrando no mesmo lugar da segunda, esta que mostra imediatamente uma energia sexual. O narcisismo, o amor pela própria imagem, coloca a libido em um esquema uno, que se sobressai mais do que o outro. “- *Ano passado, fiquei solteiro e piXeí quatro meses direto. De terça a sábado. Quem não transa, piXa.*”. (Xarpi **Art**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017). O relato do Xarpi **Art** mostra que ele não se fixa na preferência de um sobre o outro; o que ele disse, simplesmente, pela complexidade realizada da psicanálise, poderia ser enxergado além, se o entendimento for o de recusar a solidão, e preferir ficar com uma prática que não o deixa sozinho. A lembrança de não ter mais, no momento, um relacionamento sexual, expõe a negação da ideia de não poder aproveitar o fruir da vida, diante de sua situação. Por isso, já que não o tem, terá outra coisa, com muita

quantidade, uma porção maior do que a preocupação em ter a outra porção, a sexual, que logo menos acontecerá novamente com uma porção grande, quem sabe, até maior do que antes, mesmo porque, em nenhum momento, ele disse que não estava mais transando, e sim que estava transando menos e piXando mais, porque não tinha mais uma parceira sexual fixa. **Art** se recusou a ser castrado, ou que o castrem. A recusa do Xarpi **Art**, não foi a de não querer ficar solteiro. **Art**, um neurótico como eu ou você, meu/ minha caro/a leitor(a); mesmo solitário, nunca estará sozinho em seus usufrutos, enquanto recusar a recusa que existe sobre seu devir. “*Recusa*” é outro termo da psicanálise citado pelo recomendado vocabulário da área; por lá, a palavra é vista como um modo de defesa que se inicia pela recusa de quem é recusado. (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 25-26). Usado para pensar o fetichismo, aquilo que em 1905 Freud atualiza como algo para designar a perversão sexual por “*uma parte do corpo ou um objeto*” que substitua o corpo (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 13), a recusa também é importante para pensar as psicoses, a perturbação seguida da “*restauração do laço objetal*” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 23).

Tudo na recusa parece trazer uma inconstância de recusas que criam fetichismos e psicoses, sem uma ordem. **Art**, quando foi perguntado sobre sua maior fase Xarpi. O momento de sua vida foi quase todo realizado quando o Xarpi estava solteiro, e por isso tinha um tempo-espaco maior para ser Xarpi, algo que está determinado a deixar solitário todos os que se envolvem com essa prática, dependendo da relevância piXadora criada. PiXar muito e não tem tempo para namorar. Não namora, porque quer ter mais tempo pra piXar. Não namora porque ninguém namora piXador. Independente do que for: piXação. PiXa mais, não porque não quer namorar. PiXa porque tem a necessidade de piXar. PiXa hoje porque tem mais necessidade de piXar do que namorar, logo, ultimamente, piXa mais do que transa. O fetichismo de **Art** não envolveu um outro sexual, mesmo que afirme a presença de sexo, pois a prioridade seria criar um mundo piXado por ele, a recusa de objetificação psicótica que ele não deixa ser posicionado.

Volto ao Xarpi **Nuno**, quando ele parece comentar sobre esse mundo de recusa piXadora:

O mundo nos chama disso, de louco, mesmo sem nos conhecer pessoalmente, nos julgam pelo que fazemos, e não pelo que somos. Ali ninguém julga ninguém, não importa se você mora em uma favela, ou em um condomínio, não importa se você é drogado ou geração saúde, não importa se você é patrão ou empregado. Ali todos são pichadores. (...) cada um defende um lado, mas ali na réu, estão em sintonia. (DV, 2013, p. 60-61).

Preferem a disposição de serem significados a loucura do que o agir no agir que enlouquece julgando. Para **Nuno**, a vida piXadora cria uma sintonia entre os divergentes, através do espaço prioritariamente só de piXadores, a réu prefere a pronúnciação pouco clara, e acolhe o ser, não importa o que ou como se dá a recusa desse ser. Não é por menos que nas entrevistas, alguns piXadores confessaram que tinham “pecados maiores do que a piXação”, e que por causa desses pecados, não poderiam piXar, já que explicam que ao aceitarem a piXação em suas vidas, recusaram outras ações comumente recusadas. Por exemplo, quando os Xarpi **Tok** e **Domos** comentaram que já tinham usado drogas, como a cocaína e o crack (respectivamente), e que, por causa de seus amigos de réus, deixaram de usar tais entorpecentes.

- Com 9 anos eu dava teco, roubava os outros, fazia tudo o que tinha que fazer, mas com 13 anos eu parei. Tipo assim, se eu cheirasse até hoje, eu iria morrer. Daí, fiquei me dedicando na piXação. A piXação me tirou do pó. Tô com 32 anos hoje por causa disso. Conheci quando fui preso, naquelas paradas que colocam os menó. Por causa dela, da piXação, estou vivo. (Xarpi **Tok**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017).

- Eu vendia bala no trem. Daí, vi alguns malucos que eu conhecia indo pra réu. Lembro do **Sam** e do **Grego**, que era do Complexo do Alemão. Eles me chamaram. Daí, foi assim que voltei a piXar, em 2012. Maior tempão sem piXar. Então, ao invés de eu comprar uma pedra, que era 20 reais (porque eu só comprava meteoro), eu comprava uma lata. Depois disso, a piXação acabou me tirando desse vício, e me deu as coisas que eu mais gosto hoje: a rua e os amigos. (Xarpi **Domos**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017).

Tok, homem branco problemático, que prefere a droga da piXação do que outras, recusadas em troca de uma liberdade, feita pela aceitação de uma recusa que seria mais agradável para a determinação de seu devir, que não deixa de, por exemplo, usar drogas, como a piXação; uma recusa da falta de fruição feita por outra, o “teco”, que seria a gíria usada para falar da ação de cheirar cocaína. Já **Domos**, homem negro que vendia bala no trem, para conseguir dinheiro, que gastava com “meteoro”: a recusa, da recusa, da recusa (...). Meteoro seria uma pedra de crack, consideravelmente grande, objeto psicótico de uso, que foi trocado pela piXação, proporcionadora da neurose, mais do que qualquer outra realização subjetiva (a psicose e a perversidade), porque é com ela que ele, **Domos**, vai colocar aquele nome “neurótico”, comentado pelos amigos em uma réu do ano de “2017”, mas que foi realizado após uma réu de “2012”, ano em que parou de usar crack, e ficou só na lata de tinta jet spray. **Tok**, homem branco que foi detido algumas vezes, e levado para casas de reabilitação infanto-juvenis públicas, que não o recuperou da cocaína, mas sim sua relação com outros, onde, em algum momento, o apresentaram a piXação. **Domos**, homem negro que tem amigos e se sente bem na rua, duas coisas pouco apreciadas no sentido social, mesmo que

de forma velada, pois isso tira o inconsciente do estado de inválido para as necessidades de um devir. **Tok**, homem que passa e se relacionar com o inconsciente, mesmo que não fique fixo a ele a todo momento, assim como **Domos** também parece aceitar um relacionamento com seu inconsciente, momento em que ele, por ser preto e Xarpi, é exposto como irracional, bem como é **Tok**, por ser (“apenas”) Xarpi.

O “feio”, “ruim”, “sujo”, “sensitivo”, “superpotente”, “exótico” irracional vivido pelo negro, faz nascer a representação do mito negro, onde: *“Cada uma delas se expressa através de falas características, portadoras de uma mensagem ideológica que busca afirmar a linearidade da ‘natureza negra’ enquanto rejeita a contradição, a política e a história em suas múltiplas determinações.”*. (SANTOS, 1983, p. 27-28). É o branco, ou a concepção esclarecida como algo bom, que diz que esses corpos não querem nada? E o mito novamente aparece, acredito para que eu possa tentar dizer melhor. *“O negro acreditou no conto, no mito, e passou a ver-se com os olhos e falar a linguagem do dominador.”*. (SANTOS, 1983, p. 30). Se ele passou a falar a fala de seu dominador, dominado está. E saber que está dominado é o primeiro passo para deixar de seguir a zona de conforto colonial. Mas se estamos falando de irracionalidade, a esquiva, que vem do “não saber”, também manifesta forças que impedem que o corpo seja todo zona de domínio. Ao deixar sua espontaneidade ser castrada, *“o negro passou a reagir, ao invés de agir e até mesmo evitar a ação.”*. (SANTOS, 1983, p. 30).

Dizer que fazer Xarpi não leva ninguém a lugar nenhum é mostrar que alguns são ignorados, pois se tornam alguém considerado como ninguém, ou que o lugar que são considerados por este, logo, as pessoas deste lugar também seriam consideradas como ninguém. Policiais, professores, advogados e quem sabe até políticos, que frequentam as reús, os que podem ser de alguma relação piXadora, seja de maneira direta ou indireta. O corpo se torna mito de acordo com a medida de sua imprevisibilidade, e quanto mais imprevisível, mais tolhido o corpo será. A reú de Xarpi, então, seria aquele espaço onde o corpo não precisaria ser tolhido.

2.4 Xarpsicotrópicos antirracistas: sobre Xarpi, ser negro e ser brabo, no mundo colonizador

O racismo, ao taxar um inferior para a absorção de seu sentido, torna tudo que tem sentido para uma ameaça do outro, aproximando as relações entre o amor e o ódio. Não foi

por menos que Neusa Santos Souza disse que a “*emocionalidade do negro é quase sempre para lhe contrapor a capacidade de raciocínio do branco.*” (SANTOS, 1983, p. 30). Isso também me lembra que “*Besta de carga*” não ama e nem pode ter amor. Os drogados, maltrapilhos, mancomunados que resistem por viverem em um devir de recusas, também não podem. Mas e se a “*besta de carga*” ainda se sentir alguém? Uma pessoa, seja lá como for. E se a somática de um devir que passa diversas recusas, mostra que ainda existe o “*resquíio do período escravagista*”? Lembrando que a escravização foi o momento em que se iniciava a expressão “*besta de carga*”, mesmo período em que o mítico do negro servia de ferramenta competente “*para as tarefas árduas*”, assim como, também, servia como superpotência sexual. O início da formação da supremacia brasileira, criadora de estereótipos afirmativos de um biológico sobre outro biológico inferior, que “*reafirma a representação de animalidade no negro, em oposição à sua condição histórica, à sua humanidade.*” (SANTOS, 1983, p. 30-31).

Isso nos leva a pensar em mais um termo da psicanálise, o “*Ego Ideal*” ou “*Eu Ideal*”, a onipotência, o sentido “*todo poderosos*” de alguém (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 9). “*O Ego Ideal, instância regida pelo signo da onipotência e marcada pelo registro do imaginário, caracteriza-se pela idealização maciça e pelo predomínio das representações fantasmáticas.*”. (SANTOS, 1983, p. 33). Se considerar negro no mundo racista, é estar preparado para ser tratado como um fantasma. Estar todo poderoso para o negro, é estar preparado para ser tratado como algum tipo de ameaça, pois, quando se sente alguém que pode ser poderoso, tal poder pode ser para acabar o que está estabelecido pelo Eu Ideal do outro que, não aceita as relações do devir que surjam de pessoas, por exemplo, piXadoras, estas que mostram-se envolvidas com relações que são comumente alvo de recusa de aceitações, como comentei em outros exemplos, ao conversar, de maneira breve, sobre a relação de Xarpi e o uso abusivo de drogas.

A cultura dos narcóticos, aceitando ou não, está presente na modernidade. A discussão do uso ilegal e a legalização de algumas drogas já são estabelecidas de forma árdua, assim como é alimentanda com uma inconstante maturidade. Debates sobre o combate de drogas mortais como o crack, que é o resto da cocaína, composição liberada como *Ritalina*¹³⁰, medicamento para o “*déficit de atenção*” e a “*hiperatividade*”, e que faz um efeito parecido com a cocaína. Consumir drogas recomendadas não existe problema, pois droga mesmo são aquelas não recomendadas; aquelas que quando falamos, parece que estamos xingando

¹³⁰ Ritalina contém cocaína. Segue o link <<http://www.juridicohightech.com.br/2014/03/ritalina-cocaina-legalizada.html>>. Acesso em 3 de jan. 2018.

alguém. Cocaína. Crack. Maconha. Ter amigos. Ir para a rua e gostar. PiXação. É difícil referenciar as drogas como drogas, diante do mundo drogado que vivemos, onde todos tomam capsulas, no tratamento de alguma patologia presente, ou na anamnese de alguma patologia futura: capsula é o lugar do conforto contraditório por sua hipocrisia.

A relação entre as drogas, o mundo das cápsulas e o “Ideal do Ego”, acaba criando um lugar rebelde, principalmente no âmbito da cultural *pop* juvenil. De geração a geração, corpos, antes, utilizadores de controle remoto, e agora, usuários do *touch screen*, digo “cultura pop juvenil” para referenciar aqueles que, desde mais jovens, passam, passaram e passarão pelo mundo tela, que já acontece até mesmo antes da tela, através dos meios de comunicação, que divulgava notícias e entretenimentos que sempre girava em torno da gama da dominação hegemônica de alguma subjetividade. A grosso modo, para tentar me fazer entender melhor, posso lembrar de uma passagem de Fanon, quando ele comenta que as formas de entreter as crianças, muitas das vezes, recomenda o destino embranquecido que poderá se reverter em lógicas racistas.

As histórias de Tarzan, dos exploradores de doze anos, de Mickey e todos os jornais ilustrados tendem a um verdadeiro desafogo da agressividade coletiva. São jornais escritos pelos brancos, destinados às crianças brancas. Ora, o drama está justamente aí. Nas Antilhas – e podemos pensar que a situação é análoga nas outras colônias - os mesmos periódicos ilustrados são devorados pelos jovens nativos. E o Lobo, o Diabo, o Gênio do Mal, o Mal, o Selvagem, são sempre representados por um preto ou um índio, e como sempre há identificação com o vencedor, o menino preto torna-se explorador, aventureiro, missionário “que corre o risco de ser comido pelos pretos malvados”, tão facilmente quanto o menino branco. (FANON, 2008, p. 130-131).

Para Fanon, a agressividade coletiva está presente nas produções animadas oferecidas para crianças, adolescentes, enfim, o público mais jovem massificado. Nessas produções, com respaldo nas Antilhas, seria comum a figura do incapturável selvagem ou o enigmático gênio, terem representações de corpos negros. E dentro das lógicas onde todos querem ser o vencedor, e sendo esses personagens, muitas das vezes, os violões, a identificação do negro que consome essas animações literárias seria com o branco, o que vence nessas histórias. Com isso, acredito que a imposição do negro sempre ter a figura do “*gênio mau*”, acaba também impondo a necessidade de “*criar periódicos ilustrados destinados especialmente aos negros, canções para crianças negras, até mesmo livros de história, pelo menos até a conclusão dos estudos. Pois, até provar em contrário, estimamos que, se há traumatismo, ele se situa neste momento da vida.*”. (FANON, 2008, p. 132). “Periódicos”. “Ilustrações”. Músicas para “crianças negras” e, porque não, para o “adulto negro”, acontecem, existem/ resistem no sentido do entretenimento, obviamente rompendo com preconceitos, como os determinados pelo racismo, e outros fenômenos.

Os modelos de vestuários também contêm as representações dessas eclosões advindas do movimento da vida. O uso da maconha, admitido por artistas como o rapper carioca Marcelo D2¹³¹, é exemplo disso. Hoje, a maconha, erva proibida em muitos países, assim como no Brasil¹³², tem sua presença marcada na cultura. As estampas das tendências da moda urbana, mesmo sendo ilegal, contêm referências *canábicas* através de marcas da moda. Bandeiras a favor da legalização do uso desta planta tem sido cada vez mais levantadas. O autor de *manga*¹³³ (lê-se “mangá”) e diretor de animes¹³⁴ Katsumiro Otomo não colocou folhas da maconha nas estampas das camisetas de seus personagens, mas em “*Akira*”, *OVA*¹³⁵ de 1988, tem a representação de uma capsula nas roupas de seus principais personagens. Com um pouco mais sobre esta relação de dizer o que não deveria ser dito, como parte importante da rebeldia de ser o que não deveria existir, comentarei sobre a respectiva obra de Otomo, na intenção de incorporar no debate do “Ideal do Ego”, em alguns elementos contidos no enredo de *Akira*, com o objetivo de pensar os processos de criação de outro lugar, para as imagens de rebeldias.

Mesmo sabendo que *Akira* foi enredado por Otomo em duas grandes partes – um graphic novel, a versão mangá, na época, aqui no Brasil, publicado nos anos de 1990, pela editora Globo, um formato de histórias em quadrinhos¹³⁶; e a segunda pela produção de um anime que, diferente do manga/ graphic novel, trata apenas de uma parte do enredo, com alguns mesmos personagens -, tratarei de falar apenas da segunda. Pós-apocalíptico, futurista, um roteiro sobre a sobrevivência desenvolvida no ato moderno. Originalmente *Akira* foi primeiro publicado em 1987, para ser lançado no cinema um ano depois. O iconográfico filme parece ser baseado entre os volumes 1 e 11, visto que alguns acontecimentos mudam de uma maneira relativa, que permite o reconhecimento de um mesmo resultado – por exemplo, no manga, nas costas de sua jaqueta vermelha, Kaneda (um dos personagens que ainda será falado com mais atenção) tem as frases “GOOD FOR HEALTH” e “BAD FOR

¹³¹ Segue o link sobre a imagem de Marcelo D2 - <<https://diversao.r7.com/tv-e-entretenimento/marcelo-d2-para-foto-cercado-do-que-seria-maconha-10072017>>. Acessado em 6 de jan. 2018.

¹³² <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1231177.pdf>

¹³³ Histórias/ estórias, em gibi, ou, revistas em quadrinhos japonesa, o manga hoje já está bem presente no universo literário ocidental.

¹³⁴ Desenhos animados japoneses.

¹³⁵ Sigla de Original Vídeo Animation, que é a expressão para referenciar um longa-metragem de alguma animação de teor nipônico.

¹³⁶ Foram 38 edições avulsas pela editora Globo, que realizou uma versão "gibi" do manga *Akira*.

EDUCATION” [“Bom para a saúde” e “Ruim para a educação”], escritas que acompanham a estampa de uma cápsula; no anime, essa jaqueta vermelha tem como estampa apenas a cápsula.

Figura 47: Kaneda – “Bom pra saúde; Ruim pra educação”.



Fonte: pôster promo Mangá Akira.

Figura 48: Kaneda – Gangue Cápsula.



Fonte: promo do filme Akira.

Akira é um personagem que aparece no filme em partes, em uma espécie de crioconservação, pois, depois de sua explosão, logo no início do anime, ele acabou sendo dissecado. O contexto deixa entendido que, quando Akira descobre que seus poderes estão crescendo, o governo, que antes tinha o acolhido, passa a persegui-lo, pois o enxerga como ameaça. Akira, uma criança japonesa de poderes sobrenaturais, antes, pensado em projetos governamentais para se transformar em uma espécie de “arma nacional secreta, agora, entre os populares da “baía de Tokyo”, no mínimo, é um mito, pois a consideração percebida no filme é que Akira é um Deus, e por isso, vira alvo. Outra relação do longa metragem é que, mesmo com a existência tendo ocorrido após o seu lançamento, Akira é considerado como um

dos clássicos do cyberpunk, que seria aqueles animes de ficção científica, que sempre mostram as contradições e deflagrações da civilidade.

Em temas girando em torno dos perigos das tecnologias das armas atômicas, Akira, parece tratar, logo no primeiro momento da animação, certo significado do pesadelo japonês com relação aos ataques em Hiroshima e em Nagasaki, cidades que em agosto do ano de 1945 foram bombardeadas. “1988.7.16 Tokyo” [“16 de julho de 1988 – Tóquio”]. São essas informações que aparecem nos primeiros segundos de Akira. Em seguida, a cidade referida, que está aparecendo na tela, explode. Depois disso, começa a história, em uma outra cidade, em outro período, a Neo-Tokyo [“Nova Tóquio”] em 2019. A explosão não é explicada de imediata no filme, então, assim como eu, quem não leu por inteiro o manga, ou então quem nunca leu nada de Akira, acaba não sabendo o que houve para acontecer aquela explosão que faz surgir, anos depois, a Neo-Tokyo. Envolvendo o conflito entre o interesse de seres humanos com poderes sobre-humanos, psicocinéticos, Akira parece trazer uma metáfora de um “futuro de agora”, pois evidencia temáticas nossas, como os problemas sociais e políticos, a corrupção governamental, o sistema militarizado, o pouco acolhimento com as juventudes e, porque não, os Jogos Olímpicos, pois no contexto desse universo “fictício”, assim como o nosso de “verdade”, terá em 2020 o referido evento.

Figura 49: anúncio da data das Olimpíadas de 2020 no Akira.



Fonte: print do filme Akira feita pelo próprio autor, 2017.

As leituras do desagrado moderno de Otomo se dá pela Neo-Tokyo, inaugurada como “toda boa” cidade. Limpa porque é modernizada com sinais de trânsito, grandes edifícios, propagandas... e suja porque é modernizada com sinais de lixo como guimbas de cigarro, outros materiais usados jogados no chão, nas paredes, como o palavrão internacional “Fuck

You” [“Foda-se”], escrito na entrada de um bar, aparentemente frequentado por jovens que poluem o chão, as paredes e todas as outras partes da cidade. É neste momento que aparece um jovem de costas, vestindo uma jaqueta vermelha, com uma pílula, uma capsula azul e branca estampada nela. Este é *Kaneda Shotaro*, que estava colocando uma música na *junkebox*, aquelas máquinas que comportam álbuns de variados artistas da música. Meio marrento, ele sai do bar, e vai ao encontro de outro personagem importante para a trama, *Tetsuo Shima*, que estava mexendo em uma moto vermelha que, em seguida, o espectador descobre que o dono da mesma é Kaneda. Infundavelmente filosófico, considero *Akira* uma obra de suma importância para reflexões sobre os fenômenos percebidos na modernidade, principalmente aqueles que são sentidos e pouco (ou nada) explicáveis. Mas para o foco desta leitura, conversarei com Kaneda e Tetsuo, os dois personagens que dão liga para o filme.

Figura 50: início do filme *Akira*.



Fonte: print do filme *Akira* feita pelo próprio autor, 2017.

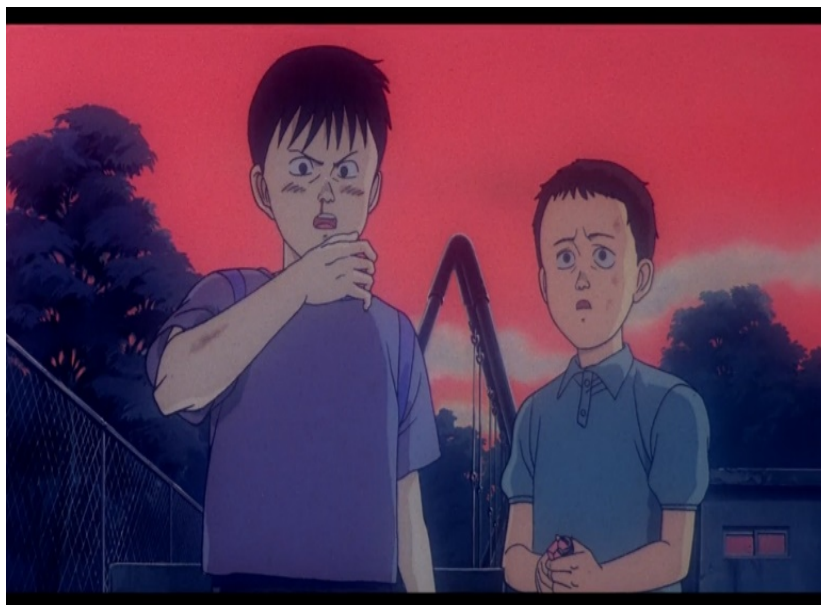
Pulando muitas tragédias na vida destes dois personagens que são praticamente irmãos, pois cresceram juntos no mesmo orfanato, Kaneda e Tetsuo é o principal motivo de eu citar *Akira*. A relação dura dos dois os fizeram criar uma gangue, um grupo de jovens que agem

com banditismo. E foi por causa do nome desse grupo que insisto no embaralhar de minhas referências. “Capsule”[“Cápsula”] é um dos grupos de jovens motoqueiros que se enfrenta com outros grupos rivais, como a “Clowns” [“Palhaços”], que entram em confronto no primeiro momento do filme. É durante esse digladiar que Tetsuo acaba acidentado e sequestrado pelo governo. Tetsuo é submetido a experiências que demonstram um incrível potencial psíquico, o que remete ao governo as lembranças de Akira. Assim como Akira, Tetsuo mostra um descontrole de seu poder. Após muitos momentos rítmicos e sensacionais do filme nas cenas com Tetsuo, no fim, ele se transforma em um tipo de mostro, ficando gigante, inchado e deformado, e assim como Akira, também explode. Já Kaneda, a todo momento, desde o sequestro, vai atrás de Tetsuo, para tentar resgatá-lo, pois é a liderança da gangue de Tetsuo, para além de serem melhores amigos. Ele precisava fazer algo. Kaneda se encontra com outros membros da gangue Cápsule, que são *Yamagata*, *Kaisuke*, *Kuwata Mitsuru*, *Watanabe Eiichi* e *Takeyama Yuji*, todos da mesma escola. Apenas Yamagata¹³⁷ (que é morto por Tetsuo) e Kai(suke) ganham maior destaque. Ao meio da relação da gangue Capsule, cápsulas aparecem. Tetsuo evolui seus poderes através de pílulas que lhe são medicadas. Mas também parece existir pílulas para controlar o poder de Tetsuo. Em certo momento, Tetsuo, um pouco antes de assassinar Yamagata, joga fora capsulas que, agora, com super poderes, acabam sendo desprezadas por ele, talvez por não fazer o mesmo efeito que elas fariam antes dele manifestar poderes psíquicos.

Kaneda, o “mocinho” do filme, briga e fica as noites pela rua. Seu amigo, Tetsuo, o acompanha, mas depois o abandona, porque deixa o poder o consumir, literalmente. Tetsuo, outro personagem que nós da “Geração 80/90”, tanto gostamos, e sei lá porque, já que ele enlouquece no decorrer do desenho. Seu poder, aos poucos, acaba consumindo todo o seu corpo, inclusive dentro de sua gangue, grupo que nunca virou as costas para ele, mas foi o grupo que ele virou as costas, e no fim, consumido pelo poder, chamou de volta seu melhor amigo. “- *Kaneda, socorro!*”. Essa foi a frase de Tetsuo para Kaneda, antes de começar a virar algo inominável. Inicialmente com problemas para ser visto como alguém considerado dentro da gangue, Tetsuo, nos momentos de ação, antes de manifestar seus poderes, se mostrava fraco, inexperiente e introvertido, como se agisse em um grau de escala, e se sentisse o mais inferior da mesma. Mas ninguém, dentro da Capsule, parece julgar Tetsuo de alguma forma. A característica introvertida de Tetsuo vem desde a infância, no orfanato, período em que Kaneda o protegia das ameaças que ele sofria.

¹³⁷ No mangá, ele é morto por um tiro.

Figura 51: Kaneda e Tetsuo no orfanato.



Fonte: print do filme Akira feita pelo próprio autor, 2017.

Katsushiro Otomo aborda questões de singularidades em Akira, criando um mundo que deu errado por causa da capacidade ainda maior da racionalidade, através de uma inteligência humana mais evoluída, aliás, tão evoluída que é capaz de reconhecer que este mundo está fadado à destruição, que é o que acontece no começo, e também o que acontece no final. Mas, ao que me parece, essas destruições se diferenciam, pois, mesmo que depois dela, o colonizador seja o mesmo, os colonizados nunca são. No começo do filme, Akira vira um Deus, em um mundo onde existe a gangue Capsule. No fim do filme, Akira retoma a vida em corpo, e na devastação, a Capsule sobrevive, na figura de Kaneda e Kai. E no que fiquei sabendo, no fim do enredo do manga, Kaneda se transforma em uma liderança de outra Tokyo, sem o “Neo”, e sem o governo antigo, a figura do colonizador, pois se transforma em um império independente. Akira colocou a gangue Capsule na cultura pop, sobretudo por causa da simbólica jaqueta vermelha de Kaneda, que continha uma droga estampada. Tenho certeza que, assim como eu, muitos jovens que cresceram nos anos de 1990, hoje, ainda querem uma jaqueta parecida como a de Kaneda, ou até, quem sabe, dar um *rolé* na moto dele. Akira marcou a minha infância porque era um desenho onde os bandidos eram interessantes. Os principais, os dois que cito aqui, seriam aqueles que são reduzidos a “marginaizinhos”, pois eles fazem parte de uma gangue.

Figura 52: a transformação de Tetsuo.



Fonte: print do filme Akira feita pelo próprio autor, 2017.

Akira fala de uma série de fatos, relacionando sistemas culturais, políticos e sociais na vida de jovens contextualizados na história, por exemplo, como corpos que são pouco acolhidos dentro da escola. Descontentados, a gangue Capsule surgiu no nervo de manifestações anti governamentais, aqueles, provocadores de uma atenção que parecem querer acabar com tudo o que vê na frente. E é com isso e muito mais que Akira, mostra capsulas como sinônimo de adrenalina, e tem efeito onírico de caráter destruidor, este que envolve o nosso bel-prazer com adjetivos rompedores, que tira do lugar o incomum, o tornando comum, mesmo que digam que, o que faz, não é comum, e o que não é comum, em um mundo de apenas um lado “ser comum”, o que está fora do comum, se tornaria alvo para que seja enquadrado, custe o que custar, dentro do comum. Neo-Tokyo estava incomum, por causa dos conflitos. Esses conflitos manifestaram o Akira, que quando mostra seu poder, acaba destruindo tudo, para que algo novo seja feito, algo fora do comum, e por isso, Tetsuos, Kanedas, são importantes, assim como os piXadores, eu e você leitor/a, capaz de desejar outra humanidade, todos os dias, seja lá qual forem os desejos para esta humanidade, algo que pode ser comentado por Mbembe, quando ele disse:

No pensamento da descolonização, a humanidade não existe a priori. Deve fazer-se surgir pelo processo através do qual o colonizado desperta para a consciência de si, apropriando-se subjectivamente do seu eu, desmonta a sua cerca e permite-se falar na primeira pessoa. Em contrapartida, o despertar para a consciência de si ou ainda a apropriação de si não visam unicamente a realização do eu, mas também - e ainda mais significativamente - a ascensão em humanidade, um recomeço de criação, a abertura do mundo. (MBEMBE, 2014, p. 59).

Para Mbembe, a ascensão da humanidade se dá pelo recomeço, a abertura para outro mundo, um diferente para o agora, momento da descolonização, de, talvez/ possivelmente,

não ser tratado como humano, pois não se manifesta da consciência do outro, mas sim de si, através desse fenômeno violento, quando se dispõe para a “*substituição total, completa, absoluta*” de uma “*espécie*” para outra. (MBEMBE, 2014, p. 25). Akira é destruidor. Tetsuo é destruidor. Kaneda é destruidor. Neo-Tokyo é destruidora. Destruição apresentada na “*visão do mundo da coletividade à qual ele pertence*” (MBEMBE, 2013, p.135). O colonizado (pelo poder) Akira. O colonizado (por se achar melhor do que o outro), Tetsuo. O colonizado (pela liberdade), Kaneda. A colonizada (pelo devir), Neo-Tokyo. Os processos de desejo culturais descolonizadores são muito presentes na cultura contemporânea. E é por isso que estas instâncias chegam na organicidade das produções, como fez o rapper norte americano Lupe Fiasco, que fez um disco inspirado em sua vida, e recebeu o nome de “*Tetsuo & Youth*”. Seu 5º álbum, lançado em 2015, pela 1st & 15th Entertainment e distribuído pela Atlantic Records. O disco se chama assim porque Lupe Fiasco se inspirou no seu personagem favorito de Akira, Tetsuo Shima. Anti-político e anti-religião, Lupe Fiasco é mais um desses que, como o piXador, se não fosse Tetsuo, seria o Kaneda.

Voltando a falar de descolonização, é importante dizer que o moralismo do dominado, não é o do dominador. Mas parece que tal moralismo é confundido entre os moralizantes, quando o colonizado almeja querer ser dominador. Crença (acredito) falida, já que impor silêncio absoluto na soberba do colono, seria impossível. No mundo onde (supostamente) todos os homens são iguais, e o colonizado sai dessa “igualdade” para ser igual ao colono, ou seja, o que ele faz é substituir o colono. Ele não desmorona o universo material e moral do colonizador. O que o “ex-colonizado” faz é sair de seu lugar para ser mantenedor da colônia, esta que segue sem mudanças metamórficas, ou seja, continua colônia. O que muda é a figura do colonizador, mas a relação, a forma, segue, permanece. A exemplo do “fim feliz” de Akira, aquele do manga, e não do filme, que acaba totalmente de forma enigmática, sem um desfecho. Pois bem, se Kaneda virou uma liderança independente, isso não quer dizer que ele não irá propagar colonizações; ações que também não é obrigado a ser totalmente colonial, mesmo porque ele irá viver ao meio de outras colonizações, já que se exime de uma liderança ditatorial, o que, francamente, dá espaço para qualquer um se tornar colonizador.

Quando um colonizado vira colonizador, por ter sido colonizado, cria a ideia de possibilidade do “agir”, de “ser”, visto que seu almejo de acabar com mundo colonial, ou seja, os desejos criados na condição de colonizado, são despistados pelo plano universal, já que tal “ex-colonizado” passa a lutar pela paz entre o colono e o colonizado. “*Mas o que não percebe, exatamente porque o colonialismo se infiltrou nele em todos os seus modos de pensar, é que o colono, uma vez desaparecido o contexto colonial, não tem mais interesse em*

ficar, em coexistir.” (FANON, 1968, p. 33). Isso acontece quando um intelectual colonizado segue um colonialista, motivado por quadros administrativos, técnicos e especialidades, o que lhe afasta de outras interpretações, e ainda fica sendo visto como sabotador da descolonização, sobretudo, quando o colonizado “comum” declara “*Não valia a pena, então, ser independente.*”. (FANON, 1968, p. 34).

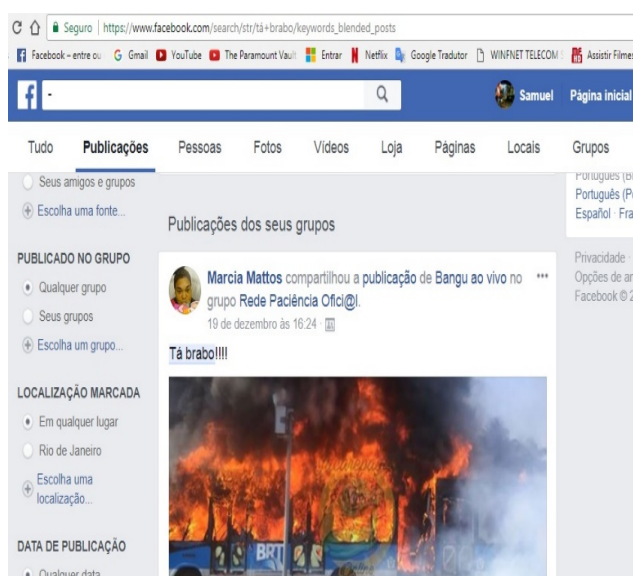
Fanon explica que, no intermédio com seus universitários, o colonialista, dentro de seus narcisismos, impõe uma profunda e eterna essência para o colonizado. A partir de atribuições fundamentadas, estas construídas a despeito de seus erros, o colonialista pode transformar os colonizados e, principalmente, o intelectual colonizado, em sentinelas vigilantes factícios, estes pulverizados em contato com outros colonizados, aquelas “não pessoas”, que ficam de fora da “triumfal” clareza e beleza. O discurso do intelectual colonizado, usado para que esses outros colonizados sejam considerados como “pessoas”, não passam de palavras mortas. O egoísmo, a recriminação orgulhosa, a imbecilidade de quem tem sempre que ter a última palavra. “*Esses valores que pareciam enobrecer a alma revelam-se inúteis porque não se referem ao combate concreto no qual o povo está engajado.*”. (FANON, 1968, p. 35). Desta maneira, o intelectual colonizado pode ter todos os seus ídolos (os mesmos dos colonos) como mortos.

Ser piXador/ Xarpi é estar pronto para ser tratado com momentos que parecem com aquela permanência que vive o negro que não se priva de perceber ou ocultar o racismo. Para ser piXador/ Xarpi é preciso aceitar a possibilidade de ficar brabo com alguma situação que possa te acontecer, e que, provavelmente, irá acontecer, como cair de um prédio, ser pego pela polícia, ser pego pela milícia, ser pintado, ser espancado, ser animalizado, ser alguém capaz de perder alguém querido, porque aconteceu algumas ou nenhuma dessas coisas, mas que será lembrado, sempre, nos momentos de réu. Para ser negro, apenas basta não ser da cor branca e seguir tentando ser, em um mundo que, uma hora ou outra, não irá desejar sua presença, e desejará que você caia de um prédio, que seja pego pela polícia, pela milícia, pela tinta branca, pelo soco que será acertado sem a possibilidade de reação, pelo animismo ancestral, ser alguém que pode morrer a qualquer momento, por isso que o que cito, no decorrer do trabalho, provavelmente deixa você, leitor ou leitora, brabo/ a, principalmente se quem lê meu texto, dor da cor de pele preta. O racismo, que não deixa nós, negros e negras, a simplesmente ser, sem toda essa domesticação, mutilação, supressão “necessária” para toda essa modernidade.

A etimologia da palavra “brabo” vem da alteração fonética de uma expressão semelhante, o termo “bravo”, do latim “bravus”, que advém de “barbarus”. Feroz, selvagem,

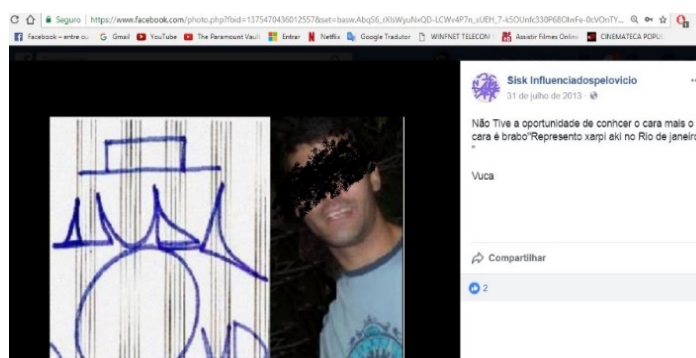
revolto, tempestuoso, valentão, venenoso, extremo, incapacitado. Danado, corajoso, valoroso, extraordinário, digno, indomável, intenso, sério. Através de uma análise rápida em um site de busca pela internet, o Google, percebe-se que brabo é usado para valorizar semanticamente algo como negativo, assim como é tratado como adjetivo de significância positiva. Essa maneira dúbia da palavra brabo faz presença nas redes sociais. Vejam esses *print screen* feitos pela minha rede social:

Figura 53: print sobre a expressão brabo 1.



Fonte: print screen feito pelo próprio autor, 2017.

Figura 54: print sobre a expressão brabo 2 (em homenagem a Vuca).



Fonte: print screen feito pelo próprio autor, 2017.

Na primeira imagem a palavra brabo parece que foi usada para dizer que a situação está ruim, porque o inesperado, como algo desagradável, aconteceu até com o transporte público, estes de passageiros que vivem uma vida nada fácil, e para além disso, ainda ficaram

imobilizados devido à falta deste transporte. Um tipo de “ruim com ele; pior sem ele”: “*Tá brabo!*”. Já o que poderia se dizer da segunda, em comparação com a primeira, onde o único sentimento em comum entre as duas seria o inesperado. O jovem da foto é **Vuca**, Xarpi que, apesar de morto, continua brabo, seguindo na memória desse universo proibido. Brabo, hoje, é o vocábulo trazido pelos (as) jovens. Invoco agora o termo “brabo” na forma como vem sendo usado por um dos jovens Xarpi que entrevistei, **Pato**, que explicou que ser piXador não é simplesmente escrever um nome misterioso em alguma parede censurada. Para ele, ser piXador, ou nesse caso, para ser Xarpi, a feitura de escrever nomes em paredes, deve ser feita em alta quantidade, no nível de outros Xarpi reconhecerem a ação desse praticante.

- ... antes, eu era fraco. Agora, sem querer ser soberbo, eu sou brabo! Sabe por quê? Porque a rapaziada reconhece o que faço. (...) Eles sabem que sou brabo, mas quero que mais deles saibam. E quero que os que já sabem, entendam cada vez mais que sou brabo. Porque se eu parar o ritmo, deixo de ser brabo. Tirei esse ano de 2017 para isso: ser brabo! Ser Xarpi. Um Xarpi brabo!

Daí, foi assim, fiquei tacando nome com essa galera. **Saga, Vera, Akco...** sou brabo porque me conhecem. Porque sou criticado. Gosto disso também. Tem bolação, mas eu sou tranquilo. A parada ficou séria. A para é dar um rolê com os amigos e já era. (Xarpi **Pato**, em entrevista em Madureira, na madrugada da cidade do Rio de Janeiro, no dia 12 de abril de 2017).

Com muitos nomes espalhados pela cidade, **Pato**, jovem negro, baixo, magro, de 24 (vinte e quatro) anos de idade, que se reconhece como negro de maneira (comumente) confusa - explicando que apesar da cor “parda” em sua Certidão de Nascimento, se considera preto, pois membros de sua família biológica são pretos. **Pato** se identifica como brabo porque o resultado de sua ação piXadora tem sido cada vez mais reconhecida entre os piXadores. Quanto mais o piXador sai pra piXar muros, mais ele sofre riscos, e por isso, mais brabo ele será, porque enfrenta os riscos de morte cada vez mais, entendendo que, para além de ser um crime, tal infração é tratada no “senso de justiça” (ação que já tem feito parte de comentários deste texto). Será?

A maior mentira que tem sobre piXador, é o cara falar que alguém é mais brabo do que o outro. Porque geral corre o mesmo risco. Geral *tá* no foco de tacar nome em algum lugar, e sofre o mesmo risco. E piXação não leva nada a ninguém. É uma diversão... mas tá sujando casa dos outros, tá correndo risco na rua, invade propriedade alheia...

Brabo é todo mundo que piXa. Geral que tá na rua piXando, é mídia. Tenho quase 20 anos de piXação, mas mesmo que eu tivesse 1 ano, iria me considerar mídia.

O cara que é mídia, o cara que é palha... o cara que começou hoje. Geral é brabo. É só sair pra piXar, que vira brabo. (Xarpi **Art**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017)

Obscurecido, nebuloso, misterioso, com episódios enigmaticamente intensos. O que seria estranho aos olhos das razões elucidadas? As atitudes mais fervorosas do que ponderadas, especialistas em desarranjar a luminosidade hegemônica do entendimento

ocidental, em práticas iniciadas e inacabadas. “*Pesadelo do sistema não tem medo da morte*”, como diz Mano Brown na música “Eu sou 157”¹³⁸. A frase do rapper paulistano me lembra esses feitos que são alimentados cotidianamente no estabelecimento da estrutura humana que indissocia prazer e perda de si.

Ser brabo, no mundo Xarpi, ou através de sua ambiguidade, parece ser aquele sentimento determinado pela vontade de ser. Apesar de quase 20 anos de piXação, **Art** se diz brabo, na condição de reconhecer que todos os piXadores, aqueles que fizeram ou farão piXação, serão brabos. Não é por menos a lembrança de **Vuca**, e de outros que já se foram; mesmo mortos, continuam sendo lembrados como brabos, para os vivos. E tudo isso se dá entre os “mídia” e os “palha”. Mídia seria aquele Xarpi que está em foco, e o palha seria aquele Xarpi com pouco foco, mas, mesmo assim tem um foco, afinal, alguém o enxergou e o denominou como palha. Falando dos mídia, que também podem ser reconhecidos como palha, ou melhor, falando dessa relação de brabo entre Xarpi, comentarei sobre algumas relações que parecem admitir essas complexidades.

(...)pichador só fica famoso quando morre, e aparece nas capas dos jornais a sua morte. E é por isso que digo: prefiro ficar vivo a ser um famoso morto. Na verdade, a palavra certa nem é fama, mas reconhecimento, e só vale a pena quando vem da forma natural. O pichador fica lembrado para sempre. E mesmo que seu nome seja apagado das paredes na memória de quem viu, estará sempre lá, pois pichador eterno não é aquele que pega o lugar mais alto, pedras, ferragens, locais impossíveis, mas aquele que consegue por o nome no imaginário da pessoa, e conseguindo ir além da tinta e atravessar os anos nas conversas de eventos e reuniões. (DV, 2013, p. 18).

Nuno comenta novamente sobre a relação de morte permanecida no contexto Xarpi. Segundo ele, se mídia/ palha fizer o que fazem, apenas serão famosos quando morrerem. É aquilo que fez **Art** comentar que Xarpi é algo depreciativo até pelo próprio piXador, pois “*suja a casa dos outros*”, e não dá em nada, apenas a brabeza que, talvez, seja pouco reconhecida.

– Que é que você pode fazer?
 – Começar!
 – Começar o quê?
 – A única coisa no mundo que vale a pena começar: o fim do mundo, porra!
 (CESAIRE, apud FANON, 2008, p. 93).

Citei em Fanon, mas essas escritas são de Aimé Césaire, em “*Cahier d’ un retour au pays natal*” [“Caderno de retorno para o país nativo”] (p. 56). O brabo seria o segundo, o que exclama, após as perguntas do primeiro. Deturpando com todo o respeito, essa segunda fala de Césaire, exclamo as frases novamente. *PiXar! A única coisa no mundo que vale a pena começar: piXar a porra toda!* O Brabo do Xarpi quer piXar tudo, porque quer acabar com o

¹³⁸ Faixa do disco “Nada como um Dia após o Outro Dia” (2002).

mundo, para começar a formar outro mundo, o mundo piXado, como já disse, o mundo do colonizado, condicionador do fim do mundo do colono, de cidade limpa, sem piXações.

Ser descolonizado, agir assim, seria agir no reconhecimento de que o colonizado pode ser desgraçado por uma prisão, espancamento e morte. O corpo negro (ou não branco), apenas por não ser branco, já pode ser realizador de algo visto como descolonizado - dormir ao relento, no objetivo de não dormir em casa, para economizar o dinheiro que ganhou na rua limpando vidro de carros no centro de uma cidade, como o jovem Rafael Braga Vieira¹³⁹; ou dormir na rua apenas porque não tem recursos para uma estadia, que é o caso do índio Galdino Jesus dos Santos¹⁴⁰; e até sendo uma Iyalorixá como Gildásia dos Santos e Santos (Mãe Gilda)¹⁴¹. O apenas ser, o abrir os olhos pela manhã, levantar e viver, pode ser causador de uma situação que coloca esse corpo que “abre os olhos” em risco, pois tal corpo não é aceito com vida. Viver, para o/ a preto/ a, é uma atitude inconsciente/ descolonizadora, por menor que ela possa parecer. A claridade genocida, advinda dos semelhantes, principal conscientizador da certeza de que o corpo não semelhante poderá “se dar mau”, por ter a coragem de viver diferente da ideia de ser igual, agir como homem branco, ou ser aceito por ele, expõe a soberba embranquecida do colono, do sentido de ser branco, da “branqueidade”, esta que (aparentemente) nunca pode ser silenciada. *“Por mais dolorosa que possa ser esta constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco.”*. (FANON, 2008, p. 28).

¹³⁹ Único condenado por participar de protestos em 2013, mesmo que não tenha participado dos protestos, Rafael é um jovem, negro e pobre que, antes de ser preso e condenado a 11 anos de prisão, morava da favela Vila Cruzeiro, junto com sua mãe e irmãos. Rafael estava com um produto que foi confundido com uma bomba caseira, visto que tal produto era usado por Rafael para limpar vidros de carros no Centro do Rio. Existem outras situações sobre o caso, que não deixa de explicitar o racismo com Rafael. Segue mais informações na matéria “Condenação de Rafael Braga gera revolta”. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/04/22/condenacao-de-rafael-braga-gera-revolta/>>. Acesso em 10 mai. 2017.

¹⁴⁰ Homem queimado vivo por jovens de classe média nos anos de 1990, quando dormia na rua, em São Paulo. Leia sobre o caso na matéria “Tragédia de índio Galdino, queimado vivo em Brasília, completa 15 anos”. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/tragedia-de-indio-galdino-queimado-vivo-em-brasilia-completa-15-anos/?gclid=CMn177SkxdQCFVBZhgodMp4CpQ#gs. =NZ=EUY>>. Acesso em 10 de mai. 2017.

¹⁴¹ Mãe Gilda de Ogum, morta após a publicação do jornal Folha Unive/rsal - veículo jornalístico da Igreja Universal do Reino de Deus, e no referido caso, a edição teve 1372000 exemplares, distribuídos gratuitamente entre 26 de setembro e 2 de outubro de 1999 -, trazia na capa o título “Macumbeiros, charlatões, lesam o bolso e a vida de clientes”. O veículo de comunicação desmantelou uma imagem de Mãe Gilda, ilustrando-a com uma tarja preta em seus olhos, “normalmente” usada para não identificar alguém que está envolvido em crimes. Após essa exposição, a casa de Mãe Gilda foi invadida e destruída por religiosos neopentecostais, onde ela sofreu seu primeiro infarto, e que depois disso, em 21 de janeiro de 2000, a mãe de santo veio a falecer. O caso de Mãe Gilda pode ser visto no site da Fundação Palmares. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=34790>>. Acesso em: 21 set. 2016.

Volto “*para um objeto de comparação que em todo caso é mais afim: o corpo humano ou animal.*”. (FREUD, 2010, p.16). A descolonização de Fanon parece que tem a ver com isso que Freud chama de “objeto de comparação”. É com a descolonização que Fanon se depara com as reações de dificuldades que lembram as fases infantis, que no corpo adulto, se tornam delírios, assim como Freud comenta que existe certa obrigação de desenvolver, ganhar sentido, sem a conservação dessa fase. Em Fanon, o negro, ou o ser em descolonização, parece não se desfazer dessas formas. Para Freud, isso, o sentido infantil, essa conservação, “*na vida psíquica, não tem necessariamente que ser destruído*”, afinal, um “*sentimento pode ser uma fonte de energia apenas quando é ele mesmo expressão de uma forte necessidade.*”. (FREUD, 2010, p.16). Freud dá como exemplo desse sentimento a religião, que carrega um universo ideativo para outros caminhos, que nega essa destruição no mundo exterior. (FREUD, 2010, p.18). Mas, diante de meu foco no racismo, é importante lembrar desse sentimento oceânico daquilo que iniciei neste parágrafo, e acabei remetendo a uma breve relação entre Freud e Fanon, a comparação nos processos de “*zoomorfização sistemática*”, que, segundo Renato Noguera, seria aquela desumanização especialmente radical, cometida pelo racismo anti-negro:

Vale a pena registrar que uma especialidade do racismo anti-negro é a desumanização radical que se transforma em zoomorfização sistemática. Os povos negros foram interpretados pelos europeus como criaturas sem alma, animalizados, tomados como coisas. O eurocentrismo colonial dividiu os seres humanos em raças e desqualificou todos os povos não europeus; mas isso inclusive algumas gradações. E, sem dúvida, os povos africanos foram designados pelo eurocentrismo como os menos desenvolvidos. A zoomorfização sistemática desses povos foi um elemento decisivo para embasar a escravização negra. Para os europeus os negros eram bárbaros, incivilizados e, portanto, sem “filosofia”. (NOGUERA, 2014, p. 25).

Os “sem filosofia” seriam aqueles sem sentido, animais irracionais, diante da sistemática da cadeia alimentar epistêmica, que mantêm uma zoomorfização para continuar sua caça em prol de sua colonização. Antes, apanhados, torturados. Hoje, continua, no aumento da neurose, que, quando se mantém, cria medo junto com orgulho, dissolvidos sobre as propostas do senhor de engenho.

Isso é divulgado, na circulação de imagens expostas em vídeos compartilhados nas redes sociais, por policialescas ações que são argumentadas, muitas das vezes, com o racismo anti-negro. Escravo fujão, que fica na mata, se esconde, e tenta se libertar das garras dilacerantes do senhor de engenho. Escravo fujão, que fica na mata, se esconde, e tenta se libertar das garras dilacerantes cuspidas pelos fuzis, na cara do preto, mirada pela polícia, ou

por outro preto, que pensa que é melhor do que o preto, afinal, “*também morre quem atira*”¹⁴².

A finalidade da vida humana parece estar naquele sentimento de não ter finalidade. E no mundo da razão, das probabilidades pelo âmbito da fixação, “*se a vida não tiver finalidade, perderá qualquer valor.*” Freud rejeita essa questão. Concordo com ele e, por isso, continuarei a citá-lo:

O seu pressuposto parece ser aquela humana soberba de que já conhecemos tantos exemplos. Ninguém fala sobre a finalidade da vida dos animais, a menos que ela consista em servir aos homens, talvez. Mas isso também não é sustentável, pois com muitos animais o ser humano não sabe o que fazer — exceto descrevê-los, classificá-los, estudá-los — e inúmeras espécies animais se furtaram também a este uso, ao viver e se extinguir antes que o homem as visse. Novamente, apenas a religião sabe responder à questão sobre a finalidade da vida. Dificilmente erramos, ao concluir que a ideia de uma finalidade na vida existe em função do sistema religioso. (FREUD, 2010, p. 20).

A soberba racista, que insiste em explicar a vida, na petulância de respondê-la como algo favorável para a manutenção de seus recursos coloniais. Mas porque ser teria a obrigação de carregar a questão da finalização objetiva da vida? Porque tanto “Ele merece viver.”, em troca da linguagem “Mata ele!”? O sentido do sentimento oceânico admitido na religião seria aquilo capaz de rever a finalização da vida com a morte. A busca do devir permanente de felicidade estaria nessa relação entre acabar ou não acabar a vida, após a morte. Para o Xarpi **Pato**, o sentido da vida piXadora se dá por duas motivações, reconhecimento e respeito, que acontecem durante o processo de outro sentimento, o amor: “- *Pra você ser aceito, você precisa ser reconhecido. Pra você ser reconhecido, você precisa ser respeitado. E é isso que o piXador quer. Sabe porque? Porque o Xarpi só quer ser amado.*”. (Xarpi **Art**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017).

Quando amamos uma pessoa, amamos porque queremos muito a sua existência em vida; mas quando esta morre, ela parece continuar existindo, no amor, sentido pela saudade cometida pela ausência corpórea do falecido no mundo exterior. Assim, ao meio dessa conversa sobre reu como o lugar de brabo, volto às relações de morte existente no mundo Xarpi, para depois, seguir na troca sobre o dito amor e/ ou existência.

A tensão muscular causada pelo impulso, o desejo pelo lugar do colono, acaba levando a almejos por acontecimentos incríveis, que acabam sendo enquadrados no campo da cultura, em devir pouco apreciado na temperatura da civilidade, mas extremamente acolhedor no “suicídio civil” e/ ou crime. A cultura Xarpi, como já comentei, é “de morte”, mesmo lugar

¹⁴² Verso da versão brasileira da música “Hey Joe” de William Moses Roberts Jr., cantada e relida pela banda O Rappa (participação de Marcelo D2).

onde repousa as características de uma descolonização: autodestruição coletiva, através de “caminhos por onde se liberta a tensão muscular do colonizado. (...) reflexos de morte perante o perigo, condutas suicidas que permitem ao colono, cuja vida e domínio resultam mais consolidados, comprovar que esses homens não são racionais.” (FANON, 1968, p. 41). Quando Fanon diz isso, remeto à ação criminosa piXadora, aqueles que podem morrer piXando, mas o fazem, podem ser processados pelo Estado piXando, mas o fazem, podem acabar com a “estrutura” de suas vidas por piXação (a família por exemplo), mas o fazem.

“O **Leo** caiu depois da reunião de Vila Isabel. Em 2012. **Leo** era responsa... subiu no cabo de aço, que rompeu, e caiu.” (Xarpi **Domos**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017). “O **Pira**. Saiu até no jornal. A corda arreventou e ele caiu dentro do valão, lá na Dutra. Ele morava perto de mim, em Vilar dos Teles. A perda e a prisão dos amigos que é ruim.” (Xarpi **Ajax**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017). Agora, pela morte e vida Xarpi, no louvar do devir-negro do mundo, converso com alguns trechos do “*Sair da Grande Noite*” de Mbembe (2014), um livro “de morte”. É com esta publicação que Mbembe explica que a colonização é sim uma tecnologia depreciativa das ambiguidades, assim como fortalece a coisa psicótica imóvel, fixa e falsa, realizada pelo racismo anti-negro, fornecedor da perpétua mutação admitida no ser negro, o colonizado, que nesse caso, pode representar comportamentos de descolonização, a “*bifurcação das linguagens*”.

De agora em diante, não há um orador nem mediador únicos. Não há um mestre contramestre. Não há univocidade. Cada um pode exprimir-se na sua própria língua e os destinatários destas palavras podem recebê-las na sua. Depois de desatados os nós, restará apenas uma imensa linha. Para aqueles que se libertaram, descolonizar nunca significou reproduzir, num momento diferente, as imagens da coisa ou dos seus substitutos. O desenlace procurava sempre fechar os parêntesis de um mundo composto por suas categorias de homens: por um lado, os sujeitos que agem, por outro, os objectos sobre os quais se intervém. Visava numa metamorfose radical da relação. Os antigos colonizados criaram então o seu próprio tempo, construindo o tempo do mundo. (MBEMBE, 2014, p. 20).

O tempo colonizado se dá no lugar do colonizado, espaço mundano colonial, causador do anti-colonial, o que é fora do quadro racional, através de inquietudes de não aceitação de padrões socioculturais e políticos da vida, logo, aceita outra vida, na mesma vida. A significância obscura, secreta, aceita no percurso de uma vida, se dá no letramento de sua condição. Letramento está para linguagem, que está para adaptação da fala de um lugar. No mundo onde ser autêntico é tornar-se o outro, o racismo seria a língua desse outro. O secreto está naquela sensação de entender que existem outras linguagens, para além daquelas, que são

permitidas dizer. O negro, o de animalismo, de “*estranhamento que comanda a sua existência sem ele saber, e que confere a certos aspectos da sua vida psíquica e política um carácter noturno e, por vezes demoníaco.*” (MBEMBE, 2014, p. 182), acaba que por ser reconhecido por estas encruzilhadas, de bifurcação das linguagens, de se pegar pensando em um morto como vivo, em certos lugares.

“*Vários amigos que se foram. O mais recente foi o Cati, que tentaram assaltar a moto dele, do trabalho dele, daí, os caras mataram ele. Cati, Med, da 288 (Formação de Quadrilha), mesma família que eu. Minha sigla é Rei do Fumo, um bonequinho fumando.*”. O Xarpi **Art** explicou durante a reu de Olaria que tem família e sigla, grupos de presença de amigos, inclusive os mortos. “288”, no Código Penal, é o número para referenciar o artigo de “Formação de Quadrilha”, crime de um grupo que se junta para realizar ações fora da lei. “Rei do Fumo”, um “bonequinho fumando” maconha, substância de uso proibido. Essa seria a sigla (“RF”), do próprio **Art**. Só ele faria essa sigla. Só ele faz parte de uma sigla. É a sigla que representa ele mesmo, mas, mesmo assim, através de um grupo, daqueles que realizam a prática obscura, secreta, descolonizada da piXação, que tem conceito de grupo divergente, pois é ambíguo, onde um só representa o devir de muitos, e por isso, mesmo sem *família* ou *sigla* piXadora, o piXador acaba sendo representado, caso algo aconteça com ele, como a morte. A sigla “Rei do Fumo” também pode representar outros, que um dia, acabe entrando, e seja liberado para, junto com sua piXação, marcar alguma superfície, também com sua sigla.

Figura 55: Rei do Fumo.



Fonte: enviado para um grupo de Whatsapp.

Nuno DV (que seria da sigla “Destruidores do Visual”), comenta que, como um time de futebol, nessas siglas, não necessariamente com onze em cada sigla, pois a quantidade de

componentes não seria uma regra, “*cada sigla escala quantos quiserem para o seu time, o máximo que dá pra comprar é que, assim como no campo de futebol, que possui jogadores que atuam em diferentes áreas de campo*” (DV, 2013, p. 44), logo, as siglas parecem se diferenciar por especialidades. Andarilho? Topo? Janela? Pedra? As siglas seriam grupos de piXadores sem uma relação fixa, e com total afinidade sinérgica da vontade Xarpi. Por que? Porque se você desejar piXar no alto, em algum topo de algum prédio, por exemplo, naturalmente você irá se aproximar de pessoas experientes nessa feitura de piXar, e por isso, estar ou não em uma sigla se dá no campo da preferência, pois, mesmo que o Xarpi não queira estar em alguma sigla, uma ou algumas delas, porque não, poderiam estar com ele.

Cachaça e Maconha (CM), 288, Loucos, Geração 80 (G80), Hooligans of the Night (HN), Alimentados Pelo Beiral (APB), Cinco Estrelas (5*), Transgressores, 40°, Irreverentes (I). Essas foram algumas famílias e siglas que escutei durante a trajetória desta pesquisa, e que agora se tornando lembranças apenas para dizer que as siglas, em sua maioria, “*compartilham dos mesmos ideais, pensamentos, afinidades, parentescos, enfim, todo motivo é válido no processo de criação de uma sigla. A regra é simplesmente não ter regra.*” (DV, 2013, p. 43). Essa lógica do parentesco, presente nas réus, ou em qualquer outro encontro entre os divergentes piXadores, mesmo aquele que não se compromete com siglas, acaba compartilhando com o sentido de família, que na verdade parecem extensões das siglas. Vi Xarpi sem sigla e sem família, que admira e é admirado por siglas e famílias. Afinal, assim como estou conversando, na réu, “*ninguém ali vai te apontar o dedo e te discriminar, pois como disse muito bem o pichador **ÃO**: ‘Na arte de ser louco, não se comete a loucura de ser normal.’*” (DV, 2013, p. 60). Na réu, quem as frequenta, pode ser taxado como louco, e isso vale para todos que estão ali, naquele momento de encontro, de reconhecimento e respeito.

Para mim o maior castigo de um pichador é passar anos perdendo noites de sono, gastando litros de tinta na parede, e não ser reconhecido pelos próprios pichadores. É quando o tempo de envolvimento e comprometimento acaba sendo perdido, e a frustração bate! E o pichador curiosamente toma raiva da pichação, olha pra trás e vê as coisas que perdeu ou que deixou de fazer. (DV, 2013, p. 18).

Como eu tinha dito, piXação se dá na negação. Para **Nuno**, o que seria “não ser reconhecido”? Todos almejam o mesmo lugar de reconhecimento? Os lugares de reconhecimento não podem, também, acontecer de forma natural, diante de certo movimento da trajetória de vida? Ouso dizer que **Nuno** expõe em suas afirmações, esta que parece realizar na intenção de conversar sobre as possíveis frustrações, a decepção, a desilusão presente no ser Xarpi, a partir de seu, digamos, narcisismo Xarpi, já que, anteriormente, ele

mostra seu lugar, sempre no comprimento de sua trajetória piXadora. Toda essa situação parece deixar em aberto algo que pode descolonizar em algum momento, situação de desencantamento sobre o conforto, o fixo que fecha e nega o prazer, contemplador de outros encantamentos, de momentos outros.

Dentro da sociedade secreta dos andarilhos fantasmas, ninguém tem biótipo, cor, altura, peso, definido, não tem como fazer retrato falado de um pichador. Mesmo que faça aquele ditado de que quem viu uma baleia já viu todas, não vale para nós. Quem já viu um pichador, viu apenas um! Na verdade, já deve ter visto vários, mas como isso é considerado como crime, mesmo que de pequeno porte, as pessoas que picham não saem falando por aí que são pichadores.

[...]

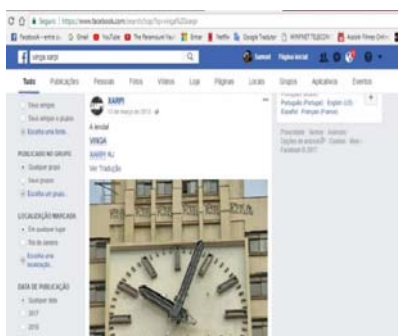
Somos pais, filhos e mães, estamos em todas as classes sociais. Obviamente que tem sim uns que também para o lado da vida do crime, mas somos, em maioria, pessoas com hábitos comuns, salvo o fato da pichação. Somos uma espécie de carta coringa no trabalho da sociedade, nos encaixamos em toda parte, cantos, profissões, empregos, subempregos. (DV, 2013 p. 77-78).

Quis provocar toda essa lógica fora das lógicas contidas nas siglas e família, para dizer que cada um tem sua maneira se ser piXador, e a única coisa que o faz piXador, sem mais, nem menos, estaria na disposição para ser brabo, aquele que entende e vive um mundo onde as pessoas matam por um risco riscado na parede. Fanon deixa uma grande herança epistêmica, que é a maneira de pensar a violência como combustível da opressão colonial, pois cada vez que ela acontece, mais serão as chances de surgir as atitudes descolonizadas, que tem duração diante do estabelecimento dessa violência, pois é ela que faria essa manutenção contra a colônia, está de potentado das lógicas contrárias a ela, a partir de uma divisão bipartida entre “*não aceitar a diferença*” e “*refutar as semelhanças*”, ou seja, a colônia se dá em “*um potentado narcísico*”. (MBEMBE, p. 185, 2014). Ser negro também se dá nessa disposição com o potentado narcísico, pois quando é colocado como indigno, vulnerável, fragmentado pelas lógicas de humanidade diferente, por isso, “*passa a responder apenas com a abjeção e com o próprio miserabilismo pelo qual foi humilhado*”; lembrando que essa humilhação acontece durante “*o paradoxo do ‘comando’, força grotesca e brutal*” que “*reúne os atributos da lógica (razão), da fantasia (arbitrária) e da crueldade*”. (MBEMBE, 2014, p. 186-187). E com isso, tudo que se dá em elementos de descolonização, acaba sendo o caso de relações juristas e historicizantes que, segundo Mbembe, transfere o “*poder da Metrópole para as antigas colônias, aquando da independência*.” (MBEMBE, 2014, p. 49). Descolonização é corpo, antes de ser admitida como “*categoria política, polémica e cultural*”. (MBEMBE, 2014, p. 49-50). Mas, o propósito da descolonização seria o de “*epilogar numa única palavra: a palavra à abertura do mundo*.”:

A ideia de abertura inclui a de eclosão, de nascimento, do aparecimento de alguma coisa nova, de desabrochamento. Logo, abrir é libertar aquilo que estava encerrado para que possa nascer e desabrochar. A questão da abertura do mundo - de pertencer ao mundo, habitar o mundo, criar o mundo, ou ainda as condições sob as quais nos constituímos como herdeiros do mundo - é o fulcro do pensamento anticolonialista e da noção da descolonização. (MBEMBE, 2014, p. 58-59).

Ser Xarpi e ser negro é enxergar tudo por vertigens, ao não se submeter à razão absoluta. Fuleiros! Cada vez que são, mais afastado dessa permanência absoluta contida na razão estarão, viram brabos, apenas na disposição de ser: a ascensão a partir da luta pela vida, a de aparecimento de outro mundo do mesmo mundo, agora, com o desvelo da dita *“região extraordinariamente estéril e árida”* (FANON, 1968), por não aceitar a verdade de apenas um mundo, que anula a *“zona de não-ser que, no seu entender, é a raça. Assim, para Fanon, sair das regiões estéreis e áridas da existência é, acima de tudo, sair da clausura da raça - clausura na qual o olhar do Outro e o poder do Outro, tentam aguilhar o sujeito.”* (MBEMBE, 2014, p. 59 - 60). Ser na existência árida, de uma réu, por exemplo, é ser brabo, aquele que entende que a vida é um eterno mistério, pois, no fim, ao cabo de tudo, esse tudo sempre é feito de laços, resultante de montagem das coisas ocultas e manifestadas no *“conjunto de acidentes que só a morte assinala e remata, num gesto que traduz simultaneamente recapitulação e ressurgimento ou ainda emergência”*. Acidentes são causados fora do comum, pelo inesperado, logo, pela descolonização, *“a morte não se situa apenas no fim da vida. No fundo, o mistério da vida é ‘a morte na vida’, ‘a vida na morte’, este entrelaçamento que é o próprio nome do poder, do saber e do poderio. A duas instancias (a força de vida e a potência que procura o conhecimento da morte) são inseparáveis”*, em suma, a cisão, a disfunção causada pela lembrança de alguém morto, em certo momento, como em uma réu de Xarpi, trazendo a morte *“na sua inevitável clareza, que também se assemelha a um começo de mundo – nascimento, emergência e ressurgimento.”* (MBEMBE, 2014, p. 226). Ou seja, em outras palavras, morreu há mais de 10 anos, mas continua vivo durante as bifurcações das linguagens, que não é a mesma vida, é outra, a que marca e se dá na memória.

Figura 56: print sobre Vinga.



Fonte: printscreen feito pelo próprio autor, 2017.

Mbembe explica durante suas leituras com a morte que o “*poder nocturno*” capacita para a necessidade de tornar falecidos presentes pela marca da memória. Alimentar a vida, criar transformações sobre ela, cansa, e, segundo o politólogo, esse ato também oferece prazer, devido do poder nocturno:

A transformação do corpo em vianda exige grande gasto de energia. O autocrata deve limpar o suor e descansar. Dar morte é um acto que cansa, mesmo quando intercalado com prazeres: fuma um cigarro.

[...]

A priori, não há qualquer diferença entre a vontade do poder nocturno e a morte dos mortos. O poder nocturno existe e continua, devido a uma série de transações com mortos, dos quais se torna receptáculo e que, em contrapartida, são transformados em receptáculo da sua vontade. (MBEMBE, 2014, p. 232–234).

O morto, o objeto (o cadáver) e o vivo, o reflexo (o sujeito vivo), envolvem essas relações de presenças durante o “*estatuto de signo mediado pelo corpo e outro*”, uma cena teatral trágica, porque é mergulhada na “*irrealidade de uma aparência constantemente reforçada e de um espalhamento emblemático de identidades*”, onde o sujeito vivo pode negar que não está morto, mas, agora, apenas “está vivo” quando a assinatura “*estar em lugar de*” uma “*urgência vertiginosa e um poder de abstração*”. (MBEMBE, 2014, p. 248-249). Isso me lembra a expressão usada entre os budistas, *kuon ganjo*, o remoto passado que está no presente, pois se relaciona no infinito, o que marca para o futuro, consolidando a memória de um tempo sem começo. A nostalgia de ter amigos mortos, e a vida desses amigos durante períodos do “tempo sem começo” de um ano onde, semanas antes do Natal, data tão afeita e empática, também se torna aquele momento em que o finado vem nos visitar, através de uma vida reminescente. Cito mais um trecho de Mbembe para conversar sobre essa complexidade da irrealidade tão presente na nossa realidade:

Ainda que o corpo do falecido não seja, muito sinceramente, o mesmo que o corpo daquele por quem, contra a sua vontade, se faz passar, para o morto, o desaparecido encontra-se agora simultaneamente em dois lugares, apesar de não ser o mesmo nos dois lugares. O sujeito vivo e predisposto à sepultura ter-se tornado outro, continuando a ser o mesmo. Não porque se tenha dividido. Não possui nenhum, mas mesmo nenhum, dos atributos daquele cuja pessoa ele deve mimetizar. Tudo se desenrola, na verdade, no sono das aparências. Em larga medida, tanto o morto como o vivo perderam quaisquer propriedades da sua morte e da sua vida. Estão agora, apesar disso, unidos a entidades corporais que fazem e cada um deles um fundo primitivo e indiferenciado. Por uma estranha designação, o significante é destruído, moído e consumido pelo significado, e vice-versa. Nenhum pode ser extraído do outro, e reciprocamente. (MBEMBE, 2014, p. 248–249).

Nesse sentido, o corpo do morto tomaria dois lugares, o de morto e o de desaparecido, ao mesmo tempo. Quando ele aparece, mesmo que não apareça, acontece na forma de “entidade corporal”, uma essencialidade correspondida na perda de propriedade do que seria vida/morte. Nesse sentido, remeto novamente às falas de **Domos**, um Xarpi que, durante uma reú, parece fornecer um resumo de como essa entidade corporal incorpora na eminência nocturna presente nesse universo tão complexo que é a piXação:

- Quem nos criou pra ser capacitado em bater de frente com o governo, foram eles mesmo. Ninguém conseguiu juntar a Zona Norte, a Zona Oeste e a Baixada. O que tem aí desses lugares, nos muros, pra nós, é patrimônio histórico, humano. **Vuca, Velho, Ira, Seif...** falar de piXação e não falar dos caras, é a mesma coisa que não falar de nada. A gente é viciado em piXar, e quem é viciado, é adicto, e quem é adicto, é porque quer toda hora aquilo. Sabe que o piXador quer toda hora? A liberdade! Se você tem liberdade, você faz o que você quiser. Não é isso? Sem obrigação a nada! Então, esse vício, essa liberdade da piXação, tira as barreiras que impede o transito das pessoas, a todo momento. Nós dialogamos, uns com outros, de vários lugares diferentes. Você é capaz de pegar uma caixa vazia, fingir que tá vendendo alguma coisa, pra pegar um calote, só pra chegar na reú. Porque já começa pela cultura dela ser proibida. Isso já rompe barreira. Isso aqui, a reú, é a coligação de bairros, de siglas... da marca de cada um. Um olhando a marca do outro. Um reconhecendo o outro. (Xarpi **Domos**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017).

São esses momentos de eventualidades, dos imprevistos, que se dão as iniciativas Xarpi, como trazem as narrativas também presenciadas por mim nas reús que frequentei, nos assuntos que declaravam as impossibilidades possíveis de uma fuga Xarpi, assim como a já explanada sensação de manter vivos os mortos que são celebrados nesses espaços. **Domos**, ao citar mortos, coloca-os como patrimônio, pois eles, todos Xarpi, se mostraram capacitados em desgovernar o governo, porque juntou as regiões do estado, que continuam sendo juntadas, através de um vício inerente, que cuida e até acaba com outros vícios, pois a habitualidade de ser Xarpi está na liberdade, e ter vícios que comprometa esse vício, acaba não se sustentando como vício, porque tem que estar na “onda da liberdade”. Para dar um calote e chegar na reú, tem que estar na “onda da liberdade” pra reconhecer os que estão ali, sem presença física,

através de uma “coligação”, uma junção, a ligação que reconhece o outro, independente do lugar, territorial/ corpóreo. Com **Domos**, digo que a reú é um lugar para expurgar essas descolonizações. Não? Sim, afinal, queiram aceitar ou não o piXador como um corpo que se faz pela descolonização, ou a reú como um território acolhedor do sentido de libertar o corpo que piXa, mostram-se como iniciativas que continuarão propondo mudanças da ordem do mundo, através de “um programa de desordem absoluta”, admitido por um processo histórico, “*que não pode ser compreendida*” de forma “*inteligível, translúcida em si mesma, senão na medida exata em que se distingue o movimento histórico que lhe dá forma e conteúdo.*”. Em suma, Xarpi como forma e reú como conteúdo: acontece a descolonização piXadora. Ritmo próprio, admitindo novas coisas, de “*novos homens, uma nova linguagem, uma nova humanidade*”, a piXação é recomendada pelos brabos, o que parece admitir o “*próprio processo pelo qual ele se liberta.*”. (FANON, 1968, p. 26-27).

Em fenômenos como a piXação, os mortos são assumidos no cotidiano, através de homenagens em muros, músicas, camisetas... enfim, as silhuetas que colocam a morte como papel fundante desses grupos. “*Não à toa, portanto, aquele que morre, abre caminho para a possibilidade de tornar-se símbolo, o que seria muito mais difícil enquanto vivo.*”. (COELHO, 2016, p. 198). Enquanto existir grupo, e existir alguém morto desse grupo, esse morto “*nunca estará morto, e todo grupo, para evitar sua dissolução, sua morte final, precisa vez ou outra, fazer emergir desse fundo, símbolos dessa semente, emblemas de sua força original, que realimentarão sua coesão, e para isso, os mortos sempre foram muito férteis.*”. (COELHO, 2016, p. 198–199). Lembrando que a descolonização coloca os últimos como os primeiros, “*uma entrega completa da situação colonial*” (FANON, 1968, p. 27), onde os bandidos se tornam heróis. Quando isso acontece, segundo Fanon, a colonização se mostra como crime, experiência que faz o povo “*se manter em forma e conservar a sua capacidade revolucionária, certos aspectos da vida da coletividade*”:

O bandido, por exemplo, que se mantém no campo durante alguns dias frente aos policiais lançados em sua perseguição, aquele que, em combate singular, sucumbe depois de matar quatro ou cinco policiais, aquele que se suicida para não denunciar os seus cúmplices, são para o povo os fochos, os modelos de ação, os “heróis”. De nada serve dizer, evidentemente, que esse herói é um ladrão, um crápula ou um depravado. Se o acto por que esse homem é perseguido pelas autoridades colonialistas é um acto dirigido exclusivamente contra uma pessoa ou um bem colonial, a demarcação é clara, flagrante. O processo de identificação é automático. (FANON, 1968, p. 52).

A visão de bandido em Fanon é agradável para a ideia de piXação presente aqui. Sim, tudo bandido! Sim, tudo herói! “Tudo 2”! “É nós”! “É a gente”! Só não pode ser eles. Os

comédias que ignoram outras concepções de vida, em troca de um racismo barato, que nos tratam como baratas. Se somos baratas, somos baratas voadoras, que passou na comida que você consome no restaurante caro da Zona Sul carioca, só para te dar aquela dor de barriga imprevista, e te fazer ter uma diarreia no meio da rua. Vergonha, do bandido revelado, quando o outro, que era bandido, vira herói. PiXação é crime e piXador é criminoso. Não tem jeito. Mas a disposição para este crime se dá por lógicas que entram em contradição com as próprias lógicas colonizadoras. Se mata, se nasce; se nasce, se mata. Mas quem é relacionado como assassino? Quem é inimigo público número 1? PiXar um lugar e ter a vida caçada. Mas, no vão da caça, o caçado seria aquele que não deixa o povo só, mesmo que o colonizador diga ao contrário. Dei aqui muitos exemplos durante todo o texto, e acredito que o/a leitor/a já entenda o que estou dizendo, e por isso, digo diretamente: o Xarpi é aquele que se envolve na violência do colonizado, entretanto, sua violência triunfa em *“um papel não apenas informativo mas também funcional para o colonizado.”* (FANON, 1968, p. 53). Os heróis anteriormente oferecidos, tornam possível os sonhos de liberdade do outro, do colonizado, do mundo, e em contrapartida, provoca, através de sua verdade, ou melhor, durante uma parte da história admitida, acaba formando no colonizado imaginações, *“combinações eventuais para aniquilar o colono”*. O “herói” na verdade, então, nasceria de dois “maus absolutos”, o *“indígena como mal absoluto”* e o *“colono como mal absoluto”*, onde o povo *“comprova que a vida é um interminável combate.”* (FANON, 1968, p. 73).

Um dia, quando eu comentei sobre esta pesquisa, e me perguntaram se eu “defendo bandido”. Respondi que defendo a vida, sobretudo aquelas vividas na marra, vividas por viver, diante do quadro da condição, que dificulta certas disposições. E parece que a descolonização faz, o tempo inteiro, essa apelação de proposta que parece regressão, por não se determinar por concepções sólidas, mas que se dá pelo escárnio da massa colonizada, que pega essa constante estabilidade colonial e, muitas das vezes, pode insultá-la, vomita-la, *“com todas as suas forças.”* (FANON, 1968, p. 32). Povo brabo! Massa braba! As pulsações favoráveis que permitem que os nossos corações vibrem, assim como os deles, e o de qualquer um que se ponha em nossa frente. A ideia de revolução vem dessa pulsação. Revolucionário é o nome do **Pifil** nas redes sociais¹⁴³, e não é por menos, porque pulsação é a matriz piXadora, a agitação essencial para este mundo, de cidade colonizada, que não carrega o carma da aceitação do colono, *“mas não deixa de existir a colonização”*, já que a *“descolonização unifica esse mundo”*, e *“o colonizado tem a possibilidade de perceber de*

¹⁴³ Segue o link do perfil do **Pifil** <<https://www.facebook.com/pifilrevolucionario>>. Acessado em 2 de jan. 2018.

forma imediata e absoluta se a descolonização tem lugar ou não: o mínimo exigido é que os últimos sejam os primeiros.” (FANON, 1968, p. 34).

No mundo de estátuas limpas, é exigido do povo e pelo povo mais pulsações, para criações de iniciativas que surpreenda, mediado pelo imprevisível, aquilo que pode torná-las sujas. Porque foi “*a estátua do general que fez a conquista, a estátua do engenheiro que construiu a ponte. Mundo seguro de si, esmagando com as suas pedras as feridas abertas pelo chicote. Eis aí o mundo colonial.*” (FANON, 1968, p. 39). A piXação é revolucionária, simplesmente pela complexa relação de agirem através de um mundo que está “*dominado, mas não domesticado*”, pois se supera, vira topo, pois insistem em inferiorizá-los, assim como acontece na vida de quem é negro, este que, muitas das vezes, espera pelo descuido do racista, para “*lhe cair em cima*”, vide seus músculos, grandes, médios ou pequenos, que representará alguma atitude braba, uma expectativa de “*abandonar o seu papel de presa e assumir o de caçador*”, porque, o piXador e o negro, no mundo colonial, “*sonha permanentemente transformar-se em perseguidor.*” (FANON, 1968, p. 40). A essência colonizada sempre traz elementos que podem considerar os sonhos destruidores, que o tira da forma colonizada, mas também não o coloca imediatamente como colonizador, pois ele pode sentir, “*de repente, desmoranarem as antenas com as quais*” ele toca “*e pelas quais*” é “*tocado*”. (FANON, 2008, p. 90).

E quem não é habituado a “*aparecer de repente*”, quando algo, de repente, acontece, mais do que antes, olhares que enxergam esse “de repente” como uma ação imprevisível, a linha fora da curva, pois não parece a mesma pessoa de antes, porque, “de repente”, “*é um homem novo que está entrando, mas um novo tipo de homem, um novo gênero. Um preto!*” (FANON, 2008, p. 180). A ferocidade faz o colonizado agir fora da curva sugerida/ obrigada pelo colonizador, mesmo momento deste último admitir algo ilusório, que ainda o favorece em um estado de conforto, que insiste em manipular o confronto: “*Meu irmão, não há mais diferença entre nós’. Entretanto o negro sabe que há uma diferença. Ele a solicita. Ele gostaria que o branco lhe dissesse de repente: “Preto sujo!”’. Então ele teria uma oportunidade única de ‘lhe mostrar’ ...*” (FANON, 2008, p. 183). Quando o negro realiza algo como a piXação, parece que ele insiste nessa vontade de ser chamado de sujo, não por se sentir sujo, mas sim na intenção de ficar limpo do mundo colonial, e por isso, “suja” o universo colonial para “limpar” e dar forma a outro mundo, que o posiciona na descolonização, no caso, quando o “de repente” vira ação.

De repente, **Nuno** vira Xarpi. De repente, **Nuno** faz um livro, e para de piXar. Então, quer dizer que se **Nuno** veio ao mundo, se tornou, naturalmente, um colonizado desse mundo,

e quando realizou um agir Xarpi, descolonizou-se, se tornou outro homem, para depois regredir, e vir a ser aquele homem primeiro, o que não piXa?

[...] mesmo sem uma lata na mão, sinto que consigo pichar com a cabeça. Antes, quando era compreendido, por mais que estivesse espalhado meu nome pela cidade, ele chegava apenas nos muros, nos portões, nas janelas, nos topos e nas marquises das casas das pessoas. Mas as janelas e portas estavam sempre fechadas. Hoje, consigo colocar Xarpi dentro da casa das pessoas, com músicas e roupas, e agora, com livro! (DV, 2013, p. 17).

Entendi o **Nuno**. Mas por que estou dizendo aqui, música não é Xarpi, roupa não é Xarpi, dissertações como está não é Xarpi. Xarpi é Xarpi. O Xarpi é algo feito pela negação, e quando surge o aceitar, tal acolhimento aparece de algum lugar: na música; na roupa; nessa dissertação. Mas o Xarpi e suas atitudes, continuam sendo aceitas apenas pelos próprios Xarpi. “Só Xarpi gosta de Xarpi”. Os semelhantes conhecendo outros semelhantes, não semelhantes. **Nuno**, apesar de dizer que não piXa mais, o tempo inteiro, se posiciona no seu terreno piXador, o que o deixa ainda como Xarpi, e o que ele faz dentro dessa posição, ainda se dá por adjetivos imprevisíveis: e de repente, um piXador faz uma música; e de repente, um piXador contribui para uma dissertação acadêmica; e de repente um Xarpi, mesmo que não piXe como antes, ou até que não piXe há tempos, continua agindo no de repente. Quando ele diz que seu nome chegava apenas no muro, de repente, ele quis chegar a outros lugares. Mas para quem? Para que? Quem passava e via esse muro e, por exemplo, reconhecia esse nome: **Nuno**? Se chegou, fez a presença de algum lugar. **Nuno** parece sempre buscar expansão para alguma ação, seja lá como for. **Nuno** tem movimento de vida, que teve acolhimento no universo Xarpi. Depois de um tempo, esse movimento percebeu outras vias, onde **Nuno** não permitiu que tal trajetória Xarpi se isolasse, tão pouco sumisse.

Uma licença para, com todo respeito, deturpar Gerson King Combo: “*Dançar, como dança um black! / Amar, como ama um black! / Andar, como anda um black! / Usar, sempre o cumprimento black! / Falar, como fala um black!*”. Ou seja, *Dançar, como dança um Xarpi! / Amar, como ama um Xarpi! / Andar, como anda um Xarpi! / Usar, sempre o cumprimento Xarpi! / Falar, como fala um Xarpi!* Com as portas abertas ou fechadas, **Nuno** será Xarpi. Com um microfone sendo rap, vendendo seu angu no Centro da cidade, sendo pai, e até escrevendo livros, **Nuno** será Xarpi. Mas, **Nuno** parece mostrar que Xarpi, como/ apenas Xarpi, só estará “dentro de casa” quando invadir, de forma escondida, “a casa”. Aparecer na parede das casas de famílias, ou na blusa de um dos membros da mesma família, tanto faz: Xarpi! Com suas inciativas, **Nuno** relata sobre o mistério, mas não ousa desvelar o enigma. Talvez você não saiba, mas a marca preferida atual do seu filho, pode ter sido confeccionada

por um piXador. E mesmo que você saiba que a marca que seu filho usa tenha sido feita por um piXador, a partir, por exemplo, de algum signo visual, o piXador ainda pode ficar sobre sigilo, assim como esse piXador, ao criar alguma coisa relacionada a sua trajetória piXadora, mesmo não sendo diretamente uma piXação, continuará sendo um piXador, mas não por completo.

Mas, e no ser negro? Na medida da ultrapassagem do natural imposto, o corpo negro vai se criar na forma do novo homem que, a todo o momento, receberá o reconhecimento para ser esse novo homem, dentro do quadro colonial. Quando essa ultrapassagem não é mais considerada como favorável para o mundo colonial, mas, mesmo assim, o negro insiste em ser – “Somos todos iguais.” *versus* “Nem melhor, nem pior, apenas diferente.” -, seu corpo acaba se fechando em um circuito, pois seus movimentos tornaram se irrevogáveis para as lógicas de um duo sentido (colono x colonizado), pois continua mantendo o outro, quem o aponta, no “*interior de si*”, e nas “*últimas consequências*”, toma “*este ser-para-si*”, e assim como o colonizador, pode agir como bem entende. (FANON, 2008, p. 180). É a neurose proporcionada pelo mundo duo que faz o sentimento de negritude aflorar. “*Onde estiver, seja lá como for/ Tenha fé porque até no lixão nasce flor*”¹⁴⁴. A flor onde não deveria nascer flor, onde não deveria existir a existência negra, que se diferenciará da branca, é a descolonização. Quando o negro não esquece que sua essencialidade se dá por algum enfretamento emitido pelos processos de embranquecimento, seu princípio de prazer se dá pela “*felicidade*”, a “*satisfação repentina de necessidades altamente represadas, e por sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico.*”. Essa felicidade seria aquilo surgido da possibilidade que são restritas em nossa constituição; ao mesmo tempo em que o sofrer ameaça essa felicidade

[...] a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos. (FREUD, 2010, p. 21).

O corpo, o mundo externo e as relações com outros seres humanos, acaba por criar a felicidade, e também sua possibilidade de fim, o que me lembra a querência do piXador, segundo **Pato**, o reconhecimento e respeito, que volta a ser citado para falar do objetivo Xarpi: ser amado. A negação em nunca poder ser amado, a insistência em ser amado, mostra a tentação de conduzir a vida pela satisfação total. Os extremos, moderados, unilaterais ou simultâneos, o gozo, se dá na condução da vida, junto da cautela, criando a relação do prazer e desprazer. “*O deliberado isolamento, o afastamento dos demais é a salvaguarda mais*

¹⁴⁴ Versos da música “Vida Loka parte I” do grupo Racionais MCs.

disponível contra o sofrimento que pode resultar das relações humanas.”. (FREUD, 2010, p.22). O Xarpi faz Xarpi para não sofrer (como antes). A felicidade do Xarpi parece se identificar com a disposição do sofrer, não almejando sofrer, mesmo que esse sofrer, com sua atitude, possa acontecer. O Xarpi parece entender que, com tal atitude, o “intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado.”. (FANON, 1968, p. 28). Sabendo disso, mesmo com os perigos do colonizador na cabeça, o Xarpi se permite a Xarpi, e acaba enfrentando o medo do intermediário, os que têm violência aceitável, em troca de um possível reconhecimento, objetivando uma felicidade. Segundo Fanon, “a escolha do objeto fóbico é sobre determinado”, pois ele não mostra a necessidade de estar presente e, naturalmente, a suficiência para o medo acontecer estaria na presença de ser, da “possibilidade”. “No fóbico, há prioridade do afeto em detrimento de todo pensamento racional.”. (FANON, 2008, p. 137).

O negro é fóbico a todo o momento. O Xarpi é fóbico quando se tona Xarpi, sobretudo, no momento de sua prática. O negro respira e transpira fobia, e sua porta de saída seria no mundo branco, “*esse desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade determinada de adquirir as propriedades de revestimento, isto é, a parte do ser e do ter que entra na constituição de um ego.*”. (FANON, 2008, p. 60). Essa sanção do branco, no mundo Xarpi, seria o momento do julgo de quem pega alguém piXando, ou que almeja pegar alguém piXando, para realizar um sofrer com “as próprias mãos”. Sim, existem aqueles que também têm medo do Xarpi, o anormal, que sobe no prédio, e pode ser “um ladrão”, sentimento, talvez, parecido com aqueles transmitidos pelos “negrófobos”, o que puxa a bolsa para o lado oposto do negro, para ele não puxá-la, no ato de roubá-la, ou então a pessoa que atravessa a rua, para não passar próximo do preto, pois ele pode assalta-la... e para Fanon, “*não é o ódio*” que motiva essa fobia, pois “*aquele que odeia deve manifestar esse ódio através de atos, de um comportamento adequado*”; mas sim a conquista adquirida em conflitos admitidos nos “*complexos de culpa mais ou menos conscientes*”. (FANON, 2008, p. 61).

O “devir-ódio” é diferente do “devir-fóbico”, apesar dos dois se encontrarem. O negro tem medo de ser maltratado pelo ódio que o racista sente por ele. Ouso dizer que o negro piXador reconhece o ódio do outro que o reduz, e permite-se também ao ódio, e não mais ao medo. Cansou tanto de sentir medo, que preferiu a possibilidade admitida no ódio, anti-fóbico, o que lembra uma passagem clássica em Fanon, que já foi citada anteriormente:

Eu tinha racionalizado o mundo e o mundo tinha me rejeitado em nome do preconceito de cor. Desde que, no plano da razão, o acordo não era possível, lancei-me na irracionalidade. Culpa do branco, por ser mais irracional do que eu! Por pura necessidade havia adotado o método regressivo, mas ele era uma arma estrangeira;

aqui estou em casa; fui construído com o irracional; me atolo no irracional; irracional até o pescoço. (FANON, 2008, p. 113).

O ódio é irracional, porque a fobia também é. Ser “mais ou menos consciente” está no ódio assim como na fobia. Ao acontecer o ódio sobre o ódio, o dito consciente desaparece; e o lado do “quase”, admitido pelo medo, também desaparece. O negro que percebe que estão sendo racistas com ele, ao continuar agindo da mesma forma que os incomoda, age com ódio; assim como o Xarpi que segue realizando seus encontros com os muros da cidade, diante da admissão de relações com corpos que também almejam esses encontros, que acabam gerando outros encontros, como as réus, lugar onde a poesia do mundo é assumida, esta que a colonização, a poesia sem poética, sobretudo, a poesia da branqueidade, assegurada pelo valor humano, quando está sem “*nutrientes humanos*”, vira-se para os homens de cor, para pedir/dar reconhecimento, fazendo com que o “zero”/ irracional, vire infinito. (FANON, 2008, p. 118).

Mas a morte envolvida nesse nutriente, não pode ser esquecida. Paulo Freire nos lembra disso, ao dizer que:

[...] o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua ‘generosidade’ continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que nutre da morte, do desalento e da miséria. (FREIRE, 1987, p. 17).

A generosidade do opressor faz o oprimido esquecer de seus mortos, de sua raiva. O colonizado esquece da sua própria dor, para proteger/ fortalecer a justiça do colonizador, mantendo a ordem de seus medos. Se esquecer dos mortos é se esquecer da generosidade legítima, aquela que faz as razões de um falso amor desaparecer da vida do medroso, do vencido, dos “condenados da terra” (FANON, 1968), que pedem suplica em um mundo que confunde humildade com humilhação. Reconhecimento, respeito... ser amado: ser humano. Disse o Xarpi **Pato**, que insiste em ser feliz, principalmente nos encontros Xarpi. Mas “nós”, seres humanos, os que dizem “Somos todos iguais!” já “*passamos do indivíduo à estrutura social. Se há um vício, ele não está na ‘alma’ do indivíduo e sim na ‘alma’ do meio.*”. Se um preto morre, pode ser, ou não, um piXador. Se um piXador morre em sua prática circunstancial de devir próprio, essa morte comportará substâncias compartimentadas também naquele corpo que é inferiorizado a todo momento, o negro, através de uma asseguaração racista embrenhada nos bons processo de nacionalização, que sempre coloca o preto como

inferior, e quando este tenta reagir, muitas das vezes, se dá por “*um complexo de superioridade*.” (FANON, 2008, p. 176).

Ainda para falar dessa relação entre o corpo negro ser, e o corpo do devir momentâneo e inconstante Xarpi, cito Fanon:

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida. (FANON, 2008, p. 180).

Com essa citação de Fanon, digo que o Xarpi pode ser pensado como aquele humano que não é tratado como humano, por ser um ser que ninguém ama, a não ser por outros deles, que também não são, não se sentem amados. O negro, o homem/ a mulher, que é humano volátil, e por isso, inferiorizado por aquele outro humano não volátil, quem decide o que será reconhecido, o que será respeitado, o que poderá ser amado. E está aí minha afirmação poética pesquisadora.

Quando comentei no início desse segundo capítulo sobre psicotrópico - expressão que invoco para falar do momento de minha vida que acabou ocorrendo crises epiléticas comigo mesmo, histórico que exponho para falar da relação confusa, convulsiva, do racismo anti-negros -, drogas, medicamentos, a possível cura, ou tratamento, de alguma doença, é importante dizer que ele tem sua especificidade, diante de sua etimologia. *Psico* vem de psiquismo, aquilo que sentimos, pensamos, fazemos, o que cada um faz. Já *Trópico* vem de tropismo, a atração biológica que se torna o fixo, seja para algo positivo, que queira se aproximar, ou negativo, que queira se afastar, em suma, algo de vida livre, que decide quais são seus estímulos externos. Psicotrópicos seria aquilo que se estimula pelo psiquismo, e no caso das drogas, são aquelas que reagem no cérebro, alterando o psiquismo: o sentir, o pensar, o fazer, logo, o ser, junto com o desejo do querer fazer/mudar, que acaba dando origem ao estado de devir, criador da auto avaliação do que acha positivo ou negativo, independente do externo, do mundo, do outro, criando a possibilidade de vida livre. Sendo assim, *Xarpsicotrópicos* seria aquele corpo que sujeita-se as alterações reativas, em troca de uma aventura piXadora, onde a morte, algo negativo, se torna positivo, pois ao escapar dela, surge a batalha vencida da rebeldia sobre a submissão, esta criadora da guerra em favor do controle sistemático contínuo, de uma permanência afirmativa racional colonizadora, como as previstas nas lógicas racistas, que acabam desestabilizadas pelo desejo de fixos pela liberdade,

mais do que tudo, inclusive mais do que a própria vida, pois prefere sentir a morte/ ser morto e ser amado, do que viver desprezado, sem amor.

Saga, jovem negro da baixada fluminense, encontrou na piXação o amor, através da relação com outros piXadores, que são como irmãos, em famílias constituídas pela rua, aqueles que podem entender a cápsula de uma droga, estampada nas roupas de personagens, como no anime Akira. Entre um comentário e outro sobre a reú, **Saga** lembram de amigos que morreram, seja lá de que, e também fala dos nomes Xarpi que esses realizaram antes de suas mortes. De andarilho, de topo, de escada, de rapel... **Saga** chega a dizer que esses Xarpi, os vivos que frequentam uma reú, os mortos que frequenta uma reú, é como se fossem seus irmãos, é como se tivessem saído da barriga da sua mãe:

- Xarpi é minha vida. Mais que um hobby. Desde que comecei a piXar minha vida mudou! Fiz muitos amigos. Conheci muita gente, que considero muito, mais do que muitos da minha própria família. Gente que eu deixo entrar na minha casa. Gente que eu trato como se fosse do meu sangue. Como se tivesse saído de dentro da minha mãe. (Xarpi **Saga**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017).

Figura 57: pasta viva – “Akira Eterno”, Xarpi que faleceu.



Fonte: foto tirada pelo autor, 2017.

O homem, o “*ponto final daquilo que se convencionou chamar de orientação ética*”, é o ser que pode receber o amor, e já que todos querem ser amados, o Xarpi também quer. O Xarpi deseja ser apenas um homem/ uma mulher/ um humano/ uma pessoa, mas não pode ser

um homem, porque sai da ética, sai da ajuda que é oferecida na solidariedade colonial criadora da “*superestrutura valorativa*” que desumaniza em troca de uma única ética humana, inclusive nas lógicas da figura que desacredita no amor e suas possibilidades nada confortáveis, imperfeitas e perversas. (FANON, 2008, p. 53). “*Eu piXo há 20 e poucos anos... porra, vários amigos... Jerry, Pik, Soma... Carlinhos Sonso... porra mano, trago o bagulho como... no coração.*”. (Xarpi **Sano**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017). **Sano** fala, e no fim, bate no próprio peito, de maneira forte, três vezes, do lado esquerdo, o lado do coração, que se aperta, acelera, faz sair lágrimas de seus olhos, assim como aconteceu após as três batidas no peito, ao lembrar de amigos que se foram. Mas essas lágrimas de **Sano**, que é a mesma das mães desses jovens citados, que se foram deste mundo tão jovens, também é a mesma que chora as mães que perdem seus filhos pelo auto de resistência, seja ele preto, branco, piXador ou não piXador. “*Todas as formas de exploração se parecem. Todas elas procuram sua necessidade em algum decreto bíblico. Todas as formas de exploração são idênticas pois todas elas são aplicadas num mesmo “objeto”: o homem.*”. (FANON, 2008, p. 87).

Mas o Xarpi não é nada, porque seus movimentos, no mundo estável colonial, não o tornam um homem, e sim um crápula, o sujo, o que causa transtorno por uma ideia fixa de sociedade, humanidade, previsibilidade. O homem é aquele que coloca o homem em seu lugar; segundo o homem, só o homem pode colocar ele em seu lugar, logo, o que não é decidido por ele, não será nada: a piXação não será nada; a réu não será nada; as amizades e aprendizagens a partir da troca entre os divergentes não será nada; o amor não será nada. Esse nada, que parece tanto com a regularização do “nada” criado pelo racista do mundo de base racista anti-negro. Não? Lembrando que o “*racismo colonial não difere dos outros racismos.*” (FANON, 2008, p. 87).

Sendo o preto o de corpo inconstantemente anti-colonial, se este agir em práticas como a piXação, esse anti-colonial parece chegar a níveis de descolonização amadurecidas, como a criação de espaços onde se reúnem estes que não podem ser homens, mas podem ser, por exemplo, no Rio de Janeiro, Xarpi, aqueles que se sentem amados, através de uma atividade que podem acabar matando-os. A preferência com os momentos de viver pela brabeza, através da piXação, o Xarpsicotrópico, que se mostra antirracista, doseamento que tem como reação a descolonização.

2.5 A etnografia da madrugada - um ensaio metodológico adquirido com o Xarpi.

A última parte deste segundo capítulo irá abordar um ensaio sobre a metodologia vivenciada na minha trajetória pesquisadora com o Xarpi carioca, pratica criminosa, me fez pensar numa possibilidade metodológica pesquisadora, “etnografia da madrugada”, uma técnica que explana a excitação empática do pesquisador/a. Esse conceito, resultado dessa produção dissertativa, foi realizado afim de expor a ideia de debate em torno das metodologias de pesquisa.

De certa maneira, os/ as pesquisadores/ as recebem certo “aval” da academia para realizar uma ação que transforma seres humanos em objetos. Embora seja considerado no contexto óbvio que objetos não são pessoas, e pessoas não são objetos, tal característica é oculta, mas real, no sentido de ser um/a pesquisador/a. Na busca de um caminho contrário dessa posição, através de uma proposta metodológica de dimensões analíticas que independem de amarras institucionais, realizei uma iniciativa intelectual formada por parcerias com sujeitos que são comumente colocados como objetos. De todo o jeito, é importante dizer que, se não fosse a institucionalização, envolvida na vontade de escrever um trabalho acadêmico, possivelmente, eu não descobriria tanto sobre outras disposições corpóreas/ epistêmicas/ mentais. Por isso, nesse subcapítulo, exponho o que aprendi quando acompanhei e conversei com piXadores da cidade do Rio de Janeiro, o Xarpi, na intensão de provocar esse complexo e imprevisível fenômeno sem respostas absolutas, contudo, dentro de um mosaico intelectual esforçado de reconhecer tal atividade mais do que um acontecimento movimentado pelo ato criminoso do risco/ traçado/ desenho na superfície (parede, muro, etc.).

Interessado na relação desses praticantes com a cidade, momento que se inicia a (in)completude piXadora, provocadora de certo choque epistêmico, provocado, quase sempre, pela ideia de seu movimento de escrita, agora, irei comentar sobre esse tipo de movimentar-se, através das falas de **Pato** e **Akco**, dois Xarpi que acompanham esta pesquisa. Para esta parte do texto, invoco os dois Xarpi, através do momento em que vi com eles, no dia 12 de abril de 2017, em Madureira, bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

Pato e **Akco** são dois jovens negros. Quando enquadramos a piXação/ Xarpi como cultura popular dos “não populares”, “mal vista” porque é adorada por obscuridades, a prática pode ser percebida na posição de corpos marginalizados, manifestadores de ações que quebram a harmonização dos sentidos da consciência, interrompendo o esclarecimento aprisionador, ordenador, controlador do corpo. O dito marginal, porque não, seria o conteúdo dentro da nebulosidade, ocorrida nos episódios de corpos, que agem de forma misteriosa para

o mundo colonial/ colonizador, momento que é alimentada a característica da enigmática tensão de ser marginalizado, por exemplo, na vida de quem piXa. **Pato** comentou dessa intensa tensão, quando lembra de uma vez que foi pego e quase morreu, em um de seus atos piXadores.

- Em 2014 rodei¹⁴⁵ em Bonsucesso, na Rua Cardoso de Moraes, na altura da Estação de Ramos, perto de um Itaú. Eu era Pata ainda. Fui para pista com um *meno*¹⁴⁶ *cabaço*¹⁴⁷. Expliquei que iria subir pra pegar um nome no topo de um prédio, que nem era tão alto. Estávamos a caminho ainda, e vimos uma viatura. Eles se ligaram no nosso comportamento, e nos viram como suspeitos. Devíamos ter feito algo para isso, porque quando eu já estava lá no alto do prédio, vi a viatura voltando, na contramão. E o cara que estava comigo, nesse momento, sentado de boqueira¹⁴⁸ na calçada, foi abordado, e me denunciou. Escutei lá de cima o desenrolar. (...) E o moleque não soube nem falar direito. Explanou logo: “Tá ali em cima.”. Os policiais já mandou eu descer, dizendo: “Traz a lata e traz o birro!”. Deixei o birro. Se eu leva-se, eles iriam gastar a lata tudo em cima de mim. Resumo de tudo: nunca apanhei tanto. Me espancaram! (...) tapa na cara, chute, soco. Colocaram eu e o moleque no chão, e nos massacraram. Eles me colocaram no chão e me deram cotoveladas na parte esquerda da minha cabeça. E em um momento, eles pediram para ficarmos juntinhos, porque iriam dar um tiro só, pra matar nós dois, sem gastar duas munições. Depois disso, parei com a piXação. Fiquei 1 (um) ano sem piXar. Daí voltei em 2015, devagarzinho, como Pato. (Xarpi **Pato**, em entrevista na madrugada do dia 12 de abril de 2017, em Madureira, Rio de Janeiro – RJ).

A marginalidade de **Pato** está no querer ser, dentro da recepção da possibilidade de morte, logo, o fixo categorizado como marginal, pode ser visto como fluxo de algo irracional, por quebrar a normatividade. Estar pronto para a morte não é apreciado como atividade vivida. Sendo assim, esse momento do relato de **Pato** é importante para abrir uma questão: o que seria sacrificante aos olhos das razões coloniais? A cidade do Rio de Janeiro é francamente homicida. Já vimos isso durante todo esse texto dissertativo. Mas não precisamos nos informar muito para confirmar essa afirmação, e entender que a gestão e o sentido de “ser” desse lugar, são fundados na trajetória do alarmante de homicídios do racismo anti negros, que faz parte da essência brasileira. Negar a domesticação é aceitar a disposição de animal foragido, que pode ser sacrificado. Lembro dos casos de Paulo¹⁴⁹, Jonathan¹⁵⁰ e

¹⁴⁵ Ser pego, impedido, preso.

¹⁴⁶ Jovem.

¹⁴⁷ Inexperiente.

¹⁴⁸ Asneira, imbecilidade, no caso, desatento com a rua.

¹⁴⁹ Matéria sobre a acusação dos policiais que assassinaram Paulo Roberto. Disponível em - <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/05/pms-sao-indiciados-por-morte-de-jovem-em-manguinhos-rio-em-2013.html>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

¹⁵⁰ “Esses assassinos atiraram nele”, diz Ana Paula, mãe de Jonathan de Oliveira, em matéria jornalística. Disponível em - <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-05-15/esses-assassinos-atiraram-nele-diz-mae-de-jovem-morto-em-manguinhos.html>>. Acesso em: 29 de jun. 2017.

Christian¹⁵¹, jovens, negros, pobres e favelados, moradores de Manguinhos, assassinados pela ação de um projeto de política de segurança pública chamada UPP¹⁵² (Unidade de Polícia Pacificadora). Eles são exemplos dessa cruel estatística que expõe a referência de cor, quando o Estado age na sua forma plenamente dura. Não é por menos a única possibilidade de ser para o preto/ negro, o lançar-se sobre a impossibilidade, logo, isso significaria encontrar-se no nível mais profundo da existência humana. O profundo, a intensa tensão, o “*inferno*” que “*não é desfrutado por todos os negros.*” (FANON, 2008, p. 26).

Como já comentei no 1º capítulo, **Pato**, explicou que ser piXador não é simplesmente escrever um nome misterioso em alguma parede censurada. Segundo ele, para ser piXador, ou nesse caso, para ser Xarpi, é preciso reconhecer que, mesmo com a feitura de fazer marcar na parede durante um tempo, só é considerado Xarpi quando outros Xarpi o consideram. **Pato** apenas descobriu isso quando viu seu nome, sua piXação, passar na televisão, depois de alguém ter reconhecido a sua piXação, quando outro alguém fez um *printscreen* da internet, de tal produção.

- Um dia me marcaram no Facebook. Era uma imagem de um programa que estava entrevistando uma mina que também é do Xarpi, a **Kel**. Daí, o muro que fazia a imagem da entrevista, tinha meu nome, estava lá: **Pato!** Eu estava sem piXar há um tempo. Como eu te disse, depois que eu levei umas porradas uma vez, em 2014, parei, e quando piXava, estava devagar... porque não tinha ninguém maneiro pra eu tacar nome. Sei lá, mas com esse *print*, acabei ficando com vontade de piXar, se pá, sozinho também. Ai, comecei a piXar, mas nem foi sozinho, conheci outros amigos que queriam tacar nome. (Xarpi **Pato**, em entrevista na madrugada do dia 12 de abril de 2017, em Madureira, Rio de Janeiro – RJ).

Figura 58: foto da imagem da Kel na Rede Record, e no meio, o nome do Pato.



Fonte: enviado para um grupo de Whatsapp.

¹⁵¹ Link sobre o enterro do jovem Christian, assassinado por policiais da UPP Manguinhos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/09/amigos-e-parentes-se-despedem-de-christian-morto-em-manguinhos.html>>. Acesso em: 30 de jun. 2017.

¹⁵² Matéria sobre essa política disponível em - <<http://www.revistaforum.com.br/2014/02/12/upp-os-cinco-motivos-que-levaram-a-falencia-o-maior-projeto-do-governo-cabral/>>. Acesso em: 29 de jun. 2017.

Ser reconhecido, digamos, pelos seus pares, no mundo piXador/ Xarpi, significa ser parte desse universo, de gente capaz de sair para marcar superfícies, mesmo que isso possa levar quem marca, à morte, entendendo que, para além de ser um crime, tal infração é tratada no “senso de justiça”. Sendo assim, **Pato** também mostra com sua fala a decisão de piXar e continuar piXando - na intenção de ser conhecido por outros Xarpi -, é algo para ser levado na medida da disposição de ser, já que a prática coloca seu praticante em constante risco de vida. Especialistas em desarranjar a luminosidade hegemônica do entendimento ocidental, em práticas iniciadas e inacabadas, a piXação indissocia o prazer e a perda de si, ou melhor, a “epifania” que cria a “experiência estética”, essencial na enigmática relação piXadora, resistente a cativa plenitude moderna, e por isso seria o ato piXador, um ato irracional.

Agora quero relatar a situação que me levou à criação deste subcapítulo. Quando **Pato** e outro Xarpi, o **Akco**, terminavam de piXar um prédio em Madureira, momento de registro das imagens expostas durante essa parte da escrita, passamos por um instante de risco iminente. Após subirem 4 (quatro) andares apenas com a força de seus corpos, **Pato** e **Akco** desciam o primeiro andar do prédio, que era o último para concluir o feito piXador. Um pouco antes dessa descida, eu tinha saído, pois parado, em frente ao mesmo prédio, alguém poderia suspeitar de alguma coisa, e acionar a polícia, ou algo do tipo, que seria arriscado para todos nós ali, naquele primeiro momento. Ali, eu, chamando atenção para aquele lugar, que não poderia ganhar atenção a não ser aquela que se comprometeria com a conclusão do ato Xarpi, já que estava acontecendo uma ação piXadora. Quando eu seguia em frente, na mesma rua, fiquei em um ponto bem afastado do prédio, onde tinha uma venda de doces e bebidas, junto a um ponto de ônibus, lugar onde me posicionei, para aguardar notícias dos Xarpi. Mas não deu nem 3 (três) minutos depois que cheguei no dito ponto, e **Pato** me chamou no Whatsapp: “- *Mano, ainda bem que você saiu! Tu mandou bem! Um cara apareceu na janela. Eu caí! Mas está tudo tranquilo. Onde você está? Encontre a gente na estação...*”. E assim eu fiz. Segui para a estação de trem de Madureira, apreensivo, pois não sabia o que é “estar bem” naquela situação, sobretudo com dois piXadores, visto que **Pato**, tinha caído. E lá, na estação, estavam **Akco** e **Pato**, próximos de uma passarela. Eles me contaram o que houve. Ao descer o último andar, que no caso é o primeiro, a janela de uma espécie de sacada¹⁵³ se abriu, e apareceu um senhor com algo prateado na mão, que parecia ser um revólver. Ele deu socos nos dois jovens com essa "arma", quando um deles conseguiu pular, o **Akco**. Já **Pato**, teve uma de suas mãos

¹⁵³ Varanda de um imóvel de mais de um andar.

presa no buraco da sacada em que se apoiava, momento em que o senhor supostamente armado segurou essa mão presa.

Quando o **Pato** ficou pendurado e sendo agredido, gritaram desesperadamente: “- *PiXador moço! Não é assaltante! É piXador!*”. O senhor o senhor que tinha prendido a sua mão, na tentativa de rende-los, soltou a mão de **Pato**, que pula e, em seguida, corre. **Akco** corre junto. Conseguiram escapar desse susto que durou menos de 1 (um) minuto. De tudo, o que quero comentar desse caso é que, enquanto **Pato** estava pendurado, **Akco** poderia ter fugido, mas não fugiu. Xarpi é coletivo. Ele “tinha” que ficar. Afinal, ele era Xarpi. E eu? Por que fui embora, quando temi minha presença no momento Xarpi? Não sei direito. De primeira, digo que não poderia deixar eles ali. Chegar, trocar uma ideia. Saber tudo da piXação, sem acompanhar eles, e fazer uma desfeita do convite dos próprios piXadores, que a cada resposta que me davam, quase sempre, eram seguidas de “*Só você indo na missão mesmo com a gente, pra você sentir um pouco do que estamos dizendo...*”. Se acontecesse alguma coisa, **Akco** estaria ali, assim apostado, como **Pato** também etária ali, caso acontecesse algo com **Akco**. Com isso, pensei, e eu? Por que saí e depois voltei? Pensei que se algum problema acontecesse, tinha que estar ali, para tentar resolver, mesmo porque minha preocupação enquanto pesquisador, envolve esse tipo de situação de risco, de possíveis corpos assassinados.

Nesse dilema pesquisador, lembrei das 4 (quatro) regras óbvias sobre o que move o (a) pesquisador (a), e a escolha de seu tema, segundo Umberto Eco (2007): o movimento escolhido pelo pesquisador/ a deve corresponder aos interesses do/ a pesquisador/ a; as fontes devem ser de alcance cultural do(a) pesquisador (a) de forma manuseável; durante a investigação, a metodologia deve estar ao alcance da experiência do (a) pesquisador (a). Esmiuçando esses movimentos de pesquisa, digo que, da primeira à última parte, se deu na minha trajetória pesquisadora. Na primeira, digo que não fui piXador, tão pouco Xarpi, mas piXeí, fato que me fez conviver (até agora) com uma rede de conhecidos que praticam piXação no estado do Rio de Janeiro, logo, durante a pesquisa, acabei me tornando alguém interessante, para Xarpi/ piXador, talvez, querer conversar, assim como outras pessoas que se interessam por tal temática. A segunda se deu nas referências advindas de meu esforço intelectual, como fotos, filmes, matérias jornalísticas, músicas, alguns seminários e outros eventos acadêmicos que participei. A terceira se dá nas fontes culturais presentes na rede pesquisada, como a entrevista aberta, encontros e os momentos de prática Xarpi. A quarta está ligada a todas outras anteriores, pois se relaciona com o movimento da minha rede de rua, lugar onde nasce a pesquisa.

Figura 59: Pato e Akco em Madureira.



Fonte: O autor, 2017.

As regras (sem regras), os ambientes (desambientados) e os detalhes transumantes da rua, formam uma posição sutil para a realização de meu lugar pesquisador; sutileza que me fez criar caminhos para me aproximar do campo pesquisado. Esse caminho e/ ou caminhar deve ser feito como diz o samba¹⁵⁴, “devagar, devagarinho”, dentro de regras que priorizam o corpo, e criam outro tempo, para outras maneiras, como o pedido de desculpas, quando alguém pisa no seu pé. O/A pesquisador/ a sendo sutil às racionalidades dos sujeitos que ele (ou ela) se dispõe, evidencia-se como humilde, quando agradece uma pisada no pé. Cada pesquisador/ a terá a sua própria sutileza, e a minha, se deu através da “febre da pista”, duas gírias de significados geminados: usada para referenciar o desejo incontável sobre algo muito bom e/ ou muito ruim, e a “tá na pista”, empregada na finalidade de comentar que alguém foi abandonado, que está na rua e/ ou livre. Aqui, seguindo tais interpretações, a “febre” é colocada no sentimento indomável de exaltar a liberdade proporcionada pela “pista”, esta de qualquer lugar ou posição que não mostre institucionalização, ou quaisquer outras regras palpáveis, dando lugar às regras sentidas, vividas.

Trabalhar com a “febre” propiciada no interesse com a “pista”, ou (talvez) a rua como o existir inconstante (devir), pode se tornar importante, pois tal envolvimento deixa o (a) pesquisador (a) atento com o que os/ as envolvidos/ as das iniciativas pesquisadas fazem, na intenção de estabelecer a escrita de um diário, selecionando cooperadores(as), gerando relações, para transcrever textos. Quero dizer com tudo isso que, talvez, escrever na “febre da pista” seja uma maneira de criar caminhos para possíveis atividades andarilhas epistêmicas de ações mais sentidas, mais vividas, do que explicáveis, percebendo diferentes coisas

¹⁵⁴ Trecho da música “Devagar, Devagarinho”, do sambista Martinho da Vila (“Tá Delícia, Tá Gostoso”, 1995).

(fenômeno almejado para pesquisa) de coisas já conhecidas (como esse fenômeno se posiciona no cotidiano e na área da ciência).

O (A) pesquisador (a) dessas “coisas diferentes” já conhecidas, mais sentidas do que explicadas, não precisa ser da mesma origem, ou ter uma trajetória parecida com a “coisa” que o interessa na pesquisa. Ser atraído pela “coisa”, ter o aumento de temperatura que leve a febre da pista, ou algo do tipo, na exposição de disposição do interesse a ser pesquisado, é o bastante. Entretanto, esse sentimento se dá em concomitância com outra característica que, a meu ver, precisa ser amadurecida por todo e qualquer pesquisador, a empatia.

Como eu dizia, saber “pedir desculpas” depois que “pisarem” no “seu pé”, é se dispor para os (in)constantemente provocados nos “laçados” pelos fios culturais. Sendo cultura “coisa dos homens”¹⁵⁵, este que é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, conceito de Geertz, sobre sua reflexão antropológica - inspirada em Max Weber, superando o conceito estrutural-funcionalista -, reconhece o caráter semiótico (signos) da cultura. Essas teias, os fios culturais que se volta nas reflexões analíticas vistas cientificamente, expõe o campo que deve ser trabalhado de forma interpretativa na sua busca por significado, e não na forma experimental em busca de leis. (GEERTZ, 2008).

Quando o tema é secundarizado dentro de uma pesquisa, ou melhor, na priorização do objeto de pesquisa, parece que o (a) pesquisador (a) acaba tornando os sujeitos envolvidos na pesquisa em materiais, pessoas objetos. Colocando essa reflexão para minha pesquisa com piXadores, se eu a fizesse transformando piXadores em coisas, as leituras poderiam trazer uma iniciativa epistêmica para querer responder questões que não precisariam ter respostas - tais como “O que é piXação?”; “O que é piXador?”; “Por que o piXador mostra letras próprias?”. Essas questões podem surgir e serem respondidas, mas pelo próprio campo, já que as relações do fenômeno pesquisado não se dão em uma resposta fixa. Se a pesquisa não torna seus sujeitos em objetos, o tema poderá ter as trocas e reflexões necessárias, a partir de fenômenos que podem se tornar temas mais propícios para serem materializados. No caso de minha pesquisa, priorizo o “Xarpi” como sujeito, e realizo uma produção com esses corpos a partir do tema piXação, objetificado dentro da mesma outro fenômeno, o “racismo”.

Não trabalho com objetos de pesquisa humanos. Na verdade, isso me incomoda. Ninguém aqui será visto como um “rato de laboratório”. A piXação vira algo a ser desafiado dentro do campo da ciência e da cientificidade, pois a prática passa a ser percebida no contexto de fenômenos reais que nos atinge cotidianamente. Troco o experimento pela

¹⁵⁵ Trecho da música “Ronco da Cuíca”, de João Bosco, presente no disco “Briga de Galo” (1976). A expressão quer dizer que “coisa dos homens” seria aquilo que coloniza e também torna animal.

experiência, junto com jovens homens cariocas, pretos e realizadores da prática da piXação, o recorte que fui recebendo no decorrer da pesquisa; vozes que manifestam potências especializadas em mostrarem negação ao que está posto, vivendo entre ações colonizadas e descolonizadas.

Voltando aos laços com os fios das ideias feitas em intelectualidades interpretativas, esta que, antes, cria o nosso interesse epistêmico em algum fenômeno, parece trazer uma afirmação que questionarei agora. Será a empatia, essa sensibilidade sobre o fenômeno interessante para pesquisa, ocorrida antes da própria pesquisa, no primeiro pensamento de qualquer pesquisador? Será a força sensível a primeira iniciativa de "querer ser" um pesquisador?

Não quero com essa complexa reflexão “endeusar” ou “endiabrar” nenhuma técnica metodológica; o que quero tentar explicar é que, independente delas, quando surge o sentimento de empatia, é quando a teoria é vista de forma intrincada com a metodologia. O momento de empatia do pesquisador parece ser o mesmo momento de reconhecer os impasses, que desafia alguma ação como algo importante a ser pensado, por mais que os atos dessa ação sejam complexos, mas para o (a) pesquisador (a), a importância da mesma complicada atitude, é nítida.

Segundo Minayo, o labor científico se posiciona em duas direções:

(...) numa, elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas. E ao fazer tal percurso, os investigadores aceitam os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, imbuem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado, é construído. (MINAYO, 2002, p. 12–13).

Nessa lógica, concordando com Minayo, quando aqui tento inventar através da deterioração, na intenção de comprovar meu caminho de pesquisa. Minha empatia se transforma em antipatia com pesquisas que, por exemplo, converte corpos em objetos. Não consigo enxergar um espaço para a troca com quem prioriza o tema piXação, em troca da objetificação de piXadores, sujeitando fenômenos como o racismo, por exemplo, ao objetificar os corpos que sofrem esse fenômeno. A respectiva pesquisa qualitativa, em sua essencialidade, se compromete com a realidade social. Os códigos das ciências já expostos, e outros que ainda serão, sei e afirmo-os como incapacitados de conterem a riqueza da realidade. A ciência é apenas uma forma de expressão da busca por desvendamento de lógicas profundas e insuspeitas do inconsciente coletivo, do cotidiano e do destino, dentro de conflitos e contradições. Mas com esses códigos científicos, nós, pesquisadores (as) somos

capazes de se aproximar dos fenômenos, ainda que de forma incompleta, inconclusa sobre tal abordagem no conjunto de expressões humanas.

A agressão com um suposto revolver no momento e que estive no campo. Se fosse realmente um revolver, e tivesse sido disparado no piXador, eu quase poderia ser testemunha de um crime, caso eu continuasse no local, até o momento do susto. No mínimo, uma tentativa de homicídio. O disparo da arma também traria poucas possibilidades de socorrer um piXador baleado, levando-o para o hospital, logo, ele poderia vir a óbito, novamente, no mínimo, viraria testemunha. Mas também poderia acontecer "o contrário", quando os piXadores poderiam ser testemunha de um risco que eu poderia correr por estar com eles. Muitas das vezes, esse tipo de ação, ou seja, andar com uma arma de fogo para proteger e manter limpa uma parede, ou qualquer outro patrimônio, público ou privado, é descoberto por uma surpresa, sem muito (ou nenhum) tempo para se explicar. Com isso, acredito que o agir com sutileza, mantedora da empatia presencial no campo, está fadado a uma presença de cumplicidade com os sujeitos da pesquisa, ou seja, é o momento da observação cúmplice: relação do/ a pesquisador/ a, que se aproxima do sujeito presente no fenômeno pesquisado, através de uma presença que deve estar "preparado para tudo". No momento do contato direto com o sujeito da pesquisa, se algo sair do controle, o inesperado acontecer e, por algum motivo, o sujeito da pesquisa tiver que fugir, corra junto com ele; ou no caso, se o sujeito de sua pesquisa for "rendido", fugir para ficar com eles, pois pode acabar se tornando uma testemunha de um crime, que pretenderá admitir a acusação sobre o piXador, e caso ao contrário, você será cúmplice. Você estava com o sujeito de sua pesquisa no momento da sua relação fenomênica, e torna-la objeto. Pessoas não são descartáveis, ou pelo menos não deveriam ser. Então, se escrevo/ escrevem um texto que entra na briga de reconhecer certas racionalidades corpóreas como humanas; desumanizar na hora dureza, no momento em que encaramos as demandas dos fenômenos de frente, fará com que os resultados pesquisados sejam (eticamente) contraditórios.

Sim, corremos o risco mortal de tragédias, não só como testemunhas, cúmplices, mas também como possíveis vítimas do genocídio. Essa é uma realidade entre nós, pesquisadores (as), não por culpa nossa, quando decidimos, por exemplo, pesquisar o universo da piXação do Rio de Janeiro, sabendo como os piXadores são tratados, mas sim porque a sociedade é genocida. A culpa também não é dos "bandidos dos piXadores". Os culpados dessas ações mortais estão nas relações culturais impalpáveis presentes no campo colonial diário. Ninguém está livre do fascismo, avassalador em seu poder de desencantar a humanidade. O sociólogo e Mestre em Educação, Otávio Cruz Neto - em texto no mesmo livro já citado de Maria Cecília

de Souza Minayo (“Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade”) -, comenta sobre o trabalho de campo da pesquisa qualitativa. Para ele, além desse trabalho aproximar o(a) pesquisador(a) no que ele almeja conhecer (ou conhecer mais), também é algo criador de conhecimento realizado, a partir da realidade do presente campo. Esse trabalho de campo é ligado à vontade e à identificação com o tema a ser estudado, iniciativa de possível posicionamento na ideia de “laboratório”, onde o pesquisador não parece se importar muito com os sujeitos a serem estudados. (NETTO, 2002, p. 51-52).

Citando Neto (2002):

Para muitos pesquisadores, o trabalho de campo fica circunscrito ao levantamento e à discussão da produção bibliográfica existente sobre o tema de seu interesse. Esse esforço de criar conhecimento não desenvolve o que originalmente consideramos como um trabalho de campo propriamente dito. Entretanto, somos da opinião que essa dinâmica é fundamental para qualquer tipo de pesquisa. Essa forma de investigar, além de ser indispensável para a pesquisa básica, nos permite articular conceitos e sistematizar a produção de uma determinada área de conhecimento. Ela visa criar novas questões num processo de incorporação e superação daquilo que já se encontra produzido. (NETO, 2002, p. 52-53).

Neto parece explicar que a originalidade de uma pesquisa surge no conhecimento que vai além da bibliografia sobre o tema de interesse do(a) pesquisador(a). Esse além pode acontecer no campo, no cotidiano, na realidade do fenômeno. Dentro do dinamismo, a produção intelectual realiza-se na determinada área de conhecimento, no objetivo de incorporar e/ ou superar uma produção intelectual produzida anteriormente. É nesse momento que nasce a ideia desse meu lugar de pesquisador, junto desse lugar de minha metodologia, que chamo de etnografia da madrugada, uma obscura leitura que tive com o universo Xarpi, após o reforço empático originador da observação cúmplice.

A etnografia - em clássicos como o já citado “A interpretação das culturas”, de Clifford Geertz -, é uma prática do pesquisar que dispensa a necessidade do pesquisador em se transformar no “nativo”. No amplo sentido, as atitudes etnógrafas seria uma espécie de abertura de escuta forte com o fenômeno identificado, ação que deve ser muito mais do que simplesmente falar. (GEERTZ, 2008, p. 10). Para Geertz a etnografia deve parecer uma tentativa de ler um manuscrito estranho, de emendas suspeitas, comentários tendenciosos, cheios de sinais não convencionais e com exemplos transitórios de comportamento modelado. Essa etnografia, para além de ser o estabelecimento de relações, o selecionamento de informantes, o transcrever de textos, o levantamento de genealogias, o mapearem de campos, o alimentar de diários, dentre outras técnicas, tem como feito empreendedor o esforço intelectual, através de uma descrição densa, noção que vem de Gilbert Ryle. (GEERTZ, 2008).

Essa ideia de etnografia, junto à lógica de “madrugada”, não se dá simplesmente por iniciativas ocorridas entre 0h AM. (meia-noite) e 6h AM. (seis da manhã). A madrugada que invoco, é o momento dos filhos se transformarem em piXadores, mães se transformarem em prostitutas, pais se transformarem em ladrões. Madrugada do momento dos filhos se transformarem em ladrões, mães se transformarem em piXadoras, pais se transformarem em prostitutas. Madrugada, é o momento dos filhos se transformarem em prostitutas, mães se transformarem em ladras, pais se transformarem em piXadores. Quem sabe o que é madrugada? Talvez quem, de maneira sutil, se motiva por algum fenômeno a ser investigado, priorizando a empatia com os(as) sujeitos(as) do fenômeno interessado, momento da observação cúmplice, possibilitada por aqueles que se dispõem à vida como uma eterna madrugada. A madrugada é simbolizada aqui como metáfora de concomitância entre breu e alfa. Algo escuro, seguidor da alvorada, do princípio, que não se deixa clarear totalmente. É o lugar de acontecimentos fora dos padrões de clarão matinal, do claro vespertino e da total escuridão noturna. A madrugada, apesar de ser sem luz, é aurora, a antemanhã de dilúculo crepuscular, período comumente reconhecido por espaços da ambivalência da vida, por exemplo, de uma prostituta, de um ladrão, de um piXador.

Minha etnografia da madrugada foi refletida através de uma fala sobre a vida Xarpi dita por **Pato**, que mostra essa abertura quando falava da vida Xarpi: “- *Na madrugada, não tem ninguém, nem nada na rua. Então, os ouvidos ouvem de verdade. Dá para escutar até os passos quando caminhamos.*”. (Xarpi **Pato**, em entrevista na madrugada do dia 12 de abril de 2017, em Madureira, Rio de Janeiro – RJ).

Isso me fez lembrar a aclamada necessidade empática na vida acadêmica que tento explicar com essa parte do texto. As paredes frias dos corredores universitários devem trocar de temperatura. O gelo institucional pode ser derretido com essa energia, comumente gasta em uma fuga. Os ecos desses ditos corredores podem promover com seu silêncio um esporro gritado pelos sujeitos pesquisados, quando esses ganham outro lugar em nossas pesquisas. Mas, como venho tentando dizer, pensar um fenômeno é pensar seu enigma, e pensar o enigma é ter disposição para o nunca pensado, sem a possibilidade de concretude e, ao mesmo tempo, com considerações que permeiam a contradição de lógicas. Tentando explicar melhor, pergunto a vocês, meu caro leitor e/ ou minha cara leitora, se esse suposto gelo me esquentou ou me fez responder com o quente? Eu escreveria “quente” se não tivesse conhecido esse gelo? Como escreveria? Escreveria?

Enfim, desejo que os pesquisadores de seres humanos sejam mais sensíveis, quando pesquisam sobre ou com. Não importa. Seja na Educação, Cultura, Comunicação,

Matemática, História, Administração, Pedagogia, Ciência da Computação... o curso universitário independe. A ideia da etnografia da madrugada é lembrar do compromisso com a humanidade, não para o orientador, a instituição, a conquista do “canudo¹⁵⁶”, ou algo do tipo.

Quem pesquisa “com” piXador não é porque é corajoso, mas sim porque ágil empaticamente “sobre” pessoas que são atravessados por este universo e, por isso, persistem nas situações que merecem ser analisadas – eu, por exemplo, pesquiso piXação com Xarpi para expor que esses sujeitos são mortos apenas por marcarem com grafias enigmáticas alguma superfície, através de uma tinta, ou algo que marque. O que não poderia ser marcado.

¹⁵⁶ Dialeto para diploma.

3 XARPI COMO UMA PRÁTICA ESCOLAR: BRABEZA X ALUNATO

O terceiro e último capítulo antes da conclusão deste trabalho irá relatar como me aproximei inicialmente do fenômeno piXador carioca – o Xarpi. Identificado com as respostas proporcionadas nas entrevistas com os Xarpi, onde todos disseram que tiveram seu primeiro contato direto e prático com a piXação dentro da escola, a ideia aqui é dar continuidade na troca reflexiva, problematizando esse universo a partir do primeiro contato que tive com tal fenômeno. O ponto de partida deste momento textual se dará através de minha relação inicial com a piXação e com o racismo, na tentativa de chamar atenção sobre esses fenômenos dentro das escolas, já que, diferentemente de 9 (nove) conhecidos de infância mortos que tive, e que também serão invocados, consegui “completa-la” e chegar aos 30 (trinta) anos de idade, situação que me deixa feliz, mas também triste, por não ter mais esses brabos aqui.

3.1 9 Verdades e 1 Mentira, ou (mais de) 9 amigos de infância mortos e 1 advertência na caderneta escolar: Samuel Lima, Samuca e a piXação/ Xarpi.

*“Faça uma lista com o nome dos amigos de
infância
Mas não chore não
Não chore não
Pois nessa hora é o momento de saber lidar com a emoção”*

MC Cidinho General, na música “Saudade Dói”
(2013).

Enquanto escrevo este texto, em abril de 2017, momento que mostra uma nova tendência da rede social online Facebook neste período. É uma brincadeira. O compartilhar na própria *timeline* linha do tempo 10 (dez) revelações, onde 9 (nove) seriam verdadeiras e 1 (uma) falsa.

Esse desafio que tem a intenção de confundir, trazendo um momento jocoso e confuso, quando as pessoas incluídas em nossa rede social online tentam adivinhar qual é a única informação caluniosa revelada.

Em uma matéria sobre esse jogo, é explicado que muitas pessoas não participam da brincadeira, dizendo que é só mais uma maneira de chamar atenção, se exhibir e se vangloriar

em redes sociais¹⁵⁷. Não participei da brincadeira no Facebook. Não por achá-la supérflua, etc.

Na verdade, preferi jogar aqui, com meu texto dissertativo, mas, de maneira um tanto diferente, já que revelarei o que é verdade e o que é mentira. Inspirado no dito desenfado, escreverei com arditos detalhes sobre meus 9 conhecidos de infância mortos no período de juventude – **Espeto, Bomba, Pigmeu, Balas, Pintinho, Diguinho, Ligeirinho, Rico e Biblô** (lê-se “Bibelô”) -, e também sobre 1 mentira, a advertência que recebi na caderneta de presença escolar.

Neste subcapítulo, para além das 9 verdades e 1 mentira, a escrita terá a proposta de trazer o envolvimento da prática piXadora/ Xarpi, embrenhada na vida do cotidiana escolar.

3.1.1 A Quadra da Lafayette

Não me recordo bem, mas, em uma ordem, conheci a piXação na escola. Essa aproximação aconteceu na Cidade Alta, favela que me viu/ vê crescer desde sempre. Minha infância e a maior parte de minha adolescência foi lá, na Zona Norte carioca, em Cordovil, na Rua Serra do Navio, onde fica, até hoje, o puxadinho do Edifício Penha, onde cresci nos anos de 1990, visto que, logo depois, em meados da primeira década dos anos 2000, mudei-me para o Edifício Copacabana, que fica no mesmo bairro, na Rua Água Doce.

Habitação clandestina criada a partir de uma parede com uma estrutura maior, os puxadinhos são comuns em favelas criadas a partir de conjuntos habitacionais, ou seja, tal estrutura é aglomerada nos edifícios domiciliares. Os puxadinhos também podem ser casas que, antes de serem casas, eram outra coisa.

Por exemplo, o puxadinho que morei, antes de ser uma casa, era a marcenaria de meu avô José, pai de meu pai. O puxadinho que cresci, é um espaço que foi deixado “de herança”, após o falecimento de meu avô, este lugar construído como “um lar” pela minha família em 1993, quando saímos do Morro do Timbau (Complexo da Maré). Enfim, fui para a Cidade Alta com quase 6 (seis) anos de idade.

Contextualizando de maneira rápida, o Conjunto Habitacional da Cidade Alta é uma das muitas construções que fazem parte do projeto de erradicação de favelas executado pela

¹⁵⁷ Matéria sobre o “9 verdades e 1 mentira”, com o título “9 verdade, 1 mentira e 13 porquês”. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/renato-prelorentzou/9-verdades-1-mentira-e-13-porques/>> . Acesso em 10 de mai. 2017.

Coordenação de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana (CHISAM), entre os anos de 1960/ 70, abrigando moradores removidos de variados lugares da cidade, inclusive de outras favelas.

Por exemplo, a favela de Manguinhos¹⁵⁸, que estava passando por obras, teve o terreno do Conjunto de Habitação Provisória (CHP) removido, e alguns de seus antigos moradores foram morar na Cidade Alta. (BRUM, 2012). É o caso da família de meu pai, que, antes da Cidade Alta, moravam em Manguinhos.

Mesmo com suas características edificadas por blocos e prédios, ou, sendo mais conciso, ainda que não tenha adquirido totalmente o físico de características para se constituir enquanto favela, no íntimo da lógica que reconhece estes lugares como um local de desordem e precariedade, a Cidade Alta é considerada como favela através da “descaracterização” das construções, como os já citados puxadinhos, e também pela intensificação da violência cotidiana, tanto pelas chamadas facções armadas de venda de drogas ilícitas, quanto pelas ações precárias e pouco efetivas do Estado, inclusive nas ações genocidas da Segurança Pública. (BRUM, 2012). Outro dia, registrei uma imagem próximo do puxadinho onde cresci e compartilhei no Facebook.

A foto acabou sendo observada por conhecidos de infância que falaram de uma dedicatória piXada para **Kel**, outro conhecido nosso que (também) acabou assassinado. “*Kel descanse em paz*”, até o momento deste texto, ainda está escrito no outro puxadinho, próximo ao carro (Figura 60). Kel, outro jovem negro finado em minha trajetória que, ao ser citado, acaba trazendo outros finados: Rogerinho **Bomba** (que será citado aqui), Anderson D, Galinha, Pinguelo, dentre outros.

Para variar, naquele momento (dia 28 de maio), um deles, o **Piu-Piu**, estava fazendo aniversário de morte. Veja nos comentários sobre a foto, em *print screens* que fiz dos mesmos.

¹⁵⁸ Hoje, o CHP ainda existe como CHPII. Algumas dessas remoções de favelas também tiveram o propósito de extingui-las, situação que aconteceu com a Praia do Pinto, lugar que a Cidade Alta também recebeu removidos. (BRUM, 2012).

Figura 60: Xarpi “P/ Kel”.



Fonte: O autor, 2017.

Figura 61: print da discussão sobre os falecidos no Facebook 1.



Fonte: print tirado pelo próprio autor, 2017.

Figura 62: print da discussão sobre os falecidos no Facebook 2.



Fonte: print tirado pelo próprio autor, 2017.

Figura 63: print da discussão sobre os falecidos no Facebook 3.



Fonte: print tirado pelo próprio autor, 2017.

Figura 64: print da discussão sobre os falecidos no Facebook 4.



Fonte: print tirado pelo próprio autor, 2017.

Voltando ao assunto sobre piXação e escola, mas ainda sobre a Cidade Alta, podemos falar de um lugar em particular que era complexamente afável para as juventudes do meu período de infância e adolescência: a Quadra da Lafayette. Endereçada na Rua Poço Central, nº 179, local onde fica a Escola Municipal Ministro Lafayette de Andrada (EMMLA), a Quadra da Lafayette é um desses lugares que compõe de maneira desatada os equipamentos públicos de favela no período dos anos de 1990; momento em que alguns seus muros dessas instituições eram “puláveis”, onde espaços, nesse caso, educativos, tornavam-se lugares de lazer, como a dita quadra era pra Cidade Alta. O equipamento se dava por estruturas

precárias, como um cano de ferro da caixa d'água que privilegiava aquela sagacidade de ficar mais “um tempinho” na rua, já que voltar em casa para matar a sede, muitas das vezes, significava o “cárcere caseiro”, e como bem se sabe, a maior fome de um moleque de favela, é a liberdade proporcionada pela rua.

Figura 65: Quadra da Lafayette nos anos de 1990 – Xarpi.



Fonte: foto retirada do Facebook de Aluísio (o primeiro da ponta esquerda, com a bola no pé), meu amigo de infância e adolescência.

Falando um pouco mais sobre a EMMLA, ela foi inaugurada em 1976, primeiro equipamento educacional com o segundo segmento do Ensino Fundamental regular (antigo ginásio), que no período quando estudei lá seria da 5ª a 8ª série, já que hoje o Ensino Fundamental é do 1º ao 9º ano. A EMMLA também contava com o Programa de Educação de Jovens e Adultos, que atrai pessoas tanto do complexo da Cidade Alta quanto do entorno, público (principalmente adultos e idosos) que retornavam aos estudos escolares depois de anos. No mesmo prédio da Lafayette fica o Colégio Estadual República de Guiné-Bissau, um

espaço educacional público noturno, que atende o ensino médio, ou seja, manhã e tarde é Lafayette de Andrada, e à noite, Guiné-Bissau. (BRUM, 2012, p. 170-171).

Figura 66: Quadra da Lafayette mais atual (foto de 2016).



Fonte: O autor, 2017.

Estudei na EMMLA do CA (Classe de Alfabetização) à 8ª série, com uma pequena interrupção na 7ª série, pois, na época, por almejo de minha mãe, estudei em outro bairro, na Penha, ainda na Zona Norte¹⁵⁹, já que, para ela, a EMMLA me deixava um tanto “agitado”. Quando foco minhas lembranças sobre este lugar e esse período, uma das primeiras reflexões que tenho sobre tal equipamento é que a Quadra da Lafayette praticamente não fazia parte da EMMLA. Sim, a quadra é dentro da escola, entretanto, as atividades que aconteciam por lá independiam da gestão de tal espaço. Eu e outros alunos do equipamento ficávamos por lá de segunda à sexta, na agenda escolar regular, no horário entre 7h e 17h, contando com os dois turnos¹⁶⁰, mas também fazíamos presença depois das 17h, quando a equipe que fazia gestão do equipamento (diretores, professores, merendeiras, inspetores) seguiam para “o descanso”

¹⁵⁹ Na Escola Municipal Souza Carneiro, que fica na Rua Califórnia, nº 255, no bairro da Penha Circular.

¹⁶⁰ O primeiro entre 7:40 AM e 11:40 AM e o segundo entre 1:00 PM e 5:00 PM.

de suas casas, ou até continuavam por ali, para dar aula na outra escola, que ficava, como já disse, no mesmo equipamento (a República de Guiné-Bissau).

Nós, os alunos e alunas da EMLLA, também ocupávamos a Quadra da Lafayette nos fins de semana e feriados, onde aconteciam partidas de futebol, tipo peladas, *time contra*¹⁶¹/ amistoso, campeonatos. Em suma, a quadra era nossa. Ao que me parece, a Quadra da Lafayette, clandestinamente virava uma escola fora da escola, pois, mesmo dentro da escola, se mostrou como um incrível e importante lugar de referência para a minha trajetória de vida. Nesse período, a Cidade Alta carecia de espaços públicos poliesportivos e de lazer. Um tempo depois, no início dos anos 2000, a prefeitura construiu quadras gêmeas na Rua Ponto Chique com a Rua Brejo Novo, que, como todo equipamento de favela de todas as gestões que essa cidade já teve, depois da inauguração, a manutenção só acontecia/ acontece, às vezes, de 4 em 4 anos, no período eleitoral de disputa para Prefeitura e outros cargos políticos da “vontade” do votante.

3.1.2 – “PiXação, o prazer é todo meu”.

Foi na Quadra da Lafayette onde convivi com grupos de crianças e adolescentes, entre meninos e meninas, que se interagiam a partir do futebol¹⁶². Eu era do *Bonde*¹⁶³ da Serra¹⁶⁴. Mas não foi com esse grupo que conheci a piXação, e sim com um dos meninos mais “diferentes” do *Bonde da Citi*¹⁶⁵, que estudou comigo da 2ª à 4ª série, o **Bomba** (falecido em 2004). Digo diferente porque entre os garotos da Citi, todos negros como **Pigmeu** (falecido

¹⁶¹ Jogo futebolística entre um time formado por um grupo de uma mesma rua e/ ou bairro, que trava uma espécie de amisto com outro grupo da mesma rua e/ ou bairro. O *time contra* é divergente da *pelada*, pois o primeiro acontece com a intenção de mediar qual lugar (rua ou bairro) é melhor competidor no jogo de futebol, enquanto o segundo se faz com times mistos, e sem nenhuma intenção competitiva.

¹⁶² Também existiam brincadeiras tais como queimado, pique bandeira, pique pega, policia e ladrão, dente outras, mas elas aconteciam no estacionamento da escola, e não na quadra.

¹⁶³ Gíria usada para referenciar grupos de um bairro ou de uma rua que sempre estão juntos, amigos que tem como característica principal a apreciação com a cultura do funk carioca.

¹⁶⁴ Maneira de citar uma rua chamada de Serra do Navio, localizada no bairro de Cordovil, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

¹⁶⁵ Escrita com a letra “i” por seus/ suas habitantes, Citi (lê-se “Cíti”), talvez venha de “City”, cidade em inglês.

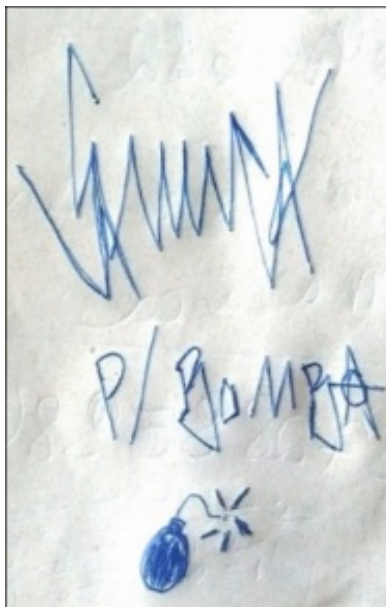
nos anos 2000) e Langa¹⁶⁶ - moradores de uma das localidades (até hoje) mais precárias da Cidade Alta. Com esgotos a céu aberto, ainda algumas habitações de *madeirite*, tapumes e outros materiais que dão origem aos chamados barracos, envolvido em um histórico de relações violentas, sobretudo pelo tratamento do Estado, inclusive por parte da PMERJ, que dificulta ainda mais a vida das famílias economicamente pobres dessa localidade -, **Bomba** era o único menino do bonde da Citi de cor branca, cabelos loiros e olhos claros. Ele não morava na Citi, e sim em um prédio, bem próximo a esta referida localidade.

Com uma família que é dona de um comércio conhecido até hoje na Cidade Alta, o “Bar do Tijolinho”, que fica na Citi, **Bomba** acabou crescendo junto com os meninos desse lugar, e me conheceu na EMMLA em 1996, quando cursávamos juntos a 2ª série. **Bomba** era meu melhor amigo da escola. Éramos parceiros nos trabalhos das aulas. Ele era muito inteligente. Aliás, ele tinha saído de uma escola particular, e parecia que o conteúdo dado em uma escola pública não era tão difícil, pois **Bomba** já parecia ter passado por tudo que era lecionado, sem estudar. Mesmo assim, ele estudava muito comigo. Foi meu primeiro parceiro de estudos. Para variar, peguei o gosto de estudar com ele nesse ano da 2ª série, acredito (principalmente), por causa dessa relação.

Um dia, pela manhã, na entrada da aula na EMMLA, **Bomba** me mostrou uma espécie de fichário contendo envelopes plásticos e transparentes, que continham papeis escritos com grafias esquisitas. Elas não me eram estranhas, pois já avistava nas paredes das ruas da cidade, e dentro da Cidade Alta, escritos parecidos. Ele disse que tinha ido a uma festa de piXação, e pegou as assinaturas nesse evento. Perguntei o que era piXação, e meu parceiro explicou que era um apelido escrito nos muros, nas paredes, de uma maneira que só quem conhece o piXador autor, ou outros piXadores que conheçam o autor, poderia saber o que estaria escrito naquela grafia. Na sequência, **Bomba** gravou sua piXação na folha de um caderno. Perguntei o que estava redigido. Ele respondeu: “**Bomba!** *Agora, faz o seu. Escreve aí: ‘Samuca’!*”. Perguntei: “*Como, embolado?*”. Ele me respondeu: “*Como você quiser.*”. E assim nasceu minha piXação, no mesmo dia que eu conheci o fenômeno.

¹⁶⁶ Alexandro de Almeida, conhecido no universo funkeiro carioca como MC Langa, recebeu esse apelido por referência a seu pai, o Langa. Segue as páginas do MC: Banda Fortaleceu - fb.com/bandafortaleceu ; MC Langa – fb.com/mclangadaalta .

Figura 67: minha piXação, sugerida por Bomba, escrita da mesma maneira da época citada.



Fonte: foto tirada pelo autor, da escrita feita para essa dissertação, 2017.

3.1.3 O testemunho da primeira presença do preto fosco em muro.

Os anos foram passando, e mesmo no período em que não estudamos na mesma turma, eu e **Bomba** continuávamos amigos, no grupo de meninos e meninas que cresciam juntos. Em uma sexta-feira de 1999, depois das 18h, rolou um time contra na Quadra da Lafayette, entre o Bonde da Serra e o Bonde da Citi, ou seja, joguei contra o **Bomba**. Mas o mais memorável desse dia não foi o futebol, e sim o que vi sendo feito no muro da quadra.

Dois rapazes mais velhos, ou melhor, adolescentes, **Rico** (falecido nos anos 2000) e **Demo**, apareceram na quadra. De repente, um deles escreveu o seu nome na parede: “**Demo**”. Com uma lata nas mãos, que “espirrava” uma tinta preta, fazendo um barulho parecido com quando pressionamos um produto do tipo “aerossol” (desodorante ou inseticida), mas de som um pouco mais alto. O objeto apertado também transmitia um cheiro diferente, não agradável como de um perfume, e nem tão pouco tóxico como as substâncias usadas para matar insetos. O odor era mais estimulante, de “metáforas sensoriais” (COLEHO, 2016).

Foi assim que vi o primeiro nome de piXação sendo feito com tinta de uma lata de *jet*¹⁶⁷ spray, o principal objeto de uso dos piXadores.

¹⁶⁷ Termo como também é usado entre os piXadores e grafiteiros, para referenciar a lata de tinta usada entre eles.

3.1.4 – PiXando antes de conhecer o Xarpi

Depois daquele dia que vi **Demo** piXar o muro da Quadra da Lafayette com tinta spray, fiquei curioso por tentar fazer o mesmo. Por isso, depois dos cadernos e livros da escola, que eram feitos de maneiras bem tímidas, decidi expor mais o **Samuca**. Em 1999, quando eu cursava a 5ª série, comecei a piXar de giz de cera, *Nugget*¹⁶⁸ (falávamos “nugueti”), *Pilot*¹⁶⁹ (que chamávamos de “piloto”) e *Liquid Paper*, nos banheiros da EMMLA, em outras escolas, dentro dos ônibus e em qualquer lugar da Cidade Alta, dentro dos prédios.

Mas esse também foi o período de “Caça aos piXadores” dentro de favelas, e, para variar, depois que os prédios, becos e vielas ficaram tomados por piXações, surgiu uma conversa na Cidade Alta, que, até hoje, eu não sei se é lenda, ou é fato. Em 1998, depois que um piXador levou um tiro na mão por ter piXado a “casa errada” na Cidade Alta, qualquer pessoa que fosse pego nessa prática, iria sofrer alguma represália. Esse foi o momento de cair para pista. Como era “proibido” piXar em favelas, uma molecada começou a sair para o *asfalto*¹⁷⁰, em outras palavras, piXavam fora da favela. Também fui para pista, piXei, mas só fui uma vez. Nessa primeira e única vez, estavam comigo dois colegas de infância, o **Mib** e o **Bica**.

Era 21h de um dia de 1999. Depois de termos juntado dinheiro, compramos nossa primeira tinta spray. Uma *Colorgin*¹⁷¹ preto fosco. Não só era meu primeiro nome com esse tipo de tinta, mas também era o de **Mib** e **Bica**. Decidimos piXar na Av. Brasil, na altura de Parada de Lucas, o que significava que era só sair de casa e seguir caminhando para a altura da Passarela 23, da Av. Brasil. E assim foi feito. Deixamos nossas marcas próximas a essa passarela; na verdade, um pouco mais para o sentido da Penha, no viaduto que segue para a Avenida Washington Luiz, próximo da (até então) fábrica da *White Martins*. Antes de

¹⁶⁸ Produtor tradicional usado para engraxar sapatos, e que também foi bastante usado entre os piXadores dos anos de 1990, período difícil para um menor de 18 (dezoito) anos adquirir uma lata de *jet spray*. Aparentemente o *Nugget* também foi deixado para trás nas práticas piXadoras, porque a marca deixada por sua substância era de fácil limpeza.

¹⁶⁹ Caneta esferográfica de difícil remoção. O Pilot até hoje é usado entre os piXadores. Não em paredes, mas sim em lugares mais lisos, superfícies de aparência “espelhada”, de ferro, de plástico ou de madeira, como dentro de transportes públicos (ônibus, trem, metrô), nos pontos desses transportes público, em banheiros públicos ou de equipamentos públicos, dentre outros lugares.

¹⁷⁰ Lugar fora da favela, que sempre se mostra preocupado em manter uma nula relação de aparência de favela.

¹⁷¹ É uma marca de tinta de jet spray bastante conhecida no universo da piXação.

chegarmos ao local, vimos que passou um “Gol Bolinha”¹⁷² da PMERJ, e por isso, caminhamos da passarela de Parada de Lucas até esse viaduto. Fiquei com muito medo. Estava tenso, e depois que escrevi o nome, apenas 1 (um), resolvi ir para casa. Era mais ou menos 22h quando decidi voltar. Mas **Mib** e **Bica** continuaram.

Figura 68: lugar da Av. Brasil onde piXei, hoje, coberta por propagandas e outras grafias.



Fonte: O autor, 2017.

No dia seguinte, a notícia. Depois que deixei **Mib** e **Bica** na AV. Brasil, eles seguiram no sentido Penha, para piXarem mais. Quando eles estavam se preparando para colocar outras de suas marcas perto de um outdoor na Av. Brasil, na altura da Av. Lobo Jr., acabaram sendo abordados por policiais militares que pitaram seus rostos e região peitoral. Fiquei sabendo da notícia pela minha mãe, que esteve com a mãe do **Mib**, e contou todo o caso. Apesar de terem ficado de castigo, **Mib** e **Bica** ganharam um status entre outros piXadores da Cidade Alta. Mas apenas um dos dois virou um piXador de renome, em certo período na Cidade Alta, o **Mib. Bica**, segue vivo.

Mib era meu melhor amigo na infância. Ele morava no Edifício Penha, quando eu residia no puxadinho do mesmo prédio. Depois do meu único nome de jet spray na pista, na

¹⁷² Modelo automobilístico da Gol, da marca Volkswagen, usado pela PMERJ nos anos de 1990, e parte dos anos 2000, em operações de rotina e outras intervenções

Av. Brasil, continuei piXando com ele e outros, com outras ferramentas, que não o jet (giz de cera, por exemplo). **Mib** que, assim como eu, também pode se exibir e se vangloriar por estar vivo, me apresentou **Espeto** (falecido em 2000), **Balas** (falecido em 2000), **Pintinho** (falecido em 2011), **Diguinho** (falecido nos anos de 2000), **Ligeirinho** (falecido em 2012) e **Biblô** (falecido em 2011). E junto com os já citados finados (**Bomba**, **Pigmeu** e **Rico**), soma-se o total de 9 mortos, conhecidos que já piXaram alguma parede com seus pseudoanônimos, apelidos ou coisa do tipo. Outro detalhe é que só 1 (um) deles, era branco.

São esses nomes invocados por atuais viventes como eu (ou até você que lê esse texto), que fazemos presenciar, em forma enigmática, os imediatos mortos de maneira póstuma, seja pelo já citado kuon ganjo budista, ou o “vive” escrito depois da *hashtag*¹⁷³ que é seguida de um nome de gente falecida, homenageada em uma rede social. Lembro que, no período em que piXeí, seja de giz de cera, “nugueti”, “piloto”, *Liquid Paper*, o que mais me motivava a escrever em paredes, era vontade de mandar o “P” (para), agradando aqueles que não estavam mais entre nós, e aqueles que a qualquer momento, devido alguma situação ou atitude, poderiam não estar mais ali.

3.1.5 – Sendo apresentado ao Xarpi

Desisti da piXação. Foi no ano de 2000. Parei quando *rodei*¹⁷⁴. Não pela polícia, tão pouco por alguma ameaça que vinha da facção armada de venda de drogas ilícitas local. Parei quando eu e mais outros dois meninos da minha turma na 6ª série, resolvemos escrever com giz de cera na borda da lousa da sala de aula. Mas, quando escrevemos nossas piXações, não escrevi na borda, mas sim no meio, que deixou o verde do quadro com marcas alaranjadas, cor do giz de cera que usei para marcar minha feitura.

No dia seguinte, na hora de entregar a caderneta escolar para a inspetora da escola, ela pediu para que eu e outros aguardássemos ali, pois o diretor queria conversar conosco. Na tensão do aguardo, o diretor pediu para falar primeiro com os outros meninos, e depois de menos de 5 minutos, eles foram liberados para as aulas do dia. Em seguida, um dos professores pediu para que eu entrasse na sala da diretoria. Quando cheguei lá, o diretor pediu para ver meus cadernos e livros, e também pediu para que eu mostrasse meu estojo. Foi

¹⁷³ Esse símbolo #, usado para designar uma palavra-chave e/ ou algo relevante na internet.

¹⁷⁴ Quando fui pego.

quando pensei “Rodei!”, afinal, meu estojo estava cheio de giz de cera e “pilotos”, para além de ter minhas piXações escritas nos cadernos e livros.

Confirmei a suspeita de que tinha sido pego, quando o diretor disse que viu a mesma marca de meus cadernos e livros no meio do quadro de nossa sala, marca esta que danificou o material, onde não se poderia mais escrever naquela região, pois o giz de cera comprometeu a possibilidade de escrever com o giz escolar branco. Aborrecido pelo quadro danificado, o diretor disse: “*É isso que você quer?! É isso que você vai ter! Admiro você, que nunca tirou uma nota baixa! Por que fazer isso agora?!*”. Chegou a dizer também que ele e outros professores e professoras estavam decepcionados comigo. Disse que na próxima iria me obrigar a pintar toda a escola que, naquele período, estava bem danificada. O meu castigo foi uma marcação na caderneta escolar. Tudo isso é verdade. A única mentira é que não aconteceu comigo, mas sim com **Bomba**.

Entre 10 (dez) e 13 (treze) anos de idade, andava com giz de cera nos bolsos. Mas depois dessa situação da lousa verde, com o **Bomba**, não quis, definitivamente, mais saber de piXação. O “Por que fazer isso agora?!” me assustou. Passei a ser um aluno mais “disciplinado” durante um tempo. Aliás, até uns meses depois, quando já cursava a 7ª série, em 2001, na Escola Municipal Souza Carneiro. Foi a partir da relação com essa escola que iniciei outra paixão, onde, assim como no Xarpi, fazia amigos e descobria coisas do mundo: os Bailes Funk. Foi em um desses bailes que descobri que minha irmã estava namorando um rapaz que era da boca da Cidade Alta, o **Placa**. Na época, eu, com meus 13 anos de idade (2001), naquele ritmo de morador de favela, essa relação da minha irmã significava um grande status, sobretudo na escola, junto a outros e outras que também eram moradores de favela.

Placa veio na minha direção, me chamou de cunhado, e se apresentou. Ele não parecia bandido. Ele não parecia da boca. Imaginei que ele fosse um daqueles que portava armas nas mãos e ouro no pescoço. Mas não. O que ele tinha no pescoço era um escapulário e seu rádio comunicador. Já nas mãos, para além da pochete, cheia de maconhas, pó (cocaína) e um *paco*¹⁷⁵ para dar os trocos. **Placa**, de primeira, me mostrou a pureza do aperto de mãos forte, concomitante ao olhar fixo nos meus olhos, quando falava. Achei estranho. Não conhecia um cara de boca assim. Fiquei pensando “*E na hora que a polícia chega com tiros, o que ele faz?*”. Guardei aquela curiosidade, e troquei ela por uma boa conversa: “*Tá com fome? Já comeu? Vamos ali comer um hambúrguer e um açaí?*” – disse **Placa**, em cima de uma moto

¹⁷⁵ Uma quantidade elevada de dinheiro.

Crypton, da Yamaha, na qual subi, e fui até uma lanchonete, ainda na Cidade Alta, saborear tal convite.

Os assuntos, primeiro, surgiram dele. “*Está estudando?*”. “*Quê série você está?*”. “*Curte Baile?*”. Minhas respostas levaram a outros assuntos. Uma conversa que durou um pouco mais de uma hora. E no meio dela, o **Mib** passou, e falou com o **Placa**, e claro, comigo. **Placa** gostou de eu conhecer o **Mib**.

Placa: “- *Tu conhece o Mib? Maneiro! Moleque responsa.*”.

Eu: “- *Sim. Ele é meu parceiro. Meu fechamento de sempre. Desde criança.*”.

Placa: “- *Entendi. Mas...*” [Me perguntou baixo] “... *você também é Xarpi?*”.

Eu: “- *O que é isso?*”.

E assim descobri que Xarpi era o mesmo que o piXador. **Placa** disse que esse apelido era seu Xarpi, assim como o do **Mib** era **Mib**. Não entendi o que era Xarpi de imediato. Mas se ele disse que era a palavra para piXação, naquele momento, guardei, e nunca mais me esqueci. Aceitei a informação do moleque que era da boca, e namorado da minha irmã. Depois disso, descobri muitas coisas sobre o **Placa**, em relação à pista, mas também suas relações íntimas. O que posso dizer até aqui é que ele era considerado um dos melhores integrantes da boca da Cidade Alta, em relação às questões conflituosas como as operações policiais que aconteciam na favela.

Placa era portador de grande habilidade em subir facilmente nos lugares altos, e também corria muito. Nunca tinha deixado nenhuma “carga” para trás. Nunca deixou de cumprir com as responsabilidades. E isso dizia muita coisa, já que ele era conhecido por estar na boca apenas para vender e avisar sobre a chegada da PMERJ. Ele não bebia. Não fumava. Não cheirava. Não usava nenhuma droga ilícita. Não gostava de arma. Não atirava na polícia. E, no período que estive com minha irmã, amadureceu um desejo: sair da boca.

E assim aconteceu. Hoje ele é casado e tem filhos. Constituiu família. Mas não com minha irmã. No período que eu o conheci, mesmo com sua vontade e planejamentos para sair da boca, aconteceu com **Placa** a prisão, um dos três caminhos que sempre escutei das pessoas de favela com mais experiência, quando explicavam sobre os resultados guardados para os

que têm corpo marginalizado, e que participam da vida bandida, sendo a cadeira de roda¹⁷⁶ ou a morte (por assassinato), os outros dois possíveis acontecimentos.

Encerro aqui esses detalhes das experiências com **Placa**, que como o leitor deve ter percebido, já foi citado aqui, como o Xarpi da sigla APB, que na verdade, segundo ele, em sua entrevista, a sigla significava inicialmente “Apaixonado pela Bela”, minha irmã. Eles não estão juntos há tempos. Depois de ter passado pela minha família, e ter se transformado em um irmão para mim, **Placa**, para além de ter me ensinado o que era Xarpi, também me passou a visão de algo que, até aquele momento, eu pensava ser impossível: ele foi o primeiro sujeito que conheci que conseguiu sair da boca (obviamente) vivo. Tem que ter coragem e trabalhar muito para isso. E ele o fez. Me deu a esperança de que outros amigos poderiam fazer isso, e “continuarem vivos”, até mesmo para, quem sabe, poderem ler isso que escrevo.

Não foi fácil. Não é fácil. Não somente pelas lógicas econômicas ou hierárquicas da vida do crime, mesmo porque o **Placa** continuou sendo o **Placa**. Mas o **Placa** de 2001, que eu conheci, não era o mesmo em 2002, muito menos em 2003, em 2004, e assim sucessivamente. Mas de tudo, ele foi uma das minhas primeiras referências da ideia de ser corajoso. E muito tempo depois, entendi que essa sua energia vinha de muitos lugares, principalmente através de suas ações como Xarpi, prática que ainda está, de muitas formas, na vida dele.

3.2 Uma rápida troca sobre a infância e sua relação escolar no alunato piXador

“... uma menina, alta e recém-chegada, recusou receber o meu cartão – rejeitou-o, peremptoriamente, com um olhar. Compreendi, instantaneamente, que eu era diferente dos demais; ou similar, quiçá, no coração, na vida, no aspirar, mas apartado de seu mundo por um imenso véu. A partir de então, não senti qualquer vocação para arrancar aquele véu, arrastar-me através; mantive-os, todos, distantes, em recíproco desdém, e vivi ao alto, numa região de céu azul e grandes nuvens errantes.”

(DU BOIS, 1999, p. 38).

A epígrafe faz parte de um dos importantes momentos de “As Almas do Povo Negro” (The Souls of the Black Folk), importante discussão de raça publicada por William Edward

¹⁷⁶ Ficar paralítico por algum acidente.

Burghardt Du Bois (1999). Ao lembrar de sua infância, Du Bois acaba remete no momento de sua iniciativa de escrita, sobre o trauma que o fez pensar no “véu” e na “dupla consciência”, provocada em seu pensamento. No caso, ele escreveu algo que qualquer um poderia escrever e ser correspondido, mas, após a escrita, descobriu que ele não é qualquer um, já que já é definido pelo outro como algo, no caso, a ser negado; negação cometida através de algo que marca seu rosto, um véu que colocam em sua cabeça para tampar a ideia de que aquele é qualquer um que pode indagar e/ ou responder. Essa situação acaba trazendo o trauma que colabora para um devir, capaz de arrancar o véu, quando bem o sujeito entende.

Mundo com véu. Mundo sem véu. O mesmo mundo, de forma diferente. O mesmo mundo, ainda aquele mundo que não permite a “*autoconsciência*”, pois só é permitido ser conhecido através da “*revelação do outro*”, momento em que o corpo com véu cria a sensação da “*dupla-consciência, esse sentido de sempre olhar a si próprio através dos olhos dos outros, de medir um sentimento através da métrica de um mundo que o contempla com divertido desprezo e pena*”; esse mundo de véus é onde acontece o sentir de ser negro, por exemplo, como duplo, aquele que é um só, mas com duas almas, “*dois pensamentos, dois embates irreconciliáveis, dois ideais conflitantes (...) impedido, apenas por um obstinado esforço, de bipartir-se.*” (DU BOIS, 1999, p. 39).

Como comentado, Du Bois começa a pensar sobre essa dualidade do negro, após se sentir menosprezado por uma pessoa que ele tinha se interessado em se relacionar no momento vivido de infância, mesmo período que, comumente, vide as lógicas ocidentais, aprende-se a ler e a escrever. É a fase da escola, mesma fase que a criança, preta ou branca, sofre algumas recusas que não são ditas, mas são completamente entendidas, sobretudo para os corpos que, historicamente, mostram uma trajetória de negação ou interrompimento de acesso aos espaços. O que quero dizer é que, se a criança sofre interrompimento no processo escolar, imagine a criança que só veio a sofrer com esse interrompimento após a consolidação de outras intercepções, que, inclusive, as impediram de acessar a escola.

A escravização. Um instante abolicionista. Liberação de um mercado que mantém o colonizador/ a escravização. Não é por menos que, no Brasil, recebemos notícias que, muitas das vezes, trazem informações sobre a questão racial no processo escolar brasileiro. Sem abrir um leque amplo do tema, é importante lembrar que “*teremos a nítida impressão da inexistência de experiências escolares dos negros em período anterior à década de 1960, quando a rede pública de ensino sofre vasta expansão do número de vagas.*” (CRUZ, 2015, p. 21). Sim, antes disso o negro no Brasil recebe educação. Afinal, já tinham acontecido processos de escolarização anteriores com os negros no Brasil, desde o primeiro período de

escravização. Mas, está escola que conhecemos, hoje, só veio acontecer para o negro no Brasil no período citado. O que quero dizer é que, mesmo com mais de meio século de Brasil, o negro veio ter alguma mínima “chance” de participar da escola nos anos de 1960¹⁷⁷.

O véu sentido e explanado por Du Bois dentro da escola, é possivelmente sentido pelas crianças negras brasileiras a partir deste período. Antes de começar a falar da escola brasileira e sua relação com o racismo, sigo em algo que me chamou atenção para a fala de Du Bois, o momento que ele percebe o racismo/ o véu/ a duplicidade. Ele descobriu suas duas almas ainda na infância. “*Braba oh criança!// Grita, que és livre!// Pois Deus comprou tua liberdade!*”. (SYMONS apud. DU BOIS, 1999, p. 41). O autor lembra desses versos de uma poesia de Arthur Symons¹⁷⁸, quando fala das duas almas do negro, ao pensar no conceito de raça. A criança parece ser aquela que levanta, ou retira, o véu, na hora que bem almeja, e por isso, toda criança age com brabeza, aquilo que coloca o corpo sujeitado para “a sorte”, diante da liberdade concedida “por Deus”, a disposição de enfrentar o mundo, apenas para ser.

Seguindo essa leitura, a imagem da infância será vista aqui como a fase das primeiras iniciativas de uma característica que leva à disposição para a descolonização, pois, se é na infância que acontece a memória, a recordação dos adjetivos de um indivíduo é manifestado junto à “*dês-invenção*”, aquilo que é o contrário da invenção, por estar na inconstância do novo, de coisas que começam e nunca param de começar. E o que seria a infância, se não aquele momento de começos sem fim?

Segundo o filósofo Walter Omar Kohan, a ordem da “*dês-memória*” ocorrida na fase adulta sobre a fase da infância, mostra que “*pensar é algo que fazemos sempre entre o possível e o impossível, entre o saber e o não saber, entre o lógico e o ilógico*”, porque seria a “*tensão da contradição entre os dois extremos que algo nos força a pensar, nos faz perceber o sentido e o valor do pensar.*”. (KOHAN, 2003, p. 2). Em trabalhos que envolve o ensino em filosofia, Kohan pensa a infância, e a enxerga como o momento antes da contradição, quando se transforma em passado. Para ele:

Recuperar a infância no ato de escrever significa afirmar a experiência, a novidade, a diferença, o não determinado, o não previsto e imprevisível, o impensado e o

¹⁷⁷ Ainda com muitas dificuldades de ingresso, o negro começa a entrar na escola nesse período, visto que o alargamento das matrículas para estes sujeitos só aconteceram de forma realmente interessante nos anos de 1990, sobretudo após a Constituição de 1988. Essa questão racial do negro brasileiro e a escola fica presente durante pesquisas como a feita pelo movimento “*Todos Pela Educação*”, lançada em 2016, que mostra que as pessoas brancas ficam por mais tempo a escola do que as pessoas negras, estas que, ainda segundo os dados coletados, frequentam escolas precárias, de recursos escassos. Segue o link que comenta mais sobre o assunto: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/educacao-reforca-desigualdade-entre-negros-e-brancos>>. Acessado em 15 de jan. 2018.

¹⁷⁸ Poeta do Reino Unido que que citado durante todo o texto de Du Bois já referido aqui.

impensável; significa inventar as palavras e a forma de encontrar as palavras e de que as palavras se encontrem; permite pensar um devir-criança singular que busca encontros e resiste aos agenciamentos individualizadores e totalizadores, um movimento na criança (outro invento? Saibam compreender) que aposta na singularidade de todo acontecimento.

A tarefa parece ser não só a de encontrar uma infância para si, mas ir ao encontro da infância do mundo e restaurá-la. Buscar propiciar relações “infantis” com os outros e com o mundo, encontrar o que o mundo tem de novo, inventar um novo mundo, encontrar um outro mundo. (KOHAN, 2003, p. 8).

Quando escrevi sobre minha infância, lembrei da minha iniciação com a piXação, mesmo afirmando que eu nunca fui um. Contradição? PiXe. Tenho conhecidos hoje deste período que continuam piXando, e sempre foram piXadores. Me esqueci. Não lembrava disso, até as ardilosas memórias de minha infância. Aliás, quem diria que essa memória me faria pensar que piXação pode (também) ser vista como uma prática escolar, presente na escola, advindo/a do devir do/a aluno/a.

Quando resisto a qualquer tipo de agenciamento, confesso que a escola é lugar de brabos que negam a escola, mas não querem sair de lá. Contradição? Quem não gostaria de voltar à fase da infância, para poder compreender melhor alguma situação do agora? Quem tem coragem de voltar à infância para pensar em alguma situação que possa ativar um trauma? Quais são os resultados da não visitação desse trauma? Ele acaba? Ele continua? Acredito que este texto já está realizando um debate nestas questões, sempre quando trazemos algo que leve a características contraditórias.

O devir-criança, que Kohan comenta, lembra, porque não, o devir-negro do mundo que Mbembe oferece, assim como o devir-Xarpi que provoço, todos acontecimentos que remetem a conflitos provocados pelas contradições. Aliás, isso tudo me serve bem, porque vai sinergicamente de encontro com as conversas de Xarpi que tive, pois todos eles, assim como eu, conheceram o fenômeno na infância, nos momentos de escola. Mas antes de começar a conversar sobre isso, sigo nas leituras sobre a infância.

Conhecida também como “*resto do inumano que todo ser humano deve abandonar para nascer*”, a infância seria aquela fase de extrapolar a língua, o agir pela *hybris*, pela ultrajante atitude de quem ainda está iniciando na palavra, ou até mesmo nem a tem. “*Escrever a infância é ousar dizer o não dizível, manifestar o que se oculta em todo aparecimento da língua*”. (KOHAN, 2010, p. 126-127). Esse indizível estaria na permissão da “*exploração*” e “*perturbação*” do que “*dá sentido a uma vida*”, o que seria vivível para um ser humano. (KOHAN, 2010, p. 127). A fase da infância seria aquele momento que não temos sentido. A fase inumana de um corpo que será transformado em humano, após os processos da linguagem. Será? A ignorância é um privilégio característico da consideração de ser um

adulto. E ser adulto é “parente”, praticamente um “irmão gêmeo univitelino” de ser, ou agir de agrado, ao homem branco. Por que? A razão aceita é a do embranquecedor. Qual é a razão de alguém marcar um lugar que não pode ser marcado? Sendo mais direto, qual é a razão de fazer uma piXação? Se a escrita, ou sei lá o que, marca algo que se memoriza pela falta de compreensão, essa ausência, possivelmente, foi vista como algo que remete ao infantil, à imaturidade para o esclarecimento/ o embranquecimento. A alfabetização, a leitura e a escrita de palavras, se dá num movimento linear de um ponto inicial à esquerda seguindo para a direita. O ocidente ensinou e se estabeleceu assim. Esse ponto de partida parece ser uma interessante fresta para se pensar, quando acontece alguma realização sobre as divergências entre as escritas, já que o assunto é sobre o fenômeno da piXação, escrita que tem como o ponto de partida o corpo, e não a forma de escrita.

Aprendi a ler e a escrever no metiê ocidental, no período da infância, e quem como eu cresceu nos anos de 1990, acabou envolvendo esse processo de escrita, de alfabetização, com os processos latentes comunicacionais da época, que nesse período era a televisão. Os anos de 1990 e a televisão trouxeram assuntos que seguem na relação da cultura (popular/ *pop*), como família, drogas, rebeldia, juventudes. Em outras épocas, esses assuntos já foram abordados. Mas, nos anos de 1990, as chamadas *sitcom*¹⁷⁹, por exemplo, parece que abriram de forma maior, as frestas já abertas anteriormente. Depois das provocações de “Arnold” (1978-1986), outra série que provocou ascensão e racismo foi “*The Fresh Prince Of Bel-Air*”, conhecida como “Um Maluco no Pedaco”, para além de gente preta e rica, também trata da marginalidade como devir, de uma maneira mais ampla.

No 14º episódio da 1ª temporada, nomeado de “*Começando com o pé esquerdo*”, com o nome original de “*Day Damn One*”, que parece dizer “*Primeiro dia maldito*”, retrata como foi o primeiro dia de aula de Will Smith (interpretado pelo rapper, produtor e ator Will Smith), principal personagem, que sai da Filadélfia (Pensilvânia) para receber uma educação com mais recursos no elegante e luxuoso bairro de Bel-Air (Los Angeles). Will, jovem negro que, durante toda a série, se mete em diversas confusões, causadoras de conflitos que sempre esbarram em seu temperamento mais infantil, moleque, divertido, sobretudo, quando se mostra como um sujeito da Filadélfia, seu lugar de origem. E isso acaba o posicionando com problemas raciais. Nesse início de série, os conflitos que Will vive parecem acontecer com mais facilidades, pois ainda é recém-chegado da Filadélfia, logo, ele não se dá muito bem

¹⁷⁹ Abreviatura da expressão inglesa “situation comedy” (situação de comédia), é a palavra usada para referenciar as séries de televisão estrangeiras, sejam elas de animação ou dramatizadas. Comumente gravadas em frente a uma plateia, as *sitcoms* se popularizou nos anos de 1970, primeiro, no Reino Unido, através de sua programação (também) em rádios.

com algumas situações que é colocado, devido seu comportamento, porque não, desafiador, assim como aconteceu no episódio em foco.

Figura 69: abertura “Um Maluco no Pedaco”.



Fonte: print feito pelo próprio autor, 2017.

Ouso dizer que o episódio “*Começando com o pé esquerdo*” pode servir como o resumo mais completo de todo este texto dissertativo. Diferentemente do ocidental, onde começar “com o pé direito” significa a superstição da boa sorte, o episódio mostra o azar de Will em querer ser. O começo do episódio é com Ashley (interpretada pela atriz e cantora Tatyana Ali), a prima mais jovem de Will, que está fazendo uma “festa de pijamas” de meninas, onde elas pedem para que o tal primo “malandro” de Ashley conte uma história assustadora. Will começa a contar sobre como foi seu primeiro dia de aula na Academia Bel-Air, momento em que quase foi expulso da escola, por degradar a mesa dos ex-alunos da escola. Contando o acontecimento em terceira pessoa, inclusive apelidando-se com um nome fictício (“Willbert”), Will lembra de sua antiga escola na Filadélfia: “*Mas essa escola que ele estudava era tão barra pesada, toda piXada, até na sala do diretor!*”.

Em outro momento, Will aparece falando de outras grafias escolares, que diferente de uma piXação, ou nesse caso, do *graffiti* - que seriam aquelas marcas que “sujam” as lógicas da “cidade limpa” nos Estado Unidos -, são concedidas pelo espaço em uma forma ideológica. Na porta principal da escola nova de Will, por exemplo, está escrito “*Enter as boys leave as men*” [“Entre um menino e saia um homem”], o que faz o jovem ter uma reação: “*Quanto*

tempo eu vou ter que ficar aqui?!". Se Will é brincalhão, peralta, descontraído, dentre outras características que o coloca como um jovem cheio de vida, e se isso é ser infantil, parece que ele sairá desta escola apenas quando perder todas essas características, para ser reconhecido como um homem, um menino que deixa de ser menino, em troca da vida adulta.

Depois disso, um jovem aluno veterano dá as “boas vindas” para Will, e em seguida faz uma volta no local, para apresentar a escola ao novo calouro. Este jovem aponta para um busto, que é do fundador da instituição, e também aponta para os quadros com imagens dos primeiros estudantes, todos homens brancos americanos importantes, que passaram pela respectiva escola, e hoje são memorados pela mesma. Os primeiros estudantes, para além das imagens expostas, tiveram suas marcas realizadas por eles mesmos, em uma mesa de madeira, agora, exposta como “grafias relíquias”, pois apesar de antiga e inutilizável, a mesa parece ser tratada como uma obra de grande valor para esta instituição do universo da série. Chamada de “*Mesa dos Ex-alunos*”, a tal “reliquia” passa por algo importante no episódio.

Após se perceber como um “ponto fora da curva”, pois para além de saber apenas depois que a Academia Bel-Air é uma escola apenas para rapazes, e conhecer um professor branco que se diz negro porque passou duas semanas no Harlem, realizando uma pesquisa sobre Langston Hughes, um dos principais nomes do movimento “*harlem renaissance*”¹⁸⁰, Will também é acolhido por questões que o incomodam. Por estar com a gravata na cabeça, Will recebe um esporro do professor, que disse: “*Senhor Smith. Que bom que se juntou a nós. (...) Senhor Smith, dê uma olhada. Você vê alguma diferença entre a sua pessoa e os outros cavaleiros?*”. Depois de olhar rapidamente para o ambiente da sala, e ver que a maioria é branca, Will responde com uma pergunta: “*Isso é alguma charada?*”. O professor o responde dizendo: “*A gravata senhor Smith. A gravata. Consulte o capítulo das normas, e veja que existe algo referente a peças de uso no pescoço.*”. Will responde, com a gravata amarrada na cabeça: “*Ah, você se refere a seção 3, parágrafo 4, que diz: ‘A gravata deve ser usada com nó duplo’. Mas não diz onde.*”.

¹⁸⁰ Um dos principais momentos das movimentações negra norte-americana, ou melhor, afro norte-americana.

Figura 70: “Um Maluco no Pedaco” – Will e o professor.



Fonte: print do episódio “Começando com o pé esquerdo”, feito pelo próprio autor, 2017.

Depois de ser mandado se aquietar, Will aparece em outra cena, onde todos os alunos se mostram cativados pelo novo aluno negro, já que a escola comportaria outro negro, Carlton (o ator Alfonso Ribeiro), o primo de Will. Antes da cena do professor acabar, um dos alunos, o Lieberbaum Kellogg¹⁸¹, afrouxa a gravata. E na cena seguinte, Will é acolhido por estes alunos, e também volta a chamar atenção, quando pega o blazer que faz parte do uniforme, vira ao contrário, e passa a usá-lo desta maneira. Mas Carlton, apesar de negro, diferentemente dos alunos brancos da escola, interpreta Will com terror, e explica que, caso ele continue assim, como um “mal compreendido”, um arruaceiro, que não se adapta às normas, acabará sofrendo um isolamento.

Figura 71: “Um Maluco no Pedaco” - Lieberbaum Kellogg afroujando a gravata.



Fonte: print do episódio “Começando com o pé esquerdo”, feito pelo próprio autor, 2017.

¹⁸¹ Personagem que Will chama de “Sereal”, pois seu sobrenome remete ao cereal “Kellogg’s”, Lieberbaum é interpretado pelo ator Michael Weiner.

Na sequência, um grupo de alunos passa na frente de Will e Carlton, fala com empolgação com Will, o convida com a mesma empolgação para uma festa, e depois, estando ali, também acaba convidando, sem a mesma empolgação, o Carlton. É o primeiro dia de aula, e a personalidade de Will “se dá bem com o aluno”, mas não com a escola, já que, no fim do dia, quando todos voltavam para suas casas (ou melhor, mansões), Will fica sozinho, próximo dos citados bustos, quadros e mesa, relíquias que representam a escola. Sozinho, Will encena um chute no rosto do busto, e depois, senta na cadeira da mesa, o que parece fazer ele refletir sobre o que aprendeu da escola. O resultado? Will acaba marcando com suas chaves a mesa já marcada.

Figura 72: “Um Maluco no Pedaco” – Will sendo convidado para uma festa.



Fonte: print do episódio “Começando com o pé esquerdo”, feito pelo próprio autor.

Figura 73: “Um Maluco no Pedaco” – Will encenando um chute em um busto.



Fonte: print do episódio “Começando com o pé esquerdo”, feito pelo próprio autor, 2017.

Figura 74: “Um Maluco no Pedaco” – Will marcando a mesa.



Fonte: print do episódio “Começando com o pé esquerdo”, feito pelo próprio autor, 2017.

Alguns desenrolados de cenas depois, Carlton aparece na sala de estar, onde todos e todas da família *Banks*, sobrenome dos tios e primos de Will, estariam presentes, para se mostrarem satisfeitos com a aparente “boa adaptação” escolar inicial do jovem. “*Houve uma tragédia na escola. A mesa dos ex alunos foi cruelmente descaracterizada! Alguém talhou a palavra Fresh nela, e eles tem uma teoria de quem pode ter feito isso...*”. Carlton diz isso olhando para Will, e depois de uma forte discussão com todos da cena, Ashley comenta: “*Will, Fresh não era seu apelido na Filadélfia?*”. Em outra cena, agora na sala de aula, o professor comenta sobre o caso do “infame ato de vandalismo”. Carlton aponta para o Will imediatamente, e o acusa. Depois disso, outros personagens aparecem em um julgamento sobre o caso de Will. O aluno representante mostra repúdio total sobre o ato de Will. Outros, como o professor branco que acha que é negro, o defende, tira-o das acusações, e, inclusive, diz, “*Ele é da raça*”, explicando que ele teria outros costumes.

Figura 75: “Um Maluco no Pedaco” – Will explicando que queria deixar sua marca.



Fonte: print feito pelo próprio autor, 2017.

Racismos anunciados a parte nessa cena, Will também tem o lugar para falar sobre isso tudo, e diz: *“Eu não sabia que iriam ficar tão zangados por escrever meu nome em uma mesa velha. Eu não escreveria em uma mesa nova. Isso seria vandalismo!”*. E continua: *“Mas esses homens aí, escreveram seus nomes quando essa mesa era nova.”*. Em seguida, quem julga Will, responde para ele: *“Mas isso é diferente! Os ex alunos escreveram seus nomes para que as pessoas lembrassem deles nesta escola.”*. Will contra responde: *“E eu fiz o mesmo.”*.

Figura 76: “Um Maluco no Pedaco” – Will se imaginando no quadro de ex alunos.



Fonte: print feito pelo próprio autor, 2017.

Série de 6 temporadas, produzidas entre 1990 e 1996, “Um Maluco no Pedaco” é uma dessas produções que acabam vislumbrando personagens que estão ali por trazerem histórias fora da curva. Iniciei este capítulo, falando sobre a linha reta do ocidente, onde se começa a escrita de um ponto que segue para o lado direito, o que parece ser conhecido como o “lado certo”, tendo referência ao incrível episódio do citado seriado, que retrata a vida de um jovem negro envolvido nos padrões de riqueza e nobreza, conjuntos recomendados por este mesmo ocidente. Ao criticar a moral judaica-cristã, Renato Noguera lembra que:

[...] a ideologia da tribo eleita presente nas representações religiosas judaico-cristãs hegemônicas (a noção de que alguns povos merecem uma “terra prometida”, a redenção do paraíso) e por fim a gestão dos recursos naturais num contexto de propriedades privadas em que o trabalho é tomado como categoria ontológica. (NOGUERA, 2010, p. 2-3).

É neste contexto ocidental que o padrão de classificação racial se torna base decisiva para o desenvolvimento do capitalismo, fenômeno econômico que fundou sua acumulação na escravização negra. (MBEMBE, 2014). E o que se pode aprender com “Um Maluco no Pedaco” ou, quem sabe, nesta escrita em sua totalidade, é que se um corpo sai fora das lógicas do processo racional, criado por um mundo de apenas dois lados, o certo e o errado, pode

acabar na armadilha colonial de dominação coerente apenas para um lado, o do colonizador, dono da razão, e criador das possibilidades una com suas razões. Aquilo que Candeia problematizou, quando cantou¹⁸²:

**“Pra cantar samba
 Não preciso de razão
 Pois a razão
 Está sempre com os dois lados
 Amor é tema tão falado
 Mas ninguém seguiu
 Nem cumpriu a grande lei
 Cada qual ama a si próprio
 Liberdade e Igualdade
 Aonde estão não sei”**

Como problematizei nos capítulos anteriores, fenômenos neurotizantes, como o racismo, parece ser o resultado de uma psicose e perversão dignas de limitações encontradas nas lógicas que, por exemplo, reduzem a infância a atitudes imaturas. As escolas caras, as escolas públicas, dos Estados Unidos, do Brasil, ou de qualquer outro lugar do mundo, são, possivelmente, lugares para corpos realizarem suas marcas, sejam elas aceitas pela instituição, ou não.

Quem foi criança um dia já fez algo que, se fosse pego, não sairia “nada bem” disso. E seja lá qual foi a feitura, ela é considerada como infantil, pois se contrapõe hoje, na criança de ontem. Assim, a infância acaba sendo uma espécie de agente insurgente e inesperado (KOHAN, 2003) na vida daquele que não deixa toda a infância se contrapor, onde coisas de ontem continuarão amanhã. Ao não confrontar toda a sua criança, meninos podem não virar o homem esperado por você, mas sim por ele mesmo. Homens não deixaram de ser homens, seja o outro homem aceitando, ou não. O piXador não confronta seu lado infantil, e apronta, ao marcar o que não pode ser marcado. O preto não confronta seu lado infantil, e age como um *petit-nègre*¹⁸³, em frente de algum devir indevido na proposta racional/ moral/ consciente/ racial.

¹⁸² Filosofia do Samba, de Antônio Candeia Filho (*1935 + 1978), mais conhecido como Candeia, que dentre várias coisas, era sambista.

¹⁸³ Expressão em francês para “pequeno negro”, no caso, aqui, no Brasil, seria a expressão negrinho/ neguinho.

Figura 77: Tora e seu jovem sorriso 1.



Fonte: enviada por Tora, no Whatsapp.

Figura 78: Tora e seu jovem sorriso 2.



Fonte: enviada por Tora, no Whatsapp.

Figura 79: Tora, G80.



Fonte: enviada por Tora, no Whatsapp.

Não é por menos que, quando pensa o ensino em filosofia, ou melhor, a relação da filosofia e sua importância na educação, Renato Nogueira comenta que quando a infância segue cultivada, se cria possibilidades para adquirir novos olhares sobre a condição da experiência humana; para ele, “*a infância é condição de possibilidade de ensinar. Numa frase, somente as crianças ensinam.*”. (NOGUEIRA, 2010, p. 11). Essa ideia de iniciativas infantis ensinar é explicada por Renato, na intenção de pensar na hipótese “*de que a educação deve estar ocupada em conservar a infância, permitir que ela nos faça aprender e nunca ocuparmo-nos de superá-la. E isso pode decorrer justamente de uma implementação afrocêntrica da lei 10.639/03.*”¹⁸⁴. (NOGUEIRA, 2010, p. 11). Já eu, pretendendo pensar a piXação, prática de preservação de adjetivos infantis, dentro da escola, para problematizar o que é transmitido e sentido na relação de negação desses espaços, focando na questão racial, apostando na hipótese de que, sendo realizada por pessoas do âmbito cultural urbano popular, acaba acolhendo em sua maioria, homens negros e pobres economicamente, mesmas características de corpos que, infelizmente, ocupam o topo das taxas de homicídio no Brasil, país que está em sétimo lugar, na categoria de mortes de jovens em todo o mundo¹⁸⁵.

¹⁸⁴ Segue o link da Lei, que estabelece na diretrizes e bases da educação nacional, a inclusão obrigatória da temática da "História e Cultura Afro-Brasileira", e de outras providências que tenham sinergia com a mesma, no currículo oficial da Rede de Ensino. Segue o link: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acessado em 18 de já. 2018.

¹⁸⁵ Segue o link da UNICEF, comentando sobre o genocídio de jovens pelo mundo - <<https://nacoesunidas.org/brasil-tem-7a-maior-taxa-de-homicidios-de-jovens-de-todo-o-mundo-aponta-unicef/>>. Acessado em 16 de jan. 2018.

Em suma, o Brasil está no “top 10” dos países que mais mata corpos de possibilidades mais infantis, estes que tanto poderiam ensinar. Entrevistei no total 20 (vinte) Xarpi para esta pesquisa: 2 (dois) brancos, 5 (cinco) que se consideraram não brancos e 13 (treze) negros. Com isso, volto à ideia de trocar provocações sobre a escola, e agora, para tanto, trago algumas falas desses entrevistados, onde a maioria das conversas foram feitas na já citada reú de Olaria, na intenção de pensar um pouco mais nessa relação de fenômenos advindos do sentido alunado, este de energias infantis, que se fazem presentes também no desenvolvimento do ensino mediado na prática escolar.

“*Na época da escola eu não piXava, mas escrevia na mesa, no banheiro...*”. (Xarpi **Art**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017). Quando **Art** comentou sobre sua relação piXadora, negou ser piXador, mas afirma a existência da piXação. Na sua negação, ou na sua incompreensão, a piXação acaba agindo fantasmagoricamente, quando alguns desconhecem a sua existência, e outros apontam sua permanência. Já comentei um pouco sobre isso no primeiro capítulo, ao falar das divergentes grafias entre os lugares, e suas relações com as paredes que insistem em mostrar marcas proibidas e enigmáticas. **Nuno DV**, como todos os outros Xarpi que citei, e que continuarei citando nesta pesquisa, criou sua relação piXadora dentro da escola: “*quando entrei na escola todos os caras estavam comentando que um tal de Nuno, já que não tinha nenhum aluno matriculado com aquele nome. Nuno! Pois é, Nunk, pensei, mas como a diretora estava querendo saber quem era, fiquei na minha, só ouvindo o burburinho.*”. (DV, 2013, p. 38). **Nuno**, na escola, era Xarpi. **Art** não era piXador na época da escola, mas conheceu o fenômeno lá. Na tentativa de tentar se mostrar Xarpi na escola, **Nunk** virou **Nuno**.

Mudar de nome Xarpi depois que vira Xarpi, ainda na relação com a escola, parece ser comum, já que isso também aconteceu com outros piXadores, cada qual com sua trajetória. “*Comecei piXando Sobs. Daí, fiquei visado para os policiais da minha área. Então, eu com medo, mudei de nome, Ajax. Mas comecei a piXar Sobs ainda na escola. Já terminei a escola. Eu estudava, mas piXava. O Ajax só veio depois da escola.*”. (Xarpi **Ajax**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017). **Ajax** explicou que seu nome Xarpi mudou. Durante um período foi um, momento em que inclusive completou a escola. Depois, teve que mudar, para continuar vivo, escrevendo suas marcas nas paredes. **Neves** também mudou de nome, pois antes, na escola, quando começou a Xarpi, era **Vulga**. “*Já fui Vulga. Meu primeiro nome, criado na escola. Eu vi um meno fazendo na escola, dai perguntei o que era, e ele me respondeu: é Xarpi. Daí, escrevi Vulga, e ele fez de um jeito pra mim. Daí, comecei a tacar assim.*”. (Xarpi **Neves**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio

de Janeiro, em agosto de 2017). **Neves** ainda diz que adquiriu a forma de escrever Xarpi através de um auxílio de um Xarpi mais experiente nas grafias emboladas que fazem parte da característica enigmática: “... *ele fez de um jeito pra mim*”. (Xarpi **Neves**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017). **Hiib** também recebeu um acolhimento piXador, quando, em seu início, foi explicado para ele que seu nome já existia, e que essa ação poderia lhe trazer problemas, pois tal atitude era plagiadora.

- Comecei plagiando. Sem saber de nada de piXação. Estava na 5ª série, quando escrevi **Demo**, que na época, era um dos melhores piXadores da Cidade Alta. Escrevi no quadro negro, com giz de cera, junto com uma menina que piXava. O piXo dela era **Xanda**. Ela começou a escrever, e perguntou se eu piXava, pra eu escrever também. Quando fui escrever, nem sabia o que eu iria colocar, mas daí, lembrei de um nome que eu já tinha visto em um muro. Daí, lembrei do **Demo**. Eu gostava nas formas. Era daquelas que dava pra ler, saca? Pô, tomei esporro. Ela disse que esse nome já existia, e que isso era plágio. Então, decidi fazer meu nome. Nem sabia o quê. Foi quando escrevi na mesa da escola um ‘h’, segui de duas letras ‘i’, com um ‘b’ no final: **Hiib!** Daí, rolou. Meu primeiro nome foi nessa mesa de escola. Eu tinha uns 12 anos. (piXador **Hiib**, em entrevista na Roda Cultural da Cidade Alta, em Cordovil, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 8 de abril de 2017).

Hiib plagiou, não propositalmente, o primeiro Xarpi que vi segurar e utilizar uma lata de jet spray, o **Demo. Xanda**, uma menina Xarpi, avisou a **Hiib** ainda na escola, explicando que na piXação, cada um tem seu nome, para além de cada um escrever na “ordem gramatical” que bem entende. Arrisco a dizer que é essa ordem sem ordem que parece trazer a piXação como elemento da trajetória do alunato para dentro da escola, uma forma de entrelaçar as divergentes convivências nas salas de aula, e as múltiplas experiências que podem se suceder depois dela, e mais adiante, o que ela serviu depois do período da trajetória escolar¹⁸⁶. “*Todas as escolas que eu frequentei, tinham piXações. Já participava dentro da escola. Comecei lá. Em 1999. Só advertência, por causa de piXação, que estava no sangue, mas não no muro ainda. Só fui pro muro em 2005, quando terminei a escola.*”. (Xarpi **Skank**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017). **Skank** começou a piXação na escola, e não terminou. Fez uma “especialização” com a rua, e mesmo tendo começado a piXar na escola, em 1999, só foi para os muros com a lata de jet spray em 2005, depois que terminou a escola. **Akco**, que também piXa desde o ensino fundamental, se arriscou no ensino médio; mas, depois que alguém o delatou, tal condição Xarpi quase ocasiona a sua expulsão da escola, ou coisa pior, pois as forças policiais chegaram a ser acionadas.

- Minha piXação começou na escola, na terceira série [do fundamental]. A professora reclamava, mas não sabia quem era. Ela só desconfiava, e nós ficávamos no fundo, rindo da cara dela. Mas um dia, me ferrei dentro da escola. Isso já era no

¹⁸⁶ A trajetória escolar se limita aqui entre o ensino fundamental e o ensino médio.

supletivo, à noite, na 8ª série [do fundamental]. Eu piXava as cadeiras, as mesas, o banheiro. Daí, alguém me *caguetou*¹⁸⁷ para a direção. Ela viu meu caderno todo piXado, com o mesmo nome. Ela chamou a polícia. Isso foi em 2012. Eu tinha 15 anos. Se alguém na escola tivesse se interessado no meu caso, e me encaminhado para alguma atividade. Mas também eu não teria tanta experiência. Passo sufoco como todo piXador, mas é gratificante. (Xarpi **Akco**, em entrevista em Madureira, na madrugada da cidade do Rio de Janeiro, no dia 12 de abril de 2017).

A piXação se incorpora nas lógicas da vida na cidade, queira o cidadão aceitar isso, ou não. A ordem sem ordem piXadora está na gama do percurso escolar, do aluno piXador, ou não. Quem conheceu **Domos** no período da escola, por exemplo, também conheceu as coisas do **Domos**. Alguns souberam que seu nome veio através de uma deturpação do nome de uma bebida alcoólica, e outros não. Quem soube dessa história nessa época em que **Domos** estudava, certamente também conheceu outros nomes Xarpi memoráveis daquele período. E o que os nomes desse período escolar representam hoje? Sim, uns renegados. Mas só isso? O que um ou uma jovem da mesma escola de **Domos** pensa hoje desse, e de outros nomes? O que eles sentem ao lembrar de **Domos** e de outros piXadores? O que eles sentiriam se soubessem que **Domos** pode ser um dos candidatos das próximas eleições? O que eles sentiriam se soubessem que **Domos** pode ter virado um policial? O que eles sentiriam se eles soubessem que **Domos** pode virar um professor? O que eles sentiriam se eles soubessem que **Domos** pode ser um gerente de uma boca de fumo? O que eles sentiriam se soubessem que **Domos** pode ser de uma igreja evangélica? O que eles sentiriam se soubessem que **Domos** está vivo, e ainda piXando? Dúvidas à parte, **Domos**, que não é nada disso que eu perguntei, sabe muito bem o que sente sobre os piXadores de sua trajetória escolar: “*Eu era da escola né, daí, via vários caras. Tipo assim, cara que novinho hoje em dia não vê. Tipo: Droga, Maron, Supy, o Sirpi, o Mão... os caras que era relíquia da minha área. Tinha uma sigla lá, a ISSPG (Irmandade Satânica Possuída Pelo Spray).*”. (Xarpi **Domos**, em entrevista em Olaria, na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2017).

¹⁸⁷ Denunciar.

3.3 A ordem sem ordem piXadora/ Xarpi e o corpo negro: uma breve leitura sobre brabeza, dislexia e escola.

No capítulo anterior, expliquei que brabo seria aquele corpo da disposição para atitudes que contrapõem a ordem de sentido do mundo, do outro, os que apontam esses dispostos como bandidos, factualmente réus julgados por admitirem e se disporem em fluxos de preparo para tudo, pois ficam à mercê de uma pena capital subjetiva e material, iniciativa caracterizada pela verdade colonial, colonizam-te e colonizadora, que fixa na sua razão o caminho único para os sentidos de todas as ações, e o que não tem sentido, mas mesmo assim é feito, é feito com brabeza, logo, por brabos: aqueles corpos que são transeuntes na descolonização. Um brabo, como qualquer outro sujeito, é sujeitado. Também como qualquer outro, o brabo é um indivíduo, carrega um Id, que é de onde sai as ferramentas psíquicas irreconhecíveis; “algo”, pois é inconsciente, e mesmo assim é feito, ação que encontra o Eu durante a relação com o Pcs, o pré-consciente, aquilo que, por exemplo, é realizado por um devir piXador, ou um devir-negro do mundo, pois os dois, na busca por ser sem uma legitimidade, acabam fadados como foragidos coloniais, momento em que se torna um “inimigo público número 1”, apenas por querer admitir a insatisfação com um mundo francamente negador de certas fruições.

Brabo, sendo o Eu, também não envolve completamente o Id. É o que Freud diz, quando explica: “*O Eu não é nitidamente separado do Id; conflui com este na direção inferior.*”. (FREUD, 2010, p. 21). Porém, é com o mesmo Freud a lembrança de que o reprimido também conflui com o Id, apesar de ser separado do Eu, o que realmente quer ser, mas se limita as “*resistências da repressão*” (FREUD, 2010, p. 22). O reprimido, em conversa com o Eu pelo Id. Sim, o brabo tem uma dose de reprimido, que parece ser interrompida em certos momentos de brabeza. Por exemplo, para o piXador/ Xarpi, a repressão pode acontecer no momento de alguma prática piXadora; já para o negro, tal repressão pode ser causada por sua denúncia de algo como racista.

Para conversar mais sobre essa ideia de brabo, Id e Eu, cito Freud com mais amplitude:

É fácil ver que o Eu é a parte do Id modificada pela influência direta do mundo externo, sob mediação do *Pcp-Cs*, como que um prosseguimento da diferenciação da superfície. Ele também se esforça em fazer valer a influência do mundo externo sobre o Id e os seus propósitos, empenha-se em colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer, que vigora irrestritamente no Id. A percepção tem, para o Eu, o papel que no Id cabe ao instinto. O Eu representa o que se pode chamar de razão e circunspeção, em oposição ao Id, que contém as paixões. Tudo isso

corresponde a notórias distinções populares, mas deve ser entendido tão só como aproximadamente ou idealmente correto.

A importância funcional do Eu se expressa no fato de que normalmente lhe é dado o controle dos acessos à motilidade. Assim em relação ao Id ele se compara ao cavaleiro que deve pôr freios à força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com suas próprias forças, e o Eu, com forças emprestadas. Este símile pode ser levado um pouco adiante. Assim como o cavaleiro, a fim de não se separar do cavalo, muitas vezes tem de conduzi-lo aonde ele quer ir, também o Eu costuma transformar em ato a vontade do Id, como se ela fosse a sua própria. (FREUD, 2010, p. 21-23).

O mundo externo pode ser a polícia chegando no momento em que dois pretos tacam um nome no topo de um logradouro abandonado na Av. Brasil, esses prédios velhos que passamos e achamos que estão ali atoa, mas sabemos que é de alguém; lugar que também pode ser uma fácil mira para atirar com alguma arma de fogo. Neurose. Por que? Porque não aconteceu isso. Aliás, aconteceu sim. Mas não foi a polícia. Foi a milícia, que atiram e ganham para isso, ou seja, caso 3 (três) moleques pretos suba em um lugar que eles estão protegendo, é preciso rende-los, prendê-los, espancá-los, humilhá-los, deixá-los nus, amarrá-los ao poste, queimá-los, pintar seus anus, expô-los nas rede sociais, invadir seus centros religiosos e quebrar tudo, chamá-los de demônios, transforma-los em demônios, oferecer a liberdade através de um trabalho bem feito, na forma de prisão racional, concomitante com o oferecimento da impossibilidade irracional, esta liberta da prisão racional. O mundo externo é aquele que admite a liberdade da prisão racional realizar suas detenções, inclusive com o aval de momento de penas de morte. Esse caso que já relatei durante o texto algumas vezes, sobre os brabos grafiteiros confundidos com brabos piXadores, e por isso, quase foram mortos pelo mundo externo, este que dá a pena de morte para piXadores, acaba por me formar questões do tipo: **“E se fossem jovens brancos, a coisa mudaria?”**. Pergunta bem feita, consciente, afinal, **ninguém vale a mais do que ninguém, não é?** Então, respondo com essas dúvidas com outras perguntas: você confia em todas as afirmações concretizadas pela lógica das razões humanas? Você acredita que realmente a escravização, o estupro, o roubo, a disseminação da miséria onde se tinha riqueza, a recusa de riquezas daquilo que contrapõe toda a estabilidade de um mundo confortavelmente colonial/ colonizador, foram necessários para as mudanças de paz, anti-guerra, para os “homens de bem”?

As pessoas que sofrem abordagens predispostas a assassiná-las, agem por alguma *paiXão*, ou não, pois o Id e o Eu acontecem/ podem acontecer. Um brabo pode ser eu ou você. Isso dependerá da relação do “cavaleiro com o cavalo”, ou melhor, da disposição do colonizado com o mundo colonial. Sempre pensando no teor novo, esse agir seria o do já dito por Du Bois, o de criança braba, aquele de querência de mudar tudo, quando pretende virar de

cabeça para baixo a “pirâmide de castas”, onde os últimos serão os primeiros, mudando a lógica do tudo (e do nada); ou melhor dizendo, se muitos têm pouco e poucos têm muito; agora, esses poucos não teriam nada, para que muitos tivessem tudo.

A base dessa força colonial está nos processos de linguagem, ferramenta estabilizadora de razões que priorizam a organização do corpo. Mas o Eu é corporal, prioritariamente (FREUD, 2010, p. 24), e é o Id que acaba evidenciando as *resistências da repressão*, ocasião que, talvez, seja a divisão entre um reprimido e um brabo, ou seja, o reprimido seria aquele que deixa a repressão acontecer totalmente, e o brabo seria aquele que enfrenta a repressão, em troca de momentos de contraposição da linguagem. Entretanto, todo brabo é um reprimido, ou seja, pode haver brabreza em outras nuances, afinal:

**“E se não fosse o samba
quem sabe hoje em dia eu seria do bicho
Não deixou a elite me fazer marginal
E também em seguida me jogar no lixo
A minha babilaque era um lápis e papel no bolso da jaqueta
Uma touca de meia na minha cabeça
Uma fita cassete gravada na mão...”**

Essa linguagem seria aquela deturpada pelas “lógicas às avessas”, que representa o inferno do oprimido como “a divindade”, capaz de acabar com o sideral opressor; a possibilidade de impossibilidades, cometida na relação de ser uma espécie de “*parto doloroso*” que, segundo filósofo e pedagogo Paulo Freire, “dá luz” à escuridão cotidiana vivente, por um “*homem novo que só é viável na e pela, superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos.*”. (FREIRE, 1987, p. 19). Por isso, acredito e trago essa narrativa cantada no refrão de Bezerra da Silva, o cara do samba que também é bacharel da rua, formado na faculdade da calçada, onde muitos professores têm o mesmo nome, chamam-se *esquina*, lugar de aprendizado. A “babilaque”, o documento de malandro, a característica desse brabo, envolvido no samba, é o “lápis” e o “papel”.

Quando o sujeito é colocado para se relacionar com uma linguagem padronizada, é sempre um parto doloroso, sobretudo com possíveis disléxicos, assim como a piXação se mostra, já que se movimenta como uma linguagem infindável, ao se fixar sem a pretensão do fixo, através de uma bem-dita/ maldita brabeza de uma escrita individual, priorizadora do corpo e de sua contextura “*desletrada*”, que se mostra como inteligências outras e, infelizmente, plenamente negligenciadas, durante a redução que as classificam (apenas) como

distúrbios. E quem, em toda essa sociedade, sociabilidade, ou sei lá o que mais, fomentado na base do racismo anti-negros, é tão considerado na provocação de distúrbios como o corpo negro?

Em um texto sobre educação e racismo, a socióloga Ana Lúcia Silva Souza realiza uma reflexão entre negritude, letramento e uso social da oralidade. Ela comenta que:

[...] o letramento é concebido como um processo, que não começa nem termina na escola. Portanto, obter informações a respeito do aluno é fundamental para que o educador possa, entre outras coisas, conhecer as necessidades, os desejos deste e perceber as diferentes possibilidades de uso da linguagem, escrita ou oral.” (SOUZA, 2001, p. 182).

Acredito que a compreensão dessa leitura sobre a utilização das palavras, especialmente a oral, pode ser pensada como um instrumento possível para crianças e jovens, sobretudo os/as negros/as. Com Souza, não estou querendo dizer que o professor deva aprender toda a dinâmica da linguagem piXadora, mesmo porque isso seria impossível, ou, no mínimo, um tanto desencantador com a estrutura de algo sem fixação, a nada, nem ninguém. Pode algo ser sem fixação a ninguém, ainda que tal fixidez seja mobilizada? De todo jeito, existe a fixação do piXador sobre a piXação. Comento essa complexidade para problematizar a piXação diante de um contexto escolar, aquilo que vem do aluno/a, e seus universos particulares, fora da escola, mas que podem, ou melhor, mostram ânsia, para serem expostas, sem serem reveladas, dentro da escola. E ao invés de tentar explicar, ou “purificar” algo como a piXação, seria, talvez, melhor, a realização da aproximação com o corpo que piXa, este angustiado, aliás, tão angustiado, no tanto, que piXa. Para pensar o letramento desta forma, oral, acolhendo o que vem junto ao corpo do aluno - como a prática piXadora, fenômeno que provoço como exemplo -, Souza fala de uma certa importância:

[...] abandonar o olhar ingênuo e despolitizado, compreendendo que o aluno é um sujeito social, inserto num tempo e num espaço, marcados, pelos códigos, valores da sociedade em que vive. Significa, também, descortinar as relações de poder que marcam as relações, compreendendo que cada sujeito, como membro de um grupo - em situações de simples bate-papo a uma conferência, de uma carta pessoal ou artigo -, produz um discurso, que terá diferente validade para o ouvinte, em grande parte devido à autoridade e ao poder impregnados na voz do falante. Quem fala? Qual é sua história? Como fala? Por que fala? Onde fala? Como sustenta suas ideias? O mesmo raciocínio estende-se para a leitura e a escrita. (SOUZA, 2001, p. 182).

Ser incerto é ser disléxico. Ser Xarpi é apostar no incerto. Ser negro é estar na incerteza. PiXação, por que não, parece uma língua escolar disléxica, cheia de devir daqueles que nem deveriam ser, como os/as alunos/as negros/as, que apenas recebem o privilégio de tentarem

ser agradáveis aos caprichos do outro, o de linguagem fixa e racional. Mas o que seria dislexia afinal? Conhecido nos vocabulários de variados profissionais, como pedagogos, médicos, oftalmologistas, psicólogos e fonoaudiólogos, a dislexia pode ser interessante para toda e qualquer pessoa, já que ela é enquadrada comumente como doença, situação que não acontecerá aqui. Provoco a dislexia a partir da ideia comum de escola, como uma instituição que tem, dentre um de seus objetivos principais, ensinar o/ a aluno/ a ler, verbo que se mostra em uma compreensão cotidiana, diante da experiência pessoal de cada pessoa. Para Paulo Freire (2006), a leitura é algo que acontece primeiro no mundo, para depois acontecer na palavra, durante um processo inesgotável de decodificação, antecipada e alongada, em uma inteligência mundana. E essa ideia de leitura, que acontece na prioridade do inesgotável, prevista na imensidão mundana, não parece uma inteligência piXadora?

Para Condemarin e Blonquist (1989), a dislexia é aplicável no momento quando a criança é incapaz de ler, na mesma compreensibilidade do que leem seus pares. O disléxico seria aquele com uma inteligência comum, “normal”, de saúde órgãos sensoriais sem danos, assim como suas emoções, motivações e incentivos, mas, que mostra-se com dificuldades com as leituras de palavras. Sei que a dislexia também é vista como uma deficiência nos processamentos de linguagem que se envolve nas questões hereditárias. Mas meu foco na dislexia está na dificuldade com um tipo de linguagem, mesmo que se adeque a outros, como as que não cobram a certeza da escrita. A dislexia como uma disfunção neurológica que tem aversão à racionalização da leitura de padronização fixa. As letras se mexem, e as dificuldades (também) acontecem, porque as letras não podem ser mexidas. E gostar que as letras se mexam, dancem, imitem umas às outras; como nos momentos de uma dessas animações, onde os animais encenam como humanos, mas nesse caso, as letras encenam como humanos. Diante disso, lhes pergunto, caros/ as leitores/ as, existe ação mais disléxica do que a de manter vivo, através de um nome/ marca exposto em alguma parede, aqueles que já (tão cedo) se foram?

Derivada etimologicamente dos conceitos “*dis*” (desvio) + “*lexia*” (leitura, reconhecimento das palavras), a dislexia é:

A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. (Definição adotada pela IDA – International Dyslexia Association, em

2002. Essa também é a definição usada pelo National Institute of Child Health and Human Development – NICHD).¹⁸⁸

A piXação poderia ser facilmente recomendada como uma disgrafia, se todos os que piXam se mostrassem com problemas ao tentar escrever da forma ocidental, digamos, de “A à Z”. Mas isso não é um fato, como já comentei durante os dois capítulos anteriores. Eu, ou quem sabe você, leitor/ a, poderia ser um/ a piXador/ a. A dificuldade da dislexia piXadora estaria no surgir pelas adaptações de uma vida sem fruição, durante a disseminação dos conhecimentos de um vocabulário fixo. Quando se fala em dislexia, primeiramente surgem as problematizações que envolvem as leituras, as escritas, as ortografias, as matemáticas, a confusão entre as letras e as palavras que, possivelmente, podem causar transtornos nos processos de aprendizagens. Einstein, um disléxico famoso, não se mostrou inteligente pela presença da dislexia, mas sim pela compreensão de conseguir lidar com ela. Se um dia um piXador virar um médico, um juiz ou um jogador de futebol, não será por causa da dislexia, mas sim na adaptação que o corpo disléxico se propôs para compreender melhor a disposição de sua genialidade, que tivera que passar por múltiplos processos. A dislexia é como se fosse uma espécie de terceiro olho aberto, que quando fechado, não o torna estranho, mas ao abrir, poderão ser enxergadas outras coisas, não vistas apenas com dois olhos, portanto, se dispõe ao esquisito, ao enigmático, oferecedor de algum tipo de satisfação, ou prazer.

Utilizam dons mentais para alterar ou criar percepções. Mostram-se mais curiosos com a coragem do que o comum. Pensam em imagens ao invés de palavras. São capazes de formular *insights* em momentos emergenciais. Utilizam todos os sentidos, agindo de forma multidimensional. Criam imagens muito vivas com facilidade. Poderia estar falando de um disléxico, mas estou falando de um Xarpi/ piXador. Durante os encontros desta pesquisa, os Xarpi mostraram essas e outras características, principalmente os negros, que tanto relataram sobre as diversas aventuras e desventuras de um letramento inacabado. Para Freud, os resíduos verbais derivam de percepções acústicas, onde a pré-consciência se dá de forma especialmente sensorial, inicialmente, se ignora a representação verbal como secundários, que é composto por visual, “*adquiridos mediante a leitura, e assim também seus acompanhamentos motores que, exceto no caso dos surdos-mudos, têm o papel de sinais auxiliares. A palavra é, afinal, o resíduo mnemônico da palavra ouvida.*”. (FREUD, 2010, p. 18). Sensorial, lembra, caro/ a leitor/ a? O “cheiro da tinta”. O “balançar de uma *tala*”. O “barulho da *tala*”. O gosto da liberdade da rua. O “topo já avistado para *tacar* um nome”. Os

¹⁸⁸ Informações contidas no site da Associação Brasileira de Dislexia, na parte “O que é dislexia?”. Segue o link: < <http://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>>. Acessado em jan. 10 2018.

cinco sentidos provocados por resíduos verbais que se transformam em piXações, espalhadas por onde não deveriam, causando uma memória de marcas que marcamos pelos sons das palavras, e não por seu letramento.

Pato remete a uma ave de lagoa. O Xarpi **Pato**, nas redes sociais, brinca com o som “*quac quac*”, escrito em algumas legendas do perfil de sua rede social, mesmo som que remete à dita ave. Mas **Pato** surgiu na escola, através da dupla piXadora “**Psico e Pata**” (como comentei no primeiro capítulo). Para fugir do feminino, quando a dupla piXadora escolar “**PsicoPata**” foi feita, **Pato** trocou a letra “**a**” pela “**o**”, e segue com seus “*quac*”, se destacando em encontros de outros, que o consagram como brabo, porque são tão brabos como o **Pato**. Quac!

Figura 80: Pato, a Peste Negra.



Fonte: print do Facebook feito pelo próprio autor, 2017.

Falar e dislexia me lembra uma outra passagem de Freud:

(...) a questão de como tornamos (pré-)consciente algo reprimido deve ser respondida assim: ao estabelecer tais elos intermediários *pcs*, por meio do trabalho analítico. A consciência permanece em seu lugar, então, mas tampouco o *Ics* subiu, digamos, até o *Cs*.

Enquanto o vínculo entre a percepção externa e o Eu é bem evidente, aquele entre a percepção interna e o Eu requer uma investigação especial. Faz surgir, mais um vez, a dúvida sobre a justeza de referir toda a consciência a um único sistema superficial, o *Pcp-Cs*.

A percepção interna traz sensações de processos vindos das camadas mais diversas, e certamente mais profundas, do aparelho psíquico. Elas são mal conhecidas; as da série prazer desprazer ainda podem ser vistas como o melhor exemplo delas. São mais primordiais, mais elementares do que as que vêm de fora, mesmo em estados de consciência turva podem ocorrer. Sobre a sua maior significação econômica e os fundamentos metapsicológicos para isso pude manifestar-me em outro lugar. Estas sensações são pluriloculares como as percepções externas, podem vir simultaneamente de lugares diversos, e com isso ter qualidades diversas, também opostas. (FREUD, 2010, p. 19).

Comentei durante o texto que a piXação bebe de águas pré-conscientes, durante a relação que fiz entre o reprimido e o brabo. Xarpi é uma prática consciente de seu crime, evidentemente porque ele entende que é criminoso no ato externo, logo, ele se alivia, sabe que, internamente, não é criminoso; o vínculo entre o Eu e a percepção externa, a coisa que está fora, justificando consciência como algo único. Anulador das possibilidades de algo que poderá trazer prazer e desprazer, ou desprazer a partir de um prazer – o prazer de piXar o muro dos outros, que causará, possivelmente, o desprazer para o proprietário da superfície. O oposto de um fundamento metapsicológico, que manifesta diversas possibilidades, quando prioriza elementos da consciência turva, e não da consciência plena. Cria-se um devir - seja ele o negro do mundo, seja ele o piXador -, que se mostra com brabeza, pois a disposição principal para trazer esse “tornar-se”, está na priorização do corpo com a impossibilidade possível.

Agora, ainda falando de letramento, para falar de piXação como uma forma disléxica escolar, volta a ideia de infância na discussão, lembrando do que Fanon disse: “*um branco, dirigindo-se a um negro, comporta-se exatamente como um adulto com um menino, usa a mímica, fala sussurrando, cheio de gentilezas e amabilidades artificiosas*” (FANON, 2008, p. 44).

Quando um “letrado” segue para um “não letrado” como o Xarpi, o tratamento sobre o segundo é como se este, o negado, ou melhor, o renegado, estivesse fora do tempo. É com isso que o primeiro, o letrado, quem aponta o que é linguagem, dimensiona-o como lento. Para Fanon, essa lentidão, essa infantilização, seria o caminho para se opor ao tempo colonial do devir histórico, cauterizador das imprevisibilidades, o que fecha a proporção de um caminho absolutamente negro, obscuro, sem clareza elucidativa, proporcionadora de uma luta que pode ser “*levada até às últimas consequências*”, durante a realidade onde “*alguém mete na cabeça que quer exprimir a existência*” e “*arrisca não encontrar senão o inexistente.*”. (FANON, 2008, p. 122-124). O mundo sempre espera algo ruim de alguém sem razão, como um piXador. Esse mundo, segundo Fanon, sempre espera “*algo ruim do preto*”,

este que tem medo que o mundo saiba de seu medo, assim, “*tem medo do medo que o mundo teria se o mundo soubesse*.” (FANON, 2008, p. 125). O Xarpi/ o piXador aquele que não pode mostrar seu medo, e ao invés disso, parece querer se mostrar como “*uma alma tão vasta quanto o mundo, verdadeiramente uma alma profunda como o mais profundo dos rios*”, o “*peito*” que tem “*uma potência de expansão infinita*.” (FANON, 2008, p. 126). No primeiro olhar do branco, o preto sente “*o peso da melanina*.” (FANON, 2008, p. 133). O Xarpi/ o piXador, sente o peso de sua presença quando aparece como sujeira que estraga um mundo “limpo”, “perfeito” e colonizador, ambiente do racismo anti-negros.

Ainda sobre toda essa educação – escola, piXação, brabeza e racismo -, comento novamente dos processos do oprimido, aquele que passa por uma relação histórica de humanização e desumanização, aquilo que possibilita os homens “*como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão*”, sentimento que faz Freire pensar na “*pedagogia do oprimido*”, onde a opressão e suas causas se tornam objeto da reflexão dos oprimidos, pois seriam nesses momentos que acontecem os resultados de um engajamento necessário para a luta de libertação, que, pedagogicamente, “*se fará e se refará*”. (FREIRE, 1987, p. 16-17). Uma superação que vai para além de qualquer puritanismo idealista, a pedagogia do oprimido seria a superação que entende a realidade opressora não mais como um “*‘mundo fechado’ (em que se gera o seu modo da liberdade) do qual não pudessem sair, mas uma situação que apenas os limita e que eles podem transformar*”, em outras palavras, os oprimidos passam a reconhecer o “*motor de sua ação libertadora*”, através do “*limite que a realidade opressora lhes impõe*”. (FREIRE, 1987, p. 19). Educação inquieta que exige a inquietude de educadores, a pedagogia do oprimido se dá por uma “*irrefreada ânsia*”, entendendo que os retalhos, a narração transmitida na intenção de formar conteúdos, se esvaziam, tornam-se palavras ocas, um tipo de “*verbosidade alienada e alienante*”, como explicações que viram “*mais som que significação*” (FREIRE, 1987, p. 33).

Neste sentido, a pedagogia do oprimido acaba sendo algo também para pensar a “*visão bancária da educação*”, quando a alienação e a ignorância se encontra sempre no outro, situação que faz surgir o “*ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos*” que não conseguem superar nada, e ainda mantém a dimensão da “*cultura do silêncio*”, logo, perpetua-se a contradição. Na prática, a educação bancária, outro conceito de Paulo Freire, seria aquela prática onde:

- a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;

- e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição;
- g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, meros objetos;
- i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos. (FREIRE, 1987, p. 33–34).

Na visão bancária da educação, o educador sabe e os educandos não sabem, pois, estes últimos, são colocados como aqueles que devem se ajustar, se adaptar aos conteúdos transmitidos, sem a necessidade de devolver uma consciência crítica; anula qualquer inserção de mundo em troca de uma experiência narrada. Acredito que o professorado que ignora e/ou reduz a inserção de mundo de um *piXador* a algo apenas “marginal”, que não quer “nada com a vida”, acaba agindo com essa educação bancária, que coloca tal educando, ou outras formas de alunato, como inaptas para algo além daquilo que é julgado ser. Essa educação bancária parece agir com desprezo, na vida desses alunos/as apontados/as como marginais, que foram descolocados/as a uma margem que, na movimentação da totalidade, se posiciona no lugar de críticas que exigem seriedade, transparência, durante gritos contra o cinismo que deslegitima as vidas vividas pelo caos esperançoso.

Quando se trata de um aluno *piXador*, de um outro aluno qualquer, o alunato, no geral, incluindo qualquer outra parte que se relacione com a escola, e até mesmo com a educação no geral, a esperança é a palavra-chave. Esperança, na educação, é aquilo que se coloca, assim como Paulo Freire disse, na “*necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica.*”. (FREIRE, 1992, p. 5). Ter esperança na educação, é ter esperança nas desesperanças. Ter esperança no alunato, é ter esperança naqueles que a escola mostra desesperança. Mas esperança não deve ser confundida com entusiasmo. Esperança, como disse Freire, “*não ganha a luta*” (FREIRE, 1992, p. 5). Aliás, quando o educador, ao invés de comunicar-se, faz “comunicados”, aquilo que os educandos recebem e, “*pacientemente, memorizam e repetem*”, colecionando as fixações de coisas “*fora das práxis*”, posição onde “*não há criatividade, não há transformação, não há saber*” do educando (FREIRE, 1987, p. 33), acaba anulando as possibilidades de conflitos, que é da onde sai a esperança, compensada pela travessão de uma luta, não de educando contra educador, mas sim de um sistema histórico que se contradiz como a-histórico, ao ignorar as iniciativas que insistem em oprimir as presenças esperançosas, por exemplo, de destruir toda a base racista anti-negro, ainda frutífera para a razão do conforto agrotóxico colonial.

A destruição, como já comentei, é recompensa do ato de descolonização, uma luta de tendência suicida, o que parece ser a característica também da esperança em Freire, sentimento transmitido por “*um corpo a corpo puramente vingativo*” (FREIRE, p. 6, 1992), momento que, para o educador, seu saber acaba acessível ao educando, além do “*‘aqui agora’*”, pois o “aqui” seria a posição do educando, e não do educador, afinal, não é possível “*simplesmente fazer o discurso democrático, antidiscriminatório e ter uma prática colonial*”. (FREIRE, 1992, p. 36). Esse agir acaba desconhecendo, desconsiderando, negando as experiências que os educandos trazem para a escola. (FREIRE, 1992).

A exclusão social do corpo negro começa na escola, porque é lá que as diferenças existentes entre os diferentes são reduzidas à universalização do “*todos somos iguais*”, através de um professorado que, no geral, não se permite aos conflitos relacionados, por exemplo, à raça e/ ou a etnia. Isso colabora com uma interferência completa nos momentos de dificuldades escolares, diante do baixo desempenho do aluno(a)/ educando(a). Segundo a historiadora Maria Aparecida da Silva, conhecida como Cidinha, o péssimo comportamento de um aluno(a)/ educando(a) se dá pelo despreparo do professorado sobre o “*campo fértil para que o racismo se perpetue e a discriminação racial sofra mutações próprias do ambiente escolar.*”. (SILVA, 2001, p. 66-67). Acredito que com tal leitura, a piXação, como dislexia escolar, por ser vista como um fenômeno que carrega abundância para se pensar outros fenômenos, dentro da escola, como o racismo anti-negro, diante da identificação do próprio aluno/ educando.

Cidinha ainda comenta sobre três termos “clássicos” presentes na discussão étnico racial no Brasil, que são o **preconceito**, a **discriminação social** e (o próprio) **racismo**, relacionados, quase sempre, em uma espécie de amarração, durante os defrontes nos espaços abertos e institucionais. Então, pode se dizer, dentro dessa concepção, que os três termos, está presente fortemente na escola. A objetividade e provocação da historiadora desmistificar essas expressões para a escola, me trouxe interesse, e por isso, conversei sobre a mesma (fazendo meus adjetivos), citando suas leituras.

Para Cidinha, preconceito seria uma atitude negativa, advinda de alguma referência positiva para uma comparação negativa, sobre algum “*grupo ou pessoa, baseando-se num processo de comparação social em que o grupo da pessoa preconceituosa é considerado um ponto positivo de referência.*”. (SILVA, 2001, p. 75). O preconceito enfatiza sentimentos e atitudes, posicionando-os na contemplação de um indivíduo que, através de um grupo, se auto posiciona como um todo. Preconceitos seguem como ações psicológicas que exaltam o ímpar, a característica fixada, através da afirmação pessoal, representante de uma suposição “quase

sempre” coletiva, incorporada como realidade. A discriminação social seria a manifestação comportamental desse preconceito, logo, é materialização psicológica admitida no impedimento de certos grupos ou pessoa(s) que se encontram fora do grupo preconceituoso, causador de prejuízos aos discriminados. (SILVA, 2001, p. 75). Já o racismo acontece na complexidade de defini-lo, e até pela dificuldade para expor sua existência, pois é uma inegável e incontestável “*prática social negativa, cruel, humanamente repreensível, com a qual ninguém em sã consciência (agora os/ as racistas declarados/ as) quer se identificar.*”. (SILVA, 2001, p. 76). A discriminação, segundo Cidinha, se dá na expressão abrangente do preconceito, consolidada na hostilidade formadora de negatividades relacionadas a algum grupo racial/ étnico, a partir do campo individual, institucional e cultural, momento em que acontece o racismo. No nível individual, um membro de um grupo racial julga-se superior a outro, simplesmente por pertencer ao grupo dito como superior (branco, por exemplo). O racismo acentua atributos positivos do grupo que se acha superior, e atributos negativos do que é inferiorizado, retirando a humanidade do grupo racial em posição de inferioridade. Em suma: o racismo transforma as diferenças em desigualdades.

O que entendo é que, no nível institucional, o racismo dispõe as instituições (Estado, escola, igrejas, empresas, partidos políticos, etc.) a serviço dos pressupostos do racismo individual, que limita, a partir de algumas práticas institucionais, as escolhas, os direitos, a mobilidade e o acesso de grupos de pessoas (negras, por exemplo) a determinadas posições, ou ao seu desenvolvimento pleno. No nível cultural, pode ser entendido como a expressão individual e institucional da superioridade da herança cultural de um grupo étnico-racial com relação ao outro, ou seja, o racismo se expressa na cultura, quando todos os saberes produzidos pelas sociedades milenares africanas, por exemplo, não têm valor cultural de saberes grego-romanos. (SILVA, 2001, p. 77). Já no individual poderia ser chamado, aqui, de preconceito, caso o institucional fosse chamado de discriminação social, e o cultural fosse chamado de racismo. Na prática, o preconceito sobre o piXador, discrimina a relação desse fenômeno com outros fenômenos presentes nos espaços, como na escola, instituição que, culturalmente, negligencia o racismo, como presença relacional, dentro e fora da sala de aula, visto que a aproximação aprimorada no alunato, provocaria conflitos, devido a certa reação oprimida, sentimentos que podem chegar a movimentar-se pela descolonização, assim como é com o aluno que assume ser preto, ou com o aluno que assume o risco piXador.

No texto “*Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor*”, a doutora em educação Elaine Cavalleiro explica que a escola também é um espaço para a

disseminação do senso comum de afirmações contraditórias, que divulgam a ideia de usufruto e oportunidades iguais para todos, e, portanto, “*a qualidade das relações nesse espaço pode ser geradora de graves desigualdades*”. (CAVALLEIRO, 2001, p. 143). O texto de Elaine poderia também se chamar “*Somos todos iguais X Somos todos diferentes*”. No ambiente escolar, ou nos outros ambientes frequentados pelos corpos escolares, a desigualdade racial está presente, devido à presença inegável do diferenciado regime entre negros e brancos, que é comumente visto por um atrelamento com a condição econômica, ou seja, o negro rico não passaria por problemas raciais, e, portanto, negros e negras que vivem em condições insalubres, seriam os marcados pelo racismo. “*Essas desigualdades repercutem sobremaneira na distribuição de renda e, paralelamente, no acesso aos demais setores da sociedade*”, o que é uma grande calúnia, mas, segundo Cavalleiro, isso acaba remetendo a “*ideia falaciosa de uma democracia racial*” (CAVALLEIRO, 2001, p. 148), sobre o corpo desigual. Ter uma taxa de analfabetismo delicada com negros em um país como o Brasil, é expor o racismo escolar¹⁸⁹, já que, no comum brasileiro, se aprende a ler, a escrever, alfabetiza-se na escola. Elaine Cavalleiro ainda explica que o conflito causado entre o aceitar ou não a presença fantasmagórica do racismo brasileiro, se mostra na formação de dois sentimentos (racistas): o afastamento e a rejeição. Isso me lembra as falas presentes em duas oficinas que realizei em duas escolas estaduais do estado do Rio de Janeiro. A primeira foi em abril de 2017, no *Colégio Estadual Compositor Luiz Carlos da Vila*, que fica na Avenida Dom Hélder Câmara, nº 1184, no bairro de Manguinhos (Rio de Janeiro, RJ), acesso à favela de mesmo nome.

O encontro aconteceu através de um projeto realizado por um amigo cineasta, Edilano Cavalcante, que me solicitou algo que debatesse com o tema “*Insegurança Pública*”, junto a Gustavo Coelho, que debateria sobre “*Cultura de Rua*”. Já a segunda foi em novembro de 2017, no *CIEP Elza Viana Fialho*, que fica na Rua Cidade de Lisboa, S/Nº, no bairro de Vista Alegre (São Gonçalo, RJ). O encontro aconteceu através de um projeto envolvido por uma professora de Sociologia, Viviane Carvalho Cid, que me solicitou um debate sobre cultura e racismo. As duas atividades foram feitas com duas turmas.

Em Manguinhos, o debate iniciou-se com a conversa sobre um rebelde desenho, feito por cima de um papel de divulgação do próprio encontro. Um homem com “cara de mau”, com um cigarro na boca, de fuzil, rádio comunicador preso no cinto, que vestia roupas com as

¹⁸⁹ Segue o link da reportagem “Educação reforça desigualdades entre brancos e negros, diz estudo - <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-11/educacao-reforca-desigualdades-entre-brancos-e-negros-diz-estudo>>. Acessado em 10 de jan. 2018.

siglas “CV-RL”¹⁹⁰, e as frases escritas “É o bala” e “Só fé em Deus”, acompanhavam uma tatuagem da escrita “CV”, em um dos braços desse personagem. Abaixo desse desenho do homem, escreveram mais frases: “Só tenta subi que vai conhece a revolta de um menor sofrido”; “Trem bala”. Minha fala e a de Gustavo seguiram no assunto da violência no cotidiano e sua relação com a cultura, situação que é pouco admitida, mas bastante considerada no âmbito social. Sem questionar em qualidade do que foi desenhado, e muito mesmo saber quem desenhou, iniciei perguntando para os alunos e alunas se eles se sentem seguros na cidade em que vivem. Alguns deles, aparentemente acanhados, tímidos, responderam que não, pois, naquela quarta, dia 26 de abril de 2017, pela manhã, teria ocorrido uma batida policial, a terceira daquela semana. “Meu primo estava indo trabalhar, e teve que voltar. Ele mora no Mandela¹⁹¹.”. “Meu irmão estava indo trabalhar e foi esculachado, só porque já teve passagem¹⁹². Mas ele hoje é trabalhador. Mostrou a Carteira de Trabalho e liberaram ele.”. “Uma bala bateu ano passado na sala lá de casa. Porra, muito ódio! Moro lá no Arará¹⁹³.”. Mais à vontade para falarem, de repente, um dos alunos disse: “Por isso que tem que mandar bala nesses vermes safado mesmo! Eles têm tudo que morrer! Eles esculacha muito a favela.”. Após algumas outras falas, perguntei se essa insegurança gera algum tipo de relação na vida de seus cotidianos; por exemplo, quando se manifestam, em certos lugares, ou momentos, se acabariam sendo reprimidos por isso. “Direto! Um dia estava escutando funk no meu rádio de mão, daí o policial mandou desligar. E nem era proibidão¹⁹⁴.”. “Um dia eu estava andando, e a polícia me parou. Eu estava indo pra escola, tranquilão¹⁹⁵. Quase perdi a prova.”. “Um dia eu fui ver um estágio, lá no Centro, junto com uma galera aqui da escola, daí, no elevador do prédio onde estávamos, onde tínhamos uma entrevista marcada, umas pessoas olharam pra gente torto. Teve um velho que balançou a cabeça, como se estivéssemos fazendo algo errado. Mas estávamos apenas conversando.”. Em seguida, problematizei todas essas falas, na intenção de provocar leituras que vão para além do certo e do errado. Mais falas surgiram. Uma das narrativas trouxe a síntese dos sentimentos

¹⁹⁰ Comando Vermelho – Rogério Lemgruber. (AMORIM, 1994).

¹⁹¹ Uma das favelas do Complexo do Manguinhos, a Nelson Mandela.

¹⁹² Já foi preso, logo, hoje é egresso do sistema penal.

¹⁹³ Funk proibidão, que canta de forma mais íntima o olhar da favela, através da visão/ interpretação do próprio favelado.

¹⁹⁴ Uma das favelas do Complexo do Manguinhos, a Vila Arará.

¹⁹⁵ Confortável, calmo, estável.

transmitidos naquele momento: “Isso tudo acontece porque a gente não pode fazer nada. Tudo que a gente faz, eles irão querer nos atazanar. Só porque a gente mora em um lugar onde tem coisas erradas? Mas onde não tem coisa errada? A gente pode agir certo ou errado, iremos continuar defendendo o que achamos bom pra gente. E o bom pra gente é a liberdade.”. “Só tenta subi que vai conhece a revolta de um menor sofrido¹⁹⁶”.

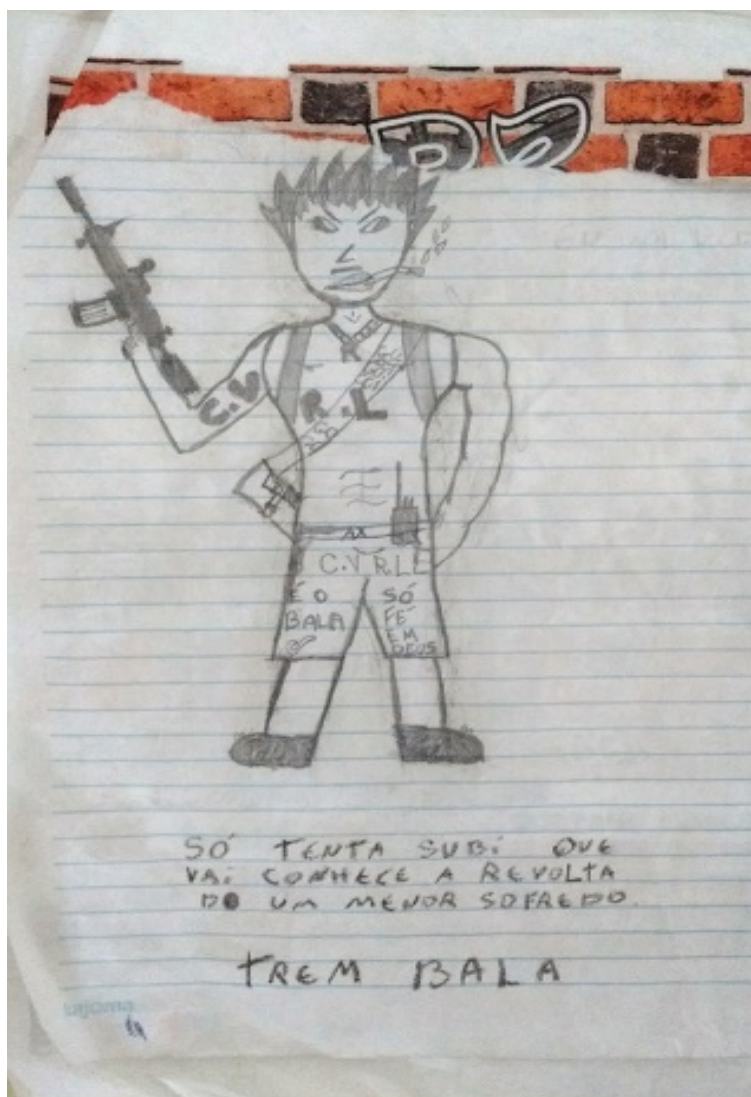
Figura 81: cartaz R3.



Fonte: cartaz enviado por Edilano Cavalcante.

¹⁹⁶ Sofredor.

Figura 82: desenho feito por cima do cartaz.



Fonte: foto feita pelo próprio autor, 2017.

Só reconhece a liberdade quem prestigia um olhar ambíguo da revolta. Só conhece a liberdade aquele que se revolta. Só se revolta aquele que quer liberdade. Só se deseja a liberdade quando a enclausura é sentida. Esse foi o resultado da minha parte, no encontro. Depois disso, Gustavo Coelho seguiu com provocações em torno desse desejo por liberdade, entrelaçando um pouco mais a cultura dos sentidos de ser, perante os exemplos já exibidos pelos/ as alunos/ as. Seguiu-se um debate, que chegou a algumas leituras dos próprios/ as alunos/ as, sobre como a educação poderia ser pensada, e no fim, a compreensão dos/ as jovens pareceu estabelecer o que eles já sabiam, mas agora, com um pouco mais de leituras, adquiridas durante a troca.

E o que eles já sabiam? Que a cidade do Rio de Janeiro é culturalmente e francamente insegura, especialmente para aqueles que realmente conhecem a cidade. “*O que tem na rua, que não tem em casa? O que tem na rua, que não pode ter em casa?*”, perguntou Gustavo. No fim, eu e Gustavo ficamos sabendo pela diretora da escola que uma aluna chegou até ela, e disse: “*Finalmente eu fui ouvida.*”.

Figura 83: imagem da oficina sobre insegurança urbana e cultura de rua.



Fonte: foto de Edilano Cavalcante, 2017.

Na escola em São Gonçalo, fiz uma dinâmica de grupo para trocar com os alunos. Chamei a atividade de “Brincadeira das Etiquetas”.

Dividida em três momentos, o primeiro foi a decisão junto com o grupo, para a escolha de 6 (seis) voluntários, que após serem etiquetados com escritos diferentes colocados na testa, sem saberem o que estava escrito, ficaram formados em uma fileira reta, onde nenhum desses 6 poderiam se comunicar com alguém, exceto eu. Já o segundo momento foi a brincadeira na prática.

Quem não foi etiquetado, ficou fora da sala, e quando entrou novamente, logo na entrada, se deparou com a fileira dos 6 etiquetados. As etiquetas, ou melhor, os 6 voluntários incorporaram, naquele momento, 6 pessoas diferentes: homem branco; mulher branca; jovem negro funkeiro e piXador; jovem negra funkeira e piXadora; mulher negra e pobre; homem negro rico. Lá fora, os não etiquetados receberam instruções, para saberem como lidar com cada um dos etiquetados.

Foram três instruções: rir, agir com desdém com todos, menos com o homem branco; fazer um elogio para a mulher branca; apertar a mão de todos, menos dos negros e das negras. Depois de todos os não etiquetados passarem pelos 6 etiquetados, foram revelados a cada etiquetado quem eles eram; é quando acontece o terceiro momento, que se deu em forma de debate.

Figura 84: oficina sobre racismo 1.



Fonte: foto feita pela professora Viviane Cid.

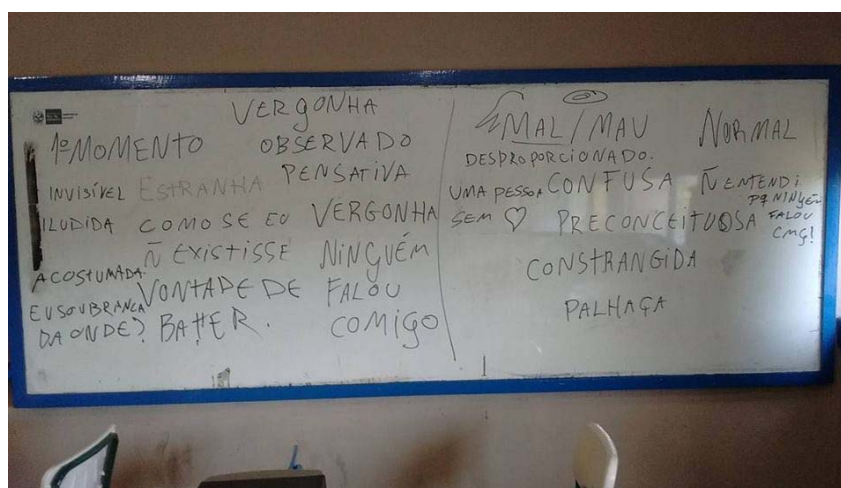
Figura 85: oficina sobre racismo 2.



Fonte: foto feita pela professora Viviane Cid.

Primeiro, a voz ficou para os ex etiquetados. Perguntei para eles, como eles se sentiram. Depois disso fiz a mesma pergunta para quem não foi etiquetado. Contextualizei as falas com uma palavra ou frases, todas escritas no quadro. O resultado final foi esse, presente na primeira imagem a seguir (Figura 86), e caso o/ a leitor/ a não consiga ler, reescrevo aqui: “Vergonha”; “Invisível”; “Como se eu não existisse”; “Estranha”; “Pensativa”; “Observado”; “Ninguém falou comigo”; “Acostumada.”. “Eu sou branca da onde?!”. “Mau.”. “Desproporcionado.”. “Mal.”. “Não entendi por que ninguém falou comigo!”. “Vergonha”; “Constrangido”; “Palhaça”; “Preconceituosa”; “Confusa”; “Uma pessoa sem coração”.

Figura 86: resultado escrito de uma oficina sobre racismo.



Fonte: foto feita pelo próprio autor, 2017.

Figura 87: oficina sobre racismo 3.



Fonte: foto feita pela professora Viviane Cid.

Os dois encontros que tive a oportunidade de participar nessas duas escolas estaduais do Rio de Janeiro, não ignoraram as diversas leituras, as respostas das oficinas, que abordaram o racismo. Os dois encontros passaram pelas questões do ser e da criminalização: o distanciamento de uma relação pautada na razão, o “*afastamento*”, as “*atitudes e comportamentos que visam evitar o contato físico e o diálogo*”, que segue atrelado na “*rejeição*”, momento em que os comportamentos “*levam à rejeição do contato físico e verbal com crianças e/ ou adolescentes negros.*”. (CAVALLEIRO, 2001, p. 153).

Na escola se fala pouco do devir que é do alunato, e indiscutivelmente, é apenas percebido como algo a ser negado. Elaine passa um olhar importante sobre as características que defendem a intenção de uma educação anti-racista. Ela ainda enumera em 8 (oito). O reconhecer a existência do racismo no Brasil. A reflexão inconstantemente e infinitamente sobre o racismo e suas derivações no cotidiano escolar. O repudiar preconceitos e discriminações que vêm da sociedade e se mostram no ambiente escolar, provocando uma mediação, tendo como guia o respeito. A utilização da diversidade presente no âmbito escolar, na intenção de promover a igualdade, a partir de uma participação possivelmente conflituosa. O lecionar da história crítica sobre o Brasil e os sentidos de ser brasileiro. A provocação no eurocentrismo, a partir de materiais com outras referências, no intermédio de assuntos já conhecidos, ou que mostre aproximação com a vida dos/ as alunos/ as. A formação das relações para o pensamento da diversidade como positivo. As ações para fortalecer o autoconhecimento sobre os grupos discriminados. (CAVALLEIRO, 2001, p. 158).

Afinal, qual o papel do educador? A pedagoga e mestra em Educação, Jeruse Romão, debate sobre isso, argumentando sobre três atitudes que não podem faltar na vida educadora. A primeira atitude de um educador estaria na querência de compreender que um aluno não é igual ao outro, independentemente de cor, classe social, gênero, clero, pertencimento cultural coletivo; tal entendimento se dá na medida do respeito sobre à diferença. A segunda atitude do educador estaria na tentativa de acolher a individualidade como algo infindável, que faz parte de uma coletividade, de um “*grupo cultural racial, étnico, econômico, regional, etc.*”, sempre sendo cauteloso com os equívocos que podem acontecer nas diversas leituras sobre as diferenças. A terceira atitude estaria na estimulação do desenvolvimento do aluno no seu conjunto, observando os aspectos “*emocionais, cognitivos, físicos e culturais*”, com o objetivo de romper com estereótipos, estigmas, valorizando a história individual, reconhecendo os saberes que já vem com o alunato em sala de aula. (ROMÃO, 2001, p. 162-163).

O ser piXador, o ser negro, ou o ser negro piXador, sujeito desta pesquisa, durante essas três atitudes, muitas das vezes, preterida na vida do educador, pode criar capacidades de

acolhimentos das subjetividades como protagonistas das aprendizagens. Acredito que, com este movimento, o fantasma colonial, por exemplo, do racismo anti-negros, provedor de um declarado genocídio de corpos escurecidos e/ ou escurecedores, é desvelado, podendo se criar a possibilidade dele ser trabalhado em um exorcismo, não esquecendo do “coadjuvante” julgo, os dogmas que insistem, historicamente, em estar no papel principal da educação.

CONSIDERAÇÕES PIXADAS.

Pensar linguagem é pensar armazenamento. O acúmulo dessa linguagem, desse armazenar, se chama informação, aquilo que surgiu a partir de adjetivos exclusivos, criadores de uma tensão, determinada pelas relações da razão, sobretudo, quando essa razão se dá naquelas respostas para todas as perguntas. Mas e quando essa determinação relacional racional se dá por outros âmbitos? E quando o armazenamento acumulado informativo/formativo cria tensões apenas por existir, ou melhor, apenas por tentar vir a ser algo?

Ter dúvida é sentir a presença de uma verdade despreocupada, que não é a do colono, manifestadora de símbolos e/ou antissímbolos, do fantasioso, das psicoses, das representações neuróticas, que fazem presenças como contendidas reconhecidas em outro corpo, na paisagem da cidade, lugar da ordem, mas também da desordem, através de códigos codificados na cultura, realizados por desejos que tocam o sentido de ser dos corpos, que existem e persistem em existir diante da disseminação civilizatória, o lugar para ser piXador/ a, ou qualquer outro sentido sem sentido fixo, quando mantém certa característica enigmática, que também fomenta o sentido do ser de uma cidade.

Insisto na potência da dúvida, para dizer que esse extenso e complexo texto/ mosaico, não foi produzido para ter a compreensão absoluta de nada do que foi afirmado, em cada letra escrita aqui. Minha preocupação maior era que as pessoas sentissem o que escrevi/ escrevo. As dúvidas são de grande resultado para esse sentir, pois são nelas que se encontram as respostas de “porquês” de provocações existente em relações raciais, pois ~soa nesses movimentos que surgem as propostas anti-racistas. A dúvida da existência do racismo já o invoca, logo, já o torna existente. Por isso que se não falar dele, ele nunca irá aparecer, mas não deixará de existir. O racismo é simbólico porque é oculto, o que o torna antissimbólico.

Meu trabalho é mais uma daquelas escritas que dá importância aquilo que parece não oferecer nada, as ações facilmente descartadas, o inútil cotidiano, presente nas iniciativas estéticas, de uma linguagem que troca a conquista confortável, pela liberdade de um devir esbodegado. Xarpsicotrópicos é uma afirmação dessas, esbodegada, afim de criar uma pergunta: o que surge dos movimentos corpóreos honestos, em um mundo onde tal característica se dá como sinônimo de inutilidade? No caso da pesquisa, que envolve piXação, racismo anti-negros e escola, essa pergunta pode ser feita de outra maneira: o que acontece com a descolonização da rua na escola?

Problematizei a piXação como um fenômeno adjetivado por diversos signos linguísticos e de sociabilidade, relação desenvolvida na ressignificação desse fenômeno no estado do Rio de Janeiro, ou seja, no Xarpi - palavra piXar ao contrário, usada para designar um momento de prática, ou para invocar algum praticante da piXação. Aqui, essa provocação se deu durante uma hipótese: seu público é majoritariamente de jovens negros e residentes de áreas populares (favelas, subúrbios ou ocupações diversas). Diante disso, analisei o respectivo fenômeno como algo de significados não capturáveis, na intenção de conversar sobre os momentos representativos do que chamamos de descolonização, um tipo de “medicamento”, um “psicotrópico” que acalma o sistema nervoso de vidas abaladas pelos atos coloniais.

“Xarpsicotrópicos’: uma descolonização antirracista da rua na escola?” provoca a existência do racismo, a partir de algumas dúvidas que são provocadas como afirmações. O racismo não tem cura. O Xarpi não tem cura. A dor de uma mãe que perdeu seu filho não tem cura. A escravização não tem cura. A paisagem é o corpo da cidade. Mesmo que não exista piXadores em alguma cidade brasileira, existirá piXações. Brabo é todo o corpo que age ao contrário da submissão presente em alguma colonização.

Insisti na problematização da piXação como uma ação cotidiana que mantém energias descolonizantes, diante da interrupção do ímpeto imponderável de sujeitos, que acabam por revelar conflitos dados nas diferenças de repressões ocultadas durante as questões sociais, culturais, econômicas, especialmente em seu histórico colonizador racista. Na prática, para certos corpos, qualquer momento colonial acontece através da presença do sentido de infinito instante, condição, por exemplo, do negro, aquele que deve ter duas almas. População que tem sua “liberdade” em dramáticos ajustes, envolvendo as instituições, o negro é aquele que viveu o “período da escravização”, e hoje vive o “período da civilização”.

Nesse âmbito, com “X”, “CH”, ou com qualquer outro letramento, o ser piXador se mostra autêntico, a partir de trajetórias que parecem buscar um antídoto pela negação da ausência de fruição. Mas, como todo antídoto, ele se dá na relação conta gotas com o veneno, a partir da própria prática, que é proibida. Algo que alimenta e mantém viva as atitudes de impulsos mortais, concomitante com as feituradas de sensações desconfortáveis presentes nas iniciativas coloniais, como as causadas pelo desejo da presença de mortos, através de memórias narradas destes enquanto vivos, momento da incorporação em vida de quem não vivem mais entre nós.

Falei com gente que explica isso. Vivências cariocas de uma maioria negra, cria de “secretas”, inexplicáveis e desviantes rotineiras aprendizagens. Maneiras: agir, sentir, fazer, pensar, mudar, reagir. O vão entre antídoto e veneno mostra que Xarpsicotrópicos se dá em

qualquer corpo permitido ao permanente, a peste, a maldição de uma vida psíquica, esta que, mesmo no rastro, “só um” marcar onde não poderia ser marcado, pode ser algo que passa pela angústia e age com desdém, um escárnio germinador daquilo que já está morto, ou que nem poderia existir.

Isac Vive. Bomba Vive. Fernando Grilo Vive. Caixa vive. O conforto organizado no conflito com a liberdade dissipadora. Desdémns realizados pela vida piXadora, uma vida bandida, descolonizada, por querer piXar ou destruir alguma coisa perfeita, cheia de verdades agravantes, como a de afirmarmos o genocídio dos jovens negros, ao mesmo tempo que negamos o racismo, momento da estabilização de uma guerra: o que marca a variação de estar no mundo; a relação entre aceitar ou não “mudar” em favor do outro; uma desumanização que age sobre a variação, que desarmadura o corpo e coloca ele em guerra. Não existe corpo mais forte do que o outro na guerra. O que existe é a fraqueza de poder morrer a qualquer momento. O corpo piXador/ Xarpi pertence a essa variação.

A guerra é lugar de gente braba, que se dispõe a fraqueza, para destruir a franqueza de um mundo de respostas fixas, confortáveis. Subir um alto de um prédio e piXar, ou apenas piXar na faixa desse mesmo prédio, é ser brabo para enfrentar a guerra. Brabo é aquele que enfrenta tudo, para encontrar o nada. Esse tudo coloca o negro e o Xarpi no mesmo lugar. Entretanto, nesse tudo, o limite, a própria existência, a guerra, com o negro, é a todo instante de vida, já com o piXador, se dá todo momento de prática.

Priorizar o corpo e ficar fora da “boa” justificativa racional, e dentro de uma linguagem diversificada, cínica, presente entre as gerações, que mantém a característica púbere em fenômenos como a piXação. Essa ação provoca o conforto moderno, que não admite essa liberdade, que é sinônimo de rebeldia, pois enfrenta a submissão, durante a permanente guerra colonial. Xapsicotrópicos interfere no momento da vergonha, devido à anulação da existência, uma passividade não desejada, que desestabiliza, por causa da presença de outra consciência.

Mas o que é mais cínico do que aceitar ou declarar uma guerra, se no fim de tudo, o que se quer é “paz”? Mas o que é paz para um aluno, e o que é paz para um professor? Ou melhor, o que é paz para um aluno e o que é paz para uma escola? Minha aposta é que o cinismo seja importante para pensar a relação entre o aluno, o professor e a escola. O cinismo de um aluno com um professor, muitas das vezes, poderia ser um convite para o professor enfrentar a guerra contra a submissão escolar. O cinismo, dentro da escola, pode ser visto, portanto, pode ser provocado, acolhido, pois as atitudes diferentes, como a de ser piXador/ Xarpi, quando não inferiorizadas, trazem outras possibilidades de aprendizagens com aquele corpo comumente discriminado.

Bandido é herói, então devemos faltar com a humildade, e esquecer disso. Olhe o Brasil, como está agora, e diga, caro/ a leitor/ a, se isso que afirmo não tem nexo? Não quero ter razão. Mas fatos são fatos. A chapa tá quente! É salseiro quando a polícia chega. É salseiro quando a polícia sai. Suave quando a liberdade canta. Desestabilizam, mas só querem ser amados. Desejam liberdade para serem amados. Lembram dos mortos, para lembrarem que existe amor. Eles querem amor, ainda que pareçam almejar desprezo.

A tensão racial no Brasil, ou qualquer outra colonização de um corpo sobre o outro, evidencia um número tão grande de erros da contextualização colonial, que se mostra como algo de possibilidades outras, invertendo o quadro do conforto, da segurança, em troca de uma liberdade, pelo menos momentaneamente. PiXador/ Xarpi é bandido, e eles não negam isso, assim como não negam o que querem com isso. O Xarpi/ PiXador só quer ser amado: desejam liberdade para serem amados; lembram dos mortos, para lembrarem que existe amor. Eles querem amor, ainda que pareçam almejar desprezo.

O ambiente alunato pode ser usuário de Xarpsicotrópicos que trata da dislexia escolar piXadora, e também pode atender a tensão tropical sistemática nervosa da racialização.

REFERÊNCIAS

- AKIRA. Katsuhiro Otomo. Manaus: Focus Filmes, 2008. (Aproximadamente 120 min.): DVD. NTSC, son., color.
- A SERBIAN FILM. Srdjan Spasojevic. Belgrado: Contra F!lm, 2010. DVD (Aproximadamente 100 min.): DVD. NTSC, son., color
- AMORIM, Carlos. *Comando Vermelho: A História Secreta do Crime Organizado*. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- ANDRÉ, Marli Eliza D.A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 2005.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- BARBOSA, Jorge Luiz. Paisagens da natureza, lugares da sociedade. In: SILVA, Jailson Souza. BARBOSA, Jorge Luiz. FAUSTINI, Marcus (Orgs.). *O Novo Carioca*. Rio de Janeiro: Mórula, 2012. p. 23-43.
- BHABHA, Kamat Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.
- BRUM, Mario. *Cidade Alta – História, memórias e estigma de favela num conjunto habitacional no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012.
- CANDAU, Vera. Capítulo 3: Multiculturalismo e educação: a construção de uma perspectiva. In: Candau, V. (Org.). *Sociedade, educação e cultura(s) questões e propostas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- CANEVACCI, Massimo. Do extremo ao eXtremo. In: CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 45-56.
- CANEVACCI, Massimo. Metrópole em Corpo (Introdução – subcapítulo). In: CANEVACCI, Massimo. *Fetichismos visuais: corpos eróticos e metrópole comunicacional*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. p. 16-18.
- CAVALEIRO, Elaine. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALEIRO, Elaine (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 141-160.
- COELHO, Gustavo. *Deixa os Garotos Brincar*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.
- CONDEMARIN, Mabel; BLONQUIST, Marlys. *Dislexia: manual de leitura corretiva*. 3. Ed. Porto alegre: artes Médicas, 1989.
- CRISTO Redentor pichado. *Extra*, 5 abr. 2010. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/cristo-redentor-pichado-386075.html>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

DV, Nuno. *Rio de Riscos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

DU BOIS, William Edward Burghardt. *As almas da gente negra*. Belo Horizonte: Lacerda Editora, 1999.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Lisboa: Editorial Presença, 2007.

FANON, Frantz. Da Violência. In: FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 75-86.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FILHO, José Moura Gonçalves. A dominação racista: o passado presente. In: KON, Noemi Mortiz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lúcia da. (Org.). *O Racismo e o Negro no Brasil: Questão para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017 p. 143-160.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança – um encontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2006.

FREUD, Sigmund. INTRODUÇÃO AO NARCISISMO (1914). In: FREUD, Sigmund. *Sigmund Freud Obras Completas Volume 12 – Introdução ao Narcisismo Ensaios de Metapsicologia e outros textos (1914 – 1916) – Tradução Paulo César de Souza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 10-37.

FREUD, Sigmund. O MAL-ESTAR DA CIVILIZAÇÃO (1930). In: FREUD, Sigmund. *Sigmund Freud Obras Completas Volume 18 – O Mal-Estar da Civilização, Novas Conferências Introdutórias e outros textos (1930 – 1936) – Tradução Paulo César de Souza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 9-89.

FREUD, Sigmund. O EU E O ID (1923). In: FREUD, Sigmund. *Sigmund Freud Obras Completas Volume 16 – O Eu e o ID, “Autobiografia” e outros textos (1923 – 1925) – Tradução Paulo César de Souza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 9-64.

FREUD, Sigmund. NEUROSE E PSICOSE (1924). In: FREUD, Sigmund. *Sigmund Freud Obras Completas Volume 16 – O Eu e o ID, “Autobiografia” e outros textos (1923 – 1925) – Tradução Paulo César de Souza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 158-164.

FREUD, Sigmund. A perda de realidade na neurose e na psicose (1924). In: FREUD, Sigmund. *Sigmund Freud Obras Completas Volume 16 – O Eu e o ID, “Autobiografia” e outros textos (1923 – 1925) – Tradução Paulo César de Souza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 193-199.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Aspectos da cultura popular antiga: Apresentação, tradução e discussão de alguns graffitis pompeianos. *Revista Estudos de História*, v.4, n.1/2, 1999.

FURTADO, Janaína Rocha. *Inventi(cidade): Os processos de criação no graffiti*. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GOVERNO omite desastre ambiental em Mariana em informe para ONU. *Correio Brasiliense*, 28 fev 2017. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/brasil/2017/02/28/interna-brasil,577073/governo-omite-desastre-ambiental-em-mariana-em-informe-para-onu.shtml> . Acesso em: 30 jul 2017

JUNIOR, Rodrigues da Silva. Racismo, uma leitura. In: KON, Noemi Mortiz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lúcia da. (Org.). *O Racismo e o Negro no Brasil: Questão para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 162-180.

KOHAN, Walter Omar. *Imagens da infância para (re) pensar o currículo*. Trabalho apresentado no I Fórum Amazônico de Educação, “O pensamento Brasileiro em Currículo”, Belém, Pará, 24-6 de Outubro de 2003.

KOHAN, Walter Omar. Vida e morte da infância, entre o humano e o inumano. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 125-138, set./dez., 2010.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertand Lefebvre. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LASSALA, Gustavo. *Pichação não é Pixação*. São Paulo: Altamira, 2010.

MACA, Nelson. *Gramática da Ira*. Salvador: Blacktude, 2015.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite*. Lisboa: Antígona, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MISSE, Michel. Sujeição criminal: quando o crime constitui o ser do sujeito. In: BIRMAN, Patrícia. LEITE, Marcia Pereira. MACHADO, Carly. CARNEIRO, Sandra de Sá. (Orgs.) *Dispositivos urbanos e trama dos viventes: ordens e resistência*. Rio de Janeiro: FGV, 2015. P. 77-92.

MOORE, Carlos. *Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza, 2007a.

MUNANGA, Kabengele. As Ambiguidades do Racismo à brasileira. In: KON, Noemi Mortiz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lúcia da. (Org.). *O Racismo e o Negro no Brasil: Questão para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 33-44.

NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do Negro Brasileiro – Processo de um Racismo Mascarado*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1978.

NASCIMENTO, Abdias. *O negro revoltado*. 2. ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1982.

NETO, Otávio Cruz. O Trabalho de Campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade, Petrópolis: Vozes, 2001. p. 51-66.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Cor e Inconsciente. In: KON, Noemi Mortiz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lúcia da. (Org.). *O Racismo e o Negro no Brasil: Questão para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 121-128.

NOGUERA, Renato. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. *Revista África e Africanidades*, Quisamã – RJ, ano 3, n. 11, nov. 2011.

NOGUERA, Renato. *O ensino de filosofia e a Lei 10639*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

O SHOW de Truman: o show da vida. Peter Weir. Manaus: Paramount Pictures, 1998. DVD (Aproximadamente 103 min.): DVD. NTSC, son., color.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. *Teorias da Tatuagem - corpo tatuado : uma análise da loja Stoppa Tatroo da Pedra*. Florianópolis: UDESC, 2001.

RESTAURADORES iniciam limpeza de pichação na Igrejinha da Pampulha”. *Notícias da Vila*, 24 mar. 2016. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DL9DPrgON88>>. Acesso em:

ROMÃO, Jeruse. O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva no educando negro. In: CAVALEIRO, Elaine (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001. P. 161-178.

RUFINO, Luiz. *Histórias e saberes de jongueiros*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

RUFINO, Luiz. *Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas*. 2017 231 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

RUFINO, Luiz. Exu e a Pedagogia das Encruzilhas. Seminário dos Alunos PPGAS-MN/UFRJ. Rio de Janeiro, 2016.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: EDUSP, 2002.

SEGUNDO acusado de pichar Cristo Redentor se apresenta à polícia. *GI RJ*, 24 abr. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/04/segundo-acusado-de-pichar-o-cristo-redentor-se-apresenta-policia.html>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

SILVA, Maria Aparecida da. Formação de Educadores/ as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: CAVALEIRO, Elaine (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 65-82.

SILVA, Maria Lúcia da. Racismo no Brasil: Questões para psicanalistas brasileiros. In: KON, Noemi Mortiz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lúcia da. (Org.). *O Racismo e o Negro no Brasil: Questão para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 71-90.

SILVA, Rafael Freitas da. *Rio Antes do Rio*. Rio de Janeiro: Babilônia Editorial, 2016.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Exu: o guardião da casa do futuro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Negritude, letramento e uso social da oralidade. In: CAVALEIRO, Elaine (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 179-194.

SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakraworty. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.

TELES, Paula. Dislexia: como identificar? Como intervir?. *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, Lisboa, v. 20, n , p. 1-20, Nov/Dez 2004.

TOKYO Decadence. Ryu Murakami. Tóquio: Cinema Epoch, 1992. DVD (Aprox. 108 min.): DVD. NTSC, son., color.

WEBER, Max (1919). A política como vocação. In: GERTH, H. H.; MILLS, C. Wright (Orgs.). *Max Weber – Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1967. p. 97-153.

ZACCONE, Orlando D'Elia Filho. *Acionistas do nada: quem são os traficantes de droga*. Rio de Janeiro: Revan, 2011.